da mesma autora da Trilogia das Cartas

BIANCA CARVALHO

HORAS NOTURNAS



ERAECLIPSE

HORAS NOTURNAS

Por: Bianca Carvalho

Todos os direitos desta obra estão reservados à autora

Dedicado ao meu grupo de meninas fantásticas, que leem meus livros antes mesmo de eles serem livros: Luciane Rangel, Giulia Ladislau, Carolina Gama, Ana Carolina Moreira, Jaqueline Silva e Stephanie Assis.

Sumário

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Onze.
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Um

O cheiro era de fumaça de charuto barato e sangue. Cheiro de morte, na verdade. Aquele odor que penetra suas narinas, embriagando sua mente com morbidez e escuridão; além de um silêncio agonizante, como se fosse possível sentir a alma se desprendendo do corpo e subindo para o paraíso. Isso, claro, se fosse uma alma merecedora. Pois ele conhecia muitos que mereciam menos que o fogo do inferno. Muitos, como o responsável por aquela atrocidade.

Não era uma mulher; tampouco uma menina. Estava na casa dos dezoito, dezenove anos, como ele conseguia supor pela compleição delicada e a pele sem rugas ou marcas de expressão. Deveria ter sido bela, antes que sua face se tornasse pálida e fosse marcada por cortes

profundos e hematomas; antes que seu corpo estivesse banhado em sangue em um espetáculo de horrores. A julgar pelas belas joias que usava, tratava-se de uma jovem da alta sociedade. Tinha toda a vida pela frente, com certeza estava prestes a ser oferecida em casamento a algum homem importante, mas agora era apenas um cadáver, como tantos outros com os quais ele lidava.

Jogada por cima de uma mesa de carteado, sem a menor dignidade, trajando um vestido que não parecia nem ser dela de tão largo que estava, encontrava-se completamente deslocada naquele ambiente; o que fazia Lestrange pensar que ela tinha sido levada até ali depois de morta.

Um calafrio percorreu sua espinha ao pensar em Maryanne. Todas as vezes que se deparava com um caso como aquele, tão terrível, em que uma pessoa tão jovem perdia a vida pelas

mãos de um assassino impiedoso, ele temia pela filha. Desde que sua esposa morrera, em circunstâncias raramente mencionadas, ela se tornara o centro do seu mundo. A dor de chegar a casa e não vê-la sentada em sua poltrona preferida, lendo um romance, ou de não poder discutir sobre assuntos não muito apropriados para uma dama, era deveras cruel; tanto que sua vontade era trancá-la em casa e protegê-la de sua própria teimosia e de sua própria predileção pelo oculto, por mistérios inexplicáveis. Não podia julgá-la, pois fora exatamente igual a ela quando se referia aos casos que seu próprio pai investigara na polícia, muitos anos atrás. Maryanne queria sempre ajudar; mas até quando ela se conformaria em ser uma mera coadjuvante? Especialmente daquela vez, quando visse que a vítima era uma de suas amigas mais íntimas, que ele tinha acabado de reconhecer.

Joseph Lestrange não lembrava qual era o nome daquela moça, uma vez que Maryanne tinha mais amigas do que qualquer ser humano necessitava, mas reconhecia seu rosto e conseguia imaginar o quanto sua menina iria sofrer com aquela perda. E ela já tivera perdas demais na vida, mais do que merecia.

— Inspetor... pode vir aqui um minuto? — um policial jovem e um pouco franzino demais para a profissão chamou.

Assim que ouviu o nome do cargo, Joseph sorriu de forma um pouco desanimada. Já não era inspetor de polícia há uns cinco anos, mas as pessoas insistiam em chamá-lo assim. Ele abandonou a delegacia e se tornou detetive particular; o que foi uma bênção e um grande problema ao mesmo tempo. Sua vida se tornara mais calma e passara a ganhar bem mais dinheiro,

porém, despertara a paixão pela investigação em Maryanne. Bem, ela teria que seguir seu caminho e rezar para que seu futuro marido fosse tão aventureiro quanto ela para permitir tal coisa.

Depois de caminhar até o rapaz, Joseph agachou-se ao lado dele para observar o que lhe mostrava. Tratava-se de um papel, cuidadosamente dobrado, amarrado com um laço de fita vermelho escarlate, da exata cor do sangue que escapava pelas várias feridas no corpo da jovem. Calçando uma luva de couro, Joseph pegou o delicado objeto nas mãos e o abriu, revelando uma caligrafia precisa e muito elaborada, que deveria, sem dúvida, pertencer a algum letrado muito culto; um homem da alta classe da cidade onde viviam, Sorenhill.

A mensagem era igualmente intrigante. Era o trecho de uma poesia de Edgar Allan Poe, um

dos escritores favoritos, tanto dele quanto de Maryanne. Talvez fosse a tendência ao obscuro que os encantava, já que eles também gostavam de tudo que se afastava do convencional. Ao ler a breve citação, ele quase conseguiu recitá-la de cor:

"A perversidade é um dos impulsos mais primitivos do coração humano."

Sim, Poe sempre tinha razão. O assassinato daquela jovem era prova mais do que suficiente de que não havia limites para a crueldade humana. Mas a verdade era que *todo* ser humano, sem exceção, possuía um lado sombrio; era nisso que Joseph acreditava. Ele sabia que fora por muito pouco que não cometera um crime daquela natureza quando vira sua bela Berenice deitada

em um caixão. Afinal, nunca acreditara na teoria de que fora um *acidente*. Ela fora *assassinada*, e por sua culpa.

Mas não podia pensar naquilo, não enquanto trabalhava, pois sabia onde acabaria chegando se começasse a recriar suas teorias sobre a morte de sua esposa. Não queria perder o foco; aquela moça precisava de justiça.

Ainda com o pergaminho nas mãos, chegou à conclusão de que aquela mensagem não estava ali por acaso. Era um sinal, uma charada, algo que ele teria que investigar, se quisesse chegar a algum lugar.

— O que isso significa, inspetor Lestrange? — o rapaz voltou a falar, depois de dar um tempo para Joseph analisar a evidência. A total crença de que ele teria uma resposta ou uma solução para aquela pista o deixava um pouco nervoso. Odiava

trabalhar sob pressão.

— É uma citação de Poe, mas não sei o que ela está fazendo aqui. Creio que a intenção do assassino tenha sido deixar uma mensagem para a polícia.

— Uma mensagem? Será que tem algo a ver com a vítima?

Era exatamente por óbvias conclusões como aquela que a polícia sempre pedia os serviços de Joseph. Era por isso que lá estava ele outra vez, diante de um assassinato, perdendo horas de sono às 6h30 da manhã.

— Sim, com certeza tem algo a ver com a vítima. Vou investigar se há alguma ligação entre a garota e o teor da mensagem — levantando-se com cautela, para não prejudicar suas articulações, Joseph colocou-se de pé, guardando o pergaminho no bolso do sobretudo e colocando seu chapéu

para proteger sua cabeça calva do frio do outono inglês. — Bem, Smith, vou para casa começar minhas pesquisas. Caso precisem de mim, sabem onde me encontrar.

— Claro, senhor... e obrigado pela prontidão.

— Aguardo os resultados da autópsia. Eles serão cruciais para minha investigação.

— Sim, senhor. Assim que saírem eu lhe avisarei.

Com um meneio de cabeça, Joseph Lestrange afastou-se da cena do crime, deixando o grupo de policiais incompetentes tendo de lidar com o cadáver e todo seu despreparo. Era uma pena que eles ainda não tivessem compreendido todas as coisas que ele sabia: que aquele não era um caso isolado. Aquele assassino queria contar mais histórias; ele não pararia por ali.

***

Uma alma inquieta se remexia dentro de seu corpo. Por muitas vezes desejara ser como as moças de sua idade e de seu tempo, apenas sentindo prazer em sentar-se no jardim de sua casa, tricotando uma peça de mau gosto e esperando que um cavalheiro educado e com dinheiro suficiente para comprá-la manifestasse seu interesse em desposá-la e torná-la uma senhora respeitável de Sorenhill.

Não. Ela não era tão hipócrita ao ponto de mentir sobre tal coisa. Aquele jamais fora seu desejo; jamais quisera ser como as meninas que conhecia. Tinha sorte por ter nascido uma Lestrange, filha de um homem que muitos consideravam excêntrico, mas que ela definia como um herói. Sabia que sua relação com o pai transcendia os laços paternos. Ele era seu melhor

amigo, seu mentor, seu confidente, seu professor, além de uma influência positiva. Fora com ele que aprendera a ter um apurado senso de justiça e uma mente ágil e perspicaz. Por mais que ele teimasse em não pedir sua ajuda, ela sempre conseguia se embrenhar em suas investigações, e nem mesmo Joseph Lestrange era capaz de negar que ela era boa.

Só havia uma coisa que atrapalhava Maryanne Lestrange: sua aparência. Ter as feições de um anjo celestial não ajudava em nada a convencer seu pai de que ela poderia ser sua ajudante na agência que ele fundara logo após a morte de sua mãe. E também não ajudava a afugentar os pretendentes entusiasmados, que chegavam até a esquecer de quem ela era filha na hora de lhe fazer promessas de casamento, filhos e um futuro de segurança e estabilidade: duas

palavras amaldiçoadas para ela. Além disso, era pequena. Muito menor do que gostaria de ser; e, apesar de ter um corpo com curvas, era magra, o que alimentava ainda mais a ideia de fragilidade na mente de seu pai. Os cabelos castanhos aveludados e os olhos verdes espertos completavam a maldição. Não que não gostasse de ser bonita; não que não apreciasse belos vestidos, maquiagens e joias. Era feminina, delicada quando tinha que ser, mas prezava muito mais por sua inteligência do que por seus atributos físicos. E nem todos compreendiam isso quando se tratava de uma mulher.

Naquele momento, por exemplo, enquanto andava de um lado para o outro, incansável como sempre, esperando pela chegada do pai, tentava imaginar o que poderia tê-lo tirado da cama tão cedo, interrompendo seu sono. Sabia que devia ser

algum caso grave ou não o teriam chamado. Ele fora o melhor de seu tempo, e ainda era o melhor, mesmo depois de ter sido tomado por tanta dor e sofrimento. Ele ainda sabia compreender a mente de um assassino como poucos.

Ela pôde ouvir a carruagem chegando, batendo suas rodas de madeira no asfalto. Aprendera, também com o pai, a ficar de ouvidos e olhos atentos a tudo, para nunca se ver desprotegida.

Então, quase desesperada para saber o que tinha acontecido, ela correu para ele, sem nem esperar que ele entrasse em casa.

Vê-la correndo ao seu encontro foi como se uma adaga poderosa penetrasse o coração de Lestrange. Por trás daqueles olhos inquisidores e sempre curiosos, da fachada inteligente e desafiadora, uma alma inocente e muito pura

estava escondida. Maryanne podia enganar qualquer um que apenas observasse seu comportamento perante a sociedade, mas ela jamais poderia enganar o homem que a amava mais do que qualquer coisa no mundo. Ela ainda era sua menina, por mais que já tivesse idade suficiente para se casar. Ele somente esperava que o homem que ela escolhesse fosse sensível ao ponto de não tentar aprisionar aquele espírito indomável, mas que ao menos soubesse preservar sua doçura e alegria.

— Pensei que não ia chegar nunca! — ela exclamou, quase como se o repreendesse.

— Espero que isso tudo seja saudade... — ele brincou, mas ao olhar novamente para o rosto dela, Maryanne o fitava com ansiedade, de forma indagadora. Bem... como sempre. Ele sabia exatamente o que ela queria. Informações. —

Podemos entrar em casa, pelo menos?

Maryanne riu e deu o braço ao pai, enquanto ambos caminhavam em direção à casa.

Ao lá entrarem, uma criada veio recebê-los, prontamente ajudando seu patrão a retirar o casaco e pegando seu chapéu e bengala para serem guardados.

Todos os seus movimentos eram lentos, quase calculados, tudo de propósito para deixar Maryanne cada vez mais curiosa. Ele sabia que a espera para saber o que tinha acontecido a estava matando, mas soube esperar até que ele se sentasse e se mostrasse pronto para falar.

— E então, papai? Por que lhe chamaram?

Antes de responder, o sorriso de Lestrange desapareceu do rosto. Sabia que a notícia não iria ser nada agradável para sua filha.

— Maryanne, eles me chamaram para ajudar na investigação de um assassinato.

— Um assassinato? — ela se mostrou preocupada. — Quem foi assassinado? Alguém que conhecemos?

— Infelizmente, sim — ele fez uma pausa, procurando a melhor forma de falar, porém, não havia como amenizar a situação. — Foi sua amiga, Violet — revelou, uma vez que tinha se recordado do nome da moça.

A cor do rosto de Maryanne desapareceu em apenas um segundo. Joseph sabia que a moça e sua filha tinham uma boa relação, que gostavam uma da outra. Por isso, depois do susto, vieram as lágrimas. Com as mãos trêmulas e mantendo uma expressão confusa no rosto, ela levantou-se e começou a andar pela casa, em círculos. Logo ela desistiu de sua peregrinação e parou em frente ao

pai, com os braços cruzados, parecendo muito indignada.

— Quem pode ser tão covarde a ponto de tirar a vida de uma pessoa tão doce e inocente? E tão... jovem — a voz de Maryanne falhou na última frase, demonstrando que estava realmente abalada com tudo aquilo.

Lestrange também se levantou e envolveu a filha nos braços, confortando-a.

— Conseguiu descobrir alguma coisa pelo cadáver? Havia alguma pista que possa nos levar a algum lugar? — afoita, Maryanne afastou o pai um pouco de si para poder olhá-lo nos olhos. Apesar da dor que ela visivelmente sentia pela morte cruel da amiga, havia certa animação em sua expressão. Claro que ela não se sentia feliz pelas circunstâncias do crime, mas pela oportunidade de ajudá-lo na investigação. Contudo, daquela vez, ele

teria que mantê-la longe.

— Desculpe-me, minha querida, mas desta vez não solicitarei seus conselhos.

Foi como se ela tivesse levado uma punhalada nas costas. Seus olhos se abriram, quase arregalados, e foi fácil ver que não tinha gostado nada de ser descartada.

— Por quê? — ela se limitou a dizer apenas isso. Talvez por falta de coragem de proferir qualquer coisa a mais.

— Porque a vítima era uma pessoa próxima a você. Além de isso afetá-la de uma forma diferente, eu sinto que pode ser perigoso. Não sabemos se ele tem intenção de matar novamente ou se foi um caso isolado.

— Mas isso nunca foi um impedimento! — exclamou irritada. — Quantos crimes terei que

ajudá-lo a desvendar para provar que não sou uma vítima?

— Eu não acho que seja uma vítima. Acho que é inteligente e perspicaz, mas, ainda assim, é minha filha, e é meu dever protegê-la. Infelizmente, para seu próprio bem, terei que deixá-la de fora — dando-lhe as costas, sabendo que a tinha magoado, Lestrange seguiu para seu quarto.

Ele não teve sequer coragem de olhar para trás, pois sabia que veria a expressão extremamente contrariada de Maryanne. Ela não era mimada, jamais agia de forma voluntariosa, mas ele sabia que se sentia mais importante, útil, quando o ajudava a colocar um criminoso atrás das grades. Porém, estava mais do que decidido. Sua intuição nunca falhava, e ele tinha certeza de que havia algo muito peculiar naquele assassino, então

era melhor mantê-la a salvo dele.

***

A noite veio como um mau presságio.

Parecia ainda mais escura, a Lua parecia mais misteriosa e todos os sons, mesmo os mais simples como de uma porta se fechando, conversas triviais ou uma melodia cantada ao fundo, pareciam vozes de assombrações.

Ela sabia que era apenas uma implicância de sua mente contrariada, mas quase podia jurar que algo de muito estranho aconteceria em poucas horas.

Passara muito tempo na biblioteca, com um livro na mão, apenas fingindo que estava lendo. Agora via-se na janela, olhando a vida lá fora. A verdade era que ela estava ali apenas para esperar. Podia jurar que haveria uma retratação,

um arrependimento, um pedido de desculpas. Sabia que estava agindo de uma forma que abominava, como se fosse uma menina mimada, mas sentia-se realmente desvalorizada.

Porém, a verdade era muito mais séria do que isso. Ele realmente tinha razão quando disse que ela se envolveria de forma mais profunda naquela história. Alguém tirara a vida de sua amiga. Roubara-lhe a juventude, os sonhos, as possibilidades... roubara-lhe tudo.

Maryanne costumava se comover com cada caso que seu pai levava para casa para resolver, uma vez que ele só era chamado quando se tratava de algo muito sério. Jamais deixara de lamentar pela perda de uma vida, por mais que a vítima em questão fosse um mero desconhecido. Quase podia recordar-se de memória de cada um de seus nomes... de seus rostos sorridentes em

fotos de funerais ou das lágrimas amargas choradas por seus entes queridos. Assassinar uma pessoa era mais do que tirar uma vida, era afetar a existência de todos ao redor. Era como roubar todos os direitos... apropriar-se da história e do destino de um ser humano.

Violet era como a flor que levava seu nome; infinitamente delicada, suave e bela. E qualquer criatura que tivesse a alma tão negra a ponto de querer privar o mundo de tal beleza merecia a escuridão. Uma escuridão muito pior do a que aquela noite revelava.

Finalmente, depois de horas de espera, ouviu um bater na porta. Saindo da janela pela qual espiava, correu para a poltrona, pegou o livro que deixara de cabeça para baixo e ensaiou sua melhor expressão de indiferença. Só então pediu que a pessoa entrasse. Seu coração se encheu de

esperança ao ver o pai.

— Está tudo bem, minha querida? Ficou aqui o dia inteiro — ele perguntou com cuidado, como se estudasse se ela ainda estava magoada ou não.

— Queria ficar sozinha — a resposta foi seca.

— Maryanne, não seja mimada... você não é assim.

— E como eu sou, papai? — ela fechou o livro, decidida a encará-lo para esperar pela resposta. Lestrange se aproximou e colocou as mãos em seu rosto.

— Você é minha filha... doce, destemida e com a mente mais afiada que eu já conheci. Não estou desfazendo nossa parceria. É somente *esse* caso.

— Seria importante poder ajudar na captura do assassino de uma pessoa tão querida para mim — ao falar essa frase, ela o fez de forma mais branda, como se já tivesse aceitado a decisão do pai, embora ainda não lhe agradasse.

— Eu sei, querida. Mas é importante que fique segura... que não se envolva dessa vez.

Ele beijou-lhe a testa com carinho e ouviu-a suspirar, resignada. Já ia saindo da biblioteca, para deixá-la novamente sozinha, quando se lembrou o que o levara até ali.

— Ah... vou sair. Não devo voltar cedo, portanto, não me espere.

— Papai, são dez horas da noite. Está muito tarde — afirmou preocupada.

— Tenho um compromisso importante. Não posso faltar.

E saiu, sem dizer mais nada.

A forma como ele proferiu aquela resposta deixou Maryanne muito intrigada. Seu pai jamais fora tão vago sobre qualquer coisa, muito menos com ela. E ele também nunca saíra de casa na calada da noite sem lhe dar qualquer explicação. Pelo menos não que ela tivesse conhecimento.

Confusa, ela correu para a janela e ficou esperando que ele passasse, saindo da propriedade, para onde quer que fosse seu destino. Contudo, algo muito mais estranho do que a simples saída de seu pai lhe chamou a atenção: havia uma carruagem extremamente luxuosa esperando por ele... tão negra quanto a noite que ela antes observava.

Minutos depois de ela perceber a presença do veículo no jardim de entrada de sua casa, seu pai surgiu e entrou na carruagem, olhando para

todos os lados, como se temesse que alguém o visse; como se estivesse fazendo algo ilegal.

Porém, o mais estranho ainda estava por vir. Dentro da carruagem havia outra pessoa. Por um momento, Maryanne pensou que se tratasse de uma mulher; alguma amante ou namorada de seu pai. Se fosse realmente isso, ela compreenderia e ficaria aliviada por saber que, finalmente, depois de tantos anos da morte da amada esposa, seu pai estava recomeçando a vida. A dedicação que ele lhe reservava era admirável, e ela sabia que ele estava satisfeito e feliz. Mas também sabia que lhe faltava algo. E chegou até a sorrir imaginando que em breve poderiam ter uma nova senhora naquela casa, cuidando de tudo de forma eficiente e dedicada, realizando um trabalho muito melhor do que Maryanne jamais seria capaz de fazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas ela estava enganada, é claro.

Não precisou de muito esforço para descobrir que não era uma mulher a acompanhante misteriosa de Joseph Lestrange. Era um homem.

Não um homem comum. Um homem que usava uma máscara negra, que lhe cobria a cabeça, os olhos e o nariz, quase chegando à altura dos lábios. Não era possível ver muito de seus olhos, mas ela pôde perceber que ele estava olhando para ela. De forma muito profunda e intensa... como se estivesse surpreso. Ou... algo mais...

Encantado.

O poder daquele olhar fez com que Maryanne recuasse. Estava acostumada a ser admirada, mas nunca daquela forma, muito menos por uma criatura tão estranha e misteriosa. Por isso, portanto, fechou as cortinas com certa

urgência, saindo da janela. Na verdade, ela decidiu sair da biblioteca, pois não tinha nada para fazer ali que já não tivesse feito durante a tarde inteira.

Precisava encontrar alguma atividade que distraísse sua cabeça e fizesse com que esquecesse de todos os bizarros acontecimentos daquele dia: a morte de Violet, a discussão com seu pai e a saída do mesmo, em uma carruagem estranha, com um homem igualmente estranho.

Caminhando pela casa, portanto, encontrou o sobretudo de seu pai pendurado no encosto da cadeira. Achou aquilo estranho, pois sabia que a governanta o tinha guardado em seu devido lugar quando Joseph chegara mais cedo, depois de seu encontro com a polícia. Isso fez com que sua mente rápida começasse a trabalhar, como uma engrenagem pronta para fazer uma fábrica inteira funcionar.

Antes de sair para seu encontro noturno, seu pai deve ter mexido no casado, usado-o para guardar algo. Ou esconder.

A casa estava silenciosa, os criados já haviam se recolhido, e ela tinha plena liberdade para... investigar. Era sempre essa a palavra que usava quando queria justificar seus atos de intrometimento em locais ou situações onde não era chamada.

Não precisou procurar muito para encontrar um pequeno papel enrolado em forma de pergaminho no bolso de dentro da vestimenta. Havia uma mancha escarlate no papel amarelado, que ela pôde jurar que era sangue. Isso fez com que seu corpo estremecesse. E quase tinha vergonha de assumir que não era de medo ou nervosismo, era por excitação.

E não esperou nem um segundo para

desenrolar o papel e perceber que havia uma mensagem ali, escrita em nanquim, por uma caligrafia muito elaborada e precisa.

O calafrio iniciou em sua têmpora e percorreu seu corpo inteiro em menos de um segundo. Sentiu-se congelar no lugar onde estava, perplexa. Aquele bilhete fora deixado pelo assassino de Violet, encontrado, com certeza, com seu corpo.

Era uma sensação muito estranha pensar que estava segurando um objeto que fora tocado pelo homem que assassinara sua amiga. Era como se criasse uma conexão com ele, uma espécie de vínculo macabro, que fazia com que ela sentisse um estranho aperto no peito. Como uma premonição. Uma amarga agonia por acreditar que havia algo naquele crime que ainda estava intrínseco, enterrado em um segredo que, por

enquanto, somente o autor daquele bilhete conhecia.

Mas o que tinha em mãos era mais do que apenas uma afronta à polícia. Era uma charada, um enigma preparado especialmente para a ocasião, com palavras escolhidas a dedo. Maryanne soube disso, não pela frase de Poe, mas por uma peculiaridade do papel.

Observando o bilhete com cautela, ela reparou que havia uma pequena fenda no lado direito, como se fosse um vão entre dois papéis colados. Logo deduziu que aquilo não poderia ser por acaso; por isso, com muito cuidado, para não danificar a evidência, ela separou os dois pedaços de papel e encontrou outra frase, escrita com a mesma caligrafia, mas com um tamanho muito menor. E a frase dizia:

PERIGOSAS NACIONAIS

"Decifra-me antes do amanhecer do terceiro dia

Onde se fartam os corvos, se perde também a inocência..."

Era um enigma, é claro. Uma prova mais do que concreta que os instintos de seu pai estavam certos mais uma vez. Aquele assassino não iria parar ali. Ele tinha outros planos, e em breve teria outra vítima.

Ansiosa por tentar decifrar aquela charada, Maryanne correu para o sofá e sentou-se, já que suas pernas mal sustentavam seu corpo, de tão apreensiva que estava. Já acomodada, leu e releu a mensagem quantas vezes foram necessárias para compreender todas as intenções em cada entrelinha. Várias teorias foram criadas, mas apenas uma se encaixava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela precisava falar aquilo para seu pai... Precisava compartilhar sua descoberta. Precisava, quem sabe, salvar a próxima vítima, levando a polícia para o local correto do próximo assassinato. Antes que fosse tarde demais.

Quando o relógio soou três badaladas e Maryanne já estava adormecida, a porta da frente se abriu. Cansado, Joseph Lestrange estava ansioso para ir para seus aposentos, tomar um bom banho e deitar em sua cama. O dia fora longo, exaustivo e mórbido. Lidar com a morte, mesmo depois de tantos anos, ainda era doloroso.

Mas mais doloroso ainda foi ver sua menina deitada no sofá, com o corpo encolhido, provavelmente sentindo frio, dormindo um sono agitado. Ela ficara esperando por ele, com certeza até muito tarde, e permanecera por ali mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Lestrange tocou delicadamente seu braço, fazendo com que ela despertasse, na intenção de pedir que ela fosse se deitar em seu quarto. No entanto, antes de poder falar com ela, percebeu que havia um papel consigo. Em um primeiro momento ignorou, mas quando ela abriu a mão, revelando a palma onde escondia a folha, ele logo percebeu que se tratava do bilhete do assassino. O mesmo que ele levara para casa naquela manhã.

— Ah, Maryanne! Por que me desobedece tanto? — perguntou, com um tom desapontado, enquanto ela despertava. Por um momento a jovem ficou atordoada, sem saber do que ele estava falando, mas logo compreendeu que se tratava da mensagem que tinha entre os dedos.

— Foi uma mera coincidência, papai... Deveria esconder melhor os seus segredos, já que preza tanto por eles — falou com um pouco de

insolência.

— Conheço suas coincidências, Maryanne! Sei muito bem que fui descuidado em deixar o casaco ao seu alcance.

— Talvez não seja isso... talvez seja o destino fazendo com que eu encontre suas respostas...

Ao dizer aquilo, o rosto de Maryanne se iluminou como se estivesse cercada por diamantes. Lestrange olhou para ela confuso, sem querer acreditar que ela tinha conseguido decifrar o enigma que ele não fora capaz de compreender. Nem ele e nem...

Bem... mais ninguém.

— Eu sei o que ele pretende, papai. Havia outro bilhete escondido. Eram dois papéis colados... — Maryanne afirmou, entregando o

papel ao pai.

— Como não percebi antes?

— Não percebeu porque no fundo precisa de mim. Somos duas metades, papai. Nossos pensamentos se completam — sorria ela, mas Joseph Lestrange estava focado na nova mensagem que surgira entre os dois papéis colados. — Ele vai matar de novo. Daqui a três dias. No cemitério.

Joseph continuou em silêncio, apenas ruminando a ideia. Ele sabia que fazia sentido, que tudo estava ligado com precisão. Sabia que era verdade, pois confiava nela de olhos fechados, mas também reconhecia a perspicácia que fora utilizada. Apesar de tudo isso, não podia alimentar sua sede pelo caso. Se admitisse que estava correta, que sua dedução brilhante poderia fazer toda diferença na investigação, Maryanne insistiria

na loucura de ajudá-lo, de se tornar parte daquilo tudo. E ele não podia permitir.

— É uma dedução coerente, mas não podemos afirmar nada — o coração de Joseph ficou pequeno dentro de seu peito, logo que ele terminou de pronunciar a frase. Era quase um crime desdenhar da capacidade de Maryanne, mas estava fazendo pelo seu bem. Contudo, no exato momento em que a expressão dela mudou, transformando um sorriso no semblante de uma pessoa traída, ele podia jurar que daria tudo para voltar atrás. Mas não o faria.

— Não... o senhor não pode fazer isso comigo! Sei o que pretende... está diminuindo o valor de minha dedução só para me fazer recuar — alterada, Maryanne falou. — Não, papai... pode tentar o quanto quiser, mas saiba que não vai conseguir me manter fora da investigação.

Lamento...

E ela lhe deu as costas, da mesma forma como ele tinha feito mais cedo, na biblioteca. Conhecia-a bem demais para saber que ela realmente não desistiria. Era teimosa... Tão teimosa quanto a mãe. E isso poderia ser mais do que apenas perigoso. Poderia ser sua ruína.

Capítulo Dois

Parecia quase um equívoco que o dia lá fora se mostrasse tão alegre, com seu céu azul, as nuvens brancas como algodão, e que uma brisa fresquinha açoitasse as cortinas, fazendo com que elas quase dançassem ao som da melodia dos pássaros. O mundo deveria estar de luto, lamentando a morte.

A morte...

Ela era impiedosa, seletiva, ardilosa. Brincava com tudo e todos e se achava muito astuta. Maryanne nunca acreditara na ideia de que a morte era inevitável. Ela acreditava muito mais no poder de evitá-la. E fora exatamente por isso que passara a noite inteira em claro, apenas permitindo-se sentir raiva do pai por sua atitude

imprudente. Podiam *evitar* o assassinato de uma pessoa; podiam enganar a morte, trapacear, fazê-la perder a batalha. Preservar a vida... era o que ela mais apreciava na profissão de seu pai.

Na verdade, gostava de acreditar que aquela era também sua profissão. Não que algum dia conseguisse autorização para trabalhar em uma delegacia ou tornar-se sócia de seu pai no escritório de investigação particular, afinal, era uma mulher. E isso trazia apenas frustração para si.

Mas não era hora nem momento para se sentir miserável ou se encher de autopiedade; precisava reunir forças para convencer seu pai de que sua dedução estava correta e que ela poderia ser útil na conclusão do caso.

Pronta para tomar seu desjejum, sentou-se à mesa de jantar e abriu o jornal que uma das

criadas já havia deixado ali para que o Sr. Lestrange pudesse ler.

Uma matéria de capa chamou sua atenção. Dizia:

"CAÇADOR ATACA NOVAMENTE."

Depois de passar alguns meses em silêncio e sem aparecer, o justiceiro mascarado que conhecemos simplesmente como Caçador surgiu novamente, escondido pelo manto negro da noite, e deixou seu rastro de sangue pelas calçadas de Sorenhill.

A vítima, de nome August Vanderloot, era conhecido por ser um homem violento, um estuprador com gosto peculiar para meninas ainda na puberdade. No dia anterior à sua morte, sua esposa, Margareth Vanderloot, foi encontrada esfaqueada, agonizando em sua casa, nos braços

da filha de apenas doze anos. Testemunhas afirmam que August foi o culpado pelo incidente, porém, escapou antes que a polícia pudesse ser acionada.

De acordo com informações coletadas, ele estava desaparecido desde então, mas, ironicamente, foi encontrado morto, em frente ao bar que frequentava diariamente.

August foi espancado, esfaqueado e apresentava sinais de tortura em seu corpo, como alguns dedos quebrados, e queimaduras pelos braços e pernas. Além, é claro, da marca registrada, encontrada em todas as vítimas de nosso impiedoso Caçador: um xis talhado a canivete, no ventre do cadáver. A marca da vingança e da justiça.

Ainda não há nenhuma pista da identidade do justiceiro noturno, mas muitas especulações sobre seus atos. Um homem que assassina seres

PERIGOSAS NACIONAIS

humanos com tanta crueldade, mas que limpa nossa cidade, livrando-nos de criaturas ainda mais cruéis que ele... Herói ou vilão? Talvez jamais saberemos.

O texto fez Maryanne refletir. Ela se perguntava primeiramente por que ainda não tinha conhecimento da existência do tal Caçador mencionado na notícia. De acordo com o que o jornalista afirmava, não era a primeira vez que ele agia, e isso a intrigava. Era bem verdade que não conseguia ler o jornal diariamente, pois sempre que seu pai primeiro o escondia, na intenção de não deixar que ela se interessasse pelos casos mais sérios e quisesse se intrometer com uma investigação amadora e improvisada. Com certeza fora nessas ocasiões que os feitos do tal justiceiro foram mencionados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A pergunta deixada pelo jornalista sobre ele ser herói ou vilão também ecoava nos recantos mais profundos da mente da jovem. Para ela não havia nenhuma dúvida; se ele somente eliminava criaturas desprezíveis, como o referido August Vanderloot, ele deveria ser aplaudido.

Maryanne não se considerava uma pessoa cruel; muito pelo contrário, era piedosa, generosa e justa, mas não poderia haver piedade para pessoas que maltratavam suas esposas ou que violentavam meninas indefesas. Assim como não deveria haver piedade para assassinos como o que tirou a vida de Violet. Por mais que não o conhecesse, que não soubesse nada sobre ele, ela sentiu vontade de ver uma notícia como aquela no jornal do dia seguinte, informando que o misterioso Caçador tinha feito justiça e assassinado também aquele criminoso.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Maryanne.

A voz conhecida de seu pai penetrou em seus ouvidos, resgatando-a de seus devaneios. Ainda estava um pouco magoada com ele, mas — maldita fosse sua curiosidade — ela precisava saber mais sobre aquele Caçador.

— Bom dia, papai — disfarçando seu interesse, ela esperou que ele se acomodasse à mesa, pusesse o guardanapo de pano no colarinho da camisa e se servisse de tudo que tinha vontade de comer. Assim que percebeu que ele já estava degustando o desjejum, respirou fundo e indagou: — Papai, estava aqui lendo o jornal e me deparei com esta notícia — ela mostrou o periódico a Joseph, que suspirou derrotado, sabendo exatamente sobre o que ela queria falar. — Quem é esse tal Caçador?

— Se eu soubesse a identidade dele, já o

teria entregado para as autoridades — falou, sem muita segurança.

— Ora, papai, não pode realmente acreditar que ele é um criminoso. Ele faz justiça...

— Não considero assassinato como justiça — Lestrange respondeu, mas sem encará-la, como se estivesse escondendo algo.

— Mas ele só mata bandidos. E da pior espécie, pelo que li aqui — Maryanne mantinha-se firme em sua defesa. — Não acha que ele é um herói?

— Herói!? — exclamou, espantado. Ou, na opinião secreta de Maryanne, *fingindo* espanto. — Esse homem cometeu atrocidades. Ele inunda a cidade com sangue. Estou surpreso com seu julgamento, Maryanne.

— Bem, estou julgando pelo que li em

apenas uma notícia. Talvez haja algo que ainda não sei e que possa mudar essa impressão — bebericando alguns pequenos goles de leite quente, Maryanne deixou o comentário no ar, esperando que seu pai não percebesse que era uma tentativa completamente premeditada para arrancar mais informações que ele provavelmente não lhe daria se ela apenas perguntasse.

— Já foram mais de quinze mortes... Todas com alto requinte de crueldade.

— Mas sempre bandidos?

— Sim. Sempre bandidos. Um pior do que o outro — a última frase foi proferida de forma não intencional, quase como um sussurro. E Joseph pareceu arrependido de fazê-lo logo em seguida, por isso, prosseguiu: — Eu, como ex-inspetor de polícia, não posso concordar com atos como esse.

— E se fosse o senhor no lugar dele? Se

tivesse a oportunidade de fazer justiça com as próprias mãos contra o assassino de mamãe? O que o senhor faria?

Maryanne testemunhou o rosto de seu pai se contorcer em uma expressão de pura agonia. Sabia que o assunto era delicado, e concordava que fora um pouco exagerada em mencioná-lo.

— Sabe que seu comentário foi insolente, não sabe? — muito sério, demonstrando todo seu ressentimento pelo que ela tinha acabado de falar, ele indagou. Maryanne abaixou a cabeça, envergonhada.

— Sim, sei. Peço desculpas. Mas acho que está sendo incoerente. O senhor luta exatamente a mesma batalha que esse homem. Fazem praticamente a mesma coisa, apenas usam métodos diferentes.

— Métodos diferentes? É muito mais que

isso. Eu faço justiça; ele comete violência. Ele alimenta a maldade, não a diminui. — Lestrange, apesar de falar com paixão, não parecia muito seguro. — E quero que esqueça esse assunto. Não me faça mais nenhuma pergunta, pois não irei responder. Fique longe desse homem...

E se calou. Não adiantava insistir, pois ela sabia que ele não lhe diria mais nada.

Ainda assim, poderia descobrir sozinha.

***

— Ah, Maryanne, você deveria ver o vestido que comprei para o baile de hoje à noite! É magnífico! Tenho certeza que muitos cavalheiros me convidarão para dançar...

Tagarelar sem parar era uma das qualidades

mais notáveis em Chloe Harris. Mas Maryanne não se importava com isso nem um pouco, por isso considerava-a sua melhor amiga. Não que prestasse sempre atenção, principalmente em momentos como aquele, quando seus pensamentos estavam completamente absorvidos pelas descobertas recentes. Na maioria das vezes, não tinha muitos assuntos que fossem de interesse das moças de sua idade, por isso, era considerada uma boa ouvinte.

Chloe era uma criatura adorável, de uma beleza muito peculiar, além de ser uma perfeita dama, pronta para ser a esposa dos sonhos de qualquer cavalheiro bem intencionado e com uma classe social aceitável para o pai dela. Maryanne estremecia ao pensar que sua melhor amiga poderia ser entregue como um objeto de decoração para quem pagasse mais por ela. Mas

Chloe não parecia exatamente se importar com isso; pelo contrário, estava ansiosa para se tornar a esposa de alguém. Ideia que Maryanne simplesmente abominava.

— Maryanne! Você não está prestando atenção... — fazendo um biquinho de menina mimada, Chloe alterou o tom de voz para ser ouvida pela amiga.

— Oh, querida, me desculpe. Confesso que estou com a mente perdida em outro lugar...

— Não vai me dizer que está trabalhando com seu pai novamente!

Chloe não aceitava aquela necessidade de Maryanne de tentar compreender o incompreensível, de querer solucionar mistérios aparentemente impossíveis... De saber o que mais ninguém sabia. Ela acreditava que a amiga tinha comportamentos estranhos e inaceitáveis, porém,

nunca a julgava. Ao menos não exteriorizava seus julgamentos, guardava-os apenas para si.

— Mais ou menos — ela fez uma pausa e ficou mais séria. — Você soube que Violet foi assassinada?

— O quê!? — a expressão de espanto no rosto da jovem fez com que Maryanne compreendesse que ela não tinha conhecimento do crime. — Minha mãe me disse que ela tinha falecido, mas até onde eu sei foi um acidente.

Era bem típico da sociedade mascarar os fatos para não mostrar a feiura da realidade para suas moças. Quantas outras como Chloe não deveriam estar pensando o mesmo e acreditando que Violet tinha morrido de forma plenamente aceitável e não pelas mãos de um louco? Chegava a ser injusto. Ela não tinha sido desastrada e caído de uma escada ou de um cavalo, não tinha

despencado de uma janela ou se afogado em um rio. Ela fora *assassinada*.

— Não, não é verdade. Ela foi morta por um assassino, e algo me diz que ele não pretende parar... — falou com pesar. Ela sempre conversava com Chloe sobre suas investigações, embora a amiga não gostasse muito do assunto. Sabia que ela era discreta e que sabia manter segredos.

— Como pode saber disso?

— Ele deixou um bilhete ao lado do cadáver. Uma espécie de charada. E eu a desvendei — Maryanne respirou fundo para dizer o que viria a seguir: — Chloe, tome cuidado. Pelo que pude captar pela mensagem deixada, acho que ele pretende matar mais uma moça, como nós. Ele falou algo sobre inocência.

— Se é assim como diz, você também precisa se cuidar — amedrontada, Chloe concluiu.

— Eu sei me cuidar.

— Está dizendo que eu não sei? — arregalou os olhos. Chloe era sempre muito exagerada em seus gestos e entonações.

— Não, querida, não é isso — sorriu. — Só quis dizer que eu não tenho medo.

— Você é louca, Maryanne Lestrange!

Talvez fosse mesmo...

Era algo a se pensar.

— Mas, então, você vai ao baile na casa dos Morrison? — Chloe perguntou, com uma enorme empolgação, como se o assunto anterior nunca tivesse sido mencionado.

— Eu? Ora, Chloe... até parece que não me conhece. Sabe que não gosto desse tipo de festa.

— Assim nunca vai arrumar um marido!

— Que Deus a ouça! — brincou.

— Você não sabe o que está falando! Quando estiver com seus quarenta anos, sozinha, cuidando de vinte gatos, vai se lembrar dessa nossa conversa e se arrepender de não ter ido a esse baile.

— Aos quarenta anos eu estarei lendo um bom romance policial, com um lindo gato siamês no colo e um imenso sorriso no rosto. Com sorte, vou assumir o escritório do meu pai... — Maryanne se divertia com as reações de Chloe a comentários como aquele. Ela empalidecia, horrorizada com a ideia.

Mudaram de assunto para algo mais trivial e continuaram a caminhar, bem devagar, apreciando a paisagem, cumprimentando as pessoas que passavam e sentindo o vento agradável sussurrar em seus ouvidos.

Em um determinado momento, Chloe parou de forma abrupta com um gritinho de exclamação.

— Veja, Maryanne... lá vão meu pai e meu irmão. Vamos falar com eles?

Maryanne não teve sequer como responder, pois foi literalmente puxada pela mão e arrastada até o local onde estavam os outros integrantes da família Harris.

A verdade era que Maryanne não se sentia muito confortável na presença de Malcom Harris, irmão de Chloe. Sabia que a forma como ele a olhava não era nem um pouco inocente e que ele adoraria uma oportunidade para cortejá-la. Oportunidade essa que Maryanne tentava evitar a todo custo. O pior era que Chloe aprovaria imensamente a união, e normalmente incentivava encontros e conversas, que dificilmente iam além de comentários sobre o tempo ou assuntos

igualmente enfadonhos.

Malcom não era um rapaz feio, mas era fácil ver que a beleza estonteante da família fora reservada em boa parte para Chloe. Os longos cabelos loiros, os olhos grandes e amendoados, o rosto em formato de coração, tudo conspirava para que ela fosse uma beldade, enquanto seu irmão tinha apenas um rosto agradável e um porte interessante.

Não que isso fizesse qualquer diferença, é claro...

— Srta. Lestrange! Que prazer revê-la! — Geoffrey Harris, pai de Chloe, sempre muito agradável e educado, pegou a mão da jovem e a beijou, com muito respeito, como se cumprimentasse sua própria filha.

Malcom, por sua vez, se limitou a um aceno de cabeça muito tímido, que foi severamente

repreendido pelo pai. Contudo, ficou somente por aquilo mesmo.

— Papai, estava agora mesmo comentando com Maryanne sobre o baile de hoje à noite... — Chloe olhou para o irmão com malícia.

— Ah, que maravilha! Seu pai irá acompanhá-la, acredito... Faz tempo que não tenho uma boa conversa com ele...

— Ainda não sabemos se vamos, Sr. Harris. Meu pai anda muito ocupado com o trabalho, e eu jamais iria afastá-lo de seus deveres para fazê-lo me levar a um baile.

— Bem, se for esse o caso, pode dizer a ele que lhe acompanharemos. Podemos levá-la e trazê-la em segurança.

O sorriso malicioso no rosto de Chloe quase fez com que Maryanne tivesse vontade de

espancá-la.

— Obrigada pelo convite. Falarei com ele.

Claro que Maryanne não iria falar. Por um terrível lapso sua mente, providencialmente, esqueceria de mencionar a oferta tão generosa de Geoffrey Harris.

— Chloe, obrigada pela companhia esta tarde. Preciso voltar para casa agora — Maryanne disse.

— Mas já? Pensei que iria nos acompanhar em uma caminhada — Malcom finalmente falou, com uma expressão de cão carente que enojava Maryanne.

— Sim, perdão, mas realmente preciso ir.

— Quer que a acompanhemos, senhorita? — o pai de Chloe ofereceu mais uma vez, prezando pela segurança da amiga de sua filha.

— Não será necessário, Sr. Harris. Mas muito obrigada. Nos vemos...

E antes que pudessem dizer mais qualquer coisa, ou insistir que ela deveria ir ao baile, Maryanne começou a caminhar com pressa, de volta para sua casa, que não estava muito distante.

Assim que entrou no refúgio de seu lar, respirou aliviada. Chegou até a sorrir pela felicidade de estar livre de todos aqueles assuntos que tanto desgostava.

Porém, seu sorriso logo foi substituído por uma expressão mais surpresa e até mesmo intrigada quando viu seu pai, sentado ao sofá, atrapalhado, guardando um papel, que parecia um bilhete, no bolso com pressa. Sabia que ele estava lhe escondendo mais alguma coisa, e isso a estava deixando doente, irritada, pois jamais tiveram segredos. No entanto, decidiu ignorar o que tinha

acabado de ver, pois, mais cedo ou mais tarde, acabaria descobrindo o que ele tanto escondia. Mas acreditava plenamente que se tratava de alguma mensagem de seu amigo misterioso da noite anterior.

— Ah, filha, que bom que chegou — ela sorriu de forma envergonhada. — Pensei que não chegaria a tempo para se aprontar para o baile.

— Você também, papai? Já sabe que não tenho a menor vontade de participar desses eventos sociais cuja única finalidade é incentivar noivados.

— E não seria uma má ideia se você conhecesse um rapaz e se apaixonasse por ele.

— Não comece com isso — falou com decisão, e Joseph soube que era hora de parar.

— Tudo bem, não vou insistir nesse assunto,

mas vou insistir que coloque um belo vestido, ficando ainda mais bela, e que me dê a honra de sua companhia no baile — assim que ele terminou de falar, percebeu que Maryanne iria reclamar de qualquer coisa, e acrescentou: — Infelizmente, querida, eu precisarei comparecer a esse evento. Você sabe que o assassino de Violet pode estar lá, e será uma excelente forma de avaliar comportamentos e chegarmos a algumas conclusões.

Joseph sabia exatamente como convencer Maryanne. Com a nova possibilidade, os olhos dela brilharam e seu interesse na festa fora praticamente renovado.

— Vou me aprontar! — e saiu correndo, como uma criança feliz, pronta para seu passatempo favorito.

Lestrange, por sua vez, só conseguia pensar

que, apesar de tudo, ela ainda era apenas uma menina.

***

Entediada.

Contrariada.

Sentindo-se traída.

Não havia dúvidas que seu pai simplesmente a enganara com a ideia de que iria àquele baile para avançar em suas investigações.

Mas é claro que não era bem isso que ele queria.

Maryanne sentia-se mais do que incomodada em ocasiões como aquela. Ela se sentia totalmente deslocada observando todas

aquelas moças graciosas, dançando como se flutuassem e sabendo exatamente como agir para encantar um rapaz. Não que ela não fosse delicada ou que seus movimentos não fossem femininos, mas ela simplesmente não sabia conversar com um homem sem que acabasse falando demais ou assustando-o com seu conhecimento sobre o mundo e realidade. Para a maioria daquelas garotas, o mundo era um conto de fadas, uma fantasia em cor de rosa, cetim e laços de fita. Para Maryanne havia muito mais do que um armário cheio de roupas e um colar repleto de diamantes: havia maldade, tristeza e uma nuvem cinza que por muitas vezes encobria o que era belo e harmônico. Nenhum homem em sã consciência poderia ter vontade de se casar com uma moça que sabia mais do que ele; que era o que acontecia na maioria das vezes.

Estava tão distraída, tentando disfarçar sua desesperadora vontade de escapar dali, que mal percebeu uma figura se aproximando.

— Senhorita Lestrange?

A voz era baixa, rouca... sedutora. Tinha um leve tom manso, como se o dono dela estivesse cantando, e não falando. Sentada em uma cadeira desconfortável, Maryanne atreveu-se a levantar seus olhos para ver quem a chamava.

Ela, definitivamente, não o conhecia. Talvez estivesse muito ausente de bailes como aquele, pois tinha certeza de que reconheceria aquele rosto, se já o tivesse visto. Embora algo lhe parecesse familiar. Não podia negar que se tratava de um homem avassaladoramente bonito, com um porte invejável, altura imponente e compleição esbelta e forte. O maxilar proeminente, a pele bronzeada, os olhos azuis límpidos, de um tom de

cobalto muito peculiar, eram perfeitos demais para serem ignorados. Além de tudo isso, não havia dúvidas que fazia parte da nobreza, a julgar por suas vestes e o comportamento aristocrático.

— Interrompi algum pensamento importante? — apesar do sorriso simpático no rosto, Maryanne sentiu certo escárnio na entonação de sua voz, como se o homem à sua frente pensasse que ela não era capaz de ter reflexões relevantes.

— Ah, sim, senhor. Interrompeu, sim — franca e direta, ela esperava que ele a julgasse como uma mal educada e a deixasse em paz. Mas não foi exatamente o que aconteceu. Ele simplesmente... gargalhou.

— Gostei da franqueza! Não é muito comum em jovens da sua idade...

— Não sou como as jovens da minha

idade...

— Ah, claro! Isso não foi difícil perceber. Mas, ainda assim, é uma jovem... e acredito que goste de dançar...

— Lamento por desapontá-lo, mas, não. Eu não sou muito boa em danças...

— Estou disposto a ter meu pé pisado só para constatar se é verdade — ele estendeu a mão, convidando-a a ir até o centro do salão, onde casais rodopiavam ao som de uma valsa. — Bem, perdoe a grosseria. Não me apresentei! — ele permaneceu com a mão no mesmo lugar. — Sou o duque de Wallfair, Darren Carmichael. É um imenso prazer conhecê-la.

Um duque? Ah, claro! Era tudo que ela precisava. De longe conseguia sentir os olhos de todas as suas amigas observando-a. Algumas, é claro, a invejavam por ser o alvo das atenções de

um nobre, e outras simplesmente torciam para que ela não fosse rude ou que pelo menos aceitasse sua companhia para uma dança.

— O prazer é meu, milorde — ela colocou a mão sobre a dele, em uma atitude educada e ensaiada, e ele a beijou, sem tirar os olhos dos dela. — Vou aceitar dançar com o senhor. Mas apenas uma valsa. Realmente não gosto muito de dançar.

— Como quiser.

Com toda delicadeza ele a conduziu ao salão.

No meio de outros casais, ele colocou gentilmente a mão em sua cintura e começou a fazê-la rodopiar com calma e cuidado. A verdade era que Maryanne não era uma dançarina tão desajeitada assim. O verdadeiro problema era que ela não gostava, principalmente, do ato de ser

conduzida. Ela achava que a dança era a maior demonstração de que os homens podiam controlar as mulheres da forma que bem entendiam. Achava que querer ir para o lado direito ao invés do esquerdo era um problema só dela. Ninguém deveria lhe dizer quando curvar-se ou quando parar. Somente ela iria escolher seu destino. Até mesmo na dança.

— Sempre ouvi falar muito da senhorita, mas nunca a vi em nenhum baile. Tudo isso por causa de sua aversão à música? — provocou ele.

— Eu nunca disse que não gostava de música. Na verdade gosto muito. Não gosto é de ter que me mexer ao som dela — mais uma vez o duque gargalhou. — E realmente não frequento muitos bailes. Prefiro ficar em casa lendo um bom livro.

— E onde pretende encontrar um marido?

— a pergunta foi mais direta do que Maryanne previa. O duque de Wallfair não media palavras. Não podia negar que era uma característica agradável, uma vez que odiava falsidades e cortesias forçadas.

— Não pretendo. Ele que me encontre.

` Outra gargalhada. Daquela vez ele riu com tanta vontade que todos no salão voltaram os olhos para eles, curiosos. Com certeza estavam perguntando o que é que aquela garota tão estranha poderia estar falando de tão interessante para fazer com que o duque se divertisse tanto.

— Ah, menina, você é fascinante.

— Obrigada — o agradecimento foi quase mecânico, e logo se formou um silêncio entre eles.

A música parecia que não iria acabar nunca, e o duque parecia não ter a menor intenção de

deixá-la livre quando ela terminasse. Sabia que ele acabaria insistindo para emendarem na próxima canção, e ela não teria como recusar. A única saída era assustá-lo. E isso ela fazia muito bem.

— Ouviu falar sobre a jovem que foi assassinada? Violet Montwright?

Exatamente como ela previra — e desejara —, o duque realmente ficou surpreso com aquele comentário. Mas não assustado. Pelos seus cálculos, depois de tal frase, já era para ele estar proferindo qualquer desculpa esfarrapada para terminar com aquela dança. Porém, mais uma vez ele fez exatamente o contrário do que ela esperava. Darren Carmichael prosseguiu com o mórbido diálogo.

— Sim, fiquei sabendo. Era sua amiga?

— Era. Muito próxima.

— Lamento — ele falou com verdadeiro pesar.

— Estou muito intrigada com as circunstâncias desse crime. O senhor não? — segunda tentativa de afugentá-lo.

— Não. Na verdade eu não costumo me atentar a esses fatos.

— E por que não? — fingiu-se indignada.

— Veja bem, senhorita Lestrange, não quero diminuir a dor pela morte de sua amiga ou banalizar o fato, mas a verdade é que pessoas morrem todos os dias. Infelizmente o mundo está muito perigoso, e não há nada que possamos fazer. Isso é trabalho da polícia.

Subitamente, sentindo-se chocada com as palavras que acabara de ouvir, Maryanne parou de dançar. Não conseguia acreditar que alguém

pudesse ser tão insensível, tão alheio à tristeza que as pessoas que conheciam e amavam qualquer vítima de um assassinato poderiam sentir. Menos ainda, não podia conceber que um ser humano não se comovesse com o fato de uma vida ter sido ceifada antes da hora.

Ainda parada no mesmo local, Maryanne observava o rosto chocado do duque. Ele também se mantinha na mesma posição, como se ainda a tivesse nos braços. Parecia não compreender o que tinha acontecido.

— Senhorita, perdoe-me, falei alguma coisa errada?

— É claro que falou! Como pode não saber o valor de uma vida? Faz tão pouco caso porque não se trata de um ente querido seu. Mas algumas pessoas se preocupam com outros seres humanos. Outras pessoas se importam com justiça... —

indignada, falou. Os olhos ferviam de raiva, pareciam prontos para jorrar labaredas de fogo para todos os lados.

— Perdão, senhorita, mas não compreendo...

— É claro que não compreende — ela balançou a cabeça em negativa, mostrando total desapontamento. — Perdoe-me, senhor, mas esta dança acabou.

Decidida, e sem nem se importar com os olhares sobre eles, Maryanne saiu de perto de Darren, com uma infinidade de pensamentos terríveis. Qualquer um diria que ela estava agindo de forma completamente exagerada e louca, afinal, acabara de rejeitar e ser indelicada com um nobre. Um homem com poder suficiente para esmagá-la.

Assim que conseguiu passar pela multidão

de pessoas que se encontrava no centro do salão, ela foi na direção do pai, que conversava animadamente com alguns homens.

Joseph conhecia o pequeno demônio que tinha em casa. A face angelical, os cabelos castanhos delicados, o rosto de porcelana, os olhos verdes e a compleição pequena e frágil, apenas enganavam qualquer um que se aproximasse. Poderiam pensar que ela era inocente, tola e influenciável como a maioria das jovens que conheciam, mas ele podia jurar que nenhum homem estava realmente preparado para o furacão que era Maryanne Lestrange. E ele podia jurar que o semblante carrancudo e os passos firmes e decididos tinham a ver com algum encontro indesejado com um dos rapazes que ela assustara.

Quando ela parou a sua frente, com os

braços cruzados na frente do peito, ele teve vontade de sorrir, mas não o fez.

— Algum problema, querida?

— Podemos ir embora? Este baile não está me agradando.

— O baile ou alguém? — brincou, uma vez que conhecia sua filha muito bem.

— Não vem ao caso agora. Só quero saber se podemos voltar para casa. Além de tudo, estou cansada. — falou com certo desânimo, quase suplicando para que os anjos fizessem com que seu pai aceitasse sua ideia de irem embora.

— Tudo bem, filha. Podemos ir para casa.

— Ah, mas está tão cedo! — Chloe, que estava por perto com seu irmão, falou: — Você ainda nem dançou com Malcom! E também nem conversamos...

— Ora, você foi disputada por tantos rapazes para dançar que eu não quis interromper — respondeu com um sorriso falso no rosto. Em seguida, voltou-se para seu pai novamente: — Vamos?

— Claro...

Sendo assim, despediram-se de todos e partiram.

Já em sua carruagem, Joseph reparou que Maryanne estava calada demais, observando todo o caminho com o rosto voltado para o lado contrário dele, como se mal quisesse encará-lo.

— Querida, o que houve, afinal? Sei que você não gosta de bailes, mas nunca a vi reagindo dessa forma — ele quebrou o silêncio, tentando estabelecer um diálogo.

— Quer saber o que houve? Eu conheci o

homem mais arrogante e insensível de toda Sorenhill. Talvez do mundo inteiro — havia certa afetação em sua voz, que não lhe era peculiar. — Acredita que ele teve a coragem de dizer que assassinatos acontecem todos os dias? Que não dá a menor importância para as vidas perdidas?

— E quem seria esse cavalheiro tão desprezível? — Joseph estava agindo de forma divertida, mas Maryanne, em sua ira cega, mal conseguia perceber.

— O Duque de Wallfair.

Naquele exato momento em que ouviu o nome, o semblante de Joseph Lestrange mudou completamente. Não parecia mais achar graça do relato tão irritado de sua filha; pelo contrário, parecia não gostar do que tinha acontecido.

— Ele a chamou para dançar?

— Sim, é claro. De que outra forma eu poderia ter iniciado tal conversa com ele? — a expressão de Lestrange ficou ainda mais séria. — O que foi, papai?

— Nada, querida. Não é nada...

Mas Maryanne sabia que havia alguma coisa. Mais uma das verdades que seu pai passara a ser perito em esconder.

E ela teve certeza de que realmente havia algo muito grave acontecendo naquela mesma noite. Algo muito mais relevante do que poderia sequer esperar. Tanto que, mais tarde, seu pai novamente saiu na calada da noite, parecendo muito suspeito, levando seus segredos consigo.

Capítulo Três

A porta se abriu com um rangido.

Em um primeiro momento, qualquer um diria que a velha e frágil cabana estava vazia, mas ele sabia esperar. Seu anfitrião tinha seus momentos; era ele quem ditava as regras. Era meticuloso em cada um de seus gestos, preciso, não se preocupava com tempo. Preocupava-se com resultados.

Naquele exato instante, sabia que ele estava trancado no pequeno e único quarto da propriedade, aprontando-se para o encontro. Sabia que era o único que conhecia sua identidade, que sabia como era seu rosto por trás da máscara, mas, ainda assim, ele a usava para se proteger. Tudo isso porque não confiava em ninguém; nem

mesmo no homem que escolhera como parceiro, a quem revelara seu maior segredo.

Estava de costas quando sentiu que ele se aproximava. Era uma criatura poderosa, silenciosa, coberta por um véu de mistério. Havia crueldade em sua alma. Muita. Mas seu senso de justiça, por mais deturpado que pudesse parecer em um primeiro momento, era o que movia sua vida. Não fazia ideia de seus motivos, não tinha sequer coragem de perguntar o que o levara àqueles extremos, mas imaginava que o que fazia era a razão de sua existência.

— Foi seguido? — essas duas palavras, proferidas de forma seca e quase rude, foram seu cumprimento ao recém chegado. O dono da cabana não se preocupava com trivialidades. Ele queria saber, em primeiro lugar, se houvera qualquer falha em seus planos meticulosamente

calculados.

— Não.

— Bom — ele falou e virou a chave mais uma vez na fechadura, por pura precaução. Depois, virou-se para Lestrange, com seu olhar desconfiado de sempre.

— Por que me chamou esta noite? Não posso ficar saindo de casa à noite com tanta constância. Minha filha vai acabar percebendo, e já lhe falei o quanto ela é curiosa.

— Tenho certeza de que poderá cuidar de sua filha para que ela não descubra sobre nossa parceria — a voz áspera e o comentário ácido foram suficientes para que Joseph não comentasse mais nada sobre Maryanne para aquele homem.

Antes de começar a falar, o mascarado sentou-se à mesa de jantar, de frente para Joseph.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sempre esperava o momento certo para iniciar a conversa também, o que deixava Lestrange muito irritado. Porém, não podia contrariar seu chefe.

— Eu o chamei aqui para falarmos sobre a garota assassinada. Acho que já deve imaginar que esse assassino entrou na minha lista negra — falou com sarcasmo, mas ainda mantendo-se completamente sério.

— Eu fui chamado pela polícia para ajudar na investigação — foi tudo que Joseph conseguiu dizer.

— Isso é ótimo. Mas quero que passe todas as informações primeiro para mim. Quero pegá-lo primeiro.

E ambos sabiam o que ele faria com aquele assassino. Sabiam que o Caçador, como o chamavam, tinha uma preferência por quem

achava que tinha o direito de brincar de Deus e escolher a hora da morte de alguém. Ambos também sabiam que a partir daquele momento um jogo teria início; que ele, naquele momento, tinha uma nova presa. Que seria perseguida a cada minuto, sem nem perceber.

— Maryanne acha que ele vai atacar de novo — Lestrange falou, depois de alguns momentos de silêncio.

— Maryanne?

— Minha filha — explicou.

— Sua filha cria teorias sobre assassinatos? — surpreendeu-se.

— Mais do que isso. Ela é brilhante — a voz de Joseph Lestrange se encheu de orgulho.

— Interessante... — o mascarado remexeu-se na cadeira, começando a prestar muita atenção

no que seu companheiro dizia — E o que mais ela acha?

— Bem, ela encontrou esse bilhete no meu casaco — Joseph mostrou o papel para o Caçador, que leu a mensagem inteira.

— Por que não me mostrou isso antes? — como sempre, a pergunta foi feita com desconfiança, como se ele pensasse que seria traído a cada virada de segundo.

— Estou mostrando agora, não estou?

O Caçador fixou os olhos em Lestrange, como se o estudasse com cautela, perguntando a si mesmo se deveria ou não acreditar no que ele estava dizendo. Por fim, pareceu acreditar, pois continuou o assunto sem maiores danos.

— Ele vai matar outra moça jovem daqui a três dias, no cemitério.

— Foi exatamente o que ela deduziu.

O comentário de Lestrange foi completamente involuntário, quase proferido em um sussurro. Ele queria tentar evitar mencionar a filha a qualquer custo, pois pretendia mantê-la longe daquela criatura sinistra. Sabia que se o Caçador soubesse que ela era uma detetive incrível, apesar de ser mulher, ele não mediria esforços para trazê-la para seu "time". Não importaria o fato de ela ser frágil, não importaria o preço que teria que pagar... E ele sabia que Maryanne acabaria cedendo. Mais que isso. Ela adoraria a ideia; mal precisaria ser convencida, a julgar pela forma como defendera a ele e aos seus métodos ao ler a reportagem do jornal. Além disso, seria uma oportunidade para ela trabalhar com investigações, que era o que mais queria.

Não, não podia permitir que aquele homem

chegasse perto de sua menina; especialmente quando ele parecia extremamente interessado em usar seus conhecimentos. O rosto dele dizia isso.

— Fique longe da minha filha! — exclamou com autoridade. — Não quero colocá-la em perigo.

Sentia-se um idiota falando daquela forma, pois sabia que o que o Caçador desejava, ele obtinha. Lestrange, no início, abominara a ideia de ajudá-lo, pois não acreditava que seus métodos fossem os mais corretos para punir um criminoso. Acreditava — tolamente, é claro — na lei, na competência da polícia, até que sua esposa fora assassinada, há cinco anos. Isso mudara sua forma de ver a vida e a morte. Passara, então, a aceitar o modo como seu estranho companheiro compreendia o senso de justiça. Porque se tivesse a oportunidade, ele mesmo mataria o algoz de sua esposa, com suas próprias mãos. Ali estava a

resposta que não tivera coragem de dar para Maryanne.

— Fique calmo, Lestrange... Vou ficar longe de sua filha. Mas não posso prometer que ela ficará longe de mim — emendou com um sorriso malicioso, que faria qualquer um que conhecesse sua reputação estremecer.

E foi o que aconteceu com Lestrange. Não conseguiu compreender o que o Caçador quisera dizer com aquilo, mas sabia que não era nada bom. Não podia permitir que ele chegasse a falar com ela e colocar suas ideias loucas na cabeça de Maryanne.

Mas aquilo era algo que somente o destino poderia prever.

***

TRÊS DIAS DEPOIS

Maryanne tentou ignorar o som estridente da campainha da porta de sua casa que tocava insistentemente. Ela protelou o máximo que pôde o ato de levantar, mas foi vencida por sua curiosidade.

Depois de se aprontar da melhor forma que pôde, conseguiu chegar à sala a tempo de descobrir o que estava acontecendo.

Três oficiais da polícia estavam parados em sua sala, em uma postura militar. Não havia dúvidas que estavam esperando por seu pai. Mas o que faziam ali era o que ela estava desesperada para saber.

Em segundos seu pai surgiu, vestindo um

sobretudo, apressado.

— Papai, o que aconteceu? Por que estes homens estão aqui? — sabendo que não teria tempo para hesitações, ela perguntou assim que o viu.

— Maryanne, estou atrasado. Não posso lhe explicar agora...

— Foi ele, não foi? — ela proferiu de forma abrupta, antes que o pai pudesse sair pela porta — O assassino de Violet atacou de novo?

Lestrange parou por um minuto. Ela estivera certa durante todo o tempo. Não apenas naquele momento, quando adivinhara que ele estava saindo para encontrar mais um cadáver, mas principalmente na charada que adivinhara. Ela *sempre* tinha razão. E, por saber disso, na madrugada anterior, ele escapara de casa para se encontrar com o Caçador. Esperavam flagrar o

assassino cometendo seu crime, mas foi em vão. Esperaram por horas e horas, e até acreditaram que poderiam ter interpretado a mensagem de forma errada, mas, não. Lá estava ele sendo chamado novamente para avaliar uma cena de crime.

— Devia ter dado mais credibilidade ao que lhe disse — ela falou bem baixinho, sussurrando no ouvido do pai para que ninguém mais ouvisse.

— Eu dei! Mas estamos lidando com um criminoso muito esperto. Talvez muito mais esperto que imaginamos.

Lestrange já estava prestes a sair de casa quando Maryanne o impediu novamente.

— Deixe-me ir com você...

— Claro que não. Ficou louca?

— O senhor sabe que posso ajudar... —

Maryanne suplicava.

— Sei que pode, mas não é prudente que me acompanhe. O chefe de polícia jamais permitiria que participasse...

— Porque sou mulher? — empertigou-se, em uma atitude defensiva.

— Também. Mas não apenas por isso... a razão principal é porque é uma civil.

— Na teoria o senhor também é — cruzou os braços, muito contrariada. — O senhor é valioso demais para eles, pode me incluir na investigação, *se quiser*.

Com a ênfase que deu na última expressão, Maryanne soube que já tinha ganhado a briga. Foi apenas uma questão de tempo para que seu pai se desse por vencido, bufasse e pedisse que ela se apressasse. Ela, por sua vez, sem nem pensar

muito, pegou apenas sua sombrinha, suas luvas, um chapéu e o acompanhou, sentindo o coração bater apressado de ansiedade.

Joseph levou algum tempo, assim que chegaram ao cemitério, para convencer Timothy Walsh, o chefe de polícia, que sua filha, uma jovem de apenas dezenove anos, poderia ser de grande utilidade. O homem vociferou, chamou o colega de louco, insistiu que não poderia permitir tal coisa, mas, depois de descobrir que Maryanne já tinha sido essencial em muitos dos casos que ele resolveu, sua presença ali acabou sendo permitida.

Não era o primeiro cadáver que Maryanne tinha a oportunidade de ver, uma vez que sua mãe tinha morrido praticamente em seus braços. Também não era, é claro, a primeira vez que via a morte tão de perto. Mas tinha que concordar que aquele assassino era especialmente cruel.

A vítima daquela vez era uma moça que Maryanne conhecia, mas que não era sua amiga. Mal lembrava seu nome, mas sabia que tinha sua idade e que frequentavam alguns bailes em comum. Ela não era muito bonita, tinha um rosto comum para os padrões da sociedade, mas era muito sorridente, e alguns diziam que era inteligente e que tinha uma voz belíssima para o canto.

O jovem corpo estava cheio de hematomas, e uma faca de cozinha penetrara seu peito, bem na altura do coração. Ele tinha espancado aquela garota, sem nenhuma piedade. E ela tinha lutado, como uma guerreira, o que Maryanne mencionou para os policiais e seu pai.

— E como a senhorita consegue deduzir isso se nem sequer analisou o corpo direito? — o chefe de polícia indagou, com uma expressão

desconfiada no rosto.

Maryanne, com certa graciosidade, estendeu a mão a seu pai, para se equilibrar, e assim que ele a tomou, ela abaixou-se, tocando o cadáver sem nenhum tipo de hesitação. Pegou, em primeiro lugar, a mão esquerda da moça, pálida e fria.

— Veja, as unhas dela estão quebradas, algumas possuem sangue seco. Além disso, há marcas de dedos no pescoço dela, o que significa que ele tentou asfixiá-la. Isso pode significar que tentou controlá-la desta forma — todos ficaram calados ao ouvir o que ela dizia. Alguns pareciam muito impressionados. — Há mais coisas. Essa roupa não é dela...

— Como assim?

— Vejam como está larga em seu corpo. Além disso, os seios não estão ajustados, o laço

que prende a cintura não combina e a bainha está curta — explicou ela, demonstrando cada uma das coisas que dizia.

— Ora, então quer dizer que ele trocou seu vestido? — um dos policiais presentes perguntou.

— Parece que sim.

— E não foi essa faca que a matou — Lestrange complementou os pensamentos da filha. — Ela foi morta com uma pancada na cabeça.

Lestrange virou um pouco a cabeça da moça para a direita, para que seus colegas de profissão pudessem ver uma enorme fratura em seu crânio, que estivera escondida por seu cabelo empapado de sangue.

— Mas então por que ele cravou esta faca no peito dela? — Timothy indagou.

— Não há como saber ao certo, mas pode-

se concluir que a pancada na cabeça foi um acidente — Maryanne respondeu. Em seguida virou-se para seu pai: — Como morreu Violet?

— Exatamente desta forma, com uma faca em seu peito. Mas ela, contudo, não tinha nenhuma injúria em nenhuma outra parte do corpo, além dos hematomas mais leves — Joseph respondeu.

— Exatamente como eu previa. Ele tem um método. A vítima deve ter batido com a cabeça de forma acidental e, para não perder a sua característica de agir, ele a apunhalou, mesmo depois de ela já estar morta. A maioria dos assassinos tem um, e quase sempre não há uma explicação plausível para eles. É somente uma marca registrada.

Conforme Maryanne ia falando, todos começavam a olhá-la com espanto, como se

estivessem completamente surpresos por ela ter deduzido tantas coisas em tão pouco tempo.

Enquanto os policiais discutiam entre si, Maryanne voltou a se abaixar, aproveitando a deixa de todos estarem de costas para procurar por algum bilhete. Ela sabia que haveria algum, já que ele mantinha o mesmo método para todos os seus crimes.

Vasculhou discretamente e acabou encontrando, preso à gola do vestido que fora colocado na moça. Não demorou para guardá-lo dentro de um bolso, antes que algum daqueles policiais incompetentes pudesse encontrá-lo.

Os detetives cochicharam por algum tempo, mantendo-a de fora. Porém, ela não se importou com isso, uma vez que sabia muito mais do que todos eles juntos, com exceção de seu pai. Não demorou muito, porém, para que Lestrange se

aproximasse, afirmando que ela poderia ir para casa, pois ele ainda precisava comparecer à delegacia para ajudar na criação de alguns relatórios. O que, claro, não a interessou nem um pouco, uma vez que odiava burocracias. Sendo assim, recebeu o beijo de seu pai na testa — que ela interpretou como um claro sinal de orgulho pelo que ela tinha acabado de fazer naquela cena do crime — e saiu daquele cemitério, caminhando para casa.

Conforme seus pés avançavam, um sorriso começava a brotar no rosto de Maryanne. Sentia muita pena da moça, é claro. Imaginava sua agonia, seu choro, seus gritos, e seu coração se enchia de ódio pela criatura responsável por sua morte. Ao mesmo tempo, estava satisfeita consigo mesma por ter ajudado, mesmo que apenas um pouco, na coleta de informações. Suas deduções

eram úteis, sem dúvida alguma, e o olhar daqueles policiais, tão impressionados, valera totalmente a pena.

Orgulhosa de si mesma, decidiu apressar o passo para chegar logo em casa, pois estava ansiosa para ler o bilhete que guardara consigo. Sabia que haveria outro enigma ali, e tinha fé que conseguiria interpretar o que ele queria dizer.

Distraída, olhava para o nada, tentando relembrar cada detalhe da cena macabra que tinha acabado de presenciar, na intenção de fazer mais alguma observação importante, e nem sequer percebeu que alguém vinha caminhando em sua direção, parecendo tão distraído quanto. Uma colisão entre os dois corpos foi inevitável, sem dúvida, e Maryanne sentiu que poderia ter se espatifado no chão se não tivesse sido segurada por braços fortes.

Ao levantar a cabeça para descobrir quem era o desastrado que tinha se colocado em seu caminho, seus olhos se encontraram com os do duque de Wallfair.

Ele tinha um sorriso no rosto, parecendo muito satisfeito pela oportunidade de tê-la nos braços. Tanto que poderia tê-la soltado assim que sentiu que ela já estava firme em suas próprias pernas, porém, ainda a manteve naquela posição por mais tempo do que deveria.

— Além de não ser uma boa dançarina, ainda é desastrada? — era fácil perceber que ele estava brincando, mas Maryanne, que já não o via com bons olhos, se irritou, desvencilhando-se de seus braços com certa irritação.

— Como pode ser tão rude? Não sou desastrada! Foi você quem esbarrou em mim!

— Eu penso que aconteceu o contrário,

então, não adiantará começarmos uma discussão — assim que ele terminou de falar, percebeu que ela estava prestes a se afastar, recompondo-se da situação. Entretanto, ele segurou seu braço, de forma extremamente ousada, e a impediu de ir embora. — Está sozinha?

— Não. Estou muito bem acompanhada por mim mesma — falou com ironia e o fez rir.

— Está muito cedo para uma moça andar sozinha na rua. Onde está seu pai?

— Ele está na delegacia. Não que seja do seu interesse, é claro, afinal, o senhor não se preocupa com esse tipo de coisa — mais uma vez usou do sarcasmo que tanto o divertia.

— E ele a deixou sozinha? Ora, mas não posso permitir que passeie por estas ruas perigosas sem uma companhia. Sou um cavalheiro, afinal.

— Não vejo muitos atos de cavalheirismo da sua parte, já que quase me derrubou no chão há alguns minutos.

— A senhorita é realmente muito insolente — apesar da forma rude como falou, ele ainda sorria. — Mas isso me encanta, devo confessar.

— Que pena. Não estou interessada em encantá-lo. E, me desculpe, mas realmente preciso ir embora — ela fez uma pausa e acrescentou, com um tom de voz mais incisivo. — *Sozinha*!

Ao dizer aquilo, Maryanne conseguiu escapar, finalmente, da presença de Darren Carmichael, sem nem perceber que ele não conseguia parar de sorrir, conforme ela ia caminhando para longe dele.

***

Era insuportável!

Arrogante!

Inconveniente!

Não havia palavras suficientes para descrever o homem irritante que era o duque de Wallfair. Maryanne tinha certeza que não era uma simples implicância. Era ódio! Do mais verdadeiro e puro... E a culpa por aquele sentimento era toda dele, sem dúvida! Desde o princípio tentara afastá-lo, de forma educada, é claro, mas ele não compreendera os sinais. Além de tudo era burro! E insistente!

Maryanne sentia a pele queimar de tanta ira. Sabia que aquele não era um sentimento muito bom para alimentar, mas, infelizmente, não tinha opções.

PERIGOSAS NACIONAIS

A verdade era que estava se deixando levar por um assunto sem importância. Precisava focar seus pensamentos em coisas realmente relevantes. Como o bilhete que encontrara junto ao corpo da vítima daquela manhã.

O bilhete!

Como pudera ter esquecido de algo tão significativo? Novamente culpa daquele atrevido!

Sem perder mais tempo, ela sentou-se na mesma poltrona da biblioteca e retirou o papel, que ainda continha algumas pequenas gotas de sangue, do bolsinho de seu vestido e pôs-se a lê-lo.

Ao passar os olhos pelas palavras escritas por aquele homem, Maryanne sentiu um calafrio percorrer sua pele. Quase sem ter coragem de ler a mensagem, ela fechou os olhos, inicialmente, e se permitiu por um instante percorrer pelos caminhos da escuridão. Sabia que a partir do

momento que começasse a se envolver realmente naquela história mórbida, não teria volta. Ela se tornaria prisioneira da maldade; sabia que aquela atmosfera sombria penetraria em sua vida, preencheria seu dia a dia, pois ela não seria capaz de se afastar. Pelo menos não enquanto não desvendasse aquele mistério. Ele iria consumi-la, devorá-la por dentro como uma doença. E sabia que sua alma morreria cada vez que mais uma vítima fosse encontrada. Sentia como se fosse uma missão. E ela não pretendia falhar.

Finalmente, depois de hesitar por tempo demais, ela tomou coragem e abriu o papel. Exatamente como no outro, havia duas mensagens. Uma em destaque, e outra em uma caligrafia menor. Maryanne sabia que, na verdade, era a segunda que importava. Mas teria que ler as duas.

"E a alma infeliz, que me tombou dentro da sombra que flutua, não há de erguer-se... Nunca mais..."

Os sinos badalam doze vezes. Corações entre a cruz e a espada.

Ainda há fé em um coração que agoniza?

A frase maior, exatamente como no outro bilhete, pertencia a Edgar Allan Poe. Maryanne sempre apreciara as obras sombrias do poeta e conhecia-as de cor. Por isso que a identificação era tão imediata. Era muito angustiante saber que ela tinha algo em comum com alguém tão perverso. Talvez ela também tivesse um pouco de perversidade bem escondida em seu coração. A

frase menor, em contrapartida, devia ser de autoria do próprio remetente do bilhete. E ela sabia que tinha algum significado relevante para a investigação.

Maryanne tinha certeza que era algo muito óbvio, mas sua ansiedade não estava permitindo que pensasse com clareza ou lógica. Por isso, demorou algumas horas para compreender as entrelinhas.

Ele ia matar de novo, pela terceira vez. E Maryanne já sabia onde...

Ficou ali por tanto tempo que mal percebeu que era noite. Estranhando que seu pai ainda não a tivesse ido procurar, foi direto à cozinha perguntar por ele, e uma das criadas lhe informou que ele tinha chegado, mas que tinha saído há menos de um minuto.

Aquilo estava ficando muito estranho. E

PERIGOSAS NACIONAIS

Maryanne tinha uma atração quase física por coisas inexplicáveis. Por isso, sem nem pensar no que fazia, saiu atrás dele, disposta a segui-lo e descobrir que tanto mistério ele guardava.

A noite estava fria, silenciosa e um pouco amedrontadora. Apesar de se considerar uma pessoa corajosa, ela jamais tinha saído tão tarde sozinha. Mas era por uma causa nobre, afinal, então acreditava que não iria lhe acontecer nada de mal.

Sentia-se confiante. Sabia que enfim descobriria o segredo de seu pai.

Ele caminhava a passos largos, olhando para todos os lados, e por isso ela tentava se manter a uma distância segura para que ele não a visse.

O caminho era mais longo do que ela esperava, e ela podia jurar que já estava caminhando há mais de uma hora. O que era

apenas uma impressão, é claro, pois deveriam ter se passado apenas alguns minutos. Mas a verdade era que o vestido e as anáguas longas e pesadas a estavam deixando cansada e incapaz de manter a mesma velocidade de seu pai.

Foram suficientes apenas mais dez metros para que ela se sentisse exausta. Tentava manter as passadas largas para acompanhá-lo e não perdê-lo de vista, mas foi em vão. Precisou parar por um breve minuto, para recuperar o fôlego, e foi a oportunidade perfeita para que seu pai desaparecesse no ar, como um ilusionista em um truque de mestre. Havia um cruzamento de ruas adiante, e ela não fazia ideia se ele tinha virado à esquerda, à direta ou seguido em frente. Não conseguia mais enxergá-lo. Estava perdida.

Poderia voltar para casa, para a segurança de seu lar, e fugir daquela rua vazia e escura. Claro

que poderia, se soubesse como fazê-lo. Estivera tão empenhada em prestar atenção em seu pai, que não observou o caminho que ele seguira. Estava longe, em um local completamente desconhecido.

Foi então que um certo pavor começou a tomar sua mente. Fora uma completa estúpida se aventurando a seguir seu pai, e aquele era o preço a pagar por sua indiscrição. Naquele momento, sequer se importava se ele estava tendo um caso ou se andava cometendo crimes. Queria apenas estar em casa, em segurança, aprontando-se para dormir uma boa noite de sonho.

Um barulho ecoou no vazio. Passos que se aproximavam.

Maryanne sabia que havia mais alguém naquela rua, que caminhava lentamente, como se não tivesse rumo. O que não era um bom sinal.

O medo fez com que ela reagisse e voltasse a caminhar, na direção contrária, pronta para tentar achar o caminho de casa ou algum lugar seguro para se abrigar. Logo pensou em uma igreja, mas a ideia foi descartada na mesma hora. Não podia brincar com a sorte. Não depois da mensagem que tinha lido. Restava-lhe, portanto, apenas caminhar a ermo e acreditar que algum anjo a guiaria até o local onde queria chegar.

Contudo, sentia que não estava sozinha. Conforme os passos dela se apressavam, parecia que a outra pessoa também aumentava sua velocidade. Como um perseguidor tentando alcançar sua presa. E ela *era* a presa.

Correr. Era a única alternativa. Por mais que suas pernas mal pudessem sustentar o peso de seu corpo; por mais que soubesse que poderia tropeçar naquele vestido enorme a qualquer

momento, era uma questão de sobrevivência. Tudo ou nada.

Maryanne sentia que seu algoz estava cada vez mais próximo. Quase podia ouvir sua respiração... E até ouvir sua risada. Sim, alguém estava rindo. Divertindo-se com a situação, enquanto ela morria de medo.

Antes que pudesse avançar e entrar em outra rua desconhecida, foi agarrada e puxada para dentro de um beco. Queria gritar, mas uma mão enorme tampava sua boca, quase sufocando-a.

— Fique calma, não vou lhe fazer mal...

Maryanne poderia até conhecer a voz, mas não seria capaz de reconhecê-la naquele momento de medo. O homem que a segurava tentara lhe passar segurança, mas ela insistia em se debater, lutando até o último momento por sua vida.

Mas sua luta durou pouco, pois ela sentiu uma estranha dor na nuca e foi tragada para a escuridão, sem nem ter chance de ver a luz.

Capítulo Quatro

Apesar de lidar com ela constantemente, Maryanne não pensava muito na morte em si. Pensava no quanto era terrível, no quanto poderia devastar todos ao redor, mas jamais refletira sobre sua *própria* partida. Quando testemunhara a alma de sua mãe deixando o corpo lentamente, agonizando no ritmo de uma melodia cadenciada e triste, muito triste, perdera a fé em muitas coisas e passara a tratar a morte como uma inimiga.

Porém, não pensara que poderia ter que enfrentá-la tão de perto, tão cedo.

Mas foram necessários apenas poucos minutos para reparar que não estava morta. Ainda respirava, seu coração batia dentro do peito e sentia frio. Sensações que ela acreditava que não seria capaz de sentir caso estivesse morta. E havia mais: ela sentia dor na nuca, onde podia jurar que

tinha sido acertada com um golpe.

Lembrar daquilo fez com que ficasse em alerta. Não estava morta, mas tinha sido sequestrada, o que poderia ser muito pior.

Abriu os olhos, finalmente. Não reconhecia o local ao seu redor, mas sabia que estava em um quarto pequeno, que parecia ficar dentro de uma cabana. A cama era de solteiro e rangia conforme ela se mexia, quase parecendo poder quebrar a qualquer momento, mesmo com o peso leve de seu corpo. O colchão era duro, o lençol estava rasgado e o travesseiro era fino. O local, sem dúvida, pertencia a alguma pessoa com poucas posses.

Os olhos rápidos e atentos de Maryanne percorreram o resto do ambiente, tentando decorar tudo que via ou, ao menos, reconhecer qualquer objeto que pudesse lhe ajudar a

descobrir onde estava. Algo que pudesse lhe dizer algo sobre seu sequestrador.

Sequestrador...

A palavra era mais assustadora quando aparecia em seu pensamento com a constatação do inevitável. Fora tola, audaciosa demais e inconsequente. Logo ela que conhecia todos os perigos da cidade, que sabia que havia um assassino à solta que gostava particularmente de matar mocinhas de sua idade e com seu perfil.

Mas mesmo que estivesse à mercê de tal bandido, ainda tinha uma chance de escapar. Sem dúvida era mais inteligente que suas outras vítimas, mais esperta, e plenamente capaz de se salvar em uma situação como aquelas.

Ao menos tinha que acreditar nisso para não se desesperar.

Levantou-se da cama. Ou tentou, uma vez que estava completamente tonta por causa da pancada que levara na cabeça. Precisou se sentar mais uma vez no colchão duro até que se acostumasse e parasse de ver tudo rodando.

— Fique sentada por mais dois minutos. Já vai passar...

A voz... Ela se lembrava daquela voz... Mas não se lembrava do rosto.

Ou melhor... da falta de um.

À sua frente estava um homem. Uma criatura alta, com boa parte do rosto coberta por uma máscara de couro preta, que deixava apenas os lábios à mostra.

Assim que sua tontura foi melhorando, Maryanne percebeu que conhecia sim aquele ser. Fora exatamente ele que estivera na carruagem

luxuosa no primeiro dia em que viu seu pai saindo sorrateiramente, na calada da noite. E foi então que ligou os fatos: aquele homem à sua frente era o Caçador, o justiceiro noturno mencionado na notícia do jornal que lera.

Ela deveria estar com medo. Deveria gritar, fugir, lutar por sua vida, uma vez que sabia que, apesar de ser um justiceiro, ele matava com a mesma crueldade que um dos assassinos que seu pai colocava na cadeia. Mas, não. De alguma forma sentia-se segura com ele. De alguma forma sabia que ele não iria lhe fazer mal.

— Quem é você? — ela perguntou em um sussurro, o máximo que conseguiu proferir sem demonstrar o quanto estava confusa.

— Você sabe quem eu sou.

Apesar de ter usado de um tom de voz muito sério para falar, ele parecia um pouco

malicioso, especialmente por tê-la tratado de forma tão informal, usando o pronome "você" ao invés de "senhorita". Além disso, como poderia afirmar que ela realmente sabia quem ele era com tanta veemência, se jamais a tinha visto?

— Não, eu não sei quem o *senhor* é. — enfatizou o pronome para que ele percebesse que ela não tinha lhe dado nenhum tipo de intimidade — Só sei que me sequestrou, e isso é suficiente para que não esteja muito disposta a brincar de adivinhações.

O arrependimento por suas palavras e sua atitude tão ousada foi instantâneo. Ela poderia saber como agir com os rapazes petulantes e inofensivos da cidade, mas ele era diferente. Era um *caçador*. E ela não passava de uma possível presa para ele.

— A última coisa que quero com você é

brincar, moça. Mas, apesar disso, vamos esclarecer algumas coisas. Eu não a sequestrei. Para dizer a verdade, salvei sua vida.

— Não é bem isso que me lembro — ela cruzou os braços de forma altiva.

— Talvez sua imaginação esteja um pouco deturpada...

— Não, não está. Eu sei muito bem o que aconteceu... pelo menos antes de ficar inconsciente — a última parte da frase foi proferida com certo embaraço. Então acrescentou: — Mas me recordo muito bem do momento em que me *bateu*.

— Você estava muito nervosa, e eu precisava tirá-la dali — ele fez uma pausa e olhou fixamente em seus olhos, pela primeira vez. — Havia alguém a persegui-la. E parecia ter intenções muito piores que as minhas.

Maryanne sabia que o mascarado tinha razão. Sabia que realmente fora perseguida no meio daquela rua.

Sim, ela sabia daquilo tudo.

Mas tudo parecia completamente sem sentido enquanto os olhos profundamente azuis do justiceiro a fitavam como se quisessem devorá-la.

Toda a essência daquele homem inspirava mistério e perigo. E era exatamente isso que tanto a intrigava. Ela não se sentia superior a ele, de forma alguma. Sentia que poderiam disputar uma guerra, de igual para igual. O que poderia ser ao mesmo tempo excitante e devastador.

— Sabe, por acaso, quem poderia estar lhe perseguindo? — ele falou novamente, interrompendo seus pensamentos.

— Não, não sei. Acho que foi um simples acaso. Eu estava no lugar errado, na hora errada.

O Caçador a analisou com cautela, como se estudasse a resposta que ela lhe dera.

— É, talvez... — ao concordar com ela, de forma não muito convincente, ele saiu do local onde estava, encostado na parede, e começou a caminhar pelo pequeno ambiente. Por um momento, Maryanne pensou que viria em sua direção, mas ele seguiu o caminho oposto, indo até uma pequena mesinha que continha uma jarra com água e um copo. Ele serviu um bocado do líquido e só então se aproximou, um pouco cauteloso, oferecendo-lhe a bebida, que foi aceita.
— Deveria tomar mais cuidado. Há um assassino à solta...

— Eu *sei* disso. — a frase foi dita com uma ênfase especial. Maryanne não queria que ele

pensasse que era uma jovenzinha tola como todas as outras que não faziam ideia do que estava acontecendo debaixo de seus narizes. — Meu pai está investigando o caso, e eu o estou ajudando.

— Sei disso...

Aquilo realmente a surpreendeu. Como assim ele sabia?

— Sabe? — indagou ela, mostrando-se imensamente surpresa.

— Eu poderia apelar para um clichê e dizer que sei tudo sobre você, mas seria patético. A verdade é que eu e seu pai somos grandes amigos.

Outra surpresa. Seria possível que aquele homem pudesse ter mais revelações a fazer do que um mágico profissional tirando seus coelhos da cartola? Ele era imprevisível... mas seria uma caixinha de surpresas ou uma Caixa de Pandora,

pronta para liberar seus demônios por onde quer que passasse. Não havia dúvidas de que ele era repleto de escuridão dentro de si. Somente uma alma renegada poderia fazer as coisas que ele fazia sem sentir nenhum tipo de remorso. E como Maryanne adorava um bom segredo, ela sabia que estava amaldiçoada. Sua mente não iria se livrar dele tão fácil.

— Amigos? Nunca ouvi nada sobre você...

— Bom saber que seu pai é confiável. Não acho que seria muito agradável se Joseph Lestrange começasse a contar histórias ao meu respeito por ai.

— E por que não seria? — ela sabia a resposta, é claro, mas tentou soar um pouco desafiadora.

Foi então que ele fez algo que ela não esperava. Como se não bastassem todas aquelas

revelações...

O Caçador aproximou-se perigosamente, afastou um cacho do cabelo castanho, que o impedia de aproximar os lábios de seu ouvido, e sussurrou, com sua voz rouca e arrastada:

— Porque eu sou muito perigoso, Maryanne... Muito mais do que você imagina.

Maryanne sentiu-se estremecer. Porém, não soube dizer se fora pela forma íntima como ele a tocou, pela voz, pela resposta ou pela maneira como seu nome soou sensual vinda dos lábios dele. Mais do que isso, ele *sabia* seu nome; o que reforçava a teoria de que deveria saber muitas coisas sobre ela, exatamente como alegara.

Bem, não iria perguntar sobre aquilo ou acabaria fazendo papel de tola. Mais ainda.

— Então estou em perigo? — como ele não

se afastou, ela virou o rosto em sua direção, mantendo os olhos presos aos dele, tentando demonstrar que ele não a intimidava. Ainda bem que sabia disfarçar suas emoções muito bem.

— Você? — ele a olhou de cima a baixo, como se avaliasse um produto em um mercado. — Não. Eu seria incapaz de fazer qualquer mal a você... — porém, não foi exatamente isso que ela sentiu ao ouvi-lo falar. Ele poderia lhe fazer muito mal, com certeza. Poderia seduzi-la. Se é que já não estava conseguindo...

Da mesma forma abrupta como ele se aproximou para lhe fazer confidências ao pé do ouvido, ele se afastou, mas não porque parecesse querer fugir — não, ele não era do tipo que fugia... era do tipo que perseguia —, mas porque tinha algo mais sério a falar.

— Desculpe pela indiscrição, mas este papel

caiu do bolso de seu vestido quando desmaiou. Creio que seja algo importante...? — era um teste. Claro que ele sabia do que se tratava.

— Bem, se cometeu a indiscrição completa, já deve saber do que se trata.

Ele tinha o segundo bilhete do assassino nas mãos, aberto, não se acanhando em demonstrar que já o tinha lido e que o estava lendo novamente.

Havia uma expressão muito intensa eu seu rosto (ao menos na parte que ela conseguia ver). Cada vez que seus olhos percorriam o papel, absorvendo as palavras que Maryanne já sabia de cor, ela percebia que seu maxilar enrijecia e suas mãos se fechavam em punho, como se ele estivesse ansiando por deferir um golpe em alguém. Não havia dúvidas que isso tinha a ver com a mensagem, com a promessa de que haveria

mais uma morte, mais uma vítima.

— É outra charada. Meu pai ainda não a viu... — Maryanne interrompeu o momento de reflexão do homem à sua frente.

— Você mostrou para mais alguém?

— Não. Nem sequer tive tempo — respondeu, e ele pareceu mais aliviado. — Não sei se você já conseguiu interpretar, mas pelo que constatei ele irá cometer outro crime, em uma igreja, à meia-noite.

— Sim, foi o que compreendi. Mas desta vez ele não deu nenhuma pista de *quando* será, como fez anteriormente.

— Você leu o bilhete anterior? — surpresa, Maryanne levantou-se da cama, uma vez que já se sentia melhor de sua tontura.

— Claro que li. Seu pai me mostrou.

— E você não fez nada? Não é o famoso Caçador, tão temido por todos, o justiceiro mascarado? Se tinha o local e a data, por que não agiu? — perguntou com indignação.

Visivelmente contrariado e furioso, ele se aproximou novamente, levantando um dedo indicador, como se fosse lhe passar um sermão.

— Não me provoque, menina. Vai se arrepender.

— Deveria estar arrependido por não ter sequer tentado.

— E QUEM DISSE QUE EU NÃO TENTEI? — gritou. Sua voz ecoou pela pequena cabana como um trovão. — Eu fui até lá, esperei, de tocaia... Mas nada. Ele não a matou naquele cemitério, com certeza... apenas levou o corpo até lá.

Ele parecia estar se punindo exatamente

pela mesma coisa, por não ter sido capaz de salvar uma vida, ou ao menos evitar que outras pudessem ser tiradas.

E ao vê-lo um pouco mais vulnerável, com um semblante quase derrotado, Maryanne sentiu uma estranha coragem se apoderar de seu ser. Reunindo seus sentimentos mais audaciosos, e aproveitando que ele estava à uma distância muito pequena, ela esticou o braço, quase tocando seu rosto, e tentou arrancar sua máscara. Com um reflexo incrível, o Caçador agarrou sua mão direita e a levou para trás de sua cintura, prendendo-a. Insistente, Maryanne tentou fazer o mesmo com a mão esquerda, que acabou tento o mesmo destino.

Com as duas mãos presas atrás de suas próprias costas, Maryanne tornara-se refém daquele homem. Sabia que poderia estar em uma

situação perigosa, mas, de alguma forma, previa que a intenção não era machucá-la.

E essa premonição se tornou uma certeza quando viu que os olhos do Caçador, ardilosos como os de um lobo, por trás da máscara, estavam tão presos quanto suas mãos. Eles pareciam hipnotizados, fixos em seus lábios. Contudo, ele permanecia inerte, como se estudasse se aquilo era algo certo a se fazer. Enquanto isso, a expectativa de Maryanne fazia com que seu coração palpitasse muito rápido e sua respiração ficasse incerta.

Quando seus lábios baixaram até os dela, apenas tocando-os inicialmente, Maryanne jurou que derreteria em seus braços. No momento em que ele aprofundou o beijo, demonstrando paixão e uma certa urgência, soltou-lhe as mãos. Ela poderia correr, se quisesse, poderia empurrá-lo,

sair de seus braços — uma vez que ele não a estava segurando com força, exatamente para lhe mostrar que tinha a liberdade para se afastar —, mas nada disso passava por sua cabeça. Ela queria ser beijada. Tanto que envolveu seus ombros em um abraço delicado e deixou que ele explorasse seus lábios, da forma como ele bem entendesse.

Mas apenas isso não foi suficiente. Como o Caçador que era, ele tencionava aproveitar ao máximo de sua presa. Ainda mais quando ela era tão fascinante, delicada e saborosa. Seus lábios famintos e insaciáveis percorreram o caminho de seu pescoço, sentindo vontade de sorrir quando sentiu que ela estremecia e sua pele arrepiava com o contato. Ela era pura inocência, e ele sentia-se maravilhado.

Ao voltar para seus lábios, beijou-a mais uma vez se forma cálida, até que parou

abruptamente.

Maryanne sentiu-se suspirar quando ele a deixou. Foi como uma resposta de seu corpo à ausência que ele estava lhe causando. O beijo fora uma tormenta, como um cataclismo inesperado e devastador. Um veneno... Sim! Estava envenenada por um gosto agridoce inebriante. Aquela era a única explicação para a forma como estava se sentindo: tonta, desconcertada, desorientada... em chamas. Havia um incêndio em seu coração. E em seu corpo, é claro.

— Acho que é melhor que eu a envie para casa. — lá estava novamente o homem sério e sombrio que a recepcionara quando ela abriu os olhos, ao despertar de sua inconsciência. Mal parecia o sensual cavalheiro que a fizera estremecer em seus braços minutos antes.

— Sim. Por favor. — ela resolveu

acompanhá-lo em sua indiferença quanto ao que acabara de acontecer. Se não significara nada para ele, não significaria nada para ela também.

Com um meneio de cabeça, ele saiu de suas vistas, de cabeça baixa, como se estivesse arrependido de tê-la beijado.

E, de alguma forma, assim que saiu, levou o coração de Maryanne com ele. Ela mal sabia se o veria novamente ou se teria que se contentar com aquela lembrança fugaz.

Porque sabia que sua memória jamais apagaria aquele momento.

E enquanto pensava nisso, foi agarrada por trás, e um cheiro forte penetrou suas narinas. Foi, portanto, a última coisa que foi capaz de registrar antes de perder os sentidos.

***

Estava virando uma constância acordar completamente desorientada sem saber o que havia se passado nos últimos minutos — talvez horas. Daquela vez, contudo, despertava em casa, em sua própria cama, com seu pai a velar seu sono. E ele parecia extremamente preocupado. Mais do que isso... estava irritado.

— O que deu em você, Maryanne Lestrange? — ele jamais usara um tom de voz como aquele com ela. Envergonhada, ela abaixou a cabeça, sem saber o que dizer. — Poderia ter morrido. O que acha que aconteceria comigo se fosse chamado pela delegacia e encontrasse o *seu* cadáver em uma cena de crime? — sua intenção era assustá-la. E o sermão era mais que merecido. Ela realmente poderia estar morta àquela hora.

Não havia segundas chances para isso.

— Não tenho defesa, eu sei...

— Claro que não tem! Foi atrás de mim como uma gatuna... invadindo minha privacidade. Será que não passou pela sua cabeça que eu não queria que soubesse para onde estava indo? Se não fosse um segredo, eu teria lhe contado.

Maryanne engoliu em seco. Mais uma vez ele estava com a razão. Céus! Era um homem feito, sem compromissos... não devia satisfações a ninguém, muito menos a uma filha intrometida que não conseguia segurar a sua curiosidade.

— Quer saber, Maryanne? Ontem eu saí em uma missão para seu mais novo amigo. Ou pensa que não sei onde estava? Acabou caindo nas garras exatamente de quem lhe pedi para se afastar!

— Mas, papai... o senhor o conhece. Mostrou-lhe o bilhete encontrado junto ao corpo de Violet... deve confiar nele!

— Confiança é um presente, Maryanne! Não se dá a qualquer um. E eu, definitivamente, não confio nesse senhor. Somos parceiros. Cúmplices. Eu o ajudo a encontrar os homens desprezíveis que ele mata. Era isso que queria saber? — ele jogou as palavras como se fossem um dardo, pronto para atingir o alvo. Que era ela, é claro.

A garota respirou fundo. Claro que quando o Caçador lhe confidenciou que conhecia seu pai, ela deduziu do que se tratava, mas por um momento se permitiu o benefício da dúvida. Mas ouvir a confirmação vinda dele próprio era completamente diferente. Chegava a lhe dar calafrios.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas foi você mesmo quem o condenou quando li a notícia sobre ele no jornal.

— E de certa forma o condeno. Não concordo com as coisas que ele faz, mas não posso evitar. Sei que a maioria dos criminosos que ele... — hesitou — ...pune... jamais seriam sequer presos se deixássemos por conta da polícia — Lestrange fez mais uma pausa. — Não, Maryanne, não acho que o que ele faz é certo, mas confesso que o compreendo. E você deve saber porquê.

Claro que ela sabia. Tinha a ver com sua mãe. Sempre tinha.

— Quem ele é? — perguntou, sentindo-se ávida pela resposta. Mais do que queria saber quem era o temido Caçador de Sorenhill, um anti-herói que fazia justiça com as próprias mãos, ela queria saber quem era o homem por trás da máscara. O homem que a beijara.

PERIGOSAS ACHERON

— Não ouviu nada do que eu disse sobre confiança? Ele me confiou seu segredo, por que eu iria desapontá-lo?

— Porque ele me revelou que eram conhecidos... Ele traiu você também, de certa forma — disse ela, sem nenhuma segurança.

— Você está indo longe demais, Maryanne. Sua curiosidade ainda vai colocá-la de frente para o perigo. E não terá tanta sorte como desta vez.

Sem lhe dar tempo para falar mais qualquer coisa, Lestrange saiu do quarto da filha, fechando a porta, deixando-a sozinha com suas indagações, revoltas... e lembranças.

***

Dois dias depois do ocorrido, tudo parecia

tão distante para Maryanne que ela quase poderia jurar que se tratara de um sonho. O encontro com o Caçador, a briga com o pai... o beijo. Tudo parecia distorcido em sua mente, como parte de uma realidade alternativa.

Assim que levantou-se da cama e vestiu-se, foi à sala de jantar para tomar seu desjejum. Contudo, foi interrompida por um cochicho muito suspeito vindo da cozinha.

Sabia que suas criadas tinham uma especial predileção por fofocas e que, de alguma forma, sempre estavam atentas a qualquer coisa que acontecia na cidade e a todos os casos mais sensacionais de Sorenhill. Mas Maryanne sabia também que se aparecesse na frente delas naquele momento elas iriam se calar, por isso, usou mais uma vez de sua desinibida indiscrição e começou a ouvir sua conversa atrás da porta.

Elas falavam sobre outro ataque do caçador, acontecido na noite anterior. Pelo que elas diziam, a "vítima" da vez era um encrenqueiro da cidade, que gostava particularmente de arrumar confusões em bares, que na maioria das vezes acabavam em morte. Ele sentia prazer em matar, empunhando uma arma, que parecia ostentar como seu troféu particular. Desta última vez estivera tão bêbado que atirara ao léu e acertara o peito de uma garotinha de oito anos, matando-a na hora. Isso, é claro, foi suficiente para que o Caçador se interessasse por ele e o esfaqueasse mais de trinta e oito vezes, além dos usuais sinais de tortura e o xis marcado em seu ventre.

Maryanne estremeceu ao pensar na cena, mas não pôde deixar de sentir certo entusiasmo por saber que mais um criminoso estava fora de circulação. Que ele jamais mataria outra pessoa,

nem mesmo por um "acidente". E havia outro sentimento em seu coração também...

Durante as horas do dia anterior, tentara manter sua mente afastada *dele*. Tentara mostrar-se indiferente ao que tinha acontecido, fingir que não passara de uma audácia, que seria esquecida conforme novas lembranças surgissem. Mesmo as mais banais. Mas fora tudo em vão; apenas uma ilusão, uma falha tentativa de enganar a si mesma.

Por mais que tivesse sido capaz de afastá-lo de sua mente, quando ele insistia em surgir, naquele momento, ouvindo a menção do nome ridículo que criaram para ele, ela sentiu seu coração simplesmente parar.

Era estranho pensar que todos mencionavam seu apelido infame, mas que ninguém sabia de fato quem ele era. Bem, Maryanne também não sabia, não conhecia seu

nome, não fazia ideia de como era seu rosto por trás da máscara, mas sentia que compartilhava um segredo com ele. Ela não apenas o vira ou o tocara... mas o beijara, tornara-se sua por um breve momento de paixão. Aquilo era muito mais emocionante do que qualquer investigação da qual tivesse participado. Ao mesmo tempo era preocupante. Estava claro que encantara-se pelo homem sem nem nunca ter visto como era sua aparência. Ele poderia ter cicatrizes terríveis, uma parte do rosto deformada, ser coberto por verrugas... mas nada disso parecia importar. Em sua mente ele era apenas uma alma atormentada, um cavaleiro da noite, fazendo justiça com as próprias mãos.

Por vários momentos vira-se tentando decifrá-lo, mesmo sem sequer saber nada sobre ele ou sua vida. Criara muitas teorias sobre seu

comportamento, sobre suas atitudes e a violência que existia em sua alma. Acreditava que sofrera algum trauma no passado que o levara para um caminho de sombras, com passagem só de ida.

Sabendo de tudo isso — ou ao menos especulando —, Maryanne sentia-se no dever de salvar aquele homem de si mesmo. Não que o condenasse por seus atos extremos, mas acreditava que poderia ajudá-lo... ser algo que ela podia jurar que ele não possuía: uma amiga.

Sem nem terminar de ouvir o resto da conversa, saiu da cozinha e foi em direção à sala. Sabia que seu pai estaria ao sofá, lendo o jornal, e precisava falar com ele.

— Bom dia, papai — cumprimentou com cautela, pois imaginava que ele ainda estava chateado por causa da noite em que ela desapareceu.

— Bom dia, Maryanne — ele retribuiu, sem sequer olhá-la nos olhos, não parando de ler o jornal.

— Alguma notícia interessante? — disfarçou.

— Maryanne, não precisa disfarçar. Imagino que já tenha ficado sabendo que o Caçador atacou de novo. Então, faça logo a sua pergunta.

Ela respirou fundo. Tinha a consciência de que o que tinha a indagar não era exatamente algo simples. E também que depois de todas as coisas que tinham acontecido nos últimos dias não andava em alta conta com o pai.

Mesmo sabendo de tudo isso, atreveu-se a jogar a pergunta em seu colo, como um presente de grego.

— Gostaria de trabalhar também com o

Caçador. Poderia falar com ele sobre isso?

Por um breve momento, Joseph Lestrange parou, precisando absorver a informação. Ele desviou os olhos do jornal, fixando-os em um ponto aleatório no chão. Parecia paralisado, confuso e, claro, aborrecido. Era como se procurasse a melhor forma de respondê-la para que ficasse bem claro, de uma vez por todas.

— Em que momento você imaginou que essa seria uma boa ideia? — cada palavra foi proferida de forma pausada, quase como parte de uma tortura, simplesmente porque Lestrange estava fazendo um esforço enorme para se manter calmo e não alterar o tom de voz com a filha. A impaciência crescia.

— E por que não seria? De uma certa forma eu já o conheço, já conversamos... e, além disso, ele pareceu bem impressionado quando eu lhe

mostrei meus conhecimentos sobre o caso.

— Conhecimentos esses, por sinal, que compartilhou com ele, mas não comigo. O que deu em você para roubar uma evidência de uma cena de crime? — Lestrange referia-se ao bilhete.

— Ah, então o senhor se encontrou com ele ontem! — falou com um sorriso no rosto, controlando a imensa vontade de perguntar se em algum momento o nome dela tinha surgido na conversa.

— Isso não vem ao caso, Maryanne. Responda a minha pergunta...

— Ora, papai... não pode me julgar! O senhor fez o mesmo. O primeiro bilhete, encontrado com Violet, o senhor trouxe para casa, mas eu sei que ele deveria ter sido entregue à polícia.

Era demais. Lestrange podia jurar que aquela menina ainda iria lhe matar do coração.

Ela estava certa. Ele fizera algo muito errado ao coletar uma evidência para si; no entanto, sabia que a polícia não saberia usá-la de forma correta, então, não quis desperdiçá-la. E Maryanne fez o mesmo. Não era a toa que eram tão parecidos, porém, não podia dar o braço a torcer. Não em uma situação como aquela que envolvia a segurança de sua única filha.

— Apesar de não estar trabalhando na delegacia, eu ainda sou um policial. Tenho total aval para pegar a informação que quiser. Eu estou *oficialmente* dentro do caso. Você, não — fez uma pausa e baixou o tom de voz, pois sabia que o que iria dizer era muito grave e poderia feri-la. — Arrependo-me do dia em que envolvi você nisso tudo.

Maryanne entendeu completamente o que ele queria dizer. Ele se referia ao momento em que deixara escapar informações do primeiro caso que ela lhe ajudara a resolver... no momento em que aceitara sua ajuda. Ela sentia-se capaz de suportar qualquer coisa que ele pudesse dizer; que a chamasse de insolente, de fardo, de mal criada... mas nunca que ele dissesse tal coisa. Reconhecia o quanto fora fundamental na maioria das vezes em que ele permitira que ajudasse, que ele sentia orgulho cada vez que chegavam juntos a uma conclusão.

Lutando contra as lágrimas que estavam prestes a se libertar de seus olhos, ela levantou a cabeça, conservando seu orgulho, e olhou-o fundo nos olhos.

— Sabe que está sendo injusto e que ainda vai ter que engolir essas palavras um dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fale assim comigo, menina! — sentindo-se um pouco perdido, com a cabeça confusa, e sabendo que tinha atingido um ponto fraco da filha que tanto amava, ele alterou-se, porém, sua expressão estava assustada.

— Também não deveria ter falado comigo de forma tão cruel. Não mereço isso — finalmente desistiu da luta e começou a chorar. — Só lamento informar que não vai conseguir me afastar desse caso. E muito provavelmente de nenhum outro. Sei muito bem a quem pedir ajuda.

Ela virou as costas para o pai, pronta para sair de casa e fazer o que tinha em mente. Lestrange já sabia o que era. E isso o apavorava.

— Maryanne... — segurou o braço da filha. — Por favor, me perdoe. Eu não quis dizer...

— Quis sim. Palavras não são como um acidente inevitável. Podemos pensar antes de dizê-

las. Até porque elas são irreversíveis. Não há como arrancá-las, principalmente quando partem um coração — ela fez um pausa. — E o senhor partiu o meu. Não tente me impedir de seguir meu caminho. Ou poderá ser pior.

Com isso ela saiu, arrancando o braço das mãos do pai, desejando poder arrancar também o coração de seu peito. Talvez assim ele parasse de doer imensamente.

***

Era a primeira vez que saía de casa depois do dia em que fora seguida por um perseguidor invisível. E salva por um herói sombrio.

A sensação era estranha. Por mais que fosse dia claro e não estivesse em uma rua deserta,

podia quase sentir o pânico e a adrenalina começando a se manifestar em suas veias. Eram as lembranças do medo que assolavam sua mente. Mal lembrava o caminho que tomara naquele dia, enquanto perseguia seu pai, mas sentia que era uma boa pista para encontrar o Caçador. Ele estivera por perto, o que significava que seu esconderijo não deveria ficar muito longe do local onde ele a encontrara. Então era para lá que deveria ir.

Começou a caminhar sem rumo, tentando recordar-se de algum detalhe do que vira naquele dia. Contudo, sua mente estivera um pouco afetada pelas sensações horríveis daquela noite, e tudo parecia diferente, por mais que se recordasse de alguns detalhes, cores ou ambientes.

Foi mais ou menos uma hora caminhando. Em vão. Precisou admitir para si mesma que estava

novamente perdida, confusa e começando a ficar irritada. Por mais que estivesse focada em seu objetivo, as palavras amaldiçoadas de seu pai ainda estavam presas em seus pensamentos, pregadas como em uma cruz de ferro.

Aproveitando que estava sozinha, deu-se o direito de chorar. Esperava que o sal de suas lágrimas penetrasse em suas feridas emocionais e a tornasse mais forte. Não era mais uma menina para crer em contos de fadas. Quem sabe também, essas mesmas lágrimas lavassem toda sua mágoa e os sentimentos terríveis que se apoderavam de sua alma naquele momento.

Foi então que ouviu seu nome. A princípio pensou se tratar de uma ilusão, mas logo ouviu novamente e também passos de alguém que parecia estar correndo em sua direção. Amaldiçoando quem quer que fosse, ela limpou

suas lágrimas e virou-se para ver quem era.

E arrependeu-se no mesmo momento por tê-lo feito. Era Darren Carmichael, o duque de Wallfair. A última pessoa que ela desejaria ver naquele momento.

— Senhorita Lestrange... — ele repetiu seu nome assim que a alcançou. Ela mal conseguia compreender todo aquele esforço que fizera para falar com ela se sempre era tão desagradável com ele. E pretendia continuar sendo. Porém, qualquer coisa que ele pretendia falar foi esquecida quando ele reparou em seus olhos vermelhos e inchados de um choro muito intenso. Em qualquer outra ocasião, com qualquer outra pessoa, Darren não seria tão deselegante, mas ela parecia realmente sofrer. — Senhorita, está tudo bem? Alguém lhe causou algum mal? — perguntou preocupado.

— Não. Estou bem — respondeu sem se

alongar muito.

Darren queria perguntar por que ela estava chorando, mas não foi difícil perceber que não estava nem um pouco animada para contar-lhe os motivos de sua tristeza.

— Bem, desculpe por interromper sua caminhada, mas eu a vi de longe e pensei que poderia ser uma boa ideia acompanhá-la. Para podermos conversar — ele pediu de uma forma tão educada e gentil que fez com que Maryanne o estudasse um pouco, olhando-o de forma mais atenta.

Ele era bonito, rico, possuía um sobrenome nobre, posses... poderia ter a mulher que quisesse na ponta de seus dedos. Por que então insistia tanto nela, que sequer sentia vontade de estabelecer um diálogo com ele? Provavelmente ele tinha algum gosto por sadismo, pois não era

possível que insistisse tanto em alguém que visivelmente não o queria.

Ou talvez fosse exatamente isso. Talvez o duque estivesse encantado pelo desafio que ela representava. Talvez gostasse de conquistar, de lutar pelo que queria. Então ela iria agir de forma diferente.

— Sim, senhor. Aceito que me acompanhe. Estava mesmo um pouco perdida — e sorriu. Era um sorriso falso, ela tinha que admitir, mas pareceu deixá-lo muito animado. Tanto que lhe ofereceu um braço de forma galante e começou a conduzi-la.

— Para onde ia?

— Para casa. Já estava ficando cansada.

— Então acho que terá que me guiar, senhorita, pois não sei o caminho.

—Claro. Farei isso.

Outro sorriso. Estava começando a se acostumar.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, e tinha a impressão de que Darren não sabia exatamente o que dizer. E a verdade era que nem ela sabia. Qualquer coisa que dissesse poderia fazer com que interpretasse algo errado. Mas, para sua sorte, foi ele mesmo quem iniciou uma conversa.

— Está se sentindo melhor em relação à perda de sua amiga?

— Acho que sim. Perder uma pessoa é sempre muito difícil, mas o tempo cura tudo, não é mesmo? — virou o rosto na direção do dele, esperando sua resposta.

— Nem tudo — sua resposta veio depois de

um suspiro cansado, como se ele mesmo tivesse alguma ferida antiga que ainda não havia cicatrizado. Mas claro que ela não iria perguntar do que se tratava. — Eu soube também que outra moça foi encontrada morta...

— Ora, ora, *milorde*, finalmente está se sensibilizando com a morte de desconhecidos? — ironizou, pois simplesmente não conseguia se controlar.

— Não. Estou apenas comentando um fato — e lá estava o homem frio novamente. — Sou muito sincero, senhorita Lestrange, e tenho também muitas preocupações na cabeça, por isso, não vou ficar lamentando acontecimentos que não têm a ver comigo.

— Ou com o seu dinheiro, suponho...

— Não dou tanto valor assim para o dinheiro...

— Será mesmo? — Maryanne, visivelmente contrariada, soltou seu braço, que ainda estava entrelaçado ao do duque, e virou-se de frente para ele, parando no meio da rua. — Então o que tem valor para o senhor?

Darren pensou um pouco antes de responder.

— Hummmm... momentos...

— Ah? Momentos! — repetiu com escárnio.

— Sim. Nunca sabemos quanto tempo pode durar um momento. Muitas vezes ele é tão valioso que queremos que se eternize. O que nunca acontece. E é isso que o torna tão fascinante.

A forma como ele falou, cheio de paixão, também era fascinante. Darren tinha uma voz profunda, calma, quase sussurrante, que não poderia ser ignorada. Imaginava que a mulher que

viria a conquistá-lo adoraria passar horas e horas ouvindo-o falar ao pé do ouvido. Sem nem imaginar por que, Maryanne imaginou como soaria o seu nome em seus lábios, se algum dia ele abandonasse aquelas formalidades.

Ora, mas que tipo de pensamento era aquele? Só podia estar enlouquecendo! Com certeza a briga com o pai tinha afetado seus sentimentos de forma muito mais profunda do que ela imaginara a princípio. Estava carente, sensível, por isso, começava a imaginar coisas que não faziam o menor sentindo. O homem era um arrogante, insensível e não tinha absolutamente nenhuma compatibilidade com ela.

— Pois eu, *milorde*, dou valor a todas as formas de vida. E acredito realmente que apenas Deus tenha o direito de decidir qual é a hora certa para alguém partir. E qualquer homem

que não se importe com isso não tem coração — havia fúria em seus olhos. — Uma vida é mais importante que um momento... sem dúvida.

E lá foi ela novamente, caminhando rápido, com decisão, como se fosse mais nobre do que ele. E talvez ela realmente fosse. Pensando nisso, um sorriso malicioso brotou em seus lábios. Ainda teria aquela menina para si... de uma forma... ou de outra.

Capítulo Cinco

A cabeça estava a mil. Seus pensamentos não absorviam outro tema que não fosse Maryanne. A briga do dia anterior o deixara completamente desnorteado. Ela era tão impulsiva, tão destemida! Era difícil controlá-la, domá-la, mas nunca era complicado compreendê-la. Eram iguais em muitos sentidos. Pelo menos em todos os que importavam. E, por isso, mesmo quando jurava que poderia perder completamente a paciência com ela, enchia-se de amor.

Sabia que ela ainda estava dormindo quando saíra de casa, e que quando acordasse ficaria andando de um lado para o outro para saber onde ele tinha ido, já desconfiando que tinha algo a ver com seu trabalho. Pensar nisso fez surgir um sorriso em seu rosto. Era inquieta como

uma flor balançando ao sabor do vento. Mas ele tinha medo que ela perdesse as pétalas, uma a uma, que sofresse; que alguém fosse covarde o suficiente para esmigalhar seus sentimentos sem o menor remorso.

Exatamente como ele fizera...

Ninguém amava Maryanne no mundo mais do que ele. E mesmo assim fora capaz de uma imensa crueldade, desdenhando de sua inestimável ajuda, e fazendo questão de lhe dizer isso sem sequer se preocupar com seu coração. Vira em seu rosto uma imensa mágoa, além de uma surpresa. Ela poderia esperar algo tão cruel vindo de qualquer outra pessoa, mas não do homem que era seu porto seguro, seu melhor amigo, seu confidente...

E Joseph se odiava por isso. Odiava-se por ser quem a ferira. Mas jurava que iria compensá-

la. Nem que precisasse mover o mundo inteiro para fazê-lo.

Mas naquele instante precisava se concentrar, pois a morte esperava por ele novamente. E mais uma vez Maryanne estivera correta, pois fora chamado pelo chefe de polícia a uma igreja. Mais precisamente à Catedral de Sorenhill. Um cenário perfeitamente mórbido e gótico para seu intento.

Aquele era um lugar sagrado, um templo de promessas, pedidos e agradecimentos. Contudo, naquela manhã, tornara-se também um templo de sangue, medo... um local mal assombrado. Lestrange podia sentir a atmosfera pesada, os fantasmas a rondá-lo. No entanto, não se tratava do fantasma da moça morta, cujo corpo encontrava-se estirado no altar, como uma oferenda em um sacrifício. Os fantasmas de Joseph

pertenciam a ele mesmo. Eram seus pensamentos obscuros e perseguidores, que teimavam em surgir. Toda vez que ele encarava a morte tão de perto era como se ela conversasse com ele, como se risse em sua cara, debochando de sua inutilidade. Ela fora mais rápida, mais precisa, quando decidiu levar sua esposa para si, raptando-a da vida, levando-a para baixo da terra. Ele sabia que a morte gostava de brincar com ele, por isso, ele lutava contra ela todos os dias... muitas vezes em vão, mas cada vez que colocava um assassino na cadeia, sentia-se vingado. Embora nunca tivesse sido capaz de vingar a morte de Berenice, sua esposa.

Bem, não era hora para lamentações; era hora de trabalho. Mais uma alma esperava por redenção.

A vítima desta vez era novamente uma

mocinha jovem, que ele conhecia. Chamava-se Mina Worno e era criada na casa de Darren Carmichael. Sua mãe trabalhava na casa do duque de Wallfair há mais de vinte anos, era uma fiel escudeira da família, uma mulher honesta e trabalhadora, que sofreria imensamente pela morte da filha, ainda mais acontecendo de uma forma tão terrível.

Lestrange estava calado, analisando cada detalhe do cadáver com cautela, andando de um lado para o outro. Ele era comedido, falava apenas quando tinha certeza e quando se tratava de uma informação extremamente relevante. Gostava de manter alguns pensamentos para si.

— Vamos ter que chamar sua filha, Lestrange, para sabermos mais sobre o assassinato? — debochou o chefe de polícia. Ele e Joseph nunca tinham se dado muito bem

enquanto trabalharam juntos, pois a vontade de Timothy sempre foi ocupar o lugar do colega. E finalmente conseguiu, após a morte de Berenice.

— Bem, levando em consideração que você é o chefe de polícia, deveria estar mais bem informado do que eu... — rebateu. Com aquela resposta, Timothy mal teve reação. A família Lestrange era conhecida por ter uma língua afiada, e ele experimentara finalmente do veneno. — Mas posso dizer que, da mesma forma como aconteceu com a vítima anterior, trocaram seu vestido. Se reparar bem, é o mesmo modelo em todas as três. Posso também afirmar que há marcas de violência e uma mordida em seu pescoço. Acredito que ele tenha tocado essa moça sexualmente, e talvez tenha feito o mesmo com as outras. Mas não há muitas novidades.

Não havia novidades que ele *pudesse*

compartilhar. Porém, em seu bolso, havia um papel muito valioso que não pretendia mostrar para seu colega arrogante. Algo que ele analisaria quando chegasse em casa, com a ajuda de Maryanne.

— Lestrange, você acha que há alguma chance de estes crimes também terem sido cometidos pelo Caçador? — assim que Timothy mencionou o apelido do homem a quem Joseph ajudava, ele sentiu um frio na barriga. Sempre soube que o nome de seu parceiro seria mencionado, algum dia, de alguma forma, pela polícia.

— Não acredito que haja qualquer ligação. O Caçador mata criminosos, além disso, ele deixa sempre uma marca em suas vítimas.

— Ora, Lestrange, não seria a primeira vez que um assassino mudaria seu padrão para

confundir a polícia. O homem tem gosto por sangue, por violência... acha mesmo que ele tem alguma moral por trás daquela máscara? Que ele mata por justiça? Que tipo de justiça é essa?

— A justiça que a polícia muitas vezes não faz.

Ao ouvir a resposta mal criada de Lestrange, Timothy fez menção de se aproximar dele, pronto para uma retaliação. Mas parou a tempo de repensar na besteira que estava prestes a fazer.

— Não vou permitir que fale comigo desta forma, Lestrange. Exijo respeito.

— Sim, e eu o respeito. Até mais do que merece. Mas acredito que a recíproca deveria ser verdadeira. E não estou sendo tratado da forma como mereço pela ajuda que ofereço nos trabalhos que deveriam ser seus — ao dizer isso, Lestrange colocou seu chapéu e preparou-se para

se retirar. — Passar bem, meu caro colega.

Tudo que ele queria era sair dali o mais rápido possível e ir para casa. Primeiro de tudo porque queria se redimir com Maryanne. Em segundo lugar porque queria mostrar-lhe o bilhete, antes de qualquer outra pessoa. Acreditava que se fizesse isso provaria para ela o quanto estava arrependido e que suas palavras tinham sido ditas da boca para fora. Ela era extremamente essencial para ele, em todos os sentidos.

E foi exatamente o que ele decidiu demonstrar assim que chegou em casa.

Ela ainda estava em seu quarto, deitada na cama, parecendo muito pensativa. Ele seria capaz de pagar uma fortuna para saber o que se passava naquela cabecinha. Porém, no momento seguinte, começou a pensar que haveria outra forma mais

útil de gastar sua fortuna, caso tivesse uma, e caso pudesse usá-la para realizar um desejo momentâneo. Se pudesse, faria qualquer coisa para modificar aquele olhar triste que ela lhe dirigiu assim que percebeu que ele estava ali.

Mas tinha quase certeza que conseguiria resolver aquele problema, assim que falasse com ela sobre o bilhete.

— Maryanne, gostaria de conversar com você.

— Mais algum sermão, papai? Se for, me desculpe, mas não estou disposta a ouvir.

Ele respirou fundo, tentando relevar a insolência.

— Não. Não quero mais brigar com você. Quero sua ajuda.

Ouvindo a frase mágica, que soava como

um Abracadabra para ela, Maryanne levantou de um só pulo e se aproximou do pai.

— Ajuda? Em quê? — ela já imaginava o que ele queria, mas precisava constatar.

— No caso, Maryanne. Mais uma vítima surgiu — ele falou, e os olhos dela se arregalaram, de forma desesperada.

— Quem foi?

— Mina Wrimo. Não acho que você tenha chegado a conhecê-la. Ela trabalha na mansão do duque de Wallfair.

— Ah, meu Deus! — Maryanne levou a mão à boca, em uma reação de susto. — E foi como eu disse? Na igreja?

— Sim. Exatamente como você disse — Lestrange colocou a mão no bolso e de lá retirou um pedaço de papel, exatamente igual aos outros.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encontrei outro bilhete junto ao cadáver. Trouxe para que possamos vê-lo juntos.

Joseph pensou que a filha iria abusar um pouco de seu orgulho e mencionar a discussão sobre aquele exato assunto, mas ela sequer hesitou. Parecia ter medo que ele mudasse de ideia, por isso, começou a prestar total atenção nele, parecendo ansiosa por ajudar.

Os dois leram o bilhete juntos. Tratava-se de mais uma charada, composta por uma frase de Edgar Allan Poe e um complemento pessoal do assassino:

"Então o lince veio deitar-se aos pés do demônio, olhando-o fixamente nas pupilas..."

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os pecados do demônio são feitos de carne...

... E o belo sangue jorra de uma ferida de luxúria...

duas horas antes da alvorada, em três dias.

Daquela vez, Maryanne tomou ainda mais cuidado com sua análise do papel. Estava mais do que na hora de tudo aquilo acabar. Muito sangue já tinha sido derramado, muitas vidas inocentes já tinham sido ceifadas. Aquilo estava se tornando um jogo de gato e rato. E Maryanne sabia muito bem quem poderia acabar com aquilo. Quem poderia fazer *justiça*.

— Eu já decifrei o enigma — anunciou, muito séria.

— Que bom, minha filha! E o que ele diz?

— Eu vou dizer... mas o senhor vai ter que me levar ao esconderijo do Caçador.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não pode estar no seu juízo perfeito, menina. Eu já disse que é melhor que fique longe desse homem. Ele é perigoso.

— Perigoso? Por quê? Eu estive com ele, sozinha, e não me fez nenhum mal. Não acha que teve a oportunidade perfeita? — desafiou.

— Mas não é sobre isso que estou falando, Maryanne! A polícia está à procura dele. Timothy está inclusive suspeitando que ele é o autor desses crimes também — alterou o tom de voz, parecendo extremamente nervoso.

— Isso é ridículo! Ele só mata criminosos... — Maryanne pôs-se de pé e começou a caminhar de um lado para o outro.

— Mas isso também faz dele um criminoso, minha filha. Não muda o fato de que ele tira vidas...

— Vidas que nem mereciam existir. Vidas que simplesmente não fazem falta no mundo.

— O que não importa para a lei. Ele é visto como um foragido. Por isso que não quero que se torne cúmplice — falou com mais calma, quase em uma súplica.

— Estou decidida, papai. Ou o senhor me leva para falar com ele, ou não vai saber o que está escrito nas entrelinhas deste bilhete.

Ela não era dada a chantagens. Pelo contrário; costumava abominar quem as fazia, porém, naquele momento, era sua única arma.

Não sabia exatamente porque queria tanto ver aquele homem. Tentava enganar a si mesma imaginando que se tratava apenas de um interesse profissional. Queria que ele pegasse aquele assassino, que o destruísse sem nenhuma piedade. Apesar de confiar na competência de seu pai, ela

sabia que ele andava cansado, um pouco fora de forma, por isso, precisava de ajuda.

Mas era mais do que isso... ela precisava vê-lo. Cada vez que pensava na noite em que ele a encontrara — e a salvara de alguém que ela nem sabia quem era — começava a pensar que tudo não passara de um sonho. Todas as imagens que estiveram gravadas em sua mente pareciam tornar-se cada vez mais turvas, como se começassem lentamente a desaparecer em brumas de pensamentos; como se a chegada de novas lembranças fizesse com que as antigas se tornassem uma fumaça escura... Por tudo isso, Maryanne sabia que era imperativo que o encontrasse novamente, nem que fosse para saber o que realmente estava sentido.

— Não vou mudar de ideia, papai. Por isso acho melhor pensar com cautela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teria coragem de brincar com a vida de uma pessoa por um capricho? Nunca pensei que fosse egoísta.

Ao ouvir aquela frase, Maryanne engoliu em seco. Era bem verdade que sua atitude era absurdamente egoísta, mas não pretendia desistir.

— Está nas suas mãos, papai.

Joseph sentia-se encurralado, jogado contra a parede como um criminoso em um interrogatório. Com as mãos na cabeça, caminhando ao redor da sala, tentava encontrar uma forma de sair daquela enrascada, mas sem dizer qualquer coisa que pudesse magoá-la novamente. Conhecia-a muito bem e tinha certeza que ela não desistiria daquela ideia. Não havia saída.

— Você venceu, Maryanne. Vamos, vou levá-la até ele.

PERIGOSAS ACHERON

Ouvir aquelas palavras foi como música para o ouvido da moça. Ela nem precisou de mais qualquer estímulo; em um minuto já tinha um casaco, uma sombrinha e uma bolsa em sua mão. Estava pronta.

***

O dia ainda estava claro lá fora. Era estranho vestir aquela máscara àquela hora, ainda mais a pedido de Joseph Lestrange. Não fazia ideia do que o homem poderia querer com ele. Ainda mais pedindo que ele estivesse "preparado", que significava estar devidamente disfarçado.

Quando recebeu o recado, vindo de um criado de seu parceiro, podia jurar que não estava preparado para a surpresa. E quando olhou pela

janela, para esperá-lo, viu que o ex-inspetor não vinha só. Trazia um anjo a seu lado. Caminhavam lado a lado, e o Caçador podia sentir a expectativa traçada no rosto dela.

Era uma visão agradável, no entanto, ainda assim uma inconsequência. Que precisava ser repreendida.

— Que diabos deu na sua cabeça para trazê-la aqui? — o Caçador vociferou, começando a falar no exato momento em que abriu a porta para recebê-los.

— Ela vai nos ajudar.

— Não. Ela vai nos *atrapalhar*! Acho melhor levá-la de volta.

— Ei, você poderia ao menos me dar uma chance, não é? Já sabe que sou plenamente capaz de participar da investigação — indignada,

Maryanne não desistiu. — E, de mais a mais, fique sabendo que não vou embora — sentou-se na cama, em uma atitude de pura teimosia.

— Não ouse me desafiar, menina — ele se aproximou, com fúria nos olhos.

— E não ouse diminuir meu mérito. Talvez eu seja melhor nisso do que vocês dos juntos — ousada, ela não desviou o olhar e ainda teve coragem de levantar o dedo em sua direção. Porém, ele agarrou esse dedo com certa ira.

Qualquer um que visse a cena poderia jurar que aquele homem sombrio estava prestes a quebrar o dedo pequeno e delicado da moça, com sua mão enorme e grosseira. Mas ela não parecia pronta para vacilar. Permanecia com a mesma expressão altiva e decidida. E foi exatamente isso que convenceu e acalmou o Caçador. Ela era visivelmente corajosa e o tratava de igual para

igual. Uma adversária à altura.

— Vou lhe dar uma chance de ficar. Diga o que veio fazer aqui.

— Eu encon... — Lestrange começou a explicar.

— Lestrange, quero que ela fale. Acho que a língua dela é suficientemente afiada e grande para falar por si mesma — o mascarado interrompeu Joseph e depois dirigiu-se para a garota. — Vamos, Maryanne! Faça meu tempo valer a pena.

Antes de começar a falar, ela precisou respirar profundamente para obter um pouco de paciência. O homem era arrogante, grosseiro e implicante. Mas por que então ela sentia o coração bater mais forte todas as vezes que se via perto dele?

— Meu pai foi chamado para analisar outro

corpo, vítima do mesmo assassino. Acabou encontrando mais um bilhete.

— E o que dizia? — impaciente, ele indagou.

Maryanne não respondeu, achou melhor que ele mesmo lesse a mensagem e tirasse suas próprias conclusões antes que ela compartilhasse as suas.

— Qual a sua teoria, menina?

— Ele vai matar uma prostituta daqui a três dias.

— Muito bem, e o que mais? — com um meio sorriso no rosto, ele questionou.

— Bem, a julgar que a alvorada inicia mais ou menos às seis da manhã, eu acredito que o assassinato ocorra às quatro — concluiu ela, mas parecia ter algo mais a dizer.

— Bom! Mas não chega a ser

impressionante — falou, apenas para provocar. Aquilo já era suficiente para que ele ficasse impressionado.

— Não é só isso. Cheire o papel...

— O quê?

— Cheire o papel — ela disse em um tom de ordem. Depois de hesitar um pouco, ele fez o que ela falou.

Ele não podia negar que havia um forte cheiro impregnado no pedaço de folha. Aquilo poderia não ser nada, estar longe de se tratar de uma pista relevante para o caso, mas, ao mesmo tempo, poderia ser tudo.

— Tabaco?

— Sim. E puro.

Lestrange, que até então tinha se mantido calado, apenas fazendo algumas anotações,

retirou o papel da mão do Caçador e imitou-os. Também identificou o cheiro como sendo de tabaco.

— Podem me dar um papel e uma caneta? — pediu Maryanne. Seu pai, que segurava um bloco de notas, entregou-lhe o que ela solicitou, e a moça sentou-se à pequena e gasta mesa de jantar que estava à sua frente. Imediatamente começou a traçar um diagrama. Os dois aproximaram-se; seu pai sentou-se ao seu lado, mas o mascarado preferiu ficar de pé. — Vejam... aqui são todas as informações que temos dele.

Maryanne, portanto, apontou suas anotações. No papel ela tinha escrito: Gosto por Edgar Allan Poe, Charutos. Depois, do outro lado, anotou o nome de todas as vítimas e suas peculiaridades, como idade, profissão — quando possuíam uma — e condição social. Com isso,

chegaram à conclusão que o único critério que ele seguia era gostar de assassinar moças mais jovens.

— Há mais um detalhe: essa terceira vítima também estava vestida com o mesmo modelo de vestido que as outras; e, da mesma forma, não parecia pertencer a ela — Lestrange acrescentou.

— Eu tenho a impressão de já ter visto aquele vestido em algum lugar — Maryanne, pensativa, revelou.

— Tente se lembrar, Maryanne! É muito importante! — o Caçador falou, apoiando-se na mesa, colocando-se perigosamente perto dela.

— Não consigo! Passei dias com uma meia lembrança na mente, mas não passou disso. Quase consigo me lembrar de uma cena... mas não está completa. Ela se mostra confusa, retalhada.

— Vai se lembrar... — Lestrange falou com

calma, acariciando a mão da filha com calma.

O carinho entre pai e filha enterneceu o coração do mascarado, mas, mais ainda, a forma como a garota sorria para o pai, livre de qualquer desconfiança — diferente de como sorria para ele —, deixava-a iluminada.

Mas não podia pensar em tais coisas. Havia muito mais a se resolver naquele momento do que observar uma menina linda sorrir. Por isso, tomou o papel da mão de Maryanne e finalmente sentou-se na única cadeira restante.

— Tem mais uma coisa que esquecemos! — ele começou a traçar algumas linhas e quadrados, escrevendo também algumas palavras. — Será que há alguma conexão entre os locais onde ele deixa os corpos?

Era uma dúvida que fazia muito sentido. Rapidamente, o Caçador foi criando um diagrama

com os locais mencionados: A primeira vítima fora encontrada dentro do clube, onde os homens com posses jogavam pôquer, bebiam até ficarem tontos e fumavam charutos; o segundo cadáver fora deixado no cemitério, um local mórbido, onde a morte se mostrava em abundância. Já a terceira moça assassinada estava em uma igreja, na Catedral de Sorenhill.

Todos tentaram encontrar alguma ligação entre os três locais, que poderia ser crucial para descobrirem onde o quarto corpo seria encontrado. Com sorte, poderiam descobrir o local e pegar o assassino no flagra, vulnerável, tomado pelo excitamento de ter matado novamente. Dessa forma ele seria uma presa fácil para o Caçador, que estava sedento de ódio e ansiando por aquele encontro.

E foi exatamente o Caçador que chegou a

uma conclusão. Levantando-se abruptamente, foi até um pequeno armário e de lá retirou um mapa. Com pressa, abriu-o sobre a mesa e começou a marcar os locais onde os corpos foram encontrados com um círculo. Depois começou a unir estas esferas com linhas, e percebeu que formavam uma linha reta. Além disso, eles tinham a exata distância de quatro quilômetros entre si. Que foi o que ele escreveu sobre as linhas desenhadas.

— Perfeito! Temos a hora, o dia e podemos descobrir o local... — Lestrange comemorou.

— Se eu estiver certo, a moça será encontrada nesta taberna. — ele bateu com o dedo sobre a indicação do mapa.

— Mas isso é uma chance de pegarmos o assassino, não de salvá-la — Maryanne comentou, triste.

— Mas se o pegarmos, não haverá outra morte... — o Caçador falou com suavidade, comovido pela preocupação da moça.

— Eu sei disso. Mas seria como se não nos importássemos com ela. Como se a usássemos como isca, como um sacrifício — fez uma pausa. — Sei que estou sendo tola, mas...

— Não, não está. Concordo que qualquer vida importa, e se eu tivesse uma única pista de onde esse homem realiza seus crimes, eu iria até lá neste exato momento e acabaria com ele, antes que fizesse mal à moça. Mas nem tudo é justo.

Ele falou com paixão, fazendo com que Maryanne acreditasse em todas as palavras que ele dissera. Foi naquele momento, portanto, que ele ganhou seu coração.

— Mais uma coisa. Lestrange, você tem acesso aos interrogatórios feitos pela polícia? — o

mascarado perguntou.

— Sim. Mas não sei se eles serão de muita utilidade. Sabe bem a competência da polícia da cidade.

—Sei. Ainda bem que eles têm você — era um elogio raro, mas que Joseph saberia apreciar.

— Vou trazer os relatórios amanhã de manhã para você.

— Obrigado — disse, e virou-se para Maryanne. — Você é muito boa nisso, menina. Deveria trabalhar conosco.

— Estou esperando um convite... — brincou ela, e o Caçador riu. Lestrange, não, é claro.

— Acho que é melhor que voltem para casa. Está tarde... — aquilo soou como uma ordem, e Lestrange logo se levantou de onde estava sentado, colocando a mão no ombro da filha, que

pareceu não estar muito tentada a se levantar e ir embora.

Maryanne olhava para o misterioso homem à sua frente, enquanto ele fazia o mesmo. Era como se estivessem estudando um ao outro, como se tentassem adivinhar o próximo passo que cada um daria. Era como uma dança, onde tentavam acompanhar os movimentos sem perder o ritmo.

Mas ela não pôde se demorar muito, pois seu pai já estava na porta a esperá-la, parecendo muito ansioso e não gostando da aproximação que estava se formando entre aqueles dois.

Após saírem do esconderijo do Caçador, ambos caminharam por alguns minutos, em total silêncio, e foi Joseph quem falou alguma coisa primeiro.

— Vamos tomar um chá? Quero conversar com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar de já saber que ouviria um sermão, ou conselhos que ela não estava disposta a acatar, Maryanne assentiu com a cabeça, afinal, estava mesmo precisando tomar alguma coisa doce para espairecer.

Chegaram rapidamente ao local, sentaram-se e fizeram seus pedidos.

Lestrange demorou um pouco para iniciar a conversa, e isso foi torturante para ela. Mas, quando começou, foi mais ou menos o assunto que ela já esperava.

— Querida, vou ser bem claro... pode ajudá-lo neste caso, mas é melhor se manter afastada depois — ele nem precisava especificar sobre quem estava falando, Maryanne já sabia. O problema era que ela não fazia ideia de como conseguiria se manter afastada.

— Papai, vamos deixar que as coisas

aconteçam, tudo bem? Não sabemos sequer quanto tempo este assassino irá levar para ser encontrado.

— Espero que seja logo...

— Sim, eu também. Não quero ter que me deparar com mais uma charada dessas. É como se elas fossem um símbolo da vitória dele, sabe? Como se tivéssemos perdido mais uma batalha.

— É verdade, Maryanne... você definiu muito bem. Isso é uma guerra entre a vida e a morte. Infelizmente nunca sabemos quem irá vencer

— O senhor acha que conhecemos este assassino? Que é alguém que frequenta as mesmas festas e os mesmos lugares que nós? — ela falou subitamente, como se pensasse alto.

— Não sei dizer, querida. Mas por que está

perguntando isso?

— Um pressentimento. Eu posso jurar que já vi aquele vestido antes...

— O que ele coloca nas moças para montar a cena do crime?

— Sim. Esse mesmo.

— Há mais uma coisa estranha neste último cadáver. Ela foi mordida no pescoço — revelou.

— Mordida? Papai, por que o senhor não disse isso ao Caçador? — exaltou-se ela, quase elevando o tom de voz, mas se conteve ao olhar ao seu redor e lembrar que estavam em um local público.

— Tem certas coisas que eu prefiro guardar para mim. Por pura preservação. Se algum dia ele for pego, não pode alegar que lhe contei tudo que sabia. E, além do mais, a informação não é assim

tão relevante. Acho que ele está abusando sexualmente das vítimas. De todas elas.

— O senhor realmente não confia no Caçador, não é mesmo?

— Ainda não sei. Mas acho que nem ele confia em si próprio — filosofou, olhando para o nada, mostrando-se muito pensativo.

Voltaram a ficar em silêncio e quase se sentiram aliviados por isso, afinal, não permaneceram sozinhos por muito tempo. Com toda sua elegância, beleza e prepotência, Darren Carmichael apareceu. Não havia ninguém — especialmente do sexo feminino — que não parasse para admirá-lo no mínimo duas vezes, praticamente conferindo se era mesmo um homem real ou uma miragem. Claro que Maryanne não era cega e podia muito bem perceber a beleza quase utópica daquele homem;

mas era exatamente ali que morava o perigo. Tudo que era belo demais escondia um lado obscuro.

— Ora, mas que surpresa agradável! — ele comentou sorridente ao se aproximar. Maryanne não entendia por que aquele homem sorria tanto.

Por um momento, nem Maryanne nem Joseph responderam nada. Lestrange olhava para ele com um semblante confuso, como se também se perguntasse o que ele estava fazendo ali, cumprimentando-os com tanto entusiasmo se não os conhecia de forma tão íntima. Ao menos era isso que a jovem pensava ao olhar para o pai.

— Ah... sim... boa tarde, *milorde*. — Lestrange finalmente cumprimentou, com o cenho franzido.

— Senhorita Lestrange... — o duque falou diretamente com ela, uma vez que ela não se deu ao trabalho de cumprimentá-lo. — É um prazer

revê-la.

— *Milorde*... — ela cumprimentou com a cabeça, sem sorrir. Para ela, aquele encontro não era um prazer.

— Foi bom encontrá-los por aqui, estava mesmo querendo falar com o senhor, Sr. Lestrange... — apesar de ter mencionado o nome de seu pai, Darren mantinha seus olhos presos em Maryanne.

— Claro. Tem algo a ver com a morte de sua criada? — sugeriu.

— Não, é um assunto mais pessoal.

— Suponho que tenha sido uma perda lastimável para o senhor, a morte da moça — Maryanne provocou.

— Bem, eu quase não a conhecia... mas sua mãe realmente ficou devastada — envergonhado,

ele respondeu sem muita emoção e percebeu que Maryanne se mostrou decepcionada, chegando a bufar de irritação.

— Gostaria de conversar com o senhor em particular, é possível? — o duque completou, parecendo muito sério.

— Ah, que gentileza! — Maryanne zombou. — Bem, a donzela vai voltar sozinha para casa para que possam conversar em paz — indignada, ela tomou o último gole de seu chá, pegou sua bolsa e levantou-se.

— Não precisa voltar sozinha. Posso me ausentar com seu pai por alguns minutos. Não pretendo demorar — Darren disse.

— Não se apresse. Estou cansada — ela disse. — Até breve, papai.

Sem olhar para trás, sustentando toda sua

raiva por aquele homem, Maryanne foi embora, sem nem saber que estava sendo observada por ambos.

Mas, exatamente como o duque dissera, a conversa demorou muito pouco, e logo Lestrange estava chegando em casa. Maryanne o esperava na sala de estar, tentando controlar sua ansiedade e curiosidade para descobrir o que, afinal, aquele homem poderia querer com seu pai.

No entanto, assim que ele entrou pela porta de sua casa, ela podia jurar que havia algo de irritadiço em sua expressão. Parecia confuso também, o que fez com que ela concluísse que a conversa não tinha sido muito favorável.

— Pode perguntar, Maryanne... sei que está agonizando de curiosidade para saber o teor de minha conversa com o duque de Wallfair — falou, enquanto se sentava em uma poltrona. Foi

naquele exato momento que Maryanne percebeu que ele nunca lhe parecera tão cansado.

— Bem, se o senhor já sabe que vou perguntar, vamos pular as formalidades. Tem minha total atenção...

— Tem certeza que quer ouvir? Diz respeito a você.

— A mim? Por acaso aquele almofadinha foi fazer alguma reclamação sobre meu comportamento para você? — o ódio de Maryanne era visível.

— Não. Pelo contrário. Ele veio me falar sobre suas intenções de cortejá-la. Parece que seu jeito irritadiço o conquistou — Lestrange sorria, mas a verdade era que parecia nervoso, tenso.

— O quê? — ela levantou-se, erguendo seu corpo lentamente, parecendo pronta para voar

sobre o primeiro que aparecesse. — Ele só pode ter ficado completamente louco. Eu o trato mal desde o primeiro momento em que nos vimos, tento fazer com que me odeie, e ele propõe casamento? — ela finalmente fez uma pausa e olhou para o pai, parecendo subitamente preocupada. — Papai, por favor, o senhor não permitiu, não é mesmo? Não vai me obrigar a casar com esse... com esse... Ah! Nem sei qual nome usar para me referir a ele sem perder a educação na frente do senhor.

— Fique calma, minha querida! Eu disse a ele que deveria perguntar a você; que eu jamais lhe imporia um casamento forçado.

Ao ouvir aquilo, Maryanne não pôde deixar de sorrir. Sabia que ter um pai como ele, que pensava de forma tão justa e avançada, era um presente. Além disso, precisava reconhecer que

andava agindo de forma muito insolente com uma pessoa que não merecia, que estava lhe dando dores de cabeça desnecessárias. Como estava tarde demais para mudar seus atos do passado, só lhe restava abraçá-lo com todo seu coração e tentar compensar as preocupações que lhe proporcionava com seu amor.

Capítulo Seis

— Maryanne, você tem visita. — Lestrange anunciou, na manhã seguinte, entrando na biblioteca.

Perceber que sua filha estivera com a mente completamente ausente durante o desjejum fora fácil. Era sempre ela quem puxava assunto, quem fazia perguntas que pareciam não ter fim, tentando sanar sua curiosidade latente. Naquela manhã, em contrapartida, parecia desatenta, com o olhar perdido e uma espécie de meio-sorriso no rosto. E, naquele exato instante, sentada no parapeito da imensa janela da biblioteca, parecia *sonhadora*.

Para qualquer moça de sua idade, aquela condição poderia ser considerada extremamente normal. Tinha noção que, para a maioria delas, a

razão de suas existências era se apaixonar, casar, ter filhos, formar uma família, e tudo isso, de preferência, com um homem rico e generoso. Mas ele conhecia o espírito indomável de sua menina. Conhecia cada entrelinha de sua alma, conhecia seus olhares, as expressões mais raras de seu rosto... E por conhecê-la mais do que ela mesma, poderia jurar que estava encantada com algo. Ou *alguém*. E era exatamente isso que o preocupava.

Por saber tudo sobre Maryanne, tinha plena noção do quanto ela se sentia atraída por tudo que era perigoso. Era fascinada por um mistério, por um enigma, e sabia que isso resumia plenamente a essência do Caçador. Se aquilo que ela mostrava em seus olhos não era o princípio de uma paixão, no mínimo significava uma espécie de encanto pelo mistério que ele representava. Toda aquela aura de segredo deveria ser muito sedutora para

ela. Maryanne não iria descansar enquanto não o decifrasse, não descobrisse sua identidade. Lestrange só esperava conseguir mantê-la longe o suficiente para que ela simplesmente o esquecesse.

Estava tão concentrada em seu próprio mundinho particular, que ainda demorou para perceber que não estava mais sozinha e que seu pai tinha lhe falado.

— Falou comigo, papai? — virou-se para ele finalmente, ainda sustentando um sorriso juvenil no rosto, sem nem se importar com o que ele iria pensar.

— Sim. Estava sonhando acordada?

— Um pouco — deu uma risadinha suspeita, porém, Lestrange preferiu não perguntar nada. Às vezes era melhor não saber. — O que disse, afinal?

— Chloe está à sua espera na sala. Ela parece muito ansiosa.

— Ah, sim... avise-lhe, por favor, que já irei descer.

Joseph Lestrange fez o que sua filha tinha lhe pedido e permaneceu por algum tempo conversando com a visita, para não deixá-la sozinha por mais tempo. Mas Maryanne não demorou muito tempo para aparecer. Assim, ele deixou as duas sozinhas.

Exatamente como ele tinha dito, Chloe parecia muito nervosa, torcendo as mãos, uma na outra, e, na hora de abraçar a amiga, ela o fez com mais força que o normal.

Quando ambas se sentaram, Chloe sequer esperou para começar a falar o assunto que a levara até ali.

— Vou me casar...

A informação fora jogada no colo de Maryanne, tão rápido que ela mal teve tempo de reagir. Sabia que sua amiga estava ansiosa pelo dia em que poderia se tornar senhora de alguém, mas, sinceramente, não esperava que esse dia chegaria tão rápido.

— Vai se casar? Mas... com quem? Quando? Como aconteceu? — parecia um interrogatório, mas a verdade era que Maryanne estava tão estupefata com a notícia que queria saber de todos os detalhes com urgência, antes que seu coração parasse de bater, de tão angustiado que ficara.

— Com Anthony Hathaway.

Não foi nenhuma surpresa, afinal. Anthony Hathaway era um homem relativamente jovem, de boa aparência, com uma incontável fortuna, vinda

de uma fábrica têxtil que sua família possuía há anos e que movimentava ativamente a economia da cidade. Era um partido excelente, e era fácil perceber que ele ficara interessado em Chloe quando a vira no último baile, onde Maryanne conheceu o infame Darren Carmichael.

— E você gosta dele?

A pergunta era crucial. Indelicada, mas crucial. Ao contrário do que acontecia com ela, Maryanne sabia que Chloe não tinha muita opinião quando o assunto em sua casa era casamento. Ela sempre soubera que seria seu pai a escolher seu futuro marido, embora tivesse certeza que ele não escolheria nenhum homem desprezível. E realmente ele tivera o cuidado de não escolher ninguém velho demais ou feio. Contudo, apesar da escolha ser boa, ela viu sua amiga levantar-se e começar a caminhar pela casa, mostrando toda

sua insegurança e nervosismo.

— Ora, Maryanne... como vou saber? Eu mal o conheço. Dançamos juntos algumas vezes no último baile, e ele me pareceu um homem agradável. Ao menos é bonito... não será muito difícil me apaixonar por ele. Você não concorda?

O que ela poderia responder? Estava em uma rua sem saída. Primeiro porque a pergunta foi proferida de uma forma tão desesperada que ela não teria a menor coragem de negar-lhe uma mentira piedosa, nem que fosse para acalmá-la. Além disso, o que Maryanne entendia de paixões? Reconhecia que o calor que sentia quando se encontrava com o misterioso Caçador e a forma como seu estômago se retorcia ao vê-lo eram sensações muito agradáveis. Não sabia exatamente o que aquilo significava, entretanto, por isso não poderia ser uma boa conselheira

naquele momento. Mas poderia ser uma boa amiga e tranquilizá-la. Afinal, Anthony Hathaway poderia se tornar um bom marido. Não poderia?

— Claro que concordo, querida. Se seu pai decidiu que ele é um bom marido para você, ele deve ter razão — e foi ai que ela cometeu o maior erro de todos.

— Ah, Maryanne... você jamais se comportaria de forma tão submissa. Por favor, não precisa mentir para mim. Eu não tenho escolha... minha reação ao fato será a mesma. Já aceitei, inclusive, ser cortejada por ele — uma lágrima discreta começou a rolar por seu rosto, e Maryanne teve vontade de abraçá-la, mas não o fez. Sabia que Chloe não desejaria sua piedade. — Vamos, eu não me importo se tiver que ser cruel comigo. O que você *realmente* acha?

Aquilo era um perigo. A verdade sempre era

perigosa, especialmente para Maryanne. Receber tal liberdade dava-lhe um poder que ela não queria obter, pois sabia que não tinha muitos limites. Aquela ali à sua frente era sua melhor amiga; a menina com quem brincara de bonecas quando ainda era uma criança. Desejava-lhe um lindo destino, além de um amor que pudesse fazê-la sonhar mesmo estando desperta. Por isso — e somente por isso —, saberia dosar suas palavras.

— Chloe, você sabe que eu jamais aceitaria me casar com um homem que eu sequer conheço. Mas isso é uma escolha minha. Eu sou a errada, a diferente em nossa sociedade. Pode ser que eu jamais venha a me casar por causa de meu comportamento difícil — Maryanne fez uma pausa, hesitando em continuar, pois sabia que o que diria a seguir causaria certo alvoroço. — Meu pai recebeu uma proposta de casamento para

mim. E eu recusei.

— Ah, meu Deus! E quem foi?

Era exatamente isso que ela temia.

— Darren Carmichael, o duque de Wallfair.

— Ah, meu Deus! — repetiu Chloe, em um tom de voz mais agudo, colocando a mão na boca, completamente extasiada. — Você... *recusou*? — acrescentou, parecendo surpresa, quase indignada.

— Recusei. Ele é um homem muito inconveniente.

— Inconveniente? Ele é um duque... — enfatizou o título de nobreza mencionado. — Além disso, é um homem belíssimo.

— Toda beleza que lhe sobra na aparência, lhe falta no coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maryanne! Vai acabar se tornando uma solteirona!

— Você já me falou isso algumas vezes... E eu sempre digo que não me importo. Mas você se importaria se acabasse se tornando uma, não é mesmo? — levantou uma sobrancelha, especialmente ao ver a expressão horrorizada de Chloe ao pensar naquela possibilidade. Não seria uma batalha muito difícil de vencer, afinal.

— Claro que me importaria. Seria um destino terrível!

— Então acho que será muito feliz com o Sr. Hathaway — Maryanne sorriu.

Chloe ouviu a frase com atenção, como se estudasse as duas possibilidades: casar-se com um homem que lhe era praticamente um estranho ou jamais se casar. No final das contas, ela pareceu estar convencida do que queria e sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas... a verdade, Maryanne, é que vim aqui por um outro motivo... Claro que contar sobre meu casamento era extremamente importante, principalmente porque o pedido que lhe farei é uma consequência disso... — quando ficava nervosa, Chloe falava um pouco demais. — Eu queria lhe pedir que me acompanhe esta tarde, quando Anthony vier me visitar pela primeira vez.

— Eu farei isso por você, é claro, minha amiga... Mas não seria melhor se tivessem seu primeiro encontro sozinhos? Será uma oportunidade para que possa conhecê-lo melhor.

— Por favor, Maryanne... eu estou apavorada. Não sei o que dizer, como me portar... Tenho medo de fazer algo errado e ele não gostar de mim. Imagine a vergonha que irei passar se ele desistir de me cortejar logo no primeiro encontro? Nenhum outro rapaz se interessará por mim... —

ela realmente parecia apavorada.

— Ele seria louco se não se apaixonasse perdidamente por você. Mas estarei lá. Quando será?

— Hoje, às duas da tarde — respondeu, parecendo mais animada. — Ah, minha amiga... obrigada! Estou mais tranquila — Chloe puxou Maryanne delicadamente para seus braços, para um abraço quase desesperado. Depois de soltá-la e limpar suas lágrimas, Chloe prosseguiu: — Mas me fale mais sobre a proposta do duque de Wallfair...

— Não há nada para falar... ele simplesmente conversou com meu pai. Não teve sequer a decência de me comunicar primeiro... — cheia de ódio, Maryanne falou.

— Mas não venha me dizer que não sente certa vontade de se tornar uma duquesa...

— Sinceramente? Não... Pouco me importa fazer parte da nobreza, se não estarei ao lado de uma pessoa que não suporto.

— E como pode saber se nunca viria a amá-lo? Assim como eu, nunca se apaixonou...

Chloe pisou em um terreno proibido. Aquela era a única resposta que Maryanne não gostaria de lhe dar. Não que a outra tivesse lhe feito qualquer pergunta, mas sentia uma necessidade desesperadora de falar sobre seus sentimentos com alguém. Contudo, sabia que era perigoso revelar, para quem quer que fosse, que conhecia pessoalmente o Caçador, foragido da polícia, um homem extremamente controverso, um anti-herói.

— Quer saber a verdade, Chloe? Acho que estou começando a me apaixonar por alguém — revelou, mais para si mesma do que para a amiga.

— Oh, que maravilha! E quem é o felizardo?

— Prefiro manter segredo por enquanto — respondeu, deixando a amiga muito contrariada. — Perdoe-me, querida, mas preciso que me compreenda.

— Tudo bem. Mas diga-me, ele corresponde aos seus sentimentos? — animada, Chloe perguntou.

— Não sei. Acredito que não. Ele é um homem muito diferente... não consigo ler em seus olhos o que está pensando ou sentindo. Acho que é por isso que me fascina tanto.

— Maryanne Lestrange nunca foge de um bom mistério...

— Nunca. E eles parecem nunca fugir de mim...

***

Com quinze minutos de antecedência, Maryanne chegou à casa dos Harris. Não queria que Anthony chegasse antes dela, para que a situação não parecesse ensaiada demais.

Foi, portanto, recebida por Malcom Harris, que, ao vê-la, pareceu começar a tremer dos pés à cabeça.

— Srta. Lestrange? — quase gaguejou ao pronunciar seu nome. — Que prazer em vê-la...

— Obrigada, Malcom... posso ver Chloe?

— Sim, claro, mas saiba que ela está esperando um pretendente que deve estar prestes a chegar...

— Eu já sei disso... vim lhe fazer companhia — sendo assim, ela entrou na casa, passando pelo

rapaz, sem dar qualquer outra satisfação ou explicação. Por mais que fosse o irmão de sua melhor amiga, e se esforçasse para gostar dele, não conseguia. Havia algo naquele rapaz que a deixava um tanto quanto assustada, mas não sabia explicar o que era.

Chloe já estava sentada na sala, esperando, maquiada, vestida e comportada como qualquer boa esposa deveria ser. Maryanne olhava para aquela cena e sentia seu coração apertar só de imaginar que poderia ser ela ali, esperando que Darren Carmichael chegasse e a avaliasse como uma mercadoria a ser comprada. Mas, não querendo transmitir qualquer ideia que pudesse prejudicar o momento para sua amiga, abriu seu melhor sorriso ensaiado e se aproximou.

— Você está linda... — comentou, beijando-lhe ambas as faces.

— Linda e nervosa. Ah, Maryanne... como eu queria ser segura como você...

— Bem, eu sou segura para algumas coisas, mas não sei como me comportaria em uma situação como essas.

— Você, no mínimo, ia assustar o rapaz. E de propósito — ambas riram, tentando divertir-se com a situação.

Porém, no momento em que a campainha tocou, anunciando que Anthony tinha chegado, Chloe imediatamente sentiu seu corpo se retesar, e até mesmo Maryanne sentiu um certo nervosismo.

Esbanjando elegância e educação, Anthony Hathaway entrou pela porta da frente, sendo acompanhado por Malcom, que tinha sido incumbido de atender à porta, como um cão de guarda da irmã. Exatamente como Maryanne se

lembrava, ele era um homem bonito, com olhos azuis muito claros, uma pele muito branca, cabelos negros bem cacheados e um cavanhaque que lhe dava uma aparência mais sedutora. Era alto, de corpo esguio e seu olhar era penetrante.

Em seus braços trazia um buquê de rosas vermelhas, que foi entregue para Chloe, logo depois que ele beijou sua mão. Maryanne observou sua amiga com atenção e pôde perceber que ela tinha passado de nervosa a maravilhada. Não seria um casamento forçado, afinal de contas.

— Senhorita Lestrange, não sabia que estava aqui. Se soubesse teria lhe trazido flores também... — falou, dirigindo a Maryanne o mesmo olhar sedutor e penetrante que usara com Chloe.

— Ora, então pretende cortejar as duas ao mesmo tempo? — logo após ter proferido a frase, com toda sua ironia e sarcasmo, Maryanne se

arrependeu. Por mais que achasse a ideia ridícula, precisava se controlar. Era o futuro de Chloe que estava em jogo. E a forma como ela lhe olhou, como se estivesse completamente decepcionada, fez com que tomasse a decisão de se manter o máximo possível calada.

— Claro que não, senhorita... — um pouco envergonhado, Anthony falou, não sabendo como lidar com aquela situação.

— Eu estava apenas brincando — desculpou-se Maryanne.

— Claro que ela estava. Venha, Sr. Hathaway, venha sentar-se — Chloe, no auge de sua delicadeza e graça, tomou a mão dele e o conduziu até o sofá.

Maryanne os seguiu, desejando de todo coração que conseguisse manter-se quieta.

E foi exatamente o que fez, pelo menos na maior parte do tempo. Por um momento conseguiu até mesmo manter-se dentro da conversa, demonstrando uma ou outra opinião, sem apagar o brilho de Chloe. No final das contas, sentia-se bem na agradável presença de Anthony Hathaway. E isso a fez se sentir feliz. Cada vez que olhava para sua melhor amiga, percebia que seus olhos ganhavam um novo brilho, seus movimentos tornavam-se mais confiantes, e ela já se permitia agir como ela era, sem máscaras, sem atitudes ensaiadas.

Tudo estava indo realmente muito bem.

Até certo momento.

Maryanne sentia como se possuísse um poder sobrenatural. Era como se conseguisse ler almas, como se as verdadeiras intenções de uma pessoa fossem demonstradas apenas para ela.

Claro que isso não poderia ser considerado um poder, mas também tinha um nome. Chamava-se *intuição*. A sua, naquele momento, gritava, dizendo que havia algo de errado. No princípio pensou que poderia ser apenas uma implicância, mas foi um *cheiro* que fez com que pensasse duas vezes.

Em um dado instante, quando Anthony se aproximou um pouco mais de Maryanne, para pegar um pequeno objeto que caíra de seu bolso no chão — e que fora tão rápido em abaixar-se para pegar que ela sequer teve tempo de ver o que era —, ela sentiu um odor de fumaça vindo de seu terno. Odor de tabaco...

Se não fosse tão capaz de controlar suas emoções, teria caído no chão ou se exaltado de forma nada discreta. Porém, controlou-se. Uma coisa podia não ter nada a ver com a outra. Muitos

homens fumavam charuto... Apesar de saber disso, por que então seu coração tinha disparado daquela forma?

Precisava de mais uma evidência. Era um caso de sobrevivência... a vida de sua amiga estava em jogo. Não podia oferecer-lhe menos do que uma chance.

— Sr. Hathaway... — era a primeira vez que puxava assunto, o que deixou Chloe apreensiva. — Gosta de literatura?

Era uma pergunta aparentemente simples, que poderia servir para que Chloe o conhecesse melhor, avaliar se possuíam gostos parecidos ou afinidades.

— Claro que gosto, Srta. Lestrange. Tenho uma pequena biblioteca em minha casa — sorriu orgulhoso.

— E que autores mais aprecia?

—Ah! São tantos... gosto de Mary Shelley, Shakespeare, Edgar Allan Poe...

Anthony mencionou outros nomes, mas nenhum deles mais importava. Lá estava aquele que Maryanne temia que ele mencionasse. Queria acreditar que se tratava apenas de uma coincidência, afinal, muitas pessoas gostavam de Poe e fumavam charutos. Mas nenhuma delas provocava aquela estranha reação de seus instintos.

Fora criada e acostumada a desconfiar da pessoa menos provável, de seus próprios amigos... de si mesma. Nenhum ser humano é incorruptível, todo mundo pode se tornar cruel quando há algo que lhe importe mais em jogo. Cada um possui suas insanidades. Essas foram lições que seu pai lhe ensinou logo que começou a ajudá-lo com as

investigações. O motivo para um assassinato podia surgir da razão mais banal, do ato aparentemente mais simples. Um homem como Anthony poderia ter centenas de incentivos para se tornar um assassino em série. Motivos, é claro, que escondia no canto mais obscuro de sua mente.

Havia um turbilhão de pensamentos terríveis fervilhando dentro de Maryanne. Por causa disso, sabia que precisava sair dali o mais rápido possível, antes que colocasse tudo a perder e ainda acabasse expondo a ela e sua amiga ao perigo que, caso fosse realmente o assassino, Anthony Hathaway poderia representar. Não queria deixar Chloe com aquele homem, mas ela não estava sozinha, afinal. Sua família estava na casa. Maryanne, por sua vez, precisava fugir, antes que fosse tarde.

Com uma desculpa esfarrapada de que

tinha esquecido de um outro compromisso, saiu da casa da amiga, deixando os dois muito confusos com sua repentina atitude.

Quando saiu porta afora e respirou fundo o ar fresco, começou a sentir-se mais calma. Apesar disso, sentia que não poderia ir para casa ainda; não queria se trancar dentro de quatro paredes, pois sabia que seu pai não estaria lá e odiaria não ter com quem conversar.

E foi então que a ideia absurda surgiu. Ela precisava vê-lo. Precisava pedir conselhos, dividir com ele suas suspeitas, antes que começasse a achar que estava ficando louca. Mas louca também era a ideia de procurá-lo, uma vez que seu pai lhe pedira tantas vezes para se manter o mais afastada possível.

No entanto, enquanto pensava em tudo isso, seus pés começaram a avançar em uma

direção que ela já conhecia. Não era muito boa para memorizar caminhos, contudo, bastara apenas uma vez para aprender corretamente o trajeto até a cabana do Caçador. Algo lhe dizia também que jamais esqueceria. Mesmo que se passasse muito tempo.

Foi só uma questão de minutos até que se visse parada à frente da porta daquela cabana, sem saber exatamente o que diria ao homem ou qual seria sua explicação para sua ida até ali.

Bateu, portanto, levemente e esperou por alguns minutos até que alguém viesse lhe atender. Mas nada. Só podia ser um sinal. Aquilo deveria ser suficiente para que Maryanne compreendesse que era sua hora de sair correndo dali, de desistir daquela ideia louca de pedir-lhe ajuda.

Porém, a porta se abriu sozinha, revelando que não havia ninguém na casa. O que a intrigou

imediatamente. Como um homem tão misterioso, que não tinha a menor intenção de revelar sua identidade, poderia ser tão negligente com sua segurança? Deveria, principalmente, tomar cuidado com pessoas como... ela.

Tomada pela curiosidade e pela necessidade de saber mais qualquer coisa sobre aquele homem que tanto a intrigava, sorrateiramente, Maryanne entrou e decidiu esperar. Chegou até mesmo a se sentar comportada, decidida a não bisbilhotar. Durante todo o tempo que se manteve parada, suas pernas balançavam inquietas, suas mãos apertavam uma a outra, quase retorcendo-se, e seu olhar não parecia capaz de se fixar em quase nada. Ela sabia o que queria. Queria vasculhar cada canto daquela cabana e obter *respostas*.

E claro que sua postura de boa moça durou apenas o tempo necessário para que ficasse

completamente desesperada e entediada. Por isso, levantou-se bem devagar, como se ainda quisesse disfarçar, mas logo foi tomada por uma imensa urgência. Gavetas, armários e todos os cantos do local foram investigados, porém, não havia nada ali. Absolutamente nada. Nem sequer um papel ou caneta que identificassem que uma pessoa passava algum tempo por ali.

Uma dor se instalou, de repente, em seu peito. Havia, é claro, a possibilidade de ele ter ido embora depois que ela descobriu como chegar até ali. E isso significava que poderia jamais vê-lo de novo...

— Mas que diabos está fazendo aqui? — a voz vinha de algum canto detrás de Maryanne. O susto foi imenso, mas logo foi substituído por uma sensação de alívio. Ele não tinha fugido, afinal.

— Eu... eu... precisava falar com você... —

gaguejou.

— Não... eu garanto que não precisava. E nunca, jamais, venha até aqui — ele parecia furioso.

Maryanne não esperava uma reação como aquela. Claro que também não imaginava que ele iria tomá-la em seus braços e beijá-la como tinha feito da primeira vez, sabendo que tinha entrado ali sem ser convidada. Sabia que estava errada, mas seu orgulho estava ferido demais naquele momento para admitir.

— A porta estava aberta. Se quer manter tanto mistério, é melhor que comece a guardar melhor seus segredos... — ao dizer isso, ela virou de costas e estava prestes a sair, mas ele agarrou seu braço com força, impedindo-a.

— A porta estava aberta porque eu tenho pessoas que vigiam esta cabana o tempo todo.

Não tenho nada para esconder, como pode ter visto. Ao menos não nesta cabana — fez uma pausa. — E já que veio até aqui, já invadiu meu espaço, diga para que veio.

Tudo com ele era meticulosamente calculado. Tanto que mesmo depois de quase ser pego de surpresa, o Caçador estava ali, de frente para ela, ainda usando a mesma máscara. Devia ser uma vida ingrata, não podendo baixar a guarda nem por um minuto. Naquele instante ela se permitiu sentir um pouco de compaixão por ele.

— Tudo bem... desculpe por ter vindo assim, sem mais nem menos, mas eu estou com uma suspeita estranha. Talvez não seja nada, mas achei que deveria lhe contar.

Após ouvir o que ela tinha a dizer, o Caçador analisou-a com cuidado. Seus olhos, uma das únicas partes de seu rosto que ela conseguia ver,

estavam semicerrados, demonstrando que seus pensamentos corriam rápido por sua mente, registrando cada imagem, cada movimento e som ao seu redor. Ele era como uma águia, ou um lobo, sempre com os instintos aguçados, observando antes do ataque. E Maryanne tinha a total sensação de que ele a via como uma presa.

— Uma suspeita? E tem a ver com o caso? — ele a conduziu até a mesa de jantar e a fez sentar-se.

— Sim.

E Maryanne contou-lhe tudo sobre o possível casamento de sua amiga e da implicância que sentiu em relação ao pretendente. Falou-lhe sobre o forte cheiro de tabaco que vinha de sua roupa e sobre sua menção a Poe. Não deixou de mencionar também a forma estranha como ele pareceu olhar para ela durante a conversa.

Despejou tudo com certa ansiedade e, ao terminar de falar, podia jurar que todo seu testemunho parecera completamente amador. E pela forma como o Caçador avaliava tudo que tinha ouvido, ele também parecia não dar muita credibilidade para a história, mas ao menos ouviu-a com atenção. Assim que ela terminou, um silêncio os rodeou. Maryanne já tinha observado que o homem à sua frente sempre ponderava as coisas antes de dizê-las; e era o que estava fazendo naquele momento.

— Não acho que isso seja suficiente para uma suspeita. Acho que você está muito assustada com tudo isso.

— É claro que eu estou assustada. Foram três vítimas em menos de um mês. Se permitimos que esse homem continue sem identificação, ele vai cometer muitos outros crimes. Quantas

mulheres mais ele irá matar? — nervosa, Maryanne proferia as palavras quase sem respirar.

— Eu vou proteger você. Não vou deixar que nada lhe aconteça...

Se não conseguisse se controlar de forma sensata, Maryanne teria suspirado ao ouvi-lo soar tão protetor. No entanto, ao mesmo tempo que ele se portava como um herói, aquela frase poderia soar piegas, se fosse levado em consideração o fato de que ele era um foragido, um homem que não podia revelar sua identidade; como, então, poderia se manter por perto para impedir que algo de ruim acontecesse a ela?

— Não se trata de mim. Trata-se de outras pessoas completamente indefesas. Minha amiga, por exemplo. Sei que pode ter soado muito precipitado o meu julgamento, mas juro a você que não vou ficar parada. Vou investigar esse

homem... vou descobrir tudo sobre ele — Maryanne soava decidida, o que significava que estava pronta para se colocar em uma encrenca.

— Não! Você não vai fazer nada. Deixe que eu cuido disso... Pode ser perigoso remexer em certas coisas. Poderia acabar machucada.

— E você se importaria? — ousada, ela se aproximou dele um pouco mais, encurtando a distância de seus rostos para poucos centímetros.

— Eu me importo com todas as pessoas, Maryanne. É por isso que faço as coisas que faço. Não suporto saber que há criaturas ai fora que assassinam pessoas inocentes.

— Só por isso? Será que não há nenhum sentimento dentro de você que possa ser um pouco especial por mim?

— Eu não tenho sentimentos. Não dessa

forma como me apresento para você — ele se referia a seu disfarce de Caçador.

— Mas há um homem por trás da máscara, não há? E esse homem? Não se importaria se algo acontecesse comigo?

— Sim. O homem por trás da máscara se importaria — neste momento, ele a agarrou pela cintura, colando seus corpos, como se necessitasse tê-la perto, senti-la. — Ele não apenas se preocupa, mas a deseja. Tanto que chega a queimá-lo por dentro. Sinto-me em um inferno quando penso em você. Não apenas pelo desejo, mas por saber que não é certo... — apesar de dizer que aquilo era errado, ele não a havia soltado.

— Não há nada certo ao nosso redor. Eu sou totalmente diferente das moças da minha idade, e, no entanto, não acho meu comportamento errado.

— Não, Maryanne... *Elas* são erradas. Você é feita de luz... É você quem brilha no meio de uma multidão... É você que é especial... — ele falou com rara doçura, acariciando suas faces. No pouco que se podia ver de seu rosto, era possível deduzir que sua expressão era de angústia; como se tocar nela fosse doloroso. E talvez fosse. — Mas eu não quero lhe fazer mal...

— Eu confio em você... — era uma resposta tola e forçada. Como ela podia confiar em um homem que sequer conhecia? Porém, por mais ridículo que pudesse parecer, ela confiava. — Eu sinto que você não me faria mal.

— Então vejo que sua intuição funciona apenas para investigações criminais, minha bela Maryanne... Eu faço mal a muitas pessoas. Eu não sinto remorso em matar, em tirar vidas... muitas vezes penso que não sou diferente dos homens

que assassino — parecia que era a primeira vez que ele se abria de forma tão profunda com alguém, por mais que ainda não pudesse revelar muitas verdades. E foi então que a soltou, finalmente. — Você merece mais que as trevas em que vivo, Maryanne. Merece mais do que a solidão eterna em que minha vida se tornou.

— Você não disse que eu sou feita de luz? Por que não me deixa levar luz à sua escuridão?

— Porque eu acabaria trazendo a noite para dentro de você também... E não poderia me perdoar por isso...

Após dizer isso, ele deu as costas para ela, colocando a mão na cabeça em um sinal de preocupação, cansaço ou qualquer outra coisa que ela não foi capaz de interpretar. Maryanne tinha muitas coisas a dizer em sua defesa; coisas que poderiam lhe provar que ela pouco se importava

com a vida que ele levava, mas a verdade era que nem mesmo ela sabia o que se passava por sua mente... era como se estivesse entorpecida por sensações fora de controle. Seu cérebro não processava seus pensamentos de forma sensata ou sóbria.

— E como eu lido com isso? Com o fato de que penso em você em todas as horas do meu dia, desde que nos encontramos pela primeira vez? — ela alterou a tom de voz. Contudo, logo suspirou, triste, modificando sua atitude. — Eu fui pedida em casamento — com os olhos baixos, fitando apenas o chão, a frase foi dita como um anúncio. Não deixava de ser uma atitude infantil e chantagista, pois ela esperava uma reação da parte dele, mas usaria de qualquer artifício para compreender o que ele sentia.

E a forma como ele absorveu a notícia foi

mais ou menos como ela desejava e esperava. Ele voltou-se para ela novamente, agarrando mais uma vez os seus braços, chegando a sacudi-la por um momento.

— Quem? Quem a pediu em casamento?

A pergunta soou com certa violência, como se a ideia de vê-la casada com outro funcionasse como um punhal arrancado o coração de dentro de seu peito.

— Darren Carmichael.

Ele imediatamente a soltou e virou-se de costas, imitando o gesto de minutos atrás, o que impediu Maryanne de tentar compreender o que ele estava sentindo.

— E você se interessou pela proposta? — ciúme? Era ciúme o que ele sentia?

— Ainda não sei. Ele é um homem bonito...

rico...

— E é isso que você quer? — perguntou, surpreso.

— Não. Não é o que eu quero. Mas o homem que realmente me interessa parece não estar disponível — disse com desdém.

— Não pense dessa forma, Maryanne. É que você merece mais. Merece um homem como Darren Carmichael, que poderá lhe dar uma vida de princesa.

— Mas será que ninguém percebe que é exatamente disso que estou tentando fugir? Eu quero ser útil, quero continuar ajudando meu pai... não quero ser somente a senhora de alguém. Quero ser a companheira, a esposa... a amiga...

— Espero que encontre um homem que não tente domá-la... — ele sorriu com pesar.

Aquela foi a frase definitiva para que Maryanne compreendesse que não havia argumentos, não havia mais como convencê-lo. O Caçador estava preso em uma gaiola que ele mesmo construíra, com os estilhaços mais resistentes de sua alma despedaçada. E Maryanne não queria que ele a levasse com ele para aquela prisão. Não suportaria. Se ele assumisse seus sentimentos, se revelasse sua identidade para ela e a reclamasse como sua, iria com ele para onde quer que fosse, não se importaria sequer em ser arrastada para a escuridão, desde que houvesse o amor. Porém, não se permitiria esperar por uma pessoa que mal sabia o que queria.

E foi essa certeza que lhe deu forças para sair porta afora, jurando que jamais voltaria ali a não ser que fosse necessário para o caso. Mas sabia que jamais voltaria sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava fechando não apenas a porta da casa daquele homem, que talvez nunca viesse a conhecer, mas principalmente a porta de sua alma... sem nem ter a chance de deixar que ele entrasse...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sete

Dor.

A dor era intensa e angustiante. Não era física, afinal, todos os seus músculos, órgãos e todas as partes de seu corpo estavam funcionando perfeitamente.

Todos, com a exceção de um: o coração.

Seus sentimentos estavam feridos... eles doíam como se um tiro tivesse penetrado em cada um deles, perfurando alegrias, esperança, raiva, indiferença, desejo... cada minúsculo centímetro de Maryanne tinha sido afetado pela rejeição. Mas iria superar. Havia muitas coisas em jogo, muitas vidas dependiam de sua ajuda, e ela não podia se dar ao luxo de fraquejar.

Apesar disso, daria a si mesmo um tempo

para pensar. Mas sabia que não poderia fazer isso em casa, debaixo dos olhos vigilantes e protetores de seu pai.

Foi buscar abrigo, portanto, em uma praça, que, por sorte, estava relativamente vazia, exceto por alguns transeuntes que circulavam despretensiosamente, sem nem sequer reparar que ela estava ali. O que era bom, pois já sentia que iria chorar e não desejava testemunhas.

Toda a cena que acabara de viver preencheu sua mente em um segundo. E era exatamente a última coisa que queria. Queria apagar o Caçador de sua mente, tentar acreditar que ele fora apenas uma ilusão passageira, um erro. Desejava arrancá-lo de seus pensamentos, limpar suas memórias e salvar o que ainda restava de sua sanidade. Pois só podia acreditar que estava louca para embarcar em tal insensatez. Era

um homem desconhecido, perigoso, com certo gosto por crueldade... E sensual, protetor... um justiceiro; como ela. Tudo que ela conhecia dele eram os olhos e os lábios que beijara. E, de certa forma, pensava que era tudo que precisava conhecer.

Não sabia seu nome, mal conhecia o que se passava por sua cabeça, mas ele já fazia parte de sua vida, de uma forma muito controversa. E intensa. Fora o primeiro homem que a beijara, e ainda por cima de uma maneira bastante ousada, e talvez fosse apenas isso que sentia: um encantamento por consequência de uma atitude passional.

Foi incapaz, entretanto, de focar seus pensamentos em qualquer outra coisa que não fosse a última conversa que tiveram, e, por isso, perdeu completamente a noção do tempo. Só

voltou a si quando sentiu uma mão masculina tocar delicadamente seu ombro, como se a chamasse.

— Senhorita Lestrange?

A voz era familiar e um pouco inconveniente. Mas estava sem ânimo para brigar naquele momento. E, de mais a mais, o homem que a chamava, Darren Carmichael, não tinha lhe tratado mal em nenhuma ocasião. Desgostar dele poderia ser plenamente uma implicância banal e infantil.

— *Milorde*... — ela cumprimentou e levantou a cabeça devagar, temendo que estivesse com os olhos vermelhos das lágrimas que tinha chorado.

Contudo, não esperava que o duque tivesse companhia. Ao seu lado, parecendo displicente e muito seguro de si — como sempre — estava

Anthony Hathaway, o futuro noivo de Chloe, sustentando um charuto na boca.

— Sr. Hathaway... — com certa relutância, ela cumprimentou o outro também, ainda se perguntando o que aqueles dois poderiam estar fazendo juntos, pouco tempo depois do encontro com sua amiga.

— Olá, senhorita. É bom vê-la de novo, já que não tivemos tempo para nos despedirmos... — Anthony beijou-lhe a mão, e Maryanne sentiu um calafrio. Havia algo de errado com aquele homem. Ou seria apenas um mal entendido?

Apesar de não querer demonstrar sua relutância em relação a ele, Maryanne recolheu sua mão rápido demais.

— O que a senhorita está fazendo aqui nesta praça? Já é noite.

Noite? Como ela não tinha percebido? Estaria tão distraída assim? Olhando para o céu, observou o manto escuro coberto de estrelas e percebeu, afinal, que já tinha escurecido. Seu pai deveria estar desesperado de preocupação.

— Eu... eu... — ela gaguejou, sem saber o que dizer. Sentia-se estranha, um pouco tonta, e confirmou isso quando levantou-se do banco onde estava sentada e cambaleou, quase caindo no chão desfalecida, mas foi rapidamente amparada por Darren, que a sustentou em seus braços e a fez se sentar novamente.

— Senhorita... o que tem? — Darren indagou preocupado. Anthony também se aproximou, tocando o rosto de Maryanne e sentindo a temperatura de sua pele.

— Ela está gelada, Darren.

Darren, aproveitando o comentário do

amigo, tomou o pulso de Maryanne e reparou que seu coração estava batendo um pouco mais devagar.

— Alimentou-se direito hoje, Maryanne?

Era a primeira vez que o duque a chamava pelo nome. Talvez fosse pela fraqueza que sentia ou a tontura, mas ela achou que ele o proferira de forma encantadora.

— Acho que não. Eu não almocei... não como nada desde o desjejum... — ela respondeu, com a voz fraca.

Parecendo muito preocupado, Darren virou-se para Anthony.

— Por favor, pode ir até minha casa e pedir que tragam uma de minhas carruagens até aqui? Vou ficar cuidando dela até você voltar.

— Não, *milorde*, não é necessário. Posso ir

para casa caminhando...

Tentou falar com convicção, mas no momento em que se pôs de pé, caiu novamente nos braços do duque.

Ela mal ouviu o que ele disse ao amigo, mas Anthony se apressou, saindo de perto de suas vistas.

Já sentada novamente, ao lado de Darren, Maryanne se sentia estranha. Era como se todo seu corpo formigasse e sentisse frio e calor ao mesmo tempo. Seus olhos se perdiam sem foco e tudo parecia mais escuro do que realmente deveria ser.

— Anthony não vai demorar, senhorita. Assim que ele chegar, vou levá-la para sua casa. Logo irá poder descansar.

— Obrigada — mais uma onda de tontura a

acometeu, e ela sentiu que sua cabeça tombava, mas o duque foi rápido e puxou-a para ficar encostada em seu ombro.

— Permita-me a liberdade. Mas apoie-se em mim, tudo bem? Ou vai acabar se machucando.

— Tudo bem — concordou. — Converse comigo, *milorde*. Ou vou acabar desmaiando...

— Bem, o que acha de começarmos nossa conversa com minha permissão para que me chame de Darren? É um nome mais bonito do que *milorde* — brincou ele.

— Sim, é mesmo — riu ela. — Pode me chamar de Maryanne também.

— Tarde demais. Acho que já fiz isso...

— Mas eu não tinha lhe dado permissão — falou ela, entrando na brincadeira, sorrindo

novamente.

Por um momento pensou que seria muito fácil se acabasse se apaixonando por um homem como Darren Carmichael. Com ele não haveria problemas, dificuldades ou segredos. Apesar de suas insensibilidades e certa arrogância muito peculiar em todos os homens da nobreza, era agradável e cuidadoso com ela. Além disso, não poderia ignorar seu rosto perfeito e muito menos seu corpo rígido, que fora ágil em agarrá-la antes que caísse.

— Está se sentindo melhor? — ele perguntou, não conseguindo manter o tom de brincadeira por causa de sua preocupação com ela.

— Um pouco. O senhor está sendo muito gentil.

— Não há de quê. Não posso negar que estou me aproveitando um pouco da situação —

zombou. — Tê-la assim tão frágil em meus braços me dá certa vantagem. Ao menos não está fugindo de mim como sempre faz.

— Mas deveria. Minha reputação deve estar sendo arruinada neste momento — ela ainda conseguiu manter a brincadeira.

— Vejo que algumas pessoas estão realmente comentando. Acho que teremos que dar um jeito nisso. Vou ser obrigado a pedir sua mão em casamento.

Se Maryanne estivesse em condições de reagir, teria dado um salto no banco onde estavam sentados. A forma despretensiosa e simples como ele mencionou a palavra *casamento* fez com que ela estremecesse. Deveria se afastar dele naquele exato momento, mas suas forças falhavam. E tinha que pensar que ele estava brincando, tentando fazer com que ela reagisse, que ficasse consciente.

E que melhor forma de deixar alguém em alerta do que um susto?

— Não se assuste. Estou brincando. Embora, é claro, tenha um genuíno interesse na senhorita.

— Voltamos para o senhorita? O que houve com Maryanne? — mudou de assunto estrategicamente, o que o fez sorrir.

— Fui autorizado a chamá-la de Maryanne, mas não de tratá-la por *você.*

— Tem minha autorização, Darren...

Ainda fraca, o nome dele foi proferido como um suspiro. Ele poderia se derreter naquele momento com tamanha doçura.

Contudo, Anthony chegava apressado, na carruagem do duque.

Parando em frente a eles, saltou e ajudou

Darren a acomodar Maryanne. Porém, não os acompanhou até a casa dos Lestrange, alegando que tinha um compromisso. Mesmo entorpecida por sua tontura, a moça não deixou aquele comentário passar despercebido.

— Está com um pouco de febre. Acho que sua tontura não é derivada apenas da má alimentação — ele comentou, resgatando-a de seus pensamentos.

Maryanne não disse nada, apenas suspirou e encostou voluntariamente a cabeça novamente no ombro de Darren, sem nem pensar no que estava fazendo.

Ela mal tomou ciência do tempo. Só percebeu que já tinham chegado quando a carruagem parou e ela foi tomada nos braços e carregada por Darren, com uma impressionante facilidade.

— *Milorde*, se quiser posso carregar a moça... — o cocheiro desceu de seu posto, oferecendo ajuda a seu patrão.

— Não, John. Faço questão — ao dizer isso, olhou no rosto dela, tão pálido e tão delicado, e percebeu que era fitado em retorno. Seu coração apertou por ela. Então voltou-se novamente para o criado: — Por favor, apenas bata na porta.

Exatamente como seu patrão pediu, o homem bateu à porta da casa de Maryanne, que foi atendida pela governanta. Assim que esta se deparou com a cena, gritou por seu patrão. Sem nem esperar por permissão, Darren começou a carregar Maryanne para o segundo andar. No caminho cruzou com Joseph, que pareceu muito desesperado ao ver a filha quase desmaiada nos braços do duque.

— O que fez com ela? — explodiu, sem nem

pensar no que dizia.

— Eu? Ficou louco? Eu a encontrei assim no parque. Ela desmaiou nos meus braços e eu a trouxe para casa. Aliás, ela está consciente — ele enfatizou a última frase, como se fosse um alerta.

Assim que Darren a pousou na cama, com toda delicadeza, Maryanne sentiu que não iria durar muito tempo acordada. Era apenas uma questão de tempo para perder os sentidos. Sentia-se exausta, como se o peso de todas as coisas ruins que aconteceram naquele dia estivesse sendo jogado sobre ela de uma vez só.

Já não conseguia abrir os olhos e muito menos escutar qualquer coisa coerente ao seu redor, mas sabia que Darren e seu pai estavam conversando. Ela não sabia definir se falavam baixo ou se era ela quem não conseguia escutar. E *queria* escutar.

Mas nem mesmo sua curiosidade foi capaz de mantê-la consciente, pois logo fechou definitivamente os olhos e dormiu.

***

Ainda era muito cedo quando Lestrange cruzava as portas da delegacia. Pretendia ser breve, pois não queria deixar Maryanne sozinha. Quando ele saiu, ela ainda não tinha acordado, portanto, não fazia ideia de como estava se sentindo depois da febre da noite anterior.

Logo que Darren Carmichael saiu de sua casa, um médico foi chamado, e este afirmou que o que ela tinha era uma pequena indisposição e que com um bom descanso logo estaria curada. Por mais que não aceitasse sua condição,

Maryanne era frágil, e se envolver em emoções tão fortes a deixava debilitada. Pelo menos até onde ele imaginava...

A verdade era que ele não fazia ideia de metade das emoções que ela vivera no dia anterior.

Timothy o fez esperar por pelo menos dez minutos — mesmo sabendo que ele não poderia demorar — e quando apareceu, trazia um livro nas mãos, onde havia algumas anotações sobre os interrogatórios feitos.

— Lestrange, não posso permitir que leve isso para casa — Timothy anunciou.

— Já sei. Pretendo fazer algumas anotações apenas. Há alguma sala vazia onde eu possa ficar por algum tempo?

— Claro. Vou acompanhá-lo — sem muita

paciência e cheio de desdém, o chefe de polícia levou Lestrange para uma sala escura e sem janelas, que com certeza era usada para sessões de interrogatórios. Não era o ideal, mas teria que servir.

Sem qualquer palavra de cumprimento, Timothy deixou o colega dentro daquela sala e saiu, fechando a porta. A parca luz de uma única vela iluminava o ambiente. Não era ideal para leituras, mas precisava fazer um esforço.

As anotações que encontrou ali não eram muito organizadas ou consistentes, mas algumas informações chaves poderiam ser listadas.

Os policiais que estavam cuidando do caso interrogaram alguns frequentadores do clube, que estiveram presentes na noite do assassinato de Violet. Todos, sem exceção, afirmaram que não tinham testemunhado nada de suspeito. Também

entrevistaram o coveiro, o sacerdote e o zelador que viviam nos fundos da igreja. O coveiro era o único que parecia ter visto algo relevante. Ele afirmava ter ouvido um barulho de cavalos se aproximando, com certeza de uma carruagem. O que também não ajudava muito.

Porém, havia mais uma informação que poderia mudar tudo. O mesmo coveiro visitou a delegacia, no dia seguinte do interrogatório, para informar que encontrara uma estranha joia debaixo de algumas folhagens. Um anel. Era valioso, de ouro, com uma única pedra, da família dos rubis, a adorná-lo. A descrição dada pelo policial que confeccionara o relatório alegara que poderia se tratar de um anel de noivado. Havia mais algumas características importantes detalhadas no documento que tinha em mãos, que poderiam ser úteis.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saindo da sala com certa pressa, levando suas anotações consigo, Joseph foi direto encontrar com Timothy que, ao vê-lo, bufou.

— Onde está a joia que foi encontrada no cemitério, depois da morte da segunda vítima? — indagou sem cerimônias.

— Está guardada em uma caixa com outras evidências. As que não foram roubadas, é claro — a forma como a frase foi dita, dava a entender que Timothy sabia que Lestrange andava levando os bilhetes do assassino para casa.

— Preciso vê-la. Acho que pode ajudar na investigação.

— Infelizmente não tenho autorização de mostrá-la para ninguém — enfático, ele afirmou. — E não adianta insistir, sabe que não vou mudar de ideia.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai se arrepender disso.

— É uma ameaça, Lestrange?

— Claro que não. É uma constatação. Sabe que eu sou muito mais capaz de desvendar esse mistério do que esses policiais que você insiste em defender.

— Quem sabe? Vamos ver quem irá se sair melhor desta vez.

— Deus, Timothy, isso não é uma competição. Há vidas em jogo.

— Sim. Há vidas em jogo, por isso não posso mostrar esse anel a você. Se já fez suas anotações, é melhor que vá para casa.

Joseph respirou fundo antes que partisse para cima do outro homem, arrancando aquela petulância de sua expressão. Mas não valia a pena. Era melhor que pegasse suas anotações e fosse

embora; Maryanne precisava dele.

Contudo, quando chegou em casa, ficou aliviado em ver que ela parecia bem melhor depois de uma boa noite de sono e um café da manhã reforçado. Ela sorriu ao vê-lo, e sua expressão mais saudável foi suficiente para salvar o dia de Lestrange.

— Está se sentindo melhor, filha?

— Sim, papai. Bem melhor.

— Então está preparada para o que tenho a lhe dizer?

— Sobre o caso? — arregalando os olhos, mostrando toda sua excitação, Maryanne ajeitou-se na cama, colocando-se sentada, com as costas apoiadas no encosto da cama, para poder olhar para ele melhor.

—Sim — Lestrange sentou-se no colchão, ao

lado da filha, mostrando suas anotações para ela. — Veja, o coveiro do cemitério encontrou um anel, no dia seguinte em que o corpo foi encontrado. Parece valioso.

— Isso pode ser muito importante para o caso. O que você vai fazer agora com essa informação?

— Bem, eu tenho a descrição da joia, vou tentar ir à joalheria da cidade para ver se consigo alguma coisa.

— Sim! É uma ótima ideia! Eu quero ir também! — Maryanne começou a afastar os lençóis, pronta para se levantar. Foi impedida, é claro.

— Mas é claro que não. Você está debilitada, precisa descansar. Eu prometo que não irei demorar e vou lhe contar absolutamente tudo que o joalheiro me disser.

— Odeio ficar doente! — ela cruzou os braços parecendo uma criança emburrada.

Lestrange não tinha nada a dizer, é claro, apenas riu da reação da filha, saindo logo em seguida.

***

Maryanne odiava ficar parada. Ela achava que o dia se tornava improdutivo, como se sequer tivesse acontecido. Ela conhecia seu corpo; sabia que a febre tinha baixado, mas, principalmente, sabia o motivo pelo qual ela tinha iniciado. Sabia que estava doente. E era grave. Sua doença tinha nome: paixão. Era irremediável, intensa... E ela não queria senti-la. Pelo menos não pelo homem errado.

Mas o que era certo, afinal? Darren Carmichael? De alguma forma sua maneira de enxergá-lo tinha mudado um pouco. Ele a protegera e cuidara dela com muita gentileza. Deveria contar para alguma coisa, não deveria?

Mas por que então ela ainda não conseguia sentir por ele metade do que sentia pelo Caçador?

E, como uma maldição, ele surgiu.

Darren, não o Caçador... Como se pudesse ser diferente...

Ele não deixava de ser um pouco ousado, uma vez que tinha pedido permissão à governanta da casa para visitar o quarto dela, o que era totalmente inapropriado. Mas ela até que gostou da ousadia.

— Posso entrar? — mais belo do que nunca, e ainda por cima carregando um buquê de flores,

ele esperou que ela liberasse sua entrada.

— Sim, tudo bem — um sorriso cansado apareceu em seu rosto. Não era bem ele quem ela queria que estivesse ali.

Ele se aproximou, com certa cautela. Quando já estava próximo, entregou-lhe as flores.

— São lindas, obrigada...

— Bem, você não me parece uma mulher que goste muito de flores, mas achei que qualquer outro presente iria deixá-la ainda mais irritada.

— Provável — riu.

— Como está se sentindo?

— Melhor. Obrigada por tudo que fez ontem. Foi muito gentil de sua parte...

— Fiquei realmente preocupado, mas, ainda assim, serviu para tirar a péssima impressão que

tinha de mim — brincou.

— Bem, a impressão ainda não é totalmente positiva, mas já comecei a tolerá-lo. E garanto que isso é uma grande coisa — Darren gargalhou. — Mas pode ganhar alguns pontos se aceitar tomar um chá comigo no jardim. Isso, claro, se esquecer de mencionar para meu pai que saí da cama.

— Mas isso não é prejudicial à sua saúde?

— Ora, eu estou ótima... E então, concorda?

— Tudo bem. Quer que eu a carregue até o andar de baixo?

— Não, obrigada. Vou trocar de roupa, ficar um pouco mais apresentável e nos encontramos lá, tudo bem?

— Sem problemas. Mas eu acho que você já está linda assim mesmo.

Ao dizer isso, sem nem sequer esperar que

ela respondesse, Darren saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Maryanne não demorou muito para se encontrar com ele, no jardim de sua casa. Não era um local amplo ou repleto dos mais variados tipos de flores, mas, ainda assim, proporcionava um clima romântico e agradável. Uma brisa fresca se apresentava no ar, um cheiro de terra molhada ocupava seus narizes — uma vez que as plantas tinham acabado de ser molhadas — e ela se sentia disposta a realmente conversar com Darren Carmichael. Poderia ser apenas uma tola vingança contra o Caçador, o que faria com que ela se sentisse patética, mas não faria qualquer diferença naquele momento, uma vez que o justiceiro provavelmente jamais saberia daquele encontro.

— Pronto. Acho que não demorei muito — falou, logo que se aproximou dele.

— Valeria a pena, de qualquer forma — ele sorriu, de forma galante, e levantou-se para puxar uma cadeira para que ela pudesse se sentar. Depois, serviu-lhe uma xícara de chá, como um bom cavalheiro.

Depois, permaneceram se olhando, como se estudassem um ao outro. Ou pelo menos era o que Maryanne fazia. Já Darren parecia estar admirando-a. Mas havia algo mais em seu olhar... Era como se ele tentasse enxergar o que se passava dentro dela, em seu interior, onde ninguém mais poderia penetrar.

Mas foi exatamente ele quem interrompeu o silêncio.

— Acho que temos que começar a brigar de novo... — zombou.

— Tem razão, parece que como amigos não temos muito assunto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tenho a intenção de ser apenas um amigo, Maryanne — ele pegou a mão dela por cima da mesa.

— Compreendo... mas quero que aceite minha amizade por enquanto. É tudo que posso lhe oferecer — falou com certo pesar, pois sabia que aquilo iria magoá-lo. No entanto, Darren não pareceu desanimado. Foi então que ela acrescentou: — Não sou exatamente uma mulher ideal para se tornar uma esposa. Não sou muito convencional.

— Ah, isso eu já reparei. E acho que não pareço muito inclinado a desistir, certo?

— Não, não parece. Mas ainda não me conhece muito bem. Eu não sei fazer nada que uma esposa deveria saber fazer... muito menos uma duquesa.

— Isso é o que menos importa para mim —

ele sorriu, bastante complacente. E decidiu mudar de estratégia. Ela não era o tipo de mulher que gostava de ser pressionada. — Bem, mas fico feliz, ao menos, com a chance de conquistá-la.

Tomando um gole de chá, de forma quase ensaiada, Darren esperou que ela fosse a próxima a iniciar um novo assunto.

E ela realmente tinha coisas a dizer. Mais do que isso... tinha o que perguntar. Aquela era uma chance rara de conseguir obter informações sobre Anthony Hathaway. Estando dócil e tão próxima dele, sabia que seria fácil descobrir tudo que queria saber somente perguntando as coisas da forma certa.

— Não sabia que era amigo de Anthony Hathaway... — tentando parecer despretensiosa, ela jogou a frase no ar.

— E não sou...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas estavam juntos ontem, quando nos encontramos... — insistiu.

— Sim, eu o procurei — Darren iria responder apenas isso, mas percebeu que Maryanne não ficaria satisfeita com apenas aquela resposta. Complacente, ele pigarreou e prosseguiu: — Tinha alguns negócios a tratar.

— É uma pena, gostaria de saber mais sobre ele. Você entende, não é? Ele está interessado em se casar com minha melhor amiga. Sou bastante protetora em relação a ela.

— Imagino que seja — sorriu. — Bem, talvez eu possa ajudar com alguma coisa. O que gostaria de saber?

— Se puder me passar um panorama geral... como é sua personalidade, como trata as pessoas... Preciso saber se ele será um bom marido para Chloe — *"e saber se ele é um* PERIGOSAS ACHERON

assassino serial obcecado por Edgar Allan Poe", pensou.

— Tudo que sei é que ele é bem competente nos negócios e não possui nenhuma fama desagradável. É sempre cordial e gentil, na medida do possível.

— Não acha que pode ser um libertino? Achei estranha a forma como me olhou quando nos encontramos na casa de Chloe.

— Ah, então acho que tenho a resposta para isso. Ele comentou comigo ontem que, antes de decidir cortejar sua amiga, Chloe, ele tinha interesses em você, mas soube que eu também estava interessado e decidiu desistir.

Sim, poderia ser uma explicação para a má impressão que ele causara, mas não explicava os outros fatores.

— Ele fuma?

— Que tipo de pergunta é essa? — Darren riu, confuso.

— Ah, bem... — Maryanne gaguejou, procurando uma explicação plausível. — É que Chloe odeia cheiro de tabaco.

Nesse momento, Darren sorriu de uma forma diferente, que Maryanne não conseguiu interpretar.

— É uma pena, pois Anthony é viciado em charutos cubanos. Sei disso porque já fui em sua casa, em um jantar, e ele me mostrou sua coleção.

Será que era uma pista? Um sinal? Maryanne estava desesperada para saber. Mas não poderia expressar nenhuma reação que a denunciasse naquele momento. O homem à sua frente, por mais agradável que pudesse estar se

mostrando, jamais a compreenderia, se dissesse que estava suspeitando de um homem apenas por ele cheirar a tabaco e gostar de um certo tipo de literatura.

Mas ela precisava admitir que se não fosse pela repentina chegada de seu pai, teria cometido algum deslize.

— O que está fazendo aqui? — Lestrange dirigiu-se a Darren.

— Vim ver como Maryanne estava. Fiquei preocupado — a expressão de Darren parecia pesada e séria demais, fazendo-o parecer uma pessoa completamente diferente do homem que se mostrara há alguns minutos. — Mas acho melhor me retirar, agora que ela não está mais sozinha — Darren levantou-se, virou-se para Maryanne, beijou sua mão, acenou com a cabeça para Lestrange e saiu, sem dizer absolutamente

nada.

Assim que se viram completamente sozinhos, Lestrange sentou-se de frente para Maryanne.

— Não deveria ter saído da cama ainda. Estava muito debilitada ontem... — ele já começou com um sermão.

— Estou me sentindo melhor — respondeu, um pouco desconfiada. — Papai, é impressão minha ou você não gosta muito de Darren Carmichael?

— É uma impressão. Não o conheço o suficiente para desgostar.

— Pareceu haver uma tensão entre vocês. Achei estranho, uma vez que há poucos dias estava me contando sobre suas intenções de me cortejar.

— Sim, e eu também achava que você é que não gostava dele...

— E não gosto. Apenas percebi que não é tão mal quanto parecia — Maryanne fez uma pausa. — Mas o senhor ainda não me respondeu se realmente há algum tipo de desconforto entre vocês.

— Bem... no dia em que ele a trouxe para casa tivemos uma pequena discussão. Ele estava um pouco nervoso com seu estado, eu também, então não concordamos em alguns aspectos.

Claro que aquilo não era suficiente para a curiosidade da moça, porém, sabia que teria que se contentar com aquelas respostas incompletas. Havia algo mais ali. Algum segredo...

Mais um...

***

A verdade se escondia debaixo de tumbas secretas. Era como uma melodia fúnebre que ninguém gostava de escutar, mas que muitas vezes invadia as mentes mais desavisadas.

Era tudo que ele queria descobrir...

Vagar na noite, buscar as sombras, penetrar em uma sufocante escuridão não eram seus passatempos preferidos... Mas cada vez que tirava a vida de um criminoso, sentia-se vivo. Era a única hora que não se sentia como um condenado, como metade do homem que poderia ter sido.

Não. Aquela era uma mentira, das mais ridículas. Ele também se sentia vivo com *ela*.

Tocá-la era como finalmente sentir seu sangue correndo dentro das veias, mantendo seu corpo em funcionamento. Tê-la por perto

proporcionava-lhe a mesma sensação de recuperar o ar depois de segurar a respiração debaixo d'água até sentir os pulmões ardendo. Beijá-la foi como ressuscitar, depois de uma morte dolorosa e lenta...

Quase podia ser ridículo pensar desta forma, sendo que não a conhecia há tanto tempo, mas era inevitável. Sentia que eram parecidos, de certa forma... que ela o compreendia como nenhuma outra pessoa foi capaz de compreender em anos. Como talvez nunca ninguém jamais viesse a compreendê-lo.

Era por causa dela que estava ali, andando de um lado para o outro, dentro daquela cabana minúscula, onde ele sempre achava que estava fazendo papel de bobo, especialmente quando usava aquela máscara.

Sabia que aquele era o dia da morte de mais

alguém, de acordo com o bilhete que Maryanne desvendara. Sabia, mas sentia-se impotente por não poder fazer absolutamente nada.

Ou será que podia?

A vítima deveria ser uma prostituta, uma vez que ele mencionou carne e luxúria. Ok. Isso já tinha sido interpretado anteriormente. Mas não havia informações sobre o lugar. O mapa aberto sobre a mesa mostrava o desenho que fizera e que indicava que o local mais provável, se ele realmente seguisse um padrão, deveria ser a taberna. Contudo, se estivesse errado, poderia perder uma chance que jamais teria novamente.

Não se sentindo conformado, retirou o bilhete do assassino — que Lestrange havia deixado com ele — de dentro de uma gaveta, onde jazia solitário, e começou a lê-lo e relê-lo. Já tinha repetido aquele gesto mil e uma vezes, mas

sempre tinha a impressão que estava faltando algo. Ele sempre achava que seus olhos poderiam se esforçar mais, poderiam ver através do invisível.

E estava certo.

Poderia passar despercebido, mas havia algumas pequenas gotas de sangue sobre o papel, que pareciam inocentemente aleatórias; contudo, para um observador mais experiente, poderiam ser uma pista.

Cada uma das manchas estava localizada abaixo de uma letra. Cada uma dessas letras, unidas, formavam uma palavra. E essa palavra era exatamente o que ele precisava: "Taberna". Estava certo, afinal.

Jogou, portanto, o papel no chão e saiu porta afora, correndo como um louco. Não daria tempo para mais nada. Somente, quem sabe, para salvar a pobre mulher.

Ofegante e transpirando por debaixo da máscara, chegou ao local e percebeu que a taberna estava fechada. Logo lembrou-se que a maldita tinha sido fechada há pouco tempo por questões de falência. Mas isso não era o pior da cena. O pior era que do outro lado do estabelecimento, que ocupava uma esquina, ele podia enxergar uma mão. Aproximando-se, viu que a mão pertencia a um cadáver. De uma mulher.

Era a primeira vez que o Caçador tinha acesso ao cadáver de uma das vítimas daquele assassino, mas Lestrange costumava lhe dar uma descrição detalhada das condições do corpo depois de encontrado. E, definitivamente, aquele ali era o em pior estado. A mulher fora queimada em diversas partes, cuja pele ficou em carne viva, cheia de bolhas. Parecia um recado ou algo parecido. Não saberia dizer, mas podia apostar

que aquela mulher tinha alguma peculiaridade que as outras não tinham.

Precisava avisar Lestrange. Urgente.

Sendo assim, foi para outra da rua e esperou. Estava deserta àquela hora, mas depois de quinze minutos, um mendigo, que deveria ter em torno de quatorze anos, surgiu e foi agarrado pelo Caçador. O menino gritou de medo, conhecendo a fama do homem que o havia interpelado, mas teve a boca tampada pela mão enluvada, o que o impediu de falar qualquer outra coisa.

— Preciso de um favor — ele mostrou uma nota de dinheiro para o garoto. — Preciso que vá à casa de Joseph Lestrange. Sabe onde fica? — o menino fez que não com a cabeça, e o Caçador lhe informou o endereço. — Quero que peça para que ele venha até aqui. Depressa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais assustado do que interessado no dinheiro que lhe fora ofertado, o garoto saiu correndo, deixando-o preocupado com o destino que aquele recado teria.

Mas, para sua surpresa, Lestrange surgiu, pouco mais de meia hora depois, em sua carruagem. E não vinha sozinho.

Pelo diabo! Maryanne estava com ele.

— O que deu em você para trazê-la? — vociferou.

— Eu insisti. E, além do mais, pensei que já tivesse entendido que eu ajudo mais do que atrapalho — revoltada, ela respondeu.

— Seu pai me disse que estava doente...

— Estava. Já me sinto melhor.

— Por que me chamou? — Lestrange finalmente perguntou, mas o Caçador não

respondeu. Deixou que eles vissem com seus próprios olhos.

Conduziu-os, portanto, até o local onde estava o corpo.

Era a coisa mais terrível que Maryanne já tinha visto. Não pelo estado do cadáver, mas principalmente pela feiura da maldade cometida ali. Mal se podia ver o rosto da moça, os olhos pareciam saltados para fora, no meio da pele deformada de sua face. Metade da cabeça jazia sem cabelos, pois tinham sido lambidos pelo fogo, e ela era a primeira das vítimas a surgir nua, sem o característico vestido que sempre era colocado. Chegava a ser aterrorizante pensar na agonia de ser torturada daquela forma, de saber que nem mesmo sua alma teria paz. De que adiantava ser bela e acabar daquela forma?

Pensando no quanto tudo aquilo era

terrível, e observando toda a cena que tinha se formado à sua frente, Maryanne chegou a sentir vertigem e cambalear. Seu corpo ainda estava debilitado pela indisposição, e ela sabia que estava fazendo um esforço desnecessário ao ir até ali. Mas precisava ver com seus próprios olhos. Cada marca gravada naquele cadáver, cada cicatriz eram provas do sofrimento desnecessário daquela moça; provas de que Maryanne não podia desistir.

E mal sabia ela que o Caçador pensava a mesma coisa, enquanto a amparava em seus braços, depois de ela ter cambaleado, um pouco tonta.

— Eu disse que não deveria ter vindo. Acho melhor levá-la de volta, Lestrange — advertiu o Caçador, ainda segurando-a.

— Não! — Maryanne saiu dos braços do mascarado, afastando-o de si. — Já me recuperei.

Só fiquei um pouco... sensibilizada. Foi uma morte horrível.

— Sem dúvidas. É como se ele tivesse algum tipo de raiva desta moça em especial — Joseph acrescentou.

— É provável que haja sim algum tipo de predileção contrária a ela. Precisamos descobrir qual.

Enquanto o Caçador e Lestrange conversavam, Maryanne abaixou-se ao lado do cadáver, por mais náuseas que estivesse sentindo, e começou a analisá-lo, como fizera da outra vez. Como a moça estava nua, não havia muitos lugares onde o bilhete usual poderia estar, então ela foi direto na única parte mais escondida: o cabelo que ainda restava.

Fechando os olhos, Maryanne colocou a mão na massa de cabelos que jaziam sobre o

asfalto e sentiu, além dos fios, uma massa de sangue. Aquela mulher também tinha recebido pancadas na cabeça, como a segunda vítima, a que fora encontrada no cemitério, além da característica ferida no peito, feita com um punhal.

Exatamente como ela previra, o papel estava no meio dos fios de cabelo. Lá estava ele nas suas mãos novamente. Entre seus dedos, parecia queimar, suplicar por ser aberto.

— Vejam! — ela chamou os outros dois, que estavam focados em uma conversa sussurrante, que parecia muito acalorada. Ambos finalmente olharam para ela, e só então perceberam que estava abaixada ao lado do cadáver. — Encontrei o bilhete...

Ambos se aproximaram dela, e Maryanne abriu o papel:

Tudo que amei, amei sozinho...

"Doce Maryanne... conheces sobre o amor?

E sobre perdas?

Talvez precise perder algo para compreender a beleza da morte.

Ainda, no final do bilhete, havia alguns números dispostos de forma linear, mas sem qualquer explicação que lhes servisse de guia.

E também, provavelmente, ninguém daquele grupo se importaria com números naquele momento. Havia o nome de Maryanne no bilhete. O assassino sabia quem ela era, sabia que estava ajudando na investigação, e, de alguma forma, sabia que seria ela a receber aquele bilhete,

por isso o dirigira especificamente a ela.

O Caçador arrancou o papel das mãos dela, furioso. Desde o princípio soubera que seria perigoso incluí-la naquela jornada macabra. Tudo que queria naquele momento, enquanto lia e relia a maldita mensagem, era jogá-la em seus ombros e levá-la para longe daquilo tudo; para qualquer lugar onde jamais fosse encontrada, pelo menos até que a identidade do assassino fosse descoberta e que ele estivesse preso... ou morto, que era o que preferia. Desejava levá-la para qualquer lugar onde pudesse protegê-la... onde pudesse escondê-la não apenas daquele louco, mas também de todo tipo de maldade do mundo. Queria poupá-la de qualquer dor.

— Como ele sabe sobre você? Meu Deus... — Lestrange começou a andar de um lado para o outro, parecendo um leão dentro de uma jaula.

Temia pela filha, por sua segurança.

— Só pode ser alguém que vocês conhecem... Alguém próximo, que sabe que você, Lestrange, está investigando o caso e que Maryanne está ajudando — o Caçador, não menos nervoso que o outro, concluiu.

Maryanne, por sua vez, permanecia calada. Simplesmente não sabia o que dizer. Claro que estava apavorada, talvez até surpresa, mas sentia, principalmente, que havia algo de muito mais sério naquele bilhete, e era com essa tal coisa, ainda desconhecida, que ela deveria se preocupar; e não com sua segurança.

— Maryanne... — chamou o Caçador. — Creio que terá que passar a ficar afastada de tudo isso. Terá que nos ajudar de longe.

— Não! Ela vai ficar totalmente de fora de qualquer coisa que tenha a ver com esse caso! —

Lestrange afirmou com convicção.

— Não! — ela gritou. — Será que não percebem? Não é a mim que ele quer... é...

Mas Maryanne não teve tempo sequer para dizer qualquer outra coisa, pois um barulho foi ouvido. Soou como um tiro, vindo de longe.

Imediatamente os dois homens se colocaram na frente dela, protegendo-a.

— O que foi isso? — ela sussurrou no meio dos dois.

— Não sei, mas não é algo bom — o Caçador respondeu, e todos ficaram em silêncio por um tempo. — Lestrange, tire Maryanne daqui de uma vez por todas. Leve-a para casa e deixe-a lá até segunda ordem. Tranque-a, se preciso.

— O quê? Ficou louco? — ela vociferou.

— Não. Estou sendo sensato. Já sei como é

teimosa e persuasiva. Acho que a única forma de lidar com você é essa — falou, muito sério.

— Escute aqui, meu senhor... não é meu dono e nem sabe nada sobre mim, portanto, não tem o menor direito de tentar me dar ordens, pois eu...

Contudo, ela sequer conseguiu prosseguir com sua indignação, pois foi agarrada e jogada nos ombros do Caçador, que começou a carregá-la na direção da carruagem dos Lestrange.

— Ponha-me no chão! — ela gritou. — Papai! Faça alguma coisa!

— Desta vez não vou interceder, Maryanne, pois concordo com ele.

Sem nenhuma gentileza, o Caçador jogou a moça no banco, fechando a porta antes que ela tivesse chance de se recuperar. Em segundos,

Lestrange estava entrando também no veículo, pela outra porta.

— Vocês não podem fazer isso comigo!

O olhar desesperado de Maryanne fez o coração do mascarado se partir em dois. Sabia o quanto a privação de liberdade iria ser terrível para ela. Ele quase podia compreender sua alma, inquieta e curiosa, sempre em busca de um novo desafio. Mas ela poderia estar em perigo, portanto, não havia escolha.

— Vá! — o Caçador ordenou ao cocheiro, tentando ignorar todos os sentimentos que estavam estampados na expressão decepcionada e traída de Maryanne.

Ele a compreendia. Também se sentia enjaulado em uma maldição, que não lhe permitia ter paz. Não era mais o mesmo homem que fora um dia; era um condenado, uma alma errante,

vagando por um inferno que ele mesmo construíra, deixando pegadas de sangue. Não havia salvação.

Capítulo Oito

— O senhor não pode fazer isso! — ela berrava, enquanto Lestrange a conduzia até o quarto, à força, pelo braço.

— Claro que posso! Sou seu pai...

— Mas eu não mereço!

— E merece morrer? — vociferou ele, perdendo a paciência, enquanto a colocava sentada na cama. — Estou cansado de suas inconsequências, Maryanne! Está na hora de começar a me obedecer.

— Talvez a mensagem não seja tão literal. Precisamos interpretá-la!

— Não. Não *precisamos*. Você está fora... e quanto mais rápido aceitar isso, melhor para você.

Batendo a porta do quarto, ele saiu, passando a chave na fechadura, sem dizer mais nada.

Maryanne, deixada sozinha, olhava para todos os lados, encarando as paredes, sem acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo. Ela quase podia ouvir sua alma gritando, urrando dentro de seu corpo, sentindo uma feroz necessidade de se libertar e vagar invisível por todos os lugares. Mas a verdade era que estava encarcerada naquela prisão.

O que a perturbava, além da perda de sua liberdade, que era uma das coisas que mais lhe importavam, era saber que havia muito mais naquela mensagem do que seu pai ou o Caçador foram capazes de ver. Alguma pessoa muito mais indefesa poderia estar em perigo, prestes a ser morta, e ela estava ali sem poder fazer nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

E tudo por culpa do Caçador.

Tinha plena noção de que seus sentimentos por ele eram fortes e muito contraditórios, o que tornava tudo muito mais confuso. Odiava-o naquele exato momento, pois fora sua petulância que a colocara naquela situação. Reconhecia que ele tencionava protegê-la; no entanto, nem sequer pensava que, com aquilo, poderia estar colocando mais uma vida em perigo.

Ou não...

Não tinha o bilhete em suas mãos para poder ser analisado como deveria, mas ela podia jurar que sabia exatamente o que estava escrito ali, de cor.

Por isso, sentindo uma imensa urgência, ela pegou um papel e uma pena na escrivaninha de seu quarto e começou a transcrever o que se lembrava da mensagem que lera minutos atrás.
PERIGOSAS ACHERON

Tivera um pouco de dificuldade para lembrar-se de todos os detalhes, mas não demorou mais de meia-hora para obter cada palavra.

Analisando o que tinha em mãos, percebeu que mais uma vez a primeira frase era de Poe. Contudo, parecia não ter sido escolhida aleatoriamente daquela vez. Parecia ter um significado, alguma ligação com toda aquela história. Será que aqueles crimes eram passionais? Tinham a ver com algum caso de amor fracassado? Mas o que todas aquelas mulheres, que não tinham nenhuma característica em comum, além da idade, poderiam ter a ver com alguma desilusão amorosa de um homem? Seja lá o que fosse, ela tinha que focar seus pensamentos no que tinha em mãos.

Passou, portanto, para a segunda frase. Aquela que era dirigida exatamente para ela. E,

naquele exato momento, pensando com mais clareza, compreendeu tudo que o assassino queria dizer, sem dificuldades, sem demora. E era horrível. Muito pior do que ela imaginava.

Sabia quem ele iria assassinar. E sentia que não poderia fazer nada trancada ali dentro.

***

Sentia-se exausto. Não conseguira dormir um minuto sequer naquela noite. Primeiro, pois a imagem daquele bilhete, onde constava o nome de sua filha, profanado pela caligrafia amaldiçoada de um assassino, não saía de sua cabeça. Em segundo lugar, pois cortava-lhe o coração saber que ela estava trancada no cômodo ao lado, como uma criminosa. Imaginava-a andando de um lado

para o outro, também sem poder descansar, odiando o pai com todas as suas forças. Mas não importava que ela o odiasse. Sua segurança era muito mais importante.

Pensando nisso, foi bem cedo pela manhã que saiu de casa, sem nem tentar conversar com a filha, que ainda deveria estar muito magoada, indo direto ao bordel da cidade. Daquela vez ele mesmo iria fazer seu interrogatório, até porque, não fazia ideia do que o Caçador poderia ter feito com o corpo da moça assassinada.

Ao vê-lo, algumas moças fugiram, assustadas, pois sabiam que ele era da polícia. Apenas uma ficou no exato local onde estava, parecendo indiferente à sua presença. Tomava algum líquido fumegante em uma xícara gasta e rachada, e assim permaneceu até que ele se aproximou.

— Bom dia, Inspetor! — sem nem sequer levantar a cabeça para olhar para ele, a mulher cumprimentou.

— Bom dia, Marsha! — Lestrange a conhecia, embora houvesse certa tensão na forma como se tratavam.

— O que vai ser hoje? — ela o tratou como um cliente, o que não o deixou embaraçado.

Apesar de se sentir um tolo todas as vezes que buscava os serviços de Marsha, ela era a única mulher que o tocara desde que Berenice morrera. Não poderia suportar o amor de outra, quando fora tão imensamente apaixonado; quando tivera tudo que alguém poderia desejar. Contudo, era um homem, possuía seus instintos e necessidades. A mulher à sua frente não era bela ou doce como sua esposa, mas ao menos não lhe fazia perguntas, não era jovem ao ponto de parecer sua filha e

nunca lhe exigia nada que não fosse o pagamento justo.

— Vim aqui a trabalho — ele explicou.

Marsha manteve-se em silêncio, apenas fazendo uma expressão de entendimento, balançando a cabeça.

— Veio para falar de Fantasy, não veio?

— Quem é Fantasy?

— É uma das meninas. Ela está desaparecida há dois dias.

— E por que ninguém alertou a polícia? — indignado, Lestrange perguntou.

— E o senhor acha que alguém se importa com o desaparecimento de uma prostituta? Com certeza iriam pensar que ela fugiu. Aliás, é o que todos estão pensando por aqui... Mas não eu.

— E por que não?

— Porque ela estava feliz. Um cliente prometeu uma vida de rainha para ela, dizendo que iria tirá-la daqui. Claro que eu desdenhei, não acreditei em nada do que ele lhe prometeu, mas Fantasy era ingênua, facilmente manipulada. Ela não iria embora.

— A senhorita sabe quem é esse homem? O que lhe fez tantas ofertas? — aquilo finalmente começou a ficar interessante e relevante.

— Não. Claro que não. Fantasy recebia muitos clientes, era a carne nova por aqui, além de ser a mais jovem e bonita. Poderia ser qualquer um deles. Ela jamais diria — com um sorriso malicioso no rosto, Marsha respondeu a pergunta.

— Por que ela não diria?

— Porque tinha medo da concorrência.

Qualquer uma das meninas quer ser tirada daqui pelo príncipe encantado... — falou com desdém. — Caso alguém soubesse que havia um pretendente disponível e disposto a assumir uma meretriz como sua senhora, poderia tentar seduzi-lo. Ela poderia ter confiado em mim, se quisesse. Talvez eu pudesse aconselhá-la melhor se soubesse quem era o cavalheiro — mais um sorriso com malícia, como se tudo para aquela mulher não passasse de uma cíclica ironia.

— Você tem alguma lista dos clientes regulares dela?

— Acredito que o dono da casa possua, mas tenho quase certeza que encontrará muitos nomes falsos. Nenhum homem casado teria coragem de revelar sua identidade em um bordel.

Lestrange teve que concordar, pensando que, na primeira vez que fora ali, ele mesmo

sentira vontade de mentir, contudo, seria inútil, pois a cidade inteira o conhecia.

— Compreendo. — ele fez uma pausa. — Marsha... — ele usou o primeiro nome dela, em uma demonstração de intimidade, falando em um tom de voz mais baixo, como se não quisesse que as pessoas ao redor os ouvissem. — Fantasy foi assassinada. Não sei se está ciente dos crimes que estão ocorrendo na cidade nos últimos dias, mas ela foi mais uma vítima — ele percebeu que o semblante da mulher endureceu, apresentando certa piedade em seu rosto. — Gostaria que falasse comigo se souber de qualquer coisa que possa me ajudar a descobrir quem fez isso com ela.

— A minha opinião, inspetor, é que o homem que dizia lhe querer tanto, não apenas para uma eventual noite de amor, é o culpado.

— Mas qual seria sua ligação com as outras mulheres?

— Bem, ai é com o senhor... — ela riu outra vez. — Não sou detetive, infelizmente.

A forma como Marsha disse aquilo fez Lestrange pensar duas vezes. Conforme ela se levantava e se afastava dele, dando uma suspeita olhadela por cima do ombro em sua direção, fazia com que ele pensasse que talvez soubesse muito menos do caso do que pensava a princípio. Não fazia ideia de quem era o inimigo contra quem estava lutando; não conhecia sua identidade e nem mesmo características peculiares. Era a primeira vez que sentia-se tão vazio, sem nenhum conhecimento realmente importante para o desfecho de uma investigação.

Por isso, assim que saiu daquele bordel, partiu para o único lugar onde sabia que poderia

encontrar um pouco de paz e serenidade.

A lápide jazia no mesmo local de sempre. Era triste, cinza, sombria. A grama ao redor não era devidamente aparada ou cuidada, dando o exato aspecto que deveria ter: de morte. Lestrange sabia que uma coleção de fantasmas rodeava a sepultura de Berenice. Havia a dor, a tristeza, a revolta, o arrependimento... todos eles pareciam dançar ao redor da tumba, como se cantassem uma cantiga de roda. Pareciam brincar, festejar a falha de Lestrange. E ele sabia que o espírito do perdão era o único que não encontraria ali, pois simplesmente não conseguia perdoar a si mesmo.

Berenice fora morta, aparentemente sem explicação, vítima de um assassino sem rosto, depois de outras seis mulheres inocentes, mães e esposas. E assim, sua amada tornou-se uma estatística, apenas um número, um nome em um

livro arquivado nos armários da delegacia. E neste relatório não constava o quanto era linda, sorridente, divertida ou amorosa. Era apenas mais uma. Mais uma vítima que Joseph Lestrange não foi capaz de salvar.

Esse acontecimento mudou sua vida para sempre. Ele foi a consequência de seu pedido de demissão da polícia e da abertura de seu escritório de investigações particulares. Ele culpava os limitados recursos da delegacia e a pouca importância dada aos detalhes. E Lestrange sabia o quanto os detalhes poderiam ser a tênue linha entre a vida e a morte.

Depois de acabar com a vida de Berenice, o assassino desapareceu. Nunca mais cometeu nenhum crime e não deu as caras. Xeque-mate para ele, que saiu vitorioso da batalha.

Com lágrimas nos olhos, Lestrange

ajoelhou-se no chão, de frente para a lápide de sua esposa, tirando seu chapéu e respirando fundo.

– Perdoe-me por não ter lhe trazido flores hoje, meu anjo. Mas acho que elas não combinariam muito com meu humor – ele deu uma risadinha triste, sabendo que o que acabara de dizer era uma tolice. Mas logo esse meio sorriso tornou-se um som de desdém por si mesmo. Colocando a mão na cabeça, Lestrange continuou: – Sinto-me perdido. Totalmente. É como se estivesse vagando eternamente em um labirinto cujas saídas foram todas trancadas. Mas, no fundo, eu sei que há uma salvação. Sei que há uma luz no final de toda essa escuridão. Não posso aceitar ser vencido novamente.

Seu discurso parecia completamente sem explicação, desorientado. Mas fazia sentido para ele. E, talvez, de algum lugar, Berenice o estivesse

ouvindo e fizesse sentido para ela também.

— Pessoas estão morrendo novamente. Uma após a outra. E eu não posso fazer nada. — suspirou, sentindo-se derrotado. — E agora Maryanne está envolvida em tudo isso. Ele fez uma ameaça a ela. Não posso falhar novamente, Berenice. Não posso deixar nossa filha desprotegida!

— Concordo plenamente — uma voz proferiu, vinda de detrás de Lestrange, acompanhando um som de passos sobre folhas secas.

Cauteloso, Lestrange virou-se para ver de quem se tratava, com sua arma em punho. O rosto que viu o deixou completamente surpreso. Ali estava o Caçador sem sua máscara, revelando seu rosto pela primeira vez. Não era segredo que Joseph soubera da verdade desde o princípio, mas

vê-lo daquela forma, vestido como o caçador, porém com a face livre, era um momento raro.

— Ficou louco? Se alguém o vê assim? — Joseph interpelou.

— Não importa. O que eu preciso dizer é muito mais importante. E eu não poderia falar usando essa máscara. Precisava que olhasse nos meus olhos...

— E como me encontrou aqui?

— Simples. Eu o segui. Sabia que iria ao bordel para obter informações. Não foi muito difícil.

— Onde está o corpo? Sei que você deu um fim nele... — como sempre desconfiado em relação ao seu principal contratante, Lestrange indagou.

— Levei hoje de madrugada para a

delegacia, deixei-o na porta.

— Você não tem juízo? — gritou. — Adulterou uma cena de crime!

— Como se fosse fazer qualquer diferença... Sem você eles não são nada. Jamais vão desvendar esse caso sem sua ajuda. Ou qualquer outro — de braços cruzados, o Caçador mantinha seu olhar indiferente. E Lestrange sabia que ele tinha razão, nem sequer poderia contradizê-lo. — Bem, Joseph, acho melhor iniciar logo o assunto que me trouxe aqui — pausa. — Maryanne precisa ser protegida.

— Ela *está* protegida. Eu fiz o que sugeriu, e a pobrezinha está trancada no quarto como uma criminosa.

— E você acha que aquelas paredes são capazes de segurar uma alma como a dela? Sua filha é como um pássaro, Lestrange. Se não permitirem que ela voe, encontrará um meio de

ultrapassar as grades da gaiola — ele falou, com um meio sorriso no rosto. — E é isso que me fascina nela — revelou, deixando Lestrange muito surpreso.

— Fascina? Está *apaixonado* por ela? Mas eu pensei que...

— Estou — falou sem hesitar, cheio de decisão. Percebendo a expressão indignada de seu interlocutor, prosseguiu: — Sabe que sou o único que pode realmente protegê-la.

— Está subestimando minha capacidade de zelar pela segurança da minha própria filha?

— Não. Não estou. Mas se colocar a mão na consciência, me dará razão. Eu sou a pessoa mais indicada para cuidar dela.

— E o que quer, então? Quer que eu a deixe sob seus cuidados?

— Sim. Mas mais do que isso. Quero me casar com ela... É a única solução.

— Não posso obrigá-la a se casar. Prometi que jamais faria isso.

— Ela tem sentimentos por mim. Eu a beijei, Lestrange. E ela correspondeu — assumiu, sem sequer se preocupar.

— Seu canalha! Como pôde ter tocado em Maryanne? — Lestrange partiu para cima do "Caçador", que nem sequer desviou. Compreendia a atitude do outro, por isso, o deixaria extravasar.

— Lestrange... — ele segurou os braços do detetive com certa delicadeza — ...eu realmente a amo. Estou dizendo que quero me casar com ela, para protegê-la, para que nada lhe aconteça. E porque ela é especial para mim. Não sei explicar, mas é.

Era uma bela declaração de amor. E parecia sincera. Além disso, Lestrange não podia negar que eles pareciam feitos um para o outro. Ambos eram intensos, inteligentes e geniosos. Formariam um casal interessante. Ainda assim, não cabia a eles decidir.

— Essa é uma escolha de Maryanne. Somente ela poderá decidir.

— Saberei convencê-la — mais um sorriso malicioso apareceu em seu rosto, e ele finalmente colocou a máscara, incorporando novamente o personagem que mais parecia possuí-lo como uma assombração.

***

Ela andava de um lado para o outro sem

parar, há pelo menos uma hora. Poderia ter perfurado o chão com suas passadas, de tão repetitivos que eram seus movimentos. Sentia-se como um animal enjaulado, capturado e tirado de seu habitat natural.

Sabia exatamente quem seria a vítima daquela vez. Seria Chloe.

Só havia duas pessoas a quem Maryanne amava mais do que tudo. Seu pai e sua melhor amiga. Levando em consideração o perfil das vítimas anteriores, Chloe se encaixava exatamente nas descrições. Era jovem, bela, frágil e uma presa fácil. Contudo, não precisava ser. Se ao menos Maryanne pudesse avisá-la...

Todos estavam cegos, desesperados para protegê-la e sequer conseguiam perceber o verdadeiro teor da mensagem. Se qualquer coisa acontecesse com Chloe, ela se sentiria

eternamente responsabilizada. Se visse sua inocente amiga deixada nua, em uma rua qualquer, com o corpo no mesmo estado do daquela meretriz, seria como se sua vida tivesse sido tirada também.

Não. Não podia permitir isso! Não podia ficar de braços cruzados, apenas esperando que a má notícia chegasse. Tinha certeza que seu pai não tinha a intenção de ouvi-la, muito menos de libertá-la daquela prisão.

Então teria que agir por si mesma.

Não seria fácil, mas jamais se intimidara com um desafio.

Abrindo as delicadas cortinas que escondiam sua janela, abriu também o vidro e reparou que a queda não seria assim tão alta, caso se desequilibrasse. Não era exatamente o que uma moça faria, mas acreditava que nenhuma outra

jovem de sua idade tivesse passado por uma situação semelhante. Então, não teve escolha. Sabia que sua anágua iria atrapalhar, portanto, ela a tirou, com um pouco de dificuldade, por baixo do vestido, e deixou que a saia murchasse como uma flor que se decompõe sob o sol.

O vestido perdia quase toda sua beleza daquela forma, e até mesmo poderia parecer vulgar aos olhos de outra pessoa, mas ela sequer se importou. Um pouco apreensiva, sentou-se no parapeito da janela, girando o corpo até que ficasse com as pernas balançando para o lado de fora. Antes que fizesse qualquer movimento, respirou fundo, buscando coragem, e só assim conseguiu saltar.

A queda não foi lá muito graciosa e muito menos indolor. Por sorte caiu sentada, não quebrou nenhum osso nem torceu nenhum

músculo, apenas ralou um pouco dos braços e rasgou a barra do vestido, sujando-o um pouco. Mas nada daquilo lhe importou; apenas levantou-se do chão com pressa, limpou um pouco da poeira que tinha impregnado em sua roupa e seguiu seu rumo, caminhando com o máximo de pressa que conseguiu.

Tinha um destino certo, a casa do Caçador. Por mais que soubesse que fora ele quem convencera seu pai a trancá-la, que ele também estava obcecado com a ideia de protegê-la depois de ler aquele bilhete, ele era a pessoa ideal para lhe ajudar.

Quando chegou à cabana, torcendo para que não demorasse a aparecer, deparou-se tanto com ele quanto com seu pai. Estava ofegante, cansada e parecendo extremamente desesperada.

— Maryanne! — Lestrange levantou-se da

cadeira onde estava sentado, assim que a viu, mostrando-se surpreso e indignado com a presença dela ali. — Como saiu de casa?

— Eu pulei a janela.

— Não é possível, Lestrange! Parece até que eu conheço sua filha melhor do que você. Como pôde não ter trancado também a janela? — o Caçador indignou-se.

— Faria melhor? — desafiou o detetive.

— Claro. Eu a teria amarrado na cama...

— Seu... seu... — Maryanne estava prestes a xingá-lo, mas não encontrava a palavra certa.

— Cuidado com o que vai dizer, menina... ainda posso fazer isso! — zombou, mas logo sua expressão se tornou séria novamente. — Por que você sempre faz tudo errado, Maryanne? Aparece aqui sem avisar e sai sozinha na rua, sabendo que

está em perigo...

— Mas foi exatamente isso que eu vim dizer! Não sou que estou em perigo! —disse, alterada. Os dois homens ao seu redor não compreenderam o que ela tencionava explicar — Eu guardei a mensagem em minha mente. Ele está se referindo a Chloe, não a mim.

— Quem é Chloe? — o Caçador perguntou.

— Chloe Harris. A melhor amiga de Maryanne — Lestrange explicou.

Havia dúvida nos olhos do Caçador, por isso ele rapidamente pegou o bilhete encontrado no último cadáver e o releu. Aquela deveria ser a centésima vez que estudava aquelas palavras. Estava claro que a ameaça não era a Maryanne, mas a alguém que ela amava. E pelo que podia verificar, Chloe era a aposta mais certa.

— Ela tem razão, Lestrange! — o Caçador praticamente sussurrou, assim que terminou sua análise.

— O quê?

— Eu disse que ela está certa. É bem provável que Chloe Harris esteja em perigo.

— Precisamos fazer alguma coisa! — Maryanne, ansiosa, reclamou.

— Eu vou até a casa dela. Maryanne, não saia daqui — e, virando-se para o Caçador, disse: — Cuide dela.

E saiu, deixando os dois sozinhos.

Aquela era uma situação das mais desagradáveis. Maryanne queria fugir dali e não ter que enfrentar uma conversa civilizada com um homem que despertava sentimentos contraditórios em seu coração. Alguma parte de si

o odiava. Podia jurar que teria prazer em vê-lo sendo desmascarado e perdendo a pose de herói da cidade; mas, ao mesmo tempo, queria que aproveitasse que estavam a sós novamente e a beijasse como fez da primeira vez, com tanta paixão e urgência. Estava perdida de desejo; inebriada pelo mistério e pela paixão.

— Você sabe que há mais um detalhe naquele bilhete, não sabe? — ele perguntou, quebrando o silêncio, o que a deixou bastante frustrada. Ele poderia ter usado o momento para lhe dizer qualquer coisa, mas preferira manter-se focado no caso. Bem, ele estava certo, afinal. Era sua melhor amiga que estava em perigo.

— Está falando dos números? — ele fez que sim com a cabeça. — Conseguiu descobrir do que se trata?

— Sim. São coordenadas geográficas.

Latitude e longitude. Sabe o que significa?

— Claro que sei o que significa — ela arrancou o papel da mão dele. — Só não sei interpretar. Você sabe?

— Não. Mas conheço uma pessoa que sabe e já está analisando para mim.

Aquilo a deixou satisfeita, mas limitou-se a balançar a cabeça positivamente.

Depois, o silêncio tomou conta do ambiente. Ela sabia que ele seria o primeiro a falar qualquer coisa, provavelmente mais alguma descoberta relacionada ao assassino e à mensagem que deixara, e ela não queria que isso acontecesse. Queria ser ela a dar as cartas, a iniciar a conversa, a deixar sua opinião sobre alguma coisa.

E havia algo a ser dito... algo que vinha

consumindo sua mente há dias. Algo que ela precisava exorcizar ou devoraria sua mente. Bem devagar.

— Por que me beijou aquele dia?

A pergunta foi tão repentina e sem explicação que chegou a deixá-lo confuso. Não era possível enxergar muito de sua expressão facial, mas a reação de seu corpo falava o suficiente. Ele parou todos os movimentos e virou o rosto em sua direção de forma súbita.

— Eu a beijei porque quis.

— Sempre faz as coisas que quer sem pedir permissão? — desafiou.

— Normalmente não peço permissão para matar os homens que mato...

Ele tencionava chocá-la com aquela resposta, mas Maryanne sequer se mexeu. Seus

olhos permaneceram fixos nele, apenas esperando que falasse mais alguma coisa.

— Ainda estou esperando a resposta. Uma resposta decente. Não fiquei convencida...

— Sinceramente, Maryanne... não acho que haja uma explicação lógica. Você é uma mulher bonita... eu a desejei naquele momento.

— Naquele momento? — repetiu com desdém. — E como me explica o fato de quase ter acontecido de novo? — berrando, Maryanne sentia que necessitava colocar toda sua fúria para fora, antes que fosse tragada por seus próprios sentimentos, como se estivesse em uma areia movediça.

— Maryanne, todas as vezes que lhe beijar terão o mesmo motivo... eu a desejo. E acho que deixei isso bem claro.

— Todas as vezes...? Pode apostar que não irá me beijar novamente.

— Eu não teria tanta certeza — ele riu, cheio de ironia, enquanto se aproximava dela, lentamente, como um predador.

— Mas eu tenho! — não parecia tão certa assim quando sua voz falhava e mais parecia um sussurro assustado. — Não permitirei que sequer se aproxime. A não ser que seja covarde ao ponto de me beijar à força...

— Não chamaria de covardia, mas de aproveitar as oportunidades.

Enquanto o Caçador ia se aproximando, Maryanne tentava se afastar, dando passos para trás. Achava que a melhor escolha era fugir, mas não teve sorte por muito tempo, pois logo foi impedida de continuar ao colidir com uma parede. Imediatamente se viu encurralada, e o homem à

sua frente pareceu gostar da cena. O sorriso em seu rosto era evidente e muito malicioso.

Aprisionando-a com seu corpo, ele colocou as duas mãos de cada lado de sua cabeça, e aproximou seu rosto o máximo que pôde sem tocá-la.

— Eu poderia beijá-la agora se quisesse... E você não poderia fugir de mim... é minha prisioneira agora — sua voz soou mais sensual do que nunca. Maryanne sentiu-se derreter.

— Deixe-me sair...

— Ora, ora... a destemida Maryanne Lestrange se rendeu? Estou decepcionado, pensei que a batalha seria mais interessante.

— Posso lhe dar um chute em um local nada apropriado, caso queira brigar... Caçador...

Por um momento ele não soube o que dizer.

Talvez até compensasse levar um chute, nem que fosse para vê-la irritada. Mas, pensando duas vezes, esperava ter outras oportunidades para embates como aquele, e tinha certeza que saberia deixá-la mais maleável. Ainda mais se Lestrange cumprisse sua promessa de fazê-la se casar com ele. Claro que ela se casaria com seu outro lado... com o homem, não com o monstro.

Então, dando-se por vencido, ele se afastou, dando espaço para que ela saísse dali. E ela saiu. Ou melhor, ela fugiu, correndo, como se ele fosse venenoso... como se tivesse alguma doença contagiosa.

Algo dentro do Caçador se remexeu... a rejeição o deixara confuso, talvez até um pouco revoltado. Não podia falar metade das coisas que queria dizer, e antes que fizesse uma besteira por causa daquela mulher, virou-se de costas, indo até

a janela. Tinha decidido que ficaria ali, sem encará-la até que Lestrange voltasse. Jamais amaldiçoara tanto o fato de aquela cabana ser pequena demais para duas pessoas.

Contudo, Lestrange demorou um bom tempo para retornar. Apesar disso, nem o Caçador nem Maryanne deram o braço a torcer.

Não era difícil perceber que havia algo de errado. O semblante do homem parecia devastado, derrotado, triste. Assim que avistou a filha, seu olhar encheu-se de pena. Como um observador alheio, o Caçador visualizava a cena, alternando entre prestar atenção em Lestrange e em Maryanne. Ao olhar para ela, ele logo teve consciência de que compreendeu que as notícias não eram boas. E correu para o pai, desesperada.

— Chloe... ela... — Maryanne mal conseguia falar. Agarrada ao pai, ela praticamente implorava

para que ainda estivesse viva.

— Ela desapareceu... Nesta madrugada.

E o Caçador, ainda observando, viu Maryanne desabando nos braços do pai, como se buscasse algum conforto. Ela era forte. Talvez a mulher mais forte que conhecia, porém, em uma situação como aquelas, não suportou. Seu choro pareceu profundo, compulsivo. E não apenas isso. Era como se tivesse segurado aquele choro há muito tempo, como se tivesse esperado muito para desabafar, liberar suas emoções como acontecia naquele momento.

Vê-la daquela forma, fazia todo o corpo do Caçador doer. E doía de vontade de tocá-la, de ampará-la, de poder ser a força em seu momento de fragilidade. Estava virando um sentimental, mas não podia evitar. Queria que ela buscasse o seu peito para se abrigar em um momento de

dificuldade, queria poder ser ele a sustentá-la nos braços caso caísse.

— Não! Não posso fraquejar... — tentando se recompor, Maryanne saiu do abraço do pai e empertigou-se, como uma verdadeira guerreira depois de ser abatida pelo primeiro golpe. — Chloe precisa de mim — e então virou-se para o Caçador, que ainda a observava. Em seus olhos uma estranha expressão de liderança. — Temos que descobrir aquelas coordenadas o quanto antes. Ele vai levá-la para este lugar...

— Filha, não crie tantas esperanças. Esses lugares indicados por ele são apenas pistas de onde ele deixará o corpo...

— Não! — gritou ela, com os olhos assustadoramente arregalados. — Não vou permitir que ela morra! Não vou.

— Ah, não? — depois de tanto tempo em

silêncio, o Caçador agarrou se braço e a virou para si. — E como pensa em agir?

— Não sei — ela tentou soltar o braço, mas ele colocou ainda mais força.

— Não vou permitir que se arrisque dessa forma.

— É minha melhor amiga! Não posso abandoná-la... — ambos se olharam nos olhos. Maryanne enxergava uma promessa de que o Caçador faria qualquer coisa para mantê-la afastada de perigos. Sabia que ele seria capaz de bolar planos com seu pai para prendê-la, deixá-la isolada ou qualquer outra coisa. Isso fez com que seu coração parasse. Não podia permitir que machucassem Chloe. Não podia perdê-la; ela era uma parte de si... como uma irmã. Por isso, seria capaz de perder totalmente seu orgulho... — Por favor, não me impeça de ajudar... — ela já chorava

novamente, de forma mais discreta, é claro, e havia muita dor em sua face. Aquilo o feriu profundamente. Não queria vê-la sofrer.

Sem nem pensar no que fazia, aproveitou que ainda estava segurando seu braço e a puxou para si, fazendo-a bater de encontro a seu peito, aninhando-a ali.

E sentiu-se bem como há muito tempo não sentia. O toque de sua pele fazia com que ele se sentisse pleno, como um navegador que busca um tesouro e finalmente o encontra. Sabia que não merecia o direito de tê-la nos braços, ao menos não enquanto usasse aquela máscara. Não podia querê-la enquanto a alma do Caçador o possuía. Mas não podia controlar. Estava completamente apaixonado por ela.

Beijou-a no topo da cabeça, esquecendo-se da postura fria que deveria manter.

— Lestrange... — virou-se para o detetive, com uma expressão sofrida. — Deixe-a aqui comigo esta noite. Vou cuidar dela.

— Perdeu o juízo? Não vou deixar minha filha sozinha com você!

— Sabe que ela vai passar uma noite difícil, talvez tente fazer alguma besteira. Eu tenho meios de protegê-la. Já conversamos sobre isso.

— De forma alguma. Não é sequer uma opção — Lestrange afirmou, convicto. — Vamos embora, Maryanne.

Ela se afastou um pouco e levantou os olhos na direção dos do homem que a amparava. E não disse nada. Como se não soubesse o que dizer.

— Maryanne, quer que eu a coloque na cama? Está cansada... pode ficar aqui, se quiser — falou sem pensar, mas Maryanne pareceu não

perceber a forma tão doce como a tratou, tão alheia que estava.

— Não. É melhor que eu vá com meu pai.

E ao dizer isso, sem muita certeza, Maryanne caminhou na direção de Lestrange, a passos lentos, e o seguiu. Antes de sair, Joseph olhou para o Caçador com um olhar de reprovação.

— Lembre-se o que conversamos. Posso protegê-la. Até mais do que você — completou o Caçador. Só então a porta foi fechada, e eles foram para casa.

A cabana, entretanto, jamais pareceu tão vazia. Então, sentindo que fazia papel de palhaço naquele momento, ele caminhou em direção ao espelho e fitou-se por um tempo. Em seguida tirou a máscara que o impedia de ver quem ele mesmo era. Tinha vezes que nem ao menos se lembrava

de seu verdadeiro rosto quando estava disfarçado. Em outras sequer se lembrava de quem realmente era.

A imagem refletia um homem que poderia ter tudo que quisesse. Aquele homem, que o fitava de volta, poderia ter alguma chance com Maryanne Lestrange, se tivesse a oportunidade de permitir que ela o conhecesse bem. Isso, claro, se também permitisse que as trevas dentro de seu corpo desaparecessem. Não havia muita humanidade dentro dele. Talvez o sentimento por Maryanne fosse sua última lembrança de que ainda possuía um coração.

Sem saber mais quem era, duas metades confundindo-se dentro de sua mente, ele colocou a máscara novamente. E então reconheceu-se no espelho, finalmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Nove

Os sonhos eram amargos. Tanto, que ela quase podia sentir seu gosto, como se fossem palpáveis. No entanto, ficar acordada era ainda mais desagradável. Rolava de um lado para o outro, fugindo de pensamentos indesejados. Não conseguia parar de pensar que enquanto dormia de forma serena, sobre um colchão macio, com a cabeça aconchegada em um travesseiro cheiroso, imaginava o quanto Chloe deveria estar assustada, talvez ferida e sozinha.

Chegava a ser injusto. Chloe era completamente inocente, alheia a tudo. Era Maryanne quem deveria estar no lugar dela. Sabia se defender, saberia analisar seu algoz e tirar vantagem disso. Mas, não. Estava ali, impotente e sem esperanças.

Sabia que poderia pedir consolo a seu pai, que estava a poucos metros de distância. Só teria que bater na porta e jogar-se em seus braços, como uma garotinha indefesa, como costumava fazer na época que a morte de sua mãe ainda estava recente e mais dolorosa do que ela podia suportar.

Sim, teria consolo, carinho e palavras de conforto. Mas não era isso que queria.

No momento em que foi abraçada pelo Caçador, na cabana, sentiu-se confiante. Era como se houvesse uma força especial nele, uma segurança que permitia que ela relaxasse. Agora, vendo-se tão inquieta e desperta, embora quisesse dormir, arrependia-se de não ter aceitado passar a noite com ele, protegida e embalada por seus braços fortes.

E daí que não sabia quem ele era? Que seu

nome ainda fosse um mistério? O que importava era o que sentia. Por mais que tudo conspirasse contra, confiava nele. Acreditava que ele realmente a protegeria e que acalmaria seus anseios, sua raiva.

Tinha que assumir que estava um pouco fora de si. E quando aquilo acontecia, tornava-se um perigo para si mesma.

Como naquele momento.

Preferiu não pensar duas vezes, antes que desistisse. Apenas trocou de roupa, vestiu um casaco pesado, luvas e saiu do quarto sorrateiramente.

Foi direto à cozinha, sabendo que sua governanta ainda estaria acordada. Pediu, em um sussurro, para que ela chamasse o cocheiro, pois precisava dele. O rapaz, em pouco tempo apareceu, assustado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhorita! Está se sentindo mal? Precisa que a leve ao médico?

— Não, Glenn. Preciso que me leve a um endereço. Vou lhe explicar o caminho.

— A uma hora dessas, senhorita? Seu pai não vai gostar...

— Meu pai não precisará saber. Você vai apenas me deixar lá.

— E quem a trará de volta? — assustou-se.

— Não vem ao caso agora. E não faça mais perguntas! Apenas faça o que mando — mostrou-se severa. Odiava agir como patroa, mas em uma ocasião como aquela se fazia necessário.

Assustado e preocupado, o rapaz não teve alternativa a não ser obedecer.

O coração de Maryanne palpitava em uma velocidade impressionante, a medida que a

carruagem ia se aproximando de seu destino. A ansiedade em vê-lo era enorme, mas saberia ser cautelosa. Não sabia se ele estava lá e menos ainda queria pegá-lo desprevenido. Claro que queria saber quem ele era, ver seu rosto, mas queria que *ele* lhe revelasse, por livre e espontânea vontade.

Por isso, quando chegou, pediu que o cocheiro a esperasse por apenas cinco minutos. Se ela não retornasse nesse tempo, ele poderia ir embora.

E, assim, bateu na porta.

Quando o ouviu, de lá de dentro, perguntando quem era, olhou para seu criado e fez um sinal para que fosse embora. Quando ele foi, Maryanne respondeu, dizendo seu nome.

A porta foi aberta em segundos, como se ele tivesse pressa em vê-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu braço foi violentamente agarrado, no exato minuto em que ele surgiu na sua frente, mascarado. Ela também foi puxada para dentro da cabana e jogada na cama, como se tivesse sido colocada de castigo. Ele parecia furioso.

— Louca! Inconsequente! Como pode ter saído de casa tão tarde? — berrou.

— O cocheiro me trouxe. Eu não vim sozinha.

— Mesmo assim. Poderia ter sofrido um atentando. Poderia estar ferida... — desesperado, o Caçador agarrara seus braços e praticamente a sacudia, como se quisesse que ela acordasse.

— Mas estou aqui... com você — ela falou as duas últimas palavras de forma tão doce que ele pegou seu rosto entre suas mãos, com muito carinho. — Não me mande embora, por favor. Eu não consegui dormir... eu... eu... — gaguejando e

sem saber o que dizer, Maryanne colocou a mão na frente de seus olhos, escondendo o choro.

— Eu jamais a mandaria embora. Estou feliz por estar aqui... — revelou, quase como uma confissão.

— Está? — surpreendeu-se, olhando-o com os imensos olhos verdes, que pareciam ainda maiores naquele instante.

— Estou. Assim posso protegê-la. Não passaria uma noite tranquila se não a tivesse sob meus cuidados — ele também falou com doçura. — Mas e seu pai? Acredito que ele não saiba que está aqui...

— Não, não sabe.

— Se pretende passar a noite aqui, ele ficará desesperado quando acordar e não vê-la em casa.

— Tentarei voltar para casa antes que ele acorde. E no momento não estou preocupada com isso... só não quero ficar sozinha em um quarto olhando para as paredes sem conseguir dormir — ela se levantou da cama, afastando-se um pouco dele. — Não consigo pensar em mais nada a não ser que Chloe está em perigo. Ela é indefesa... frágil... Não tem nada a ver com tudo isso. Ele deveria ter levado a mim...

— Não diga isso — vociferou. — Você pode ser esperta e corajosa, mas é tão indefesa quanto Chloe Harris. Talvez mais, pois se acha muito esperta.

— O quê? Eu me *acho* esperta? Pensei que já tínhamos combinado que eu realmente ajudei em várias ocasiões.

— E ajudou, mas isso não muda o que eu disse. Por você ser uma detetive também e já

conhecer o caso, poderia tentar fazer qualquer coisa, e isso seria estúpido.

Maryanne reconheceu a tentativa. Ouvi-lo reconhecer que ela também era uma detetive fez com que se acalmasse um pouco, mas não o suficiente.

— E você? Não acha que está agindo como um estúpido também?

— Do que está falando? — ele não compreendeu onde ela queria chegar.

— Estou falando dessa máscara idiota! Em seu problema de confiar nas pessoas. Já dei provas suficientes de que jamais iria lhe trair, mas, ainda assim, você se esconde de mim — ele ia falar algo para se defender, mas ela o interrompeu. — Não diga nada. Você não tem defesa — ao falar isso ela riu com ironia. — E sabe o que é pior? Eu também não tenho. Sou tão tola quanto você, pois fui me

apaixonar por um homem cujo rosto eu nunca vi.

Aquela revelação fez com que o Caçador ficasse inerte.

— E, sabendo disso; sabendo que fui seduzida por você, não me dá sequer o direito de ver com clareza a expressão dos seus olhos quando olha para mim. Não me permite sentir a textura dos seus cabelos ou ver o rubor de suas faces. Não me dá o direito de chamá-lo pelo nome, de conhecer a pessoa que invadiu meus sonhos, mesmo quando estou acordada. Isso tudo o torna um covarde. Me beijar, dizer que me deseja ou insistir que quer me proteger, enquanto se esconde atrás dessa máscara, é fácil. Pode simplesmente enganar meu coração e desaparecer, sem sequer deixar rastros. Eu lhe dei muito de mim, e você não me deu nada... — Maryanne respirou, magoada. — Eu nem sei

porque vim até aqui. Concordo que foi um ato inconsequente... me desculpe.

Maryanne virou-se de costas e começou a fitar uma parede. Enquanto isso, o Caçador se sentia mais e mais miserável. Concordava com cada palavra que ela dissera, compreendia exatamente sua frustração e sua mágoa, e sabia que agia constantemente como um tolo. Não apenas com ela, mas também consigo mesmo. De que adiantava ter se tornado um justiceiro, quando ele mesmo cometia injustiças com a mulher que tanto desejava?

Ela ainda estava de costas, e pela forma como seus ombros se movimentavam, sua respiração estava entrecortada. Apesar disso, ele sabia que ela não estava chorando. Com certeza tentava conter as lágrimas, sendo orgulhosa demais para mais uma vez expor seus sentimentos

na frente dele.

Mesmo hesitante, sabendo que poderia ser a coisa errada a fazer, ele colocou a mão em seus ombros e a virou para si. Seu olhar quase o matou. Havia uma dor profunda naqueles olhos lindos e muita coisa ainda a ser dita. Ela guardava muitos desabafos como aquele dentro do coração, e ele queria ouvir todos... mas não naquele momento. Naquele momento, ele queria provar para ela que também a amava; que também tratava uma batalha contra seus próprios sentimentos. Por isso, ele a ergueu do chão no colo e a carregou até a cama, colocando-a deitada lá com muita delicadeza.

A visão de Maryanne, com os cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro, com os olhos confusos e fixos nele, fez com que ele parasse de pensar. Nada mais importava, somente

aquela bela mulher em seus braços e tudo que sentia por ela.

Beijou-a. Perdeu-se em seus lábios como se pudesse sugar sua alma por eles; como se pudesse roubar-lhe todos os sentimentos tão belos que ele não mais conhecia, mas que aquela mulher possuía de sobra. Como se por meio daquele beijo pudesse se tornar um homem melhor. Para ela.

Seus lábios estavam ávidos por prová-la, por sentir não apenas seu gosto, mas também suas emoções. Ouvir que ela também estava apaixonada dava-lhe um novo sentido, algo por que lutar.

E ele sabia que ela também o queria... Seu corpo respondia a cada carícia com ardor, sua respiração se mantinha em um ritmo acelerado, provavelmente acompanhando as batidas de seu coração. Ela parecia pronta para ele.

Maryanne exalava pureza, doçura e inocência, e ele sabia que seria um canalha se a possuísse naquele momento. Mas a verdade era que pretendia torná-la sua de todas as formas... perante Deus, perante os homens e sobre aquela cama. Sendo assim, ele colocou o braço por debaixo de seu corpo e a puxou, ficando os dois sentados sobre o colchão. Com isso, ele teve a liberdade de começar a abrir seu vestido, botão por botão, enquanto mantinha beijos cálidos por todo seu pescoço.

Ela mal conseguia respirar. Havia um terremoto de sensações assolando seu corpo, invadindo sua mente. Da forma como ele a seduzia não havia como hesitar, como negar... Estava em uma armadilha.

Mas um lampejo de sanidade fez com que abrisse os olhos. Não apenas para ver o que estava

acontecendo, mas principalmente para compreender que o que estava fazendo poderia ser muito, muito errado.

Foi então que ela se afastou um pouco, o suficiente para que ele percebesse que ela tinha parado e para que ele pudesse olhar em seus olhos.

— Mostre-me seu rosto — ela falou de forma imperativa.

Ela poderia ter tirado a máscara facilmente enquanto ele estava inebriado pelo desejo, mas não era isso que queria. Ela queria que ele confiasse nela o suficiente para mostrar quem era. Mas não foi isso que aconteceu.

Mediante o pedido — ou a ordem — que ela deu, o Caçador ficou em silêncio. Ele sabia que poderia fazer isso, que mostrar seu rosto para ela seria o mesmo que lhe dar um presente. Sabia que

ela tinha todo o direito de saber quem a tinha beijado e que estava prestes a tirar sua inocência. Mas, por algum motivo, não teve coragem. Não porque não confiasse nela, mas porque tinha medo que o desprezasse quando visse seu verdadeiro rosto.

— Bem, acho que isso significa que não tenho mais nada a fazer aqui — e ela levantou da cama, começando a ajeitar seu vestido, aprontando-se para sair porta afora. Porém, antes que pudesse sair na noite escura e perigosa, ele agarrou seu braço e jogou-a na cama novamente. Para que não fugisse, ele segurou seus punhos contra o colchão, mantendo-a ali contra sua vontade.

— Não vai sair daqui. Prometo que não vou tocá-la, nem sequer me aproximar, mas não vou deixar que passe dessa porta. É perigoso lá fora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me parece mais perigoso aqui dentro — falou por entre os dentes, raivosa.

— Ninguém irá matá-la aqui ou machucá-la...

— Não? Já machucou... mais do que você pode imaginar.

Aquilo foi como um golpe fatal. Ele sabia que estava sendo um canalha com a única mulher que não merecia sofrer. Mas fosse como fosse, ainda precisava protegê-la. Se a deixasse sair dali amedrontada, vulnerável e ferida, seria uma presa fácil, não apenas para o assassino que estavam caçando, mas também para qualquer outro louco que estivesse vagando por aquelas ruas com intenções cruéis. Jamais se perdoaria se ela fosse vítima de algum desses criminosos. Morreria se tivesse que caçar o assassino da mulher que amava.

PERIGOSAS ACHERON

Portanto, tinha que tomar uma medida drástica. Por isso, levantou-se da cama com pressa e tirou a chave da fechadura, colocando-a em seu bolso. Depois, foi até o pequeno banheiro, enquanto ela protestava sem parar, coisas que ele sequer tentava compreender.

Quando voltou, trazia algo na mão, escondido.

— Lamento por isso, Maryanne, mas é para o seu bem...

— O que vai fazer? — ele se aproximou, puxando-a para si, colocando-a de costas para ele.

Maryanne estava prestes a protestar, assustada, mas nem teve tempo para isso, pois ele encostou um pano embebido em clorofórmio em sua boca. E ela não demorou para perder a consciência e cair nos braços do homem de quem queria fugir.

PERIGOSAS NACIONAIS

***

Quando ela despertou, o dia já estava claro. Mal tinha ideia de quantas horas havia dormido, mas sentia que todos os seus músculos estavam retesados, o que significava que estava deitada há muito tempo.

Assim que abriu os olhos percebeu que estava sozinha. A cabana estava vazia, mas não duvidava que ele tivesse passado a noite inteira velando seu sono, exatamente como tinha prometido. Ao se levantar, porém, percebeu que a porta ainda estava trancada, mas a chave estava na fechadura, para o caso de ela querer voltar para casa.

E foi exatamente o que fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lestrange a recebeu estranhamente calmo. Com certeza o Caçador tinha lhe avisado de tudo que havia acontecido. Provavelmente ele tinha também mencionado seu estado frágil quando o procurara, pois seu pai não falou absolutamente nada sobre o assunto, nem sequer lhe passou um sermão. Ele apenas a abraçou, confortando-a.

Mas Maryanne não iria mais chorar. Era hora de agir. Chloe precisava dela.

E naquela mesma noite receberam a notícia que poderia ser decisiva.

Estavam jantando, embora Maryanne não tivesse colocado um pedaço sequer de comida na boca, quando o cocheiro surgiu com um papel na mão, que foi devidamente entregue a Lestrange. Assim que o leu, ele se virou para a filha, com uma expressão animada.

— O Caçador descobriu a localização das PERIGOSAS ACHERON

coordenadas. Estão comigo. Sei onde fica.

— Vamos para lá! Agora! — ela se levantou da cadeira com tanto entusiasmo que chegou a derrubá-la no chão.

— Maryanne... não vou levá-la, sabe disso! — afirmou, cansado.

— Vai sim. Se não me levar, juro que farei coisa pior — ameaçou. Por um momento permaneceram fitando-se em pleno desafio, até que Lestrange suspirou. E ela soube que tinha vencido a batalha.

— Tudo bem, Maryanne... vou levá-la, mas vai ficar na carruagem, com o cocheiro. Se eu souber que saiu de lá de dentro, vai ficar trancada no quarto por meses! E não terá chances de escapar pela janela!

— Sim, tudo bem! — esfuziante ela

concordou, acompanhando seu pai sem nem pensar duas vezes.

E partiram para lá com pressa, tentando correr contra o tempo, na máxima velocidade que sua carruagem permitia.

Ao chegarem, Maryanne percebeu que estavam em um terreno baldio. Era muito extenso, cercado por árvores altas que o escondiam, como uma pequena floresta. Estava escuro demais, por isso, Lestrange sacou uma pistola e preparou-se para sair da carruagem, mas antes virou-se para a filha e pediu:

— Por favor, me obedeça desta vez. Não saia de dentro desta carruagem.

— E você vai sozinho até lá? — amedrontada, ela perguntou.

— Sou um policial, Maryanne. É minha

obrigação.

Maryanne não teve como argumentar, ele estava certo. Aquele era seu trabalho; arriscar sua vida era parte da profissão que escolhera. E ela jamais podia se esquecer disso, pois orgulhava-se dele exatamente por sua coragem e senso de justiça.

Antes que ele pudesse ir, a jovem puxou-o para si e o abraçou com força.

— Eu o amo, papai. Por favor, tome cuidado — falou baixinho no ouvido dele, tentando reprimir todo o seu medo e ignorar a dor no peito que sentia. Algo lhe dizia que ainda naquela noite teria uma mórbida surpresa.

— Também a amo, querida — e ele se afastou, desaparecendo na noite, como se nunca mais fosse voltar.

***

O tempo passou depressa, como se tivesse urgência em amanhecer. Mas Maryanne não tirava sua razão. Aquela noite estava mais sombria que o normal, como se escondesse algum segredo.

Estava impaciente, não conseguindo mais suportar a espera naquela carruagem. Seu cocheiro tinha entrado na pequena cabine e estava sentado à sua frente, como um guardião. Ela sabia que seria muito difícil fazer qualquer coisa com aquele homem a vigiá-la, porém, a oportunidade perfeita surgiu quando ele acabou caindo no sono, depois de já estarem parados há pelo menos uma hora.

Maryanne tinha finalmente a chance de sair

dali e correr para ver o que estava acontecendo. Um pressentimento ruim se apossava de seu coração e não poderia ignorá-lo. Ao mesmo tempo, sentia medo. Sabia que se saísse daquela carruagem em uma situação como aquelas poderia estar correndo sério perigo. No entanto, era seu pai que ainda não tinha retornado, que poderia estar com problemas. E, por mais que não fosse exatamente de grande ajuda em um combate corpo a corpo com um assassino, sentia uma imensa necessidade de não deixá-lo sozinho. Nem que tivessem que morrer juntos.

Sem fazer muito barulho para não acordar o cocheiro, ela saiu da carruagem. Seu medo fazia seu corpo inteiro estremecer, por isso olhava para um lado e para o outro, esperando que ninguém a surpreendesse.

Porém, não foi o que aconteceu. Em uma

dessas olhadas para trás, para conferir se não estava sendo seguida, nem percebeu que estava andando de encontro a alguém. Ao colidir com um corpo forte e ser agarrada por mãos firmes, ela se sentiu prestes a gritar, mas a mesma mão que segurou seu braço abafou seu berro, tampando sua boca.

— Não faça barulho...

Era Darren Carmichael. Por um momento ela suspirou aliviada, mas logo sentiu uma dúvida percorrer sua mente.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou para ele, em uma voz baixa.

— Eu que deveria perguntar isso. O que *você* está fazendo aqui a uma hora dessas e sozinha?

— Não estou sozinha. Vim com meu pai e

com meu cocheiro.

– E onde eles estão?

– Bem, o cocheiro pegou no sono, e meu pai se embrenhou neste terreno, pois há indícios de que minha amiga, Chloe, tenha sido sequestrada... Parece que esse local tem alguma ligação com isso tudo – estava tão nervosa que começou a falar e não conseguiu parar mais. Talvez não tivesse sido muito sensato passar tantas informações para ele.

– Acho que vocês estão certos. Eu recebi uma mensagem estranha, dizendo que eu teria que vir até aqui. Este terreno me pertence...

Um calafrio percorreu a pele de Maryanne. Por mais que Darren não lhe parecesse um suspeito, não podia se esquecer das principais lições de seu pai de nunca confiar em ninguém a não ser em si mesma e em seus instintos. E aquela situação ali era suspeita demais para ser ignorada.

Por isso, Maryanne tentou soltar seu braço que ainda estava sendo segurado pela mão de Darren, mas ele não a libertou.

– Solte-me! – ela ordenou, mostrando uma confiança que não possuía. Pelo menos não naquele instante.

– Não vou deixá-la aqui sozinha. Vou acompanhá-la até sua carruagem, acordar seu cocheiro e fazer com que ele a leve em segurança para casa.

– *Não!* – exclamou com veemência. – Não vou embora daqui sem meu pai! Ele pode estar em perigo.

– Não vou deixar seu pai para trás. Vou buscá-lo.

– Já disse que vai ter que me levar com você. Você não me conhece, Darren... posso ser

muito teimosa e persuasiva quando quero – os olhos de Maryanne estavam fixos nos dele.

Darren, por sua vez, praguejou e agarrou a mão da moça, sabendo que aquela era uma batalha perdida. Enquanto caminhava para dentro do terreno, chamou um criado, que o acompanhava, para ir com eles como mais um reforço.

Enquanto caminhavam, Darren manteve-se segurando Maryanne pelo braço, como se tivesse medo de perdê-la de vista. Mas mesmo com ele a seu lado, parecendo muito protetor, ela não se sentia segura. Um sentimento de perda a acompanhava, como se soubesse que algo naquela noite se desfaria. Um laço, um sentimento ou mesmo sua vida. Sentia como se houvesse um relógio dentro de sua cabeça, cujos ponteiros caminhavam em total lentidão, enquanto o tempo

lá fora passava em seu curso normal. Era como se estivesse presa em um labirinto de escuridão; conforme caminhava, afundava-se mais e mais em um caminho sem volta.

Foi então que ouviram um murmúrio, como um pedido de socorro abafado. Darren apressou-se em puxar Maryanne para trás de si, colocando-a entre ele e seu criado, para deixá-la protegida.

Parados, com Darren em posição de ataque, Maryanne percebeu que ele tinha tirado uma arma de dentro de seu sobretudo.

– Tem alguém ali! – o criado do duque exclamou, apontando para a direita.

Todos os três correram na direção sugerida, e Maryanne foi a primeira a avistar um corpo se remexendo, parecendo desconfortável. Logo de longe percebeu que se tratava de alguém com

formas femininas, usando um vestido familiar.

– Chloe! – Maryanne sussurrou, ainda um pouco em dúvida. Mas assim que a pessoa novamente murmurou algo, por debaixo de uma mordaça, ela soube que estava certa. — Chloe! – exclamou novamente, começando a correr na direção da pessoa.

Darren e o criado, surpreendidos por sua reação repentina, atrasaram-se um pouco, mas logo foram atrás dela. Quando a reencontraram, ela estava lutando para desamarrar Chloe, que tremia e chorava. Mas Maryanne não estava muito diferente. Ela mal conseguia desfazer o nó que mantinha a amiga prisioneira, então, Darren abaixou-se e a desamarrou.

Chloe jogou-se nos braços da amiga, desabando de tanto chorar.

– Oh, Maryanne, foi horrível... Ele... ele ia

me matar.

– Ele quem, Chloe? Você sabe quem era esse homem? Sabe descrevê-lo?

– Não... ele usou uma máscara o tempo todo... E eu estava tão assustada...

Máscara. O som daquela palavra fez Maryanne estremecer. Por um momento viu-se desligada da cena ao seu redor, sendo transportada para a cabana do Caçador. Estivera tão cega que sequer pensara que ele mesmo poderia ser o autor daqueles crimes. Que ele poderia ser muito mais perigoso do que ela pensava.

– Está ferida? – era a voz de Darren perguntando, e isso fez com que Maryanne voltasse a si.

– Não. Estou bem – ela respondeu,

respirando fundo. — Maryanne, seu pai... ele... – começou a falar, mas interrompeu-se, como se a notícia fosse ruim.

– O que tem meu pai? — ela desesperou-se, pensando no pior.

– Ele apareceu e ia me salvar, mas o assassino o levou – Chloe começou a chorar. – Eu nem pude fazer nada... me desculpe.

– Para onde eles foram? – Darren perguntou com pressa.

– Ali – Chloe apontou para sua frente. – Seguiram naquela direção.

Darren virou-se, portanto, para o criado.

– Cuide de Chloe – e, sem dizer mais nada, puxou Maryanne pelo braço, sem querer perder tempo com discussões que ele sabia que iria acabar perdendo. Se ela queria bater de frente

com o perigo, que ao menos estivesse com ele.

O caminho à frente estava tão escuro que nem mesmo a luz do pequeno lampião que Darren carregava era suficiente. Eles estavam caminhando completamente às cegas, indo em direção a algo sem saber o que iriam encontrar.

Maryanne sentia Darren segurando sua mão com tanta força que ela poderia apostar que seu sangue tinha parado de correr naquela área. Ele era um nobre, um homem elegante, que com certeza não estava acostumado àquele tipo de situação. Mais ainda, ela sequer sabia se ele estava preparado para se deparar com um cadáver.

A palavra cadáver fez com que ela simplesmente parasse no meio do caminho. Seu semblante era de puro horror ao pensar que seu pai poderia estar ali, em qualquer lugar, brutalmente assassinado, boiando no próprio

sangue. O sangue que também pertencia a ela.

— Maryanne, o que houve? — Darren parou também, voltando-se para ela, preocupado. — Você se machucou? Está bem? — agarrando seus braços, ele queria que ela dissesse qualquer coisa.

— Não, não estou bem — confessou.

` — O que você tem?

— Meu pai... ele pode estar morto. Podemos estar prestes a encontrar seu cadáver... Eu posso nunca ter a chance de falar com ele novamente. Darren, eu... — a garota estava em pânico, atropelando as palavras, quase nem conseguindo completá-las.

— Maryanne... — ele colocou a mão em seu rosto, fazendo com que ela olhasse em seus olhos, acreditando que somente assim ela prestaria atenção no que ele tinha a dizer. — Você precisa

ter fé. Seu pai é um homem inteligente e preparado para este tipo de situação. Não vai se deixar abater tão fácil.

As palavras de Darren, ditas de forma tão serena e firme, fizeram com que a adrenalina de Maryanne baixasse um pouco. Ela chegou a respirar fundo, quase aliviada, e então voltou a caminhar, seguindo-o.

Caminharam por mais alguns metros, e Darren foi o primeiro a ver o que ambos temiam. Para sua sorte, Maryanne estava um pouco desligada, assustada, pois Lestrange estava caído no chão, sem se movimentar, e era melhor que ele tivesse um tempo para pensar no que fazer. Quando viu que o homem não estava morto, que tinha se movimentado, embora parecesse ter dificuldade ao fazê-lo, ele a alertou.

— Pai! — gritou ela, preparando-se para

correr em sua direção. Contudo, Darren a segurou, fazendo com que esperasse um pouco, afinal, não sabiam se havia alguém ao redor de Joseph, pronto para surpreendê-los. Por isso, ele diminuiu a velocidade de seus passos e empunhou sua pistola, para protegê-los.

Maryanne não suportava mais a espera para ver como seu pai estava; achava que cada minuto era crucial, contudo, compreendia a cautela de seu acompanhante. Por isso o seguiu sem hesitar.

Logo que se aproximaram, Maryanne pôde notar que havia sangue ao redor dele. *Muito* sangue. Além disso, um punhal fora profundamente cravado em seu peito. Ele parecia sem forças, frágil e à beira da morte.

Darren abaixou-se para verificar sua pulsação, enquanto Maryanne mantinha-se catatônica, inerte, sem saber como agir.

— Está vivo! — ele exclamou, retirando a faca que estava no peito de Lestrange com o máximo de delicadeza que conseguiu. Ainda assim, o homem gritou.

— Papai... — só então, após ouvir a voz do pai, realmente vivo, foi que Maryanne agiu e agachou-se, bem próxima a ele. — Estou aqui, papai... não vou deixá-lo morrer!

Enquanto ela falava com ele, tentando confortá-lo, Darren agia, pegando um lenço em seu bolso e pressionando o ferimento para estancar o sangue.

— Maryanne... — Lestrange sussurrou sem muitas forças.

— Estou aqui, papai... não fale. Não se esforce...

— Eu preciso falar. Preciso que me ouça...

PERIGOSAS NACIONAIS

Esse assassino está obcecado por você! Eu não sei o motivo, não sei... — ele ofegou e tossiu, cuspindo um pouco de sangue. Mal tinha forças para se comunicar, mas precisava deixar uma última mensagem para Maryanne. Era uma necessidade. — Você precisa se proteger... Precisa manter a investigação... Mas mais do que isso... você precisa... — mais uma vez ele precisou respirar profundamente para conseguir continuar a falar.

— Não se esforce tanto, papai... guarde suas energias... — ela chorava. — Darren, faça alguma coisa. Vá chamar ajuda!

— Não, Darren! — Lestrange a interrompeu. — Preciso que esteja aqui.

Maryanne e Darren se entreolharam, tentando compreender do que tudo aquilo se tratava.

PERIGOSAS ACHERON

— Maryanne... tenho um último desejo a você...

— Papai, não será seu último desejo, você não vai morrer... — ela afirmava, mas não tinha realmente certeza, vendo-o tão pálido e perdendo tanto sangue.

— Não me interrompa! — tossiu novamente. — Eu quero que se case com Darren.

— O quê? — ela se surpreendeu negativamente. — Mas, papai...

— Pelo menos uma vez na vida não tente me contestar, minha querida — ele tinha um sorriso triste no rosto. — Pelo menos não nesse momento — após uma pausa, ele pegou a mão da filha, manchando-a de sangue. — Darren pode protegê-la. Ele tem condições para isso... para cuidar de você; para... — daquela vez ele não conseguiu terminar de falar. Outro ataque de tosse

o acometeu.

— Não, papai... não me deixe... Não me deixe...

— Maryanne... me prometa que vai se casar com Darren... por favor! — foi tudo que ele conseguiu proferir.

— Eu... eu...

Ela simplesmente não sabia o que responder. Faria qualquer coisa para aliviar aquele momento, deixá-lo tranquilo e ciente de que seu último desejo seria atendido, uma vez que parecia inevitável perdê-lo, mas ao mesmo tempo não queria lhe prometer algo que não sabia se seria capaz de cumprir. A partir do momento que aceitasse aquela condição, não poderia voltar atrás.

Antes de responder ela olhou para Darren,

que parecia ter uma expressão estranha no rosto. Ao mesmo tempo em que demonstrava surpresa, parecia aceitar a situação. Sabia, portanto, que estava sozinha naquela luta.

— Papai... não pode fazer isso comigo. Jurou que nunca ia me pedir isso... — chorando, ela temia dizer aquelas palavras enquanto ele agonizava, mas não conseguira evitar.

— Mas a situação mudou, minha menina. Eu pensei que sempre estaria aqui para cuidar de você, mas não serei capaz. Darren é minha escolha. Aceite-o.

Tudo que ela pensava naquele momento era no Caçador. Como poderia aceitar se casar com um homem amando outro? Como poderia viver uma vida de mentiras? E se Darren simplesmente a trancasse em uma redoma de vidro, não permitindo que ela continuasse a ser a

pessoa que sempre fora? Ele parecia amigável, sereno e protetor, mas e quando fosse efetivamente seu dono? O senhor de sua vida? Ele estaria em todos os lugares, a seu lado, em sua cama, em seu sobrenome. Ela deixaria de ser a Senhorita Maryanne Lestrange para se tornar Maryanne Carmichael. Perderia sua identidade e talvez até mesmo sua personalidade. Será que queria isso?

Mas a pergunta naquele instante específico não deveria ser essa... deveria ser: "Conseguiria viver com a culpa de ter negado o último pedido de seu pai?"

— Responda, Maryanne... seu pai precisa descansar. — com autoridade, Darren falou, interrompendo seus pensamentos. Contudo, não podia negar que havia doçura em seu tom de voz também.

O olhar de Lestrange para ela era o mais suplicante possível. Não havia nenhuma forma de negar aquele pedido. Teria que sacrificar sua vida para seu pai deixar a dele em paz.

— Tudo bem, papai... eu aceito me casar com Darren.

Ao falar isso, ela olhou para Darren com desprezo, como se ele estivesse em conspiração com seu pai. Contudo, seus olhos logo se voltaram para Lestrange, que tinha um sorriso cansado no rosto. Ao menos ele realmente parecia em paz.

E Maryanne viu uma cena se repetir em sua frente: mais uma pessoa que amava de todo coração morria em seus braços.

— Não... — ela sussurrou, tocando o corpo do pai, tentando sentir qualquer sinal de vida. Mas não havia nenhum.

— Maryanne... — Darren segurou seus braços com delicadeza, tentando afastá-la dali.

— Você disse que ele saberia se cuidar, que eu só precisava ter fé... — era uma forma estúpida de lidar com as coisas, mas culpar alguém parecia a melhor saída para se acalmar. Se é que era possível.

— Isso era o que eu esperava que acontecesse — Darren também parecia ter uma pontada de sofrimento em seus olhos, por mais que não conhecesse seu pai tão a fundo.

— Então não deveria ter me dado esperanças! — ela gritou, desesperada. O choro, que antes era contido, tornara-se um pranto compulsivo. Maryanne estava decididamente entrando em surto.

— Você precisa se acalmar. Precisa...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tente achar que sabe o que eu preciso! Eu perdi tudo... nesse momento... acabei de perder... *tudo* — Darren sabia exatamente ao que ela se referia. Primeiramente à morte de Lestrange e, em segundo lugar, ao fato de que teria que se casar com ele.

— Eu sei. E lamento. Por *tudo* — ele enfatizou a palavra para que ela compreendesse que também se referia ao casamento forçado. — Mas precisa sair daqui.

— Não vou deixá-lo!

— Vou mandar alguém vir buscá-lo. Cuidarei de tudo.

Maryanne estava quase convencida de que Darren estava certo, contudo, antes que pudesse se levantar para, talvez, acompanhá-lo, percebeu que havia alguma coisa dentro da mão direita de seu pai, a mesma que não segurara a sua,
PERIGOSAS ACHERON

momentos atrás.

Sem nem dizer nada, ela a abriu e o que viu foi um pequeno papel, igual aos outros que o assassino sempre deixava ao lado de seus cadáveres. Daquela vez, ela nem sequer esperou para abrir e ler a mensagem:

"Tudo o que vemos ou nos parece vermos não é mais do que um sonho dentro de outro sonho."

"Espere-me, Maryanne. Ainda chegará a sua hora."

A frase de Poe, como sempre, era muito

vaga, não apresentava nenhuma pista que pudesse ser seguida. A segunda, entretanto, era bem mais direta.

Apesar de tudo, naquele exato instante, depois de ver seu pai agonizar em seus braços e morrer sem nem sequer ter tido a chance de se defender, não sentia mais medo. Sua vida tornara-se um pesadelo infinito, mas, ainda assim, não queria morrer. No entanto, sentia uma nova coragem surgir dentro de sua alma. Encontrar aquele assassino, descobrir sua identidade, tornara-se uma questão de vida ou morte. Mas ela não mais o queria atrás das grades. Ela o queria morto.

— Vou protegê-la, Maryanne. Mesmo que mude de ideia sobre o pedido de seu pai. Sempre estarei por perto, não a deixarei sozinha.

Era uma frase e tanto. Não podia negar que

ele estava sendo extremamente gentil, compreensivo e generoso, mas, por mais que quisesse mudar de ideia, era tarde demais. Uma promessa fora feita, e ela jamais decepcionaria seu pai. Se ele queria um casamento, ele o teria. Porém, não poderia prometer que seria um casamento feliz.

Mas tudo que lhe restava, antes de começar a pensar naquela ideia que lhe parecia tão horrível, era chorar. Perdera as contas de quanto tempo passou ali, com a cabeça enterrada nos braços, deitada sobre o corpo de seu pai. Estava tão sem forças, que Darren teve que afastá-la do cadáver, tomá-la nos braços e carregá-la até a carruagem. E ela sequer protestou, pois não teria forças para caminhar sozinha.

Tudo tinha terminado para Maryanne. Sua vida, sua felicidade... mas não sua determinação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava pronta...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Onze.

ALGUNS DIAS DEPOIS

Pequenos pingos d'água caíam do céu, combinando com as lágrimas de Maryanne, que percorriam seu rosto. Ela pensara que o sofrimento acabaria diminuindo com o passar do tempo, mas parecia somente aumentar. Todas as vezes que caminhava pela casa, que ouvia uma menção ao nome de seu pai ou que tentava dormir, a única cena que surgia em sua mente era a de sua morte, naquele terreno escuro e baldio. O enterro fora uma verdadeira sessão de tortura. Não gostava muito de assumir tal coisa, mas Darren fora de grande ajuda. Fora ele quem cuidara de tudo e quem a amparara quando a dor

se tornou praticamente física.

Todos amavam Lestrange e fizeram questão de dizer isso, tornando tudo ainda mais difícil. Só havia um único rosto — ou metade de um — que ela esperara ver durante a cerimônia fúnebre, mas não o encontrara lá, embora tivesse procurado. Eles tinham sido parceiros, e ela achava que o Caçador devia alguma coisa a ele, nem que fosse um último adeus, de longe, escondido para que ninguém o visse. Porém, precisava se lembrar que ele poderia ser qualquer um, e que talvez tivesse sim comparecido ao velório, em sua aparência cotidiana.

E depois do terrível dia do enterro, Maryanne viu todos empenhados em preparar seu casamento. Combinara com Darren que queria que a cerimônia acontecesse o mais rápido possível. Claro que não estava muito entusiasmada, mas

queria que a tormenta da espera acabasse logo. E não só isso, temia que se levasse muito tempo para efetivar o fato, acabasse desistindo.

Todos ao seu redor pediam-lhe opiniões sobre cores de flores, organização da porcelana, decoração da mansão e convidados. Ela sempre respondia de forma completamente desanimada, demonstrando tédio e indiferença. No final das contas, ela não tinha sequer escolhido o próprio vestido de noiva. Suas amigas e criadas estiveram presentes para ajudá-la em todos os momentos, especialmente Chloe, que precisava se animar para esquecer seu sequestro. E, agora que seria a duquesa de Wallfair, muitas amigas de quem ela sequer se lembrava surgiram com uma animação para a qual ela ainda não estava pronta.

No dia de seu casamento, permanecia tão apática quanto em todos os outros. Queriam que

ela estivesse pronta para preparar-se, para estar linda para seu belo e promissor futuro marido, mas Maryanne tinha apenas uma coisa em mente: fugir. Correr para bem longe, desaparecer de toda aquela falsidade, de todo aquele teatro. Jamais seria feliz, nunca mais poderia ser dona de suas próprias escolhas.

Mas ainda podia fazer uma última: e ela escolhia ver o Caçador.

Ainda não tinha colocado seu vestido de noiva, apesar de faltarem menos de duas horas para o início da cerimônia, quando saiu de casa, escondida, pela porta dos fundos, para que ninguém a visse. Com sorte teria tempo de voltar e se arrumar antes que o carro que a levaria para a mansão chegasse.

Ela praticamente correu pelas ruas até chegar à velha e pequena cabana. A porta, como

sempre, estava aberta, o que significava uma coisa que ela temera desde que saíra de casa: ele não estava lá.

Mas ainda havia uma esperança. Sabia que o tal criado que sempre o avisava de tudo estaria espreitando o local para lhe avisar de tudo que acontecia. Poderia ser apenas uma questão de tempo até que ele aparecesse. Valeria a pena esperar.

Tinha muitas coisas a lhe dizer. Àquela altura ele já deveria saber do casamento, e com certeza deveria estar pensando muitas coisas. Queria lhe explicar o que tinha acontecido, embora não lhe devesse nenhuma explicação. Na verdade ele não merecia seus esforços. Não merecia nada. Mas, ao mesmo tempo, ela sentia que precisava lhe dizer alguma coisa. Qualquer coisa, antes que dissesse sim a outro homem.

Ah, a quem ela queria enganar? Ela estava ali para vê-lo, para pedir um último beijo. Se tivessem tempo, quem sabe não se entregaria para ele? Queria que sua inocência fosse tirada por um homem que realmente amasse.

Mas todos os seus planos falharam. Ela esperou por quase uma hora e meia, e ele simplesmente não apareceu. Queria poder sair dali imediatamente e cumprir sua promessa, casando-se com Darren Carmichael, porém, tudo que precisava era chorar.

***

Ela já estava atrasada há mais de uma hora.

Andava de um lado para o outro no altar, tentando se manter calmo e não perceber os

olhares curiosos e fofoqueiros que lhe dirigiam. Ele já nem acreditava que ela fosse aparecer, portanto, tentava elaborar uma desculpa não muito piegas para dar a seus convidados. Por mais que sequer conhecesse a maioria.

Tanto ele quanto Maryanne optaram por um casamento simples. Ou melhor, ele optou, uma vez que ela mal deu uma opinião sobre qualquer coisa relacionada à cerimônia. Ela preparava tudo com o mesmo entusiasmo que preparara o enterro do pai: com tristeza e luto nos olhos.

Darren sabia que ela comparava aquele casamento à sua própria morte. E ele não a julgava. Mas havia muitas coisas que ela ainda não sabia; e ele daria tempo ao tempo para que tudo se encaixasse.

Foi quase uma surpresa quando ele ouviu a marcha nupcial começando a tocar e a porta

principal da mansão sendo aberta, com um ar triunfal. Ela estava ali. Estava ali para se casar com ele. E estava linda.

O vestido era o maior que ele já tinha visto. Embora suspeitasse que ela jamais escolheria um modelo como aquele, deixou-a parecendo uma princesa. Sua compleição delicada fez com que a saia enorme a deixasse com um irresistível ar inocente, fazendo com que parecesse um anjo. Os cabelos castanhos estavam presos em um coque, o que valorizava a beleza suave de seu rosto. Uma linda tiara de diamantes adornava sua cabeça, e era a única joia que a embelezava, com exceção de brincos de pérolas, muito delicados, que pareciam ser herança de família.

Por mais que fosse um casamento arranjado, ele não pôde deixar de se sentir satisfeito e orgulhoso. Dentro de instantes ela

seria sua esposa, sua Sra. Carmichael, sua duquesa. Apesar de parecer a noiva mais triste que ele já tinha visto em toda sua vida.

A cerimônia foi breve, bela e comovente. Todos sabiam que a noiva tinha perdido o pai que tanto amava recentemente, por isso não ficaram surpresos ao vê-la chorando copiosamente quando o padre lhes declarou como marido e mulher.

Contudo, quando viu-se sozinha com o marido, trancados em um quarto enorme, não pôde disfarçar que suas lágrimas tinham alguma coisa a ver com a morte do pai. Não quando todo seu rosto se mostrava em pânico.

Darren a observava como se quisesse devorá-la, como se seus olhos não pudessem ver mais nada ao redor. Ao olhar para ele, assumindo aquela postura de ataque, ela podia jurar que ele lhe era ainda mais familiar do que se lembrava,

porém, não menos ameaçador.

Lentamente ele se aproximou, tomando-a nos braços com delicadeza e beijando-a. Nem sequer pensava no que estava fazendo, de tão desesperado que estava por tê-la, por torná-la sua. Tinha muitas coisas a lhe dizer, muito do que estava guardado em seu coração deveria ser revelado, mas não era o momento. Não quando todo seu corpo ardia por ela.

O beijo foi cálido, lento e cauteloso. Ela o correspondera de forma quase mecânica e tímida, como se não soubesse exatamente o que deveria fazer. Ou como se não quisesse que ele a tocasse. Ele não tencionava obrigá-la a nada. Queria senti-la tão apaixonada quanto ele, queria ouvi-la gritar seu nome, ofegar e vê-la exausta em seus braços quando a fizesse ter muito prazer.

Puxando-a mais e mais para si, começava a

tirar seu vestido, bem devagar, enquanto seus lábios traçavam um caminho por todo seu pescoço e colo. Maryanne sentia sua pele arrepiar, mas não sabia se era uma reação aos sensuais beijos de seu marido ou desconforto pela situação.

Antes que pudesse terminar de desabotoar todo o vestido, ele já a tinha levado para cama e começado a se despir, devagar. Sem o fraque e a camisa, com o peito completamente nu, ele era uma visão magnífica, com um corpo forte e atraente. Maryanne não pôde deixar de olhar para ele com certa admiração, e mais ainda com curiosidade quando percebeu que ele possuía uma enorme cicatriz no peito, em forma de um xis.

Aquilo chamou sua atenção, pois logo lhe remeteu à marca do caçador, embora fosse menor, de acordo com o que lera no jornal, e estivesse posicionada em outro local — uma vez

que a original era sempre feita na barriga da vítima. Apesar destas peculiaridades, o pensamento de Maryanne foi imediatamente transportado para a cabana, para os beijos que recebera e para a noite em que o Caçador a levou para sua cama e quase fizeram amor.

Isso foi suficiente para que se sentisse acordando de um sonho, de um transe. Não estava pronta, pelo menos ainda, para se entregar para outro homem. Não quando seu coração batia mais forte todas as vezes que pensava em outro. Por mais que não o amasse, tinha um marido agora, e ele não merecia aquela traição.

— Darren, por favor, pare! — criando coragem, ela disse, enquanto ele mantinha seus beijos e a tarefa de tirar seu vestido.

— O que foi, meu amor? — a gentileza com que ele se referiu a ela, fez com que seu coração

se enchesse de compaixão. Sim, ele poderia ser um bom marido, se ela se esforçasse para aceitá-lo. Mas não conseguiria fazer isso enquanto sua mente pertencesse a outro.

— Desculpe-me, mas não posso... Ainda não estou pronta.

Darren simplesmente parou, olhando-a fundo nos olhos, como se estivesse tentando analisar se ela falava sério ou não. Bem, não restava nenhuma dúvida de que estava sendo sincera, e isso fez com que ele respirasse fundo.

— Querida, eu compreendo, mas prometo ser paciente e gentil. Não irá se decepcionar.

— Você não está entendendo. Não estou com medo do que iremos fazer, apesar de não saber muito sobre isso. Mas ainda não me sinto à vontade o suficiente com você para me entregar.

A expressão facial de Darren se transformou em um misto de emoções, impossíveis de serem interpretadas. Ao mesmo tempo em que ele parecia um pouco desnorteado, demonstrava certa irritação, o que fez com que ela perdesse boa parte da compaixão que sentira minutos antes. Ela tinha o direito de se sentir insegura, de rejeitá-lo, uma vez que não concordara com o casamento. Fora chantageada, pega de surpresa, e o que ele esperava? Que sorrisse e deixasse que ele a marcasse como sua sem sequer conquistá-la primeiro? Eram casados, pela lei dos homens e de Deus, mas isso não significava que ele poderia fazer com ela o que bem entendesse.

Claro que Maryanne sentiu seu corpo encolher um pouco, pensando que ele poderia obrigá-la, forçá-la, sendo tão mais forte. Estava completamente em desvantagem, especialmente

por estar deitada na cama, sob o corpo dele, que poderia prendê-la facilmente. Contudo, para sua surpresa e alívio, seu esposo saiu da cama, vagarosamente, parecendo bastante magoado e contrariado. Mas não apenas isso. Havia algo mais. Ele sentia algo que provavelmente não revelaria; algo como... ciúmes?

Será que ele sabia que ela tinha outro em pensamento?

— Como quiser, Maryanne... — foi tudo que ele proferiu, antes de deixar o quarto, enquanto vestia sua camisa.

A porta bateu com força, demonstrando que Maryanne talvez tivesse selado seu destino com aquela atitude. Ou talvez ainda houvesse uma chance de ser feliz, se apenas tentasse.

***

Sentia-se um tolo, mas não podia deixar de achar toda aquela situação muito desconfortável. Jamais desejara uma mulher como acontecia com Maryanne, mas ela não o queria. Ou melhor... ela o amava, mas não daquela forma. Ela amava como o homem que não queria ser.

Aquilo alimentou sua raiva. Mas o alvo não era ela. Nunca poderia ser, pois a amava. O alvo era sua vida, seu destino... as circunstâncias que os uniram. Não deveria ter sido daquela forma; queria tê-la conquistado, demonstrado confiança e segurança, feito com que enxergasse quem ele era na realidade. Darren não era uma ilusão, e era isso que precisava lhe mostrar.

Mas não o faria naquele momento. A verdade... uma simples verdade poderia mudar

tudo, mas preferia lhe dar um tempo. Se ela queria ficar sozinha, ele permitiria isso.

Com passadas largas e decididas, foi até os fundos de sua mansão, onde um de seus criados mais confiáveis residia. Fora ele quem os ajudara no terreno, cenário da fatídica morte de Lestrange, e que cuidara de Chloe. Batendo à porta, não demorou para ser atendido. Era sempre assim. Quando seu patrão chamava a uma hora daquelas, com certeza precisava urgentemente de seus serviços.

— Senhor, boa noite — saudou o rapaz, assim que apareceu na porta, atendendo ao seu amo.

— Alguma novidade esta noite? — falou como um resmungo, sem demonstrar emoções.

— Sim. Fiquei sabendo que um homem espancou uma prostituta até a morte. Acho que o

conhece, é um fazendeiro rico da região — e ele mencionou o nome do homem e onde morava. Claro que por ser um homem de posses, e a vítima ser uma mulher sem recursos e com uma reputação das piores, o criminoso saíra ileso. Mas não por muito tempo.

— Ótimo — e Darren virou-se, em direção a seus aposentos, onde guardava algumas de suas coisas; porém foi impedido pelo criado.

— Senhor, mas é sua noite de núpcias...

— Parece uma noite de núpcias para você? — com os olhos fixos nos do outro homem, Darren o desafiou a responder. Contudo, só restou o silêncio entre eles, o que deixou Darren satisfeito. Com certeza sua noite de núpcias não seria como tinha planejado...

***

Era uma noite de pesadelos. Cada vez que tentava fechar os olhos, um turbilhão de pensamentos indesejados confundiam sua mente, trazendo-lhe incertezas.

Sua atitude horas atrás fora completamente imperdoável, afinal, precisava compreender de uma vez por todas que era tarde demais para agir como uma menininha apaixonada e inconsequente. Por mais que odiasse a ideia de ter se casado com um homem a quem não amava, precisava admitir que ele estava fazendo todo o possível para agradá-la e tornar sua vida mais simples. Até mesmo ali, depois de já casados, ele compreendera seus receios e lhe deixara sozinha, depois de ser rejeitado da pior forma.

Era casada, afinal. Claro que também tinha

o direito de ter aquele tempo para si, para ruminar a ideia e se acostumar com sua nova rotina e condição, mas não deveria ter falado com ele daquela forma. Devia-lhe desculpas.

Saiu do quarto em silêncio, segurando um pequeno lampião, e foi procurar os criados na cozinha, pois poderiam lhe informar o paradeiro de seu marido, que não tinha sequer voltado para perto dela; o que a fazia pensar que deveria estar dormindo em algum outro aposento da casa.

— *Milady*! Não deveria vir até a cozinha. Podia ter mandado nos chamar que a atenderíamos em seu quarto — uma das criadas disse, parecendo horrorizada em ver a duquesa em um ambiente como aquele.

— Não há problema algum — sorriu Maryanne com doçura. — Gostaria de saber onde está meu marido. Preciso falar-lhe.

— Deve estar em seu antigo quarto, senhora. Quer que eu a acompanhe até lá? — outra mulher ofereceu.

— Gostaria muito, obrigada.

Conforme a mulher guiava Maryanne pelos corredores daquela casa, que parecia mais um palácio, ela pôde perceber a beleza do local. Candelabros de ouro, quadros, tapeçaria, diversos detalhes que transformavam o novo lar de Maryanne em uma casa de sonhos. Ela nunca desejara luxo ou ter um título de nobreza acompanhando seu nome, mas não podia negar que ver tanta beleza reunida em um só lugar era um deleite para os olhos.

A criada parou de frente para uma porta, anunciando que ali era o quarto onde o duque de Wallfair costumava dormir antes de se casar. Enquanto a mulher se afastava, a pedido de

Maryanne, ela pensava que era bem provável que ele continuasse a dormir ali, mesmo tendo uma esposa em outros aposentos, já que essa esposa o rejeitava.

Bateu na porta com delicadeza, com medo de que estivesse dormindo. Não queria incomodá-lo, não depois de tudo que acontecera. Contudo, ela quase podia enxergar, pela fresta junto ao chão, que havia uma vela acesa dentro daquele cômodo. Isso foi suficiente para que tivesse a ousadia de entrar, sem nem anunciar sua presença.

Teria falado qualquer coisa, avisando que já estava dentro do local, mas algo a impediu. Havia uma pequena mancha vermelha no chão de madeira, que se parecia muito com sangue. Levantando um pouco seus olhos, pôde perceber que aquela não era a única, havia mais três,

formando um caminho em direção a um pequeno segundo cômodo que havia dentro daquele quarto.

Aquilo despertou sua curiosidade. Darren não lhe passava a imagem de um homem violento, muito menos de alguém que iniciava ou alimentava alguma briga em um bar. Por mais revoltado que pudesse estar com a esposa, não conseguia formar a imagem dele embebedando-se até cair e envolvendo-se em confusão. Não. Ele era um duque, tinha uma imagem a zelar, por isso aqueles respingos de sangue com certeza deveriam significar outra coisa.

Decidiu, portanto, caminhar na direção que eles seguiam. Tinha plena noção de que poderia estar se intrometendo na intimidade de seu marido, mas precisava descobrir com que tipo de homem tinha se casado. Para uma noite de

núpcias, aquilo que estava testemunhando não era nada bom.

A porta do cômodo adjacente estava encostada, deixando uma mínima fresta aberta. A consciência de Maryanne a alertava para que batesse, que chamasse por Darren, mas que nunca entrasse sem avisar ou iria se arrepender. No entanto, Maryanne nunca ouvia sua consciência.

Mas, talvez, se tivesse seguido o que seus instintos lhe alertaram a fazer, nunca teria descoberto o que seus olhos foram obrigados a ver minutos depois.

Talvez, permanecer na ignorância fosse uma bênção...

— Maryanne? — com os olhos arregalados, Darren surpreendeu-se.

E não era para menos.

Seu marido era realmente um homem que não conhecia. Ou talvez o conhecesse melhor do que esperava. Sem camisa, da mesma forma como o vira pouco antes de rejeitá-lo na cama, ele trajava apenas uma calça de couro preta, que lhe era muito familiar. A camisa preta, que antes estivera em seu corpo, estava jogada sobre uma mesa de madeira, ao lado de outros dois artefatos de couro: uma luva e uma máscara. Ele lavava suas mãos em uma bacia, pois estavam cobertas por sangue. Havia ainda um ferimento em sua palma direita, feito por uma pequena lâmina, como a de um canivete ou faca de cozinha.

A verdade fora arremessada sobre ela com força, e Maryanne quase não conseguia acreditar no que via. Sua estupidez chegava a envergonhá-la. Os dois homens viviam dentro de apenas um corpo, compartilhando duas vidas, duas histórias e

um segredo. Apesar de nunca ter suspeitado, naquele momento, quando tudo se tornara claro, era fácil perceber alguns detalhes que poderiam ter feito toda a diferença. Os olhos de Darren possuíam a mesma expressão atormentada, ambos os homens tinham a mesma compleição física, alguns movimentos eram idênticos e o formato dos lábios que beijara era o mesmo. Conseguia até perceber que o tom de voz era parecido, embora ele parecesse disfarçar, tornando-o mais profundo e grave.

Não podia ser mais óbvio e mais ridículo: Darren Carmichael — o duque de Wallfair, *seu marido* — e o homem que amava; o justiceiro mascarado, o anti-herói amargurado e sedutor que conhecera — o Caçador —, eram a mesma pessoa.

A cena violentava seus olhos. O corpo parecia sem forças para se manter de pé, e ela

podia jurar que não sabia o que a feria mais: a mentira ou o choque. Um furacão de questionamentos revolucionava suas ideias, mas ela não tinha coragem de fazer nenhuma pergunta, não tinha sequer voz para proferir qualquer palavra; fosse uma indagação ou um insulto.

— Maryanne, por favor... — ele tentou se aproximar um passo, mas ela recuou, assustada.

Ele jamais seria capaz de esquecer a expressão em seus olhos; era uma confusão de terror, traição e medo.

— Não... não toque em mim. Você... não poderia ter feito isso comigo! Nunca! — e ao falar, saiu correndo, tentando fugir para o mais longe possível daquele homem.

Desceu as escadas da casa e saiu porta afora, ignorando os chamados da voz poderosa de

Darren e dos criados. Ela sabia que ele estava correndo atrás dela e que a alcançaria sem demora, por isso, tentou sumir de suas vistas, indo na direção do estábulo que havia nos fundos da mansão.

Abriu a portinhola, libertando um cavalo qualquer, e, sem nem selá-lo, montou-o, começando a correr sem rumo, apenas desejando escapar daquele pesadelo.

Enquanto cavalgava, tentava se acostumar com as condições do cavalo e se equilibrar, apesar de estar já ter montado daquela forma antes.

Suas lágrimas caíam em cascata por seus olhos, sem parar de pensar no quanto fora traída. Não apenas por Darren, que era o protagonista daquela história, mas principalmente por seu pai, que sem dúvidas sabia de toda a verdade. Fora por isso que ele a fizera se casar com aquele homem,

porque com certeza suspeitava que ela estava apaixonada. No entanto, o pior de tudo era que tinha sido traída por si mesma, por ter fechado os olhos para o que simplesmente não queria enxergar.

Queria esquecer. Esperava que quanto mais longe estivesse, mais suas memórias se confundiriam e ela poderia quase acreditar que não passara de uma ilusão. Precisava crer que fora tudo um engano, um produto de sua imaginação fértil.

Mas o barulho dos cascos de outro cavalo correndo atrás de si a acordaram para a realidade. Não era um sonho; não podia fugir para sempre.

— Maryanne! Pare! — ele elevava a voz, aproximando-se cada vez mais.

Maryanne tentava acelerar o cavalo, mas era visível que o de Darren era mais veloz do que o

dela e que ele a alcançaria muito em breve. Por isso, inesperadamente, ela parou de cavalgar, desmontou do cavalo e começou a correr a pé, surpreendendo o marido, ganhando uma vantagem em sua fuga.

Mas assim como o seu cavalo, o homem era muito mais rápido e não teve qualquer dificuldade para alcançá-la. Quando ele conseguiu segurá-la pelo braço, Maryanne gritou. Estava em estado de choque, histérica, desesperadoramente fora de si.

— Solte-me... chega! Acabou toda a farsa... — falou, mal conseguindo fazer com que as palavras soassem compreensíveis.

— Maryanne, meu amor... por favor, me ouça.

— *Não me chame de meu amor!* — ela berrou. — Você sequer merece falar de amor. Você não o conhece. Como pôde ter me enganado

dessa forma? Era você o tempo todo!

— Sim. Era eu — confessou, com a cabeça baixa, mas ainda segurando-a, com medo que pudesse fugir.

— E mesmo assim casou-se comigo sem me contar a verdade. Como esperava manter a mentira? Fugindo sorrateiramente na calada da noite? Contando histórias fantásticas para me enganar? Eu devo parecer mesmo muito estúpida! E talvez eu seja por não ter percebido antes!

— Por favor, deixe-me levá-la para nossa casa. Lá poderemos conversar, e eu prometo explicar tudo.

— Nossa casa? Como posso chamar de lar um lugar construído sobre mentiras? — ela ainda tentava se soltar das mãos de Darren, mas ele a segurava com força. — Eu não vou voltar com você. Vamos anular nosso casamento!

— E a promessa que fez ao seu pai? Não valeu de nada?

— Não use meu pai para fazer chantagens — ameaçou. — A promessa que fiz não valeu de nada, uma vez que ele também me enganou, assim como você.

— Maryanne, me desculpe, mas não vou permitir que vague pela rua sozinha. Já estamos longe demais da mansão. Vou levá-la de volta, vamos conversar, e amanhã você toma sua decisão, depois de descansar e colocar as ideias em ordem.

— Não!!! Eu não quero pensar! Não quero ouvir sua história. Não quero vê-lo mais. Nem como duque, nem como Caçador. Não quero saber mais nada de vocês...

— Vocês? Maryanne, somos um só. Há muito dos dois homens em mim.

— Sim... você é arrogante e egoísta como um duque e cruel e misterioso como o Caçador. Só resta saber, Darren, qual das duas partes prevalece.

— Eu amo você. Das duas formas. Não é isso que importa? — sussurrou.

— Não, não é o bastante. Nunca será. E não posso conviver com isso...

Dizendo isso, Maryanne conseguiu se soltar das mãos de seu marido e começou a correr novamente. Mas Darren não podia desistir dela. Não podia permitir que ela passasse por perigos por sua causa, por ter sido covarde demais para lhe dizer a verdade. Por isso, seguiu-a novamente e a agarrou outra vez, puxando a para si. Porém, quando ela chocou-se contra seu peito, estava completamente inconsciente.

Ele a amparou, chamando seu nome,

tentando reanimá-la, mas compreendia que ela não iria voltar a si. Não naquele momento. Ele sabia que aquele desmaio era um escape de todas as coisas terríveis e consecutivas que vivera naqueles últimos dias. E achava que ela merecia o direito de poder fugir, portanto, não seria ele a arrancá-la de sua inconsciência para trazê-la de volta à triste realidade.

Só lhe restou, portanto, erguê-la nos braços e carregá-la até o cavalo, levando-a de volta para casa. Mas apesar de saber que ao menos teria uma chance de tê-la consigo, para conversar, ele também sabia que algo poderia ter mudado para sempre. E o culpado era ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo Doze

Foram horas e horas de um sono profundo, quase um coma. Não queria acordar. Não queria ter que encarar a verdade inevitável. Apesar de permanecer com os olhos fechados, ela conseguia ouvir toda a movimentação ao seu redor. Exatamente por isso, sabia que Darren já tinha entrado e saído de seu quarto umas cem vezes, pegado em sua mão, medido sua temperatura e velado seu sono. Pela forma como ele caminhava, Maryanne podia perceber que estava preocupado. Mas ela sequer se importava com isso; talvez ele merecesse cada dificuldade pela qual estava passando.

Quando abriu os olhos, finalmente, ele estava sentado aos pés de sua cama, com a mão na cabeça e o cenho franzido, demonstrando

preocupação. Logo que percebeu que Maryanne tinha se movimentado, pelo balanço do colchão, ele se levantou da cama de um salto, indo parar em sua cabeceira, pegando em sua mão.

— Que bom que despertou, estava desesperado — Darren beijou-lhe a mão. Ao olhar nos olhos da esposa, viu que ela o fitava de volta cheia de mágoa. — Precisamos conversar...

— Acho que fui bem clara quando disse que não queria conversar com você. Não temos nada a dizer.

— Não temos? — ele exclamou com os olhos arregalados. — Você vai jogar tudo fora? Como se não valesse nada?

— E o que vale nosso relacionamento, afinal, Darren? — ela levantou o corpo da cama, irritada. — Se é que existe um relacionamento! Você mentiu para mim o tempo todo! Agora me

sinto uma tola por não ter percebido!

— Seria impossível você perceber, Maryanne. Eu passei muito tempo ensaiando para realmente parecer duas pessoas diferentes. Aprendi a mudar meu tom de voz, minha maneira de me movimentar, de me comportar...

— Mas eram os mesmos olhos, os mesmos lábios, altura, porte físico... Vários indícios que eu poderia ter seguido, mas preferi ficar na ignorância — Maryanne levantou da cama, começando a andar de um lado para o outro, demonstrando todo seu nervosismo. — Em algum momento você iria me contar a verdade? Ou passaríamos anos casados sem que eu jamais descobrisse?

— É claro que eu iria contar.

— Quando, Darren?

— Quando você deixasse de amar a ele para

amar somente a mim... — a frase saiu quase sem querer, como um desabafo, algo que ele vinha guardando dentro de si há muito tempo. Parecia algo absurdo, mas para ele fazia todo o sentido.

— Ficou louco? Vocês dois são a mesma pessoa. Amando o caçador eu amaria você também.

— Não, Maryanne! Não somos a mesma pessoa. Eu sou esse homem que está aqui à sua frente, tentando se explicar. O Caçador é uma versão sombria e amargurada de mim; um personagem que criei, pois sou covarde demais para fazer justiça sem usar aquela máscara... Eu queria que me amasse por quem realmente sou... não que se apaixonasse por uma parte de mim que eu odeio.

Darren realmente parecia amargurado ao falar, cansado, como se o peso em suas costas

fosse muito maior do que ele poderia carregar. Era um estigma que carregaria para o resto da vida. Apesar de fazê-lo por justiça, ele tirava a vida de pessoas.

— Não posso pedir que me perdoe, pois sei que a traí, mas não me tire o direito de tentar reconquistá-la. Não vá embora.

Maryanne olhou bem fundo nos olhos de seu marido, que, naquele momento, eram os mais suplicantes que ela já tinha visto.

— Não tenho para onde ir, Darren. Eu perdi tudo...

— Aqui é seu lugar. Você é a duquesa de Wallfair agora, jamais estará sozinha, se assim quiser.

Houve um momento de silêncio entre eles, um breve segundo onde nenhum dos dois soube o

que dizer nem como agir. Pareciam estudar-se mutuamente, buscando respostas para as inúmeras perguntas que residiam em seus corações. Contudo, aquele mesmo momento foi interrompido pela governanta da mansão, que batia na porta.

— Perdão pela intromissão, senhores, mas há uma pessoa aguardando a senhora Carmichael — anunciou.

— A senhora não está em condições de receber ninguém — Darren afirmou com convicção.

— Como ousa falar por mim? — Maryanne explodiu, sem nem se importar que havia uma terceira pessoa naquele mesmo ambiente. — Quem está me esperando, Rose? — dirigiu-se à criada.

— A senhorita Harris.

— Diga a ela que a receberei em alguns minutos.

— Sim, senhora.

Assim que a governanta saiu do quarto e fechou a porta, Darren falou:

— Não deveria se esforçar tanto.

— E você não deveria se intrometer na minha vida... — Darren não esperava aquela resposta tão ríspida. E talvez nem mesmo Maryanne tivesse previsto que soaria tão impaciente. Mas não queria voltar atrás. Ainda estava magoada demais. — Pode, por favor, me deixar sozinha para que possa trocar de roupa?

Darren não disse nada. Também não havia muito que pudesse ser dito, afinal. Sabia que estava errado e que pagaria por seu erro por muito tempo. Precisaria ser firme e reconquistá-la, e não

conseguiria isso pressionando-a ou tentando se explicar por algo que não possuía explicação.

— Eu a amo, Maryanne. E você ainda vai ser minha. Do jeito que tem que ser...

Assim que terminou de proferir aquela frase, saiu do quarto, fazendo o que ela pedira. A luta ia ser cruel, mas ele estava preparado.

***

Ver Chloe sentada na sala de estar daquela casa onde nada lhe pertencia — nem ela mesma —, era reconfortante; dava-lhe uma sensação de familiaridade.

Estava tão feliz que simplesmente se jogou nos braços da amiga, abraçando-a com uma espécie de desespero.

— Meu Deus, Maryanne... o que houve? Você está bem? — indagou, afastando a amiga de si o suficiente para poder olhá-la nos olhos. Notou, logo no primeiro momento, que ela estava pálida, com uma expressão cansada e triste, além de nervosa.

— Não. Não estou bem. Quero sair desta casa! Não posso mais ficar aqui! — Maryanne atropelava as palavras, como se quisesse falar tudo de uma única vez.

— Por quê? O que houve?

Ela se sentia pronta para dar a resposta, mas sua voz travou no exato momento em que estava prestes a dar sua explicação para a amiga. Simplesmente não fazia ideia do que dizer. Poderia contar tudo, desabafar com a única pessoa que ainda confiava naquele mundo inteiro. Poderia revelar que se casara com um homem

completamente diferente daquele que ela imaginava que ele fosse... Poderia simplesmente livrar-se de todo aquele fardo, apenas por compartilhá-lo com outra pessoa. Mas não tinha coragem. Apesar de tudo, não podia revelar o segredo de Darren, pois era algo muito sério. Sabia que Chloe jamais a trairia em uma situação comum... Mas aquela não era uma situação comum. Tratava-se de se tornar cúmplice de crimes, por mais bem intencionados que eles pudessem ser.

Além de tudo isso, ela também se perguntava qual era o real motivo por querer fugir daquela casa. Será que era por causa da mentira, da traição? Ou seria por um motivo mais forte? Será que tinha medo de realmente ser reconquistada, arrebatada pelo jogo de sedução que Darren iria iniciar daquele momento em

diante? E ele não era mais apenas um homem mascarado desconhecido; era seu marido, um homem com nome, rosto e passado. Além de todo o poder magnético que ele exercia sobre ela como Caçador, ele agora ainda podia olhá-la nos olhos com aquela expressão cheia de desejo, naquele rosto belíssimo, e dizer que a amava. Tudo conspirava contra Maryanne. Por isso ela sentia medo e queria simplesmente desaparecer.

— Maryanne, está me deixando preocupada. O que houve? Ele te maltratou? Foi violento? — insistiu Chloe, uma vez que Maryanne simplesmente não respondia.

— Não. Só estou assustada. Não queria estar casada, você sabe disso.

Com essa frase, Chloe abaixou a cabeça, demonstrando uma ponta de tristeza, como se ela também estivesse passando por momentos difíceis

e precisasse desabafar.

— Chloe, me desculpe. Você com certeza veio aqui para conversar sobre algo e eu estou tagarelando sobre mim.

— Não, tudo bem... Na verdade eu vim avisar que meu casamento será amanhã...

— Amanhã? O que houve? Por que tão rápido?

—Eu não sei. Meu pai e Anthony acertaram tudo. Eu fiquei sabendo há poucos dias. Só não lhe falei antes porque tanta coisa estava acontecendo na sua vida... Achei que não precisava de mais uma coisa para pensar.

— Ah, Chloe... — suspirou Maryanne, cheia de pesar pela amiga. — Mas não consigo entender o motivo de toda essa pressa.

— Nem eu. Acho que tem algo mais nessa

PERIGOSAS NACIONAIS

história...

— Quer que eu descubra para você? — o espírito de detetive de Maryanne remexia-se dentro de seu corpo, ansioso pela verdade. Claro que havia algo estranho naquele casamento repentino de sua amiga.

— Não! — exclamou. — Vamos esquecer isso. Não vai mudar nada, de qualquer forma. O casamento já está marcado, e eu jamais poderia fugir do compromisso. Imagine como ficaria minha reputação. E, de mais a mais, Anthony é um bom homem. Eu até já gosto um pouco dele.

— Mas não seria melhor esperar um pouco até que estivesse pronta para se casar?

— Bem... sim... mas... — Chloe percebeu que Maryanne a olhava, pronta para novamente dar sua opinião, por isso a interrompeu e pegou em sua mão. — Querida, agradeço sua

preocupação, principalmente porque sei que está vivendo seus próprios problemas, mas acho que essa é uma situação inevitável. Só quero que esteja lá comigo.

— É claro que estarei presente. — Maryanne sorriu e acariciou o rosto da amiga. — Você vai ser feliz, Chloe. Muito feliz.

— E você também. Só precisa aceitar a felicidade, pois me parece que ela está batendo em sua porta e você apenas quer deixá-la do lado de fora.

Será que Chloe estava certa? Será que ela apenas preferia manter-se de olhos fechados, enxergando a escuridão que lhe era mais conveniente? Mas e se a luz lhe mostrasse um caminho mais simples e belo de se seguir? Tudo que ela precisava era acreditar e perdoar.

PERIGOSAS NACIONAIS

***

O vestido era belíssimo, a maquiagem estava impecável, o penteado a deixava parecendo uma princesa, mas a expressão de seus olhos denunciava que apenas a aparência era perfeita. Por dentro, Maryanne estava em cacos.

Tivera um dia inteiro para pensar em sua conversa com Chloe. Um dia onde Darren a deixara completamente sozinha, dentro daquele quarto que mais parecia uma prisão, na companhia de seus pensamentos. Ela sabia que ele fizera aquilo a pedido dela, mas não esperava se sentir tão sozinha ou passar a maior parte do tempo pensando no que ele poderia estar fazendo. E se surpreendeu ao sentir uma pontada de preocupação por sua vida e sua segurança.

Aquela reflexão lhe proporcionou certa

calma, mas sua alma ainda não estava descansada. E o casamento de Chloe apenas alimentava isso.

Enquanto terminava de colocar um belo par de brincos que pertencera à sua mãe, a porta de seu quarto se abriu. Ela nem precisava virar-se para saber quem era, pois apenas *ele* teria poder suficiente para entrar sem ser anunciado. Afinal, tudo naquela casa lhe pertencia, inclusive Maryanne.

— Estou sem palavras. Você está linda — havia dor nos olhos de Darren ao falar aquilo, como se o desejo que sentia por ela o ferisse.

— Obrigada.

Ela jamais admitiria, mas ele também estava mais belo do que nunca, com os cabelos penteados para trás, vestindo um fraque que caía elegantemente em seu corpo forte.

Além da aparência impecável, Darren trazia consigo uma caixa de veludo azul, de um tamanho considerável. De frente para ela, ele abriu o embrulho, revelando um imenso e belíssimo colar de diamantes. Maryanne olhou para a joia com certa indiferença, desviando seus olhos para seu marido em seguida, com a mesma frieza.

— Está tentando me comprar, Darren? — perguntou com a voz serena, fazendo parecer que estava declarando seu amor e não desdenhando de uma ação tão singela.

— Comprar? Não. Apenas quero presentear minha esposa. Quero fazê-la brilhar ainda mais do que ela já brilha com sua própria luz.

Apenas uma frase. Foi necessária apenas uma frase para que Maryanne compreendesse que Darren seria incansável em tentar trazê-la de volta para si. E havia mais: a forma como proferira as

últimas palavras fez com que ela sentisse um arrepio no peito, lembrando-se de quando ele, vestido como Caçador, mencionara que ela era feita de luz. Contudo, naquele momento, talvez nem mesmo aquele colar tão excepcional fosse capaz de devolver o brilho que lhe foi arrancado naqueles últimos dias.

Sem saber o que responder, uma vez que ele a tinha deixado sem palavras com sua resposta tão delicada, Maryanne virou-se de costas, puxando seu cabelo para frente, liberando seu pescoço para que ele pudesse lhe colocar o colar. O que ela não esperava era que ele fosse depositar um beijo cálido e sensual em seu pescoço, um pouco acima da peça com a qual ele lhe presenteara. Isso a fez estremecer, tanto porque não esperava aquele beijo quanto por excitação. Não havia dúvidas que ele mexia com algumas de

suas fantasias, com seu imaginário... E, assim que percebesse isso, iria usar todas as cartas contra ela. Se é que já não tinha percebido.

— Está pronta? — ele perguntou, minutos depois de beijá-la.

— Sim. Podemos ir.

E ele pegou seu braço, tomando posse da mulher que era sua esposa. Daquela forma, unidos, lado a lado, não havia uma pessoa sequer que pudesse negar que formavam um casal perfeito; que tamanha beleza era capaz de encantar os olhos de qualquer pessoa, até a mais distraída. Juntos, eles eram tudo que se podia esperar da nobreza.

Acomodaram-se, portanto, em um dos primeiros bancos da igreja, e aguardaram. Estavam próximos da família Harris, e Darren não pôde deixar de reparar o quanto Malcom olhava para

Maryanne. Não era para menos. Naquele momento, ela irradiava uma beleza quase sobrenatural, que poderia tornar qualquer homem cego para qualquer outra mulher. E ele estava cego. Tinha quase certeza que mesmo que ela o tratasse com indiferença, que o humilhasse, que o rejeitasse ou a seus beijos, ele seria paciente para esperá-la. Mas não era apenas por sua beleza física, que era evidente para qualquer um, era por seu caráter, sua personalidade esfuziante e justa, por seu amor por tudo e todos e por sua paixão pelas coisas que fazia. Já experimentara um pouco daquela paixão quando quase a tomara como sua na cabana, mas queria mais. Queria muito mais.

Por isso, cada olhar tímido e cheio de libido daquele homem, que era o irmão da moça que Maryanne mais gostava, o deixava em chamas, pronto para perder a cabeça a qualquer

momento. Contudo, precisava se controlar, afinal, estava em uma igreja. Apesar de fazer todas as coisas que fazia, ainda respeitava Deus e sua casa. Além disso, imaginava que sua esposa odiaria se ele arruinasse o casamento de Chloe Harris.

A cerimônia foi simples e bela. Não havia ninguém na igreja que não comentasse sobre a pressa com que tudo foi planejado, e chegavam a especular se a noiva não tinha sido desonrada antes do tempo, ou se já não estava até mesmo grávida. Darren ouvia a todos em silêncio, amaldiçoando o poder de fofocas e boatos; o que realmente o interessava era observar sua esposa, chorando discretamente ao seu lado. Aquilo o surpreendeu, é claro. Como poderia esperar que a forte e corajosa Maryanne, que era completamente contra o casamento, ainda mais um arranjado pelos pais da noiva, pudesse se

emocionar com tal cena? Talvez fossem lágrimas de piedade pela amiga ou por si mesma, pelo infortúnio de ter se casado com um homem que a traíra.

Houve uma pequena recepção na própria casa dos Harris, que pareciam imensamente felizes com o casamento da filha. Até mesmo Chloe acabou se contagiando por toda aquela alegria e bajulação, e terminou por sorrir e aceitar tudo de bom grado. Como ela mesma tinha dito, seu marido era um homem bonito e agradável, o que poderia ser muito pior, sem dúvida.

Mas Maryanne não achava a mesma coisa. Ela ainda sentia certa relutância ao pensar em Anthony Hathaway. Talvez fosse apenas uma implicância, mas simplesmente não conseguia tirar os olhos dele, analisando cada movimento, tentando capturar alguma atitude suspeita.

Em um dado momento, percebeu que ele se afastava do salão, indo em direção ao jardim da casa. Decidida a espioná-lo, Maryanne estava prestes a ir atrás dele, quando uma mão grande e pesada a segurou. Era Darren.

— Deixe que eu faço isso...

— O quê? — ela se fez de desentendida, como se não compreendesse o que ele queria dizer.

— Sei que está desconfiada de Anthony. Portanto, deixe que eu vá investigá-lo.

— Mas ele não é seu amigo? Naquele dia em que passei mal me pareceram muito próximos.

— Não somos amigos, já tinha lhe dito isso antes. Para falar a verdade, eu o estava investigando. Lembra que me falou de sua suspeita?

Não, Maryanne não se lembrava...

Ah, claro... ela não mencionara sua suspeita para Darren; mencionava para o Caçador.

— Tudo bem, pode ir. Espero que descubra qualquer coisa...

Com um meneio de cabeça, Darren seguiu o caminho que Anthony tinha seguido minutos atrás. Maryanne, então, foi deixada sozinha pela primeira vez, longe dos olhos sempre atentos do marido.

Chegava a se sentir aliviada. A forma como Darren olhava para ela era tão intensa que chegava quase a sufocá-la. Sabia que por mais que houvesse um grupo de pessoas ao seu redor, por mais que conversassem com ele, sua atenção para ela era constante. Mas ele não parecia fazê-lo por considerá-la uma propriedade ou por querer vigiá-la; ele parecia simplesmente não conseguir agir de

outra forma. Como se um imã invisível a atraísse para ele.

E havia mais uma pessoa que sentia esse mesmo magnetismo. Ao seu lado, sem que ela sequer percebesse, estava Malcom Harris. Seu jeito tímido e quase abobalhado faziam com que Maryanne não se sentisse bem em sua presença, e pela primeira vez desde que se casara, desejara que o marido estivesse ali.

— Foi deixada sozinha, senhorita Lestrange? — ele começou. Parecia um pouco alterado por alguma bebida alcoólica.

— Não. Meu marido foi ao toalete. E, desculpe, mas não é Senhorita Lestrange. Agora sou Senhora Maryanne Carmichael, duquesa de Wallfair — falou com certa petulância, de propósito.

— Ora, vejo que o título de nobreza já lhe

subiu a cabeça. Nunca deixou que ninguém se aproximasse de você, mas foi rápida em fisgar um duque. Talvez fosse isso que me faltava. Um título — ele estava próximo demais, e ela podia sentir o cheiro da bebida em seu hálito, o que a estava deixando nauseada.

— Posso enumerar uma lista de coisas que lhe faltam, Malcom. Uma delas é bom senso. Está fazendo um papel ridículo... — falou com calma, tentando caminhar para o meio da multidão, uma vez que estavam afastados demais, quase dentro da cozinha, que estava vazia.

— Pouco me importa o que acha. Há coisas melhores em você do que sua opinião — e ele a puxou para dentro do cômodo vazio, quase fazendo com que ela se desequilibrasse.

Uma vez vendo-se sozinhos, Maryanne começou a sentir medo e preparou-se para gritar

por Darren. Contudo, Malcom tampou sua boca com uma mão e a agarrou. Estava prestes a beijá-la, mas ela foi mais rápida e pegou uma faca enorme no faqueiro sobre a pia onde estavam encostados, e fez um corte significativo no braço de seu agressor.

Furioso, Malcom urrou por causa da dor e pela surpresa. Não esperava que Maryanne fosse capaz de tanto para se defender. Irritado, ele a esbofeteou no rosto, o que a fez cair no chão.

Quando ele estava prestes a se colocar sobre ela, uma voz, de alguém que chegava à cozinha, foi ouvida:

— O que...??? — era Darren. Ele ia começar a falar, mas a única coisa que viu foi sua esposa com um filete de sangue escorrendo pelo lábio e caída no chão. — Seu miserável!

Furioso, Darren voou para cima de Malcom

e lhe deferiu um soco forte, que o fez cair no chão.

— Como teve coragem de sequer tocar nela? Encostar essas mãos imundas na *minha esposa*? — vociferou. — Minha vontade agora é quebrar cada um de seus ossos bem lentamente... mas a verdade é que sinto pena. Mal consegue cortejar uma mulher sem precisar usar de violência. Saia daqui antes que eu o mate.

Sem dizer nada, Malcom se dirigiu à saída do cômodo, mas havia um sorriso malicioso em seu rosto, que deixou Darren um pouco desconfiado. Mas não era hora de pensar nisso. Maryanne ainda estava no chão, com os olhos arregalados, um pouco atordoada.

— Ele machucou você? — perguntou, ao se curvar para ajudá-la a se levantar.

— Sim. Ele bateu no meu rosto e quando caí no chão acabei machucando meu pé um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Consegue andar? Posso carregá-la se for preciso.

— Não. Estou bem. Só quero sair daqui...

— Claro, vamos sair pelos fundos.

E Darren amparou Maryanne até a saída, levando-a até a carruagem, ajudando-a a subir e se acomodar.

Em minutos já estavam a caminho de casa.

Depois de algum tempo de silêncio, enquanto Maryanne ainda tentava se recuperar do fato, da humilhação e da dor em seu rosto, ela mencionou um assunto qualquer. E Darren não deixou de ficar surpreso ao constatar que ela não iria falar mais nada sobre Malcom. Isso somente provava que era uma mulher incrivelmente forte.

— Descobriu alguma coisa com Anthony?

— Não, infelizmente. Ele foi ao jardim para

fumar um charuto... — a menção do objeto fez com que Maryanne se preparasse para falar alguma coisa, dando a entender que ele poderia ser um suspeito por isso. — O que não quer dizer nada. Havia mais três homens com ele fazendo a mesma coisa. Garanto que pelo menos um deles deve gostar de Poe. Ou seja, estamos tão cegos quanto antes. — Darren finalizou a frase, mas ainda não tinha terminado de falar. — Porém...

— Porém? — ela se animou novamente.

— Minhas suspeitas agora caíram sobre Malcom Harris...

— Malcom? Mas eu o conheço desde criança.

— E isso não foi suficiente para que ele a respeitasse. Seu rosto machucado prova que ele não é nenhum santo — Darren acariciou o ferimento leve na face da esposa. Ela abaixou a

cabeça sentindo-se um pouco envergonhada.

— Bem, não podemos deixar de considerar isso como sendo uma hipótese... — ela especulou. — Mas você acha que...

A fala de Maryanne foi interrompida bruscamente por um solavanco da carruagem, que a jogou em cima de Darren, fazendo com que ela ficasse sentada em seu colo.

Foi um breve momento de olhares trocados, que deixou Maryanne com a respiração ofegante. Protetor, seu marido a segurava com firmeza, com um braço ao redor de sua cintura, ajeitando-a para deixá-la mais confortável. Contudo, parecia não ter a menor vontade de deixá-la fugir dali.

— Maryanne... — ele sussurrou, semicerrando os olhos, que fitavam seus lábios. Ela sabia que seria beijada. Só restava saber se queria aquele beijo.

Mas sequer teve tempo para ponderar prós e contras, pois a carruagem sofreu outro solavanco. Daquela vez foi ainda mais forte. Darren, portanto, depositou Maryanne a seu lado, confortavelmente sentada no banco.

— Vou verificar o que está acontecendo. Fique aqui — ele disse, equilibrando-se como pôde para poder espiar o cocheiro. Contudo, o homem estava morto com um tiro certeiro na testa.

Era uma armadilha, e tudo que ele conseguia pensar era em Maryanne. Se o assassino a queria tanto, que melhor oportunidade do que criar uma emboscada e eliminar seu marido, deixando-a sozinha e desprotegida?

Mas claro que ele não iria permitir.

Com pressa, assumiu as rédeas do veículo e gritou por Maryanne. Logo ela fez o mesmo que ele tinha feito minutos atrás e viu Darren sentado

ao lado do homem ensanguentado e morto.

— Ah, meu Deus! — ela exclamou.

— Fique lá dentro, atenta. Se puder, mantenha-se deitada no chão.

— Mas, Darren... você... — preocupou-se.

— Eu vou ficar bem. Vá! Agora!

E ela o obedeceu. Ele pretendia guiar a carruagem até a mansão e depois chamaria a polícia para cuidar do corpo de seu fiel cocheiro. Mas não demorou para que seus planos precisassem ser mudados, uma vez que o veículo começou a ser alvejado por tiros.

— Darren! — Maryanne gritou lá de dentro. Seu coração começou a bater forte, pois não sabia se ela estava preocupada com ele ou ferida.

— Maryanne... mantenha-se abaixada. Você está bem? — ele gritou de volta, para que ela

pudesse ouvir.

— Estou. E você? Tome cuidado, por favor...

A preocupação em sua voz fez com que ele sentisse ainda mais desespero para sair daquela situação vivo e tirá-la dali também em segurança. Não podia perdê-la ou permitir-se morrer sem salvá-la primeiro.

Os tiros não cessavam. Tantos e tão consecutivos que Darren quase pôde jurar que eram duas mãos atirando. Mas isso não importava, pelo menos não naquele minuto. Só importava manter o controle daqueles cavalos.

Contudo, Darren foi atingido por uma bala. Apenas um ferimento de raspão, em seu ombro, mas que por um momento fez com que ele soltasse as rédeas, pela surpresa da dor, e os cavalos começaram a correr sem muito rumo. Ele ainda tentava recuperá-las, mas sabia que não

teria tempo suficiente para isso, pois a carruagem se dirigia a um despenhadeiro. Uma queda seria inevitável.

Sangrando e pressionando a ferida, ele se dirigiu novamente para o interior da carruagem.

— Darren... está ferido! — Maryanne, que ainda estava abaixada, se desesperou ao ver o estado do marido. Não era um ferimento assustador, mas suficiente para deixá-la apavorada.

— Maryanne, não temos tempo agora. Vamos precisar pular da carruagem.

— Pular? — com a voz alterada, ela arregalou os olhos demonstrando um desespero ainda maior.

— Sim. Não tenha medo, vamos escapar. Eu prometo — e em um lampejo de segundo, ele

sentiu que precisava acrescentar uma frase importante, tanto quanto precisava de oxigênio para respirar. — Eu amo você.

E nem deu tempo para que ela respondesse qualquer coisa, pois foi agarrada pela mão e puxada. No momento seguinte estavam pulando da carruagem em movimento, sem que Maryanne pudesse sequer contestar ou ter algum tempo para se preparar.

A queda foi dolorosa, mas não tanto quanto poderia ter sido, pois Darren a protegeu com seu corpo, diminuindo o impacto, enquanto rolavam por entre árvores e pedras. Assustados, ambos observaram a carruagem continuar trilhando seu caminho até desaparecer abismo abaixo. Maryanne enterrou o rosto no peito do marido, pensando o que poderia ter acontecido com eles se Darren não tivesse pensado rápido.

Apesar de estarem vivos, Maryanne sabia que Darren precisava de cuidados médicos. Imaginava que se ela estava ferida e sentindo dor, ele deveria estar muito pior, porém, sequer demonstrava. Estava firme, mantendo-se preocupado com ela.

— Maryanne, tudo bem? Está ferida?

— Nada grave. Mas precisamos sair daqui. Estamos vulneráveis e você precisa de cuidados médicos — ela tremia, nervosa por ele. Ao mesmo tempo, rasgava um pedaço de seu vestido e amarrava no ombro ferido de Darren, tentando estancar o sangue. — Como vamos voltar?

— Tenho um amigo que mora aqui perto. Vamos caminhando até lá e vou lhe pedir um cavalo emprestado. Você consegue caminhar? Apesar de não ser longe, é um bom pedaço.

— Só quero voltar para casa... — era a

primeira vez que ela se referia à mansão como sua casa. Ele esperava que aquele maldito incidente ao menos servisse para uni-los, de alguma forma. — Acho que os tiros pararam, não é?

— Sim, parece que sim. Mas vamos aguardar mais um pouco escondidos. É provável que o atirador acredite que tenhamos caído no penhasco.

Maryanne concordou, e eles aguardaram. Vinte minutos depois, Darren levantou-se do chão e foi verificar o caminho. Estava limpo, deserto. Quase assustador. Seria bastante arriscado sair àquela hora, mas não poderiam passar a noite no relento. Ambos estavam exaustos e feridos, física e emocionalmente, precisando descansar.

Cautelosamente, ambos começaram a caminhar. Estava frio, Maryanne mal podia conter os tremores de seu corpo, mas não se deixaria

fraquejar. A situação de Darren era sem dúvida muito pior que a sua. Tinha que ser forte. Tinha que construir sua resistência no ódio que estava sentindo. Seja lá quem fosse aquele assassino, estava começando a enviar seu recado de forma mais incisiva, mais perigosa. Eles realmente poderiam ter morrido, poderiam ter despencado daquele precipício direto para a morte. Mas tinham sobrevivido. E isso deveria ser um sinal. Um sinal de que eram muito mais fortes juntos; muito mais poderosos. Um sinal de que quase nada poderia derrubá-los.

Realmente a caminhada foi longa e cansativa. Quando chegaram à casa do amigo de Darren, ele insistiu para que jantassem e passassem a noite ali, que ele chamaria um médico para cuidar do ferimento de Darren. Mas foi ele próprio quem se desculpou com a esposa e lhe

explicou que não poderiam ficar ali. Não deveriam colocar aquele homem em perigo, uma vez que poderiam estar sendo perseguidos. Além do mais, a cavalo não seria uma viagem tão longa, em meia hora estariam na mansão.

Mesmo ferido, Darren manteve-se firme e extremamente cuidadoso com Maryanne. Com ela à sua frente, dividindo a mesma sela, ele a mantinha em seus braços, abraçando-a para que não sentisse tanto frio e mantendo-a firme, pois sabia que ela estava nervosa, trêmula e frágil.

No exato momento em que chegaram em casa, Maryanne correu para pedir que um criado fosse chamar um médico. Mesmo cansada, ela tomou todas as providências para deixá-lo confortável, ajudando-o a tirar o paletó, a gravata borboleta e a camisa. A ferida não parecia muito profunda, mas com certeza deveria estar doendo

bastante.

Ela limpou a ferida com cuidado, tentando ser o mais delicada possível. Quando o médico chegou, parabenizou-a pela forma como agiu, afirmando que tinha facilitado seu trabalho. O ferimento foi costurado, sem nenhum tipo de anestésico, pois Darren queria permanecer desperto. Claro que a dor era excruciante, mas ele suportaria, pois não queria perder os momentos que viriam a seguir. Sabia que uma aproximação tinha acontecido, e cada momento era importante.

Assim que o médico saiu, deixando o curativo feito e os remédios receitados, e Darren e Maryanne ficaram sozinhos, ela sentou-se ao seu lado, com uma expressão mais aliviada depois de ouvir do próprio doutor que ele estava perfeitamente bem.

— Foi uma aventura e tanto, não foi? — ele

brincou, sentindo-se à vontade com ela pela primeira vez.

— Não fale desse jeito. Uma pessoa morreu, Darren. Isso é sério...

— Eu sei que é sério. Não sou o homem frio em relação à morte que conheceu. Eu me importo com qualquer pessoa. Por isso faço o que faço.

— Sei disso — ela respondeu em um tom baixo de voz.

— Você também deveria ter permitido que o médico a examinasse. Foi ferida vezes demais hoje.

— Estou bem — insistiu.

— Sei que vai continuar afirmando isso, pois é de sua personalidade mostrar força e independência, mas vai ter que se acostumar, pois pretendo cuidar de você — Darren falava com

suavidade. — Pretendo evitar que coisas como essas aconteçam. Não quero que nada a machuque, não quero que seja magoada por ninguém. Por isso peço desculpas... Exatamente por saber que eu fui o causador de uma dor em seu coração é que quero compensar. Quero amá-la, Maryanne! Dê-me essa oportunidade...

Era uma súplica. Um pedido cheio de sofreguidão. Claro que Maryanne poderia resistir, utilizar a mágoa que ainda sentia como subterfúgio para fugir dali e salvar-se do sentimento tão forte que começava a se manifestar dentro de si. Seria mais fácil negar, escapar, tentar esconder, mas será que isso a faria feliz? Talvez a escolha mais difícil fosse a que a levaria ao destino que nunca esperou, mas que seria uma grata surpresa.

— Sim, Darren... aceito seu amor. Aceito você, os dois homens que existem dentro de seu

corpo. Quero ambos. Quero ser sua esposa, como deve ser...

Darren praticamente nem esperou que ela terminasse sua resposta tão doce, pois ele tomou seus lábios, pronto para provar a ela que a amava, pronto para sentir seu gosto e devorá-la por inteiro, parte por parte, sem pressa, apenas decifrando-a como um desafio. Ela *era* um desafio, delicioso e sensual. Um labirinto no qual ele adoraria se perder.

E ele realmente se deixou perder. O que era para ser apenas um beijo evoluiu para carícias mais profundas e gemidos abafados.

— Darren... você não pode... Está ferido.

— Vai valer a pena... tenho certeza.

Para provar que o que dizia era verdade, ele a calou com outro beijo, que foi completamente

diferente de todos os outros que haviam trocado até então. As mãos de Darren percorriam suas costas e a apertavam, com delicadeza e luxúria ao mesmo tempo, como se ele quisesse marcá-la como sua.

Com o braço bom, ele a virou delicadamente na cama, colocando-se sobre ela. Sentia dor, os pontos repuxavam, mas o momento era muito valioso para ser desperdiçado. Deitada sobre os travesseiros de sua cama, ela jamais parecera tão linda. Seus olhos denunciavam que também estivera ansiando por aquele momento, tanto quanto ele.

Despiu-a, da mesma forma como se estivesse despetalando uma flor rara, demorando-se em cada botão, em cada laço. O vestido dela estava arruinado por causa de todas as aventuras daquela noite, por isso, ele precisou se controlar

para não arrancá-lo dela, abrindo-o com violência, com suas próprias mãos. Aquele era o tamanho de seu desejo por ela; o sentimento urrava dentro dele como um animal enjaulado, mas que precisava ser domado. Maryanne era uma criatura delicada e precisava ser amada da forma como merecia. Ao menos da primeira vez.

Assim que a viu desnuda, sussurrou em seu ouvido que ela era a mulher mais bela do mundo. Tão bela que ele depositou beijos por todo seu corpo, como se a venerasse, como se não houvesse nada mais precioso para ele.

Cada vez que Darren aproximava-se de suas partes mais sensíveis, Maryanne ofegava, agarrando-se ao lençol. No momento em que ele levou a língua ao ponto mais profundo de sua intimidade, sugando seu gosto como quem bebe um vinho doce, ela agarrou seus cabelos e

involuntariamente o puxou mais para si.

— Darren... — sussurrou com a voz rouca, delirante.

Ao ouvir seu nome, dito de uma forma tão maravilhosamente sedutora, ele levantou a cabeça e substituiu seu lábio por seus dedos, continuando a estimulá-la, e podendo olhá-la nos olhos. A visão foi a mais sublime e encantadora. O rosto de sua esposa, que era pura inocência e delicadeza, tornara-se um misto de luxúria e desespero. A cada movimento de sua mão, ritmados e constantes, os olhos de Maryanne apertavam-se mais, como se estivesse sofrendo uma tortura. Mas uma tortura extremamente prazerosa.

Maryanne não previra nada daquilo. Nunca tivera ninguém para conversar sobre o ato em si, mas algumas de suas amigas casadas lhe falaram muitas coisas, contudo, nada se assemelhava à

experiência. Jamais poderia imaginar que sentiria seus pulmões arderem buscando pelo ar, seu coração pulsando com uma força desmedida e a mente voando perdida em algum lugar do paraíso. Era isso! Estava presa em uma espécie de Éden, mas sendo submetida aos sete pecados capitais.

— Darren, por favor, eu...

— Quer que eu pare, meu amor? — perguntou com um leve toque de malícia na voz.

— Não! — ela exclamou com veemência. — Não, por favor...

— Então apenas me deixe amá-la como merece.

Puxando-a para si, deixando-a sentada sobre o colchão, ele continuou a beijá-la e começou a despir-se com pressa, ansiando pelo contato de seus corpos quentes. E não eram

apenas seus corpos que irradiavam calor; suas almas também estavam em chamas, enquanto o dia permanecia frio lá fora. Ou melhor, para eles não havia nada fora daquele quarto; não havia assassinos, caçadores e nem segredos. O mundo inteiro se resumia àquele espaço onde eles habitavam. O mundo inteiro estava abandonado em seus braços, pois ele se resumia apenas a amor.

E quando Darren a penetrou, primeiramente com cuidado e depois de forma mais intensa, Maryanne gritou seu nome, fazendo soar como uma jura de amor. Como uma promessa de que aquele era apenas o início de uma história longa e apaixonada. Nada mais poderia separá-los.

Capítulo Treze

Finalmente a luz sobrepujava o breu. Finalmente havia algum motivo para se celebrar a vida. Pelo menos era assim que Darren enxergava as coisas naquele exato momento, tendo a mulher que amava em seus braços. Vagara muito tempo pelo vazio, acreditando que não havia nada mais do que a dor, a solidão e a infelicidade, mas estivera enganado. Nem tudo estava perdido.

Ainda haveria as sombras, ainda haveria sangue, por causa da escolha que tinha feito há muito tempo, de fazer justiça à sua própria maneira. Mas não estaria mais sozinho.

Sua doce esposa adormecia em seus braços. O ombro doía bastante, ele sentia que estava sangrando um pouco, mas estava satisfeito.

Realizado.

No entanto, a serenidade durou pouco. Maryanne parecia subitamente inquieta, como se estivesse sonhando com algo nada agradável. Antes que a situação ficasse pior e o sonho começasse a realmente assustá-la, Darren a acordou com delicadeza. Esperou que ela abrisse os olhos, piscasse-os tomando consciência de onde estava e o que tinha acontecido, até que levantou o corpo da cama, colocando-se sentada, com as costas apoiadas no encosto da cama.

— Foi um pesadelo, meu amor. Já passou... — ele tentou confortá-la, mas sequer lhe deu tempo para dizer qualquer coisa.

— Não, Darren... não foi exatamente um pesadelo... Minha mente estava trabalhando. Eu compreendi uma coisa daquele último bilhete: "Um sonho dentro de um sonho"... é alguma coisa

que não conseguimos enxergar! Algo que está nos enganando! — Maryanne atropelava as palavras, quase não conseguindo se fazer entender.

— Vamos com calma. O que você acha que estamos fazendo de errado?

— Não sei! Não faço ideia. Preciso pensar um pouco mais, e...

— Não. Você precisa descansar. Ainda é madrugada. Você passou por momentos difíceis, merece repouso — ele a interrompeu.

— Meu coração está descansado; é isso que importa.

Ela falou aquilo sorrindo, não deixando nenhuma dúvida sobre ao que se referia. Ele a estreitou ainda mais em seus braços, mal querendo soltá-la.

— Sou um homem realizado neste

momento, Maryanne — Darren soou um pouco formal, mas era sua intenção, pois queria que ela compreendesse a importância da declaração. Por isso, pegou sua mão, beijou-a e a manteve dentro da sua. — Não há mais escuridão dentro de mim.

— Então vai deixar sua outra vida para trás?

— Não. Não posso... — respondeu de cabeça baixa, envergonhado, querendo poder acatar seu pedido. — Há muitas coisas que você não sabe... Coisas que me levaram a isso...

— Então me conte... sou sua esposa agora. Temos que ser honestos um com o outro, compartilhar segredos. Não guarde isso dentro de você se lhe faz tão mal.

Era uma oferta extremamente tentadora. Há anos ele queria se livrar do fardo do silêncio e do segredo, queria exorcizar os demônios que o acompanhavam desde que sua vida mudara para

sempre. Mas havia muita coisa em jogo, principalmente sua alma. Sabia que a partir do momento que cuspisse as palavras, elas poderiam se voltar contra ele da forma mais cruel possível, pois, da mesma forma como elas o envenenavam, estando presas dentro de seu corpo, poderiam fazer o mesmo com Maryanne e transformar seu amor por ele em ódio ou desprezo.

— Vamos, Darren... estou aqui para você. Vou ouvi-lo sem julgamentos.

Darren olhou fundo em seus olhos, de uma forma que ela jamais tinha visto antes. Não havia apenas aquela sombra que ele sempre carregava, que parecia estar presa dentro de seu corpo, enchendo-o de remorso e ódio por si mesmo. Havia mais. Havia uma espécie de medo, um sentimento de dúvida... Mas também uma confiança. Ele sentia que podia se abrir com ela;

parecia apenas estar escolhendo as palavras adequadas.

— Eu vou lhe contar, mas quero que me prometa que não irá mentir. Se achar melhor sair desse quarto e nunca mais voltar, não vou impedi-la...

— Fale logo, Darren! Está me assustando!

— Bem, eu tinha uns dezoito anos quando tudo aconteceu... morava com meus pais. Meu pai, obviamente, era o duque de Wallfair. Não havia nada que ele desejasse que não acabasse conseguindo mais cedo ou mais tarde. Ele tinha amantes, jogava, envergonhava o nome da família e desrespeitava minha mãe. Em contrapartida, ela era maravilhosa, linda, delicada... como você — ele deu um meio sorriso triste. — Eu não sei se ela sabia das "amigas" do meu pai ou se fingia não saber, mas em um dado momento resolveu reagir.

Mas acho que foi no pior momento possível, em um dia em que ele chegou completamente bêbado em casa. Os berros podiam ser ouvidos a quilômetros, eu suponho. Até que os gritos de uma discussão doméstica se tornaram gritos de pavor. Corri o mais rápido que pude até o quarto dos meus pais, arrombei a porta, mas já era tarde demais. Minha mãe já jazia no chão, sobre uma poça de sangue, agonizando com um punhal cravado em seu peito — ele fez uma pausa, tentando se recuperar das emoções. Maryanne mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. Era cruel demais. — Parti para cima de meu pai com todo ódio que poderia haver em meu coração. Eu só queria matá-lo. Mas ele, de tão bêbado que estava, achava graça de tudo. Até que conseguiu me atingir na cabeça e fez essa marca que tenho no peito com o mesmo punhal que ele arrancou do corpo da minha mãe. Contudo, no

final das contas, eu acabei matando-o. Eu o apunhalei tantas vezes que mal sei como consegui parar — mais uma pausa. Ele estava à beira das lágrimas. — Se não fosse um dos criados, depondo a meu favor e criando uma história mirabolante, eu estaria preso até hoje. Que era exatamente o que eu merecia...

— Não. Não diga isso... Você era apenas um garoto. Viu mais coisas do que qualquer um poderia suportar.

— Nada justifica o que eu fiz. Eu poderia tê-lo denunciado à prisão, mas não o fiz. Por causa desse ato minha vida inteira foi decidida. Prometi que nenhum assassino sairia impune; exatamente como fiz com meu pai, todos iriam morrer. Meu pai, sendo um duque, jamais ficaria preso, e a maioria dos homens que mato hoje em dia, também seria salvo do mesmo destino. Não posso

aceitar que outras mães sejam mortas e seus assassinos escapem impunes.

A frase penetrou fundo na mente e no coração de Maryanne, encaixando-se perfeitamente em sua história. Tanto que ela sentiu toda a mesma dor de anos atrás retornando ao seu peito, proporcionando um gosto amargo em sua boca. Amargo como sangue.

— Desculpe, Maryanne... eu não deveria ter falado isso... — Darren disse, reparando a expressão triste em seu rosto.

— Isso o quê?

— Sobre mães assassinadas — assim que ele respondeu, Maryanne olhou para ele surpresa. — Sei tudo sobre a morte de sua mãe. Sei que ela morreu em seus braços, assassinada. Que seu pai se culpava por não ter encontrado o assassino, por isso começou a trabalhar para mim. Fiz uma

pesquisa antes de lhe fazer a proposta. Sabia que ele iria aceitar, dadas as circunstâncias — ele respirou fundo. — Somos mais parecidos do que imagina.

Maryanne levantou-se da cama e começou a caminhar de um lado para o outro, enrolada em um dos lençóis que estava sobre a cama. Darren sentia-se agoniado, ansiando por qualquer contato, por alguma resposta, nem que fosse para brigar com ele. Queria que ela falasse, que vociferasse, que demonstrasse algum sentimento, mas não que ficasse calada. Não poderia suportar isso.

Mas mal pôde compreender o que ela fez logo em seguida.

Parecendo uma criança, ela abandonou-se em seus braços, sem nada dizer. E foi difícil julgar quem estava confortando e quem era confortado.

Suas histórias se cruzavam de forma trágica, e ambos eram sobreviventes das agonias de uma vida sufocante, que os testava a cada minuto.

E assim permaneceram por pelo menos mais quinze minutos, até que bateram à porta do quarto. Darren perguntou quem era e recebeu a resposta que era a governanta.

Curioso ele levantou-se, vestiu um robe e foi atendê-la.

A mulher lhe entregou um pequeno pergaminho, enrolado e amarrado por uma fita vermelha, parecendo um convite.

— Perdão interromper, senhor, mas acabaram de entregar para *milady* e disseram que era urgente — a criada, envergonhada pela situação, explicou.

— Quem entregou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um garoto maltrapilho. Provavelmente foi pago para isso.

— Tudo bem. Obrigado, Rose.

Com um meneio de cabeça, a mulher se retirou, e Darren fechou a porta, levando o bilhete para a esposa.

Assim que ele o entregou a ela, percebeu que havia algo de errado. O rosto de Maryanne ficou subitamente pálido, e ela hesitou muito antes de abrir o papel.

— Maryanne, o que houve?

— O pergaminho é exatamente igual ao que meu pai encontrou no primeiro cadáver, com Violet.

Ela não precisava dizer mais nada. Darren tinha completa noção do que aquilo se tratava. Era uma mensagem do assassino; para Maryanne.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos lê-la. Juntos! — ele exclamou, arrancando o papel das mãos de Maryanne. Seus olhos percorreram aquelas letras que formavam palavras, buscando o significado.

"Somente você poderá impedir

Que mais sangue inocente seja derramado

Na grama verde do vale

Nas colinas sombrias da solidão...

Três horas. Três dias."

— Desgraçado! Ele vai matar mais alguém! — Darren disse, amassando um pouco o papel na palma de sua mão.

— Não é possível que ainda não tenhamos nada! Como ele pode ser mais inteligente do que

nós três? — Darren sabia que ela se referia a seu pai, quando ainda participava da investigação.

— Só há algo que ainda não conseguimos encaixar. Alguma peça faltando.

— Uma peça faltando? Darren, isso não é um jogo! — indignou-se.

— E você acha que é um jogo para mim? — vociferou. — Acha que estou tranquilo pensando que ele a quer? Que adquiriu uma obsessão doentia por você e sua inteligência? Não acha que isso me assusta? Estou completamente apavorado com medo de perdê-la.

— Precisamos desvendar a mensagem...

— Sim, precisamos. Mas não hoje, não agora... Você precisa descansar — com as mãos nos braços de Maryanne, ele fez força para que ela se deitasse novamente. — A noite foi longa e

muito cansativa.

— Darren, você não entende. Há muita coisa em jogo para mim agora. Meu pai... ele foi morto pelas mãos deste homem. Não posso perder tempo... — Maryanne ainda insistia, mas assim que Darren deitou-se ao seu lado, colocando os braços ao seu redor, aninhando-a em seu peito, ela sentiu que realmente estava muito cansada e sonolenta, e o sono não demorou a chegar.

Capítulo Quatorze

Uma noite de sono poderia realmente ser essencial para recuperar corpo e mente, mas Maryanne não se sentia tão bem quanto deveria se sentir. Sentia-se zonza, como se tivesse sido atropelada por uma enorme carruagem. Além disso, a boca estava seca, a garganta arranhava e a mente não estava muito melhor depois de dezenas de pesadelos diferentes. Também não lhe fazia nada bem acordar e perceber que a cama ao seu lado estava vazia.

Talvez pudesse ter dormido demais, mas algo lhe dizia que havia mais.

Por isso levantou-se, lavou-se e vestiu uma roupa para poder tomar seu desjejum. Esperava que Darren estivesse no andar de baixo, já

acomodado, mas ele também não estava lá. Somente os criados a receberam. E todos pareciam ter a mesma expressão cúmplice no rosto.

— Senhores, onde está meu marido? — ela perguntou, sem cerimônias, cruzando os braços na altura do peito e aguardando uma resposta.

Era fácil ver que todos ao seu redor entreolhavam-se em conspiração, quase ansiando por poderem confabular antes de lhe darem qualquer resposta. Foi a governanta quem primeiro esboçou qualquer reação, iniciando um diálogo:

— *Milady*, o senhor seu marido chegou ainda há pouco — pela forma como ela falava, cheia de cautela, Maryanne compreendeu que temia uma reação da patroa.

— A que horas ele saiu? — insistiu.

— Uma hora depois de eu ter levado aquele bilhete em seus aposentos.

— E onde ele está agora?

— No seu próprio quarto — sem nem esperar qualquer outra resposta, Maryanne virou-se em direção das escadas, pronta para confrontar seu marido. Contudo, Rose, a governanta, chamou-a, tentando ganhar tempo, o que era fácil perceber. — Senhora, melhor não incomodá-lo. Creio que...

— Rose, me desculpe pela franqueza, mas tenho todo direito de incomodar meu marido no momento em que achar conveniente. Não me leve a mal, sei que está fazendo seu trabalho da melhor forma possível. Não irei prejudicá-la — e virando-se novamente, subiu para o quarto de Darren, desta vez sem se permitir ser interrompida.

Caminhou até o quarto do marido, tentando

adiar ao máximo o momento em que abriria a porta. Já sabia o que iria encontrar do outro lado. Já sabia que seria uma cena muito parecida com aquela do dia de suas núpcias, quando lhe fora revelada a verdade: era casada com o temido Caçador.

Mas não foi exatamente isso que encontrou quando entrou no quarto que lhe parecia amaldiçoado, pois era onde ele guardava sua outra alma... Ela encontrou Darren — não o Caçador —, sentado na pequena cama, no meio do quarto, com os cotovelos apoiados nos joelhos, com ambas as mãos segurando a cabeça. Ele parecia atormentado, preocupado... algo que ela não conseguiria definir de tão longe.

Chamou seu nome, mas não obteve resposta. Imaginou que deveria estar perdido em algum mundo só dele, habitado por sombras e

fantasmas de todas as vidas que havia tirado. Sua sina era remoer por cada morte que carregava nas costas, como um ceifador. Seus olhos enxergariam eternamente a feiura de seus atos, embora Maryanne pudesse ver também beleza neles. Não que concordasse com os meios, mas acreditava nos fins; eles faziam com que valesse a pena. Apesar disso, tudo tinha consequências, e Darren parecia estar experimentando o peso de cada uma delas.

Aproximando-se mais, ela ajoelhou-se a sua frente, tirou as mãos que cobriam seus olhos e repetiu seu nome, de forma doce e melodiosa.

— Darren?

Ele levou algum tempo para ouvi-la e até mesmo para perceber que não estava mais sozinho, o que fez com que ela percebesse que realmente estava muito perturbado por algo.

E Maryanne teve mais uma surpresa quando, ao invés de falar qualquer coisa, Darren jogou-se em seus braços, apertando-a contra si de forma quase desesperada, como se agarrar-se a ela fosse sua única chance para sobreviver.

Ele estava chorando. E não tinha a menor vergonha de fazê-lo na frente dela. O desabafo, naquele momento, parecia muito mais importante do que um mero orgulho masculino. Ele despejava uma enxurrada de sentimentos sobre ela, sem nada dizer. O silêncio, entretanto, estava sufocando Maryanne muito mais do que se ele simplesmente compartilhasse suas angústias e permitisse que ela compreendesse o motivo daquele pranto tão incontrolável.

— Por favor, fale comigo... Estou assustada — ela disse, enquanto ele ainda estava em seus braços, e foi como se ele tivesse despertado de um

longo sono, pois afastou-se dela imediatamente, olhando-a nos olhos, com eles arregalados.

— Me desculpe, eu... — soltando-a, ele levantou-se e começou a caminhar pelo quarto, como se quisesse se manter afastado. Insistente, Maryanne o seguiu, querendo manter a proximidade antes que o perdesse naquele momento. Sabia que ali, à sua frente, estava o Caçador, por mais que fossem a mesma mente, o mesmo corpo.

— Não quero suas desculpas. Quero que me diga o que houve — apesar de ser uma frase dura, Maryanne fez com que ela soasse gentil.

Darren parou de caminhar subitamente, no momento em que ouviu Maryanne falar. Claro que ela iria exigir uma explicação; claro que merecia saber o que tinha acontecido, afinal, era agora sua esposa. Seria ela a responsável por suportar sua

loucura, que parecia cada vez mais evidente.

Sem nenhuma explicação, ele abriu alguns botões da camisa e colocou a mão sobre a cicatriz em forma de xis que cobria seu peito. Era vermelha, cruel e eterna.

— Está vendo essa marca? — ele falou finalmente.

— Sim. Eu já tinha reparado nela. É igual a que faz em suas vítimas — ela falou, mas ele agarrou seus braços de forma súbita e quase violenta. Mas logo suavizou o toque, ciente de que poderia machucá-la.

— NÃO! — exclamou, feroz. — Não é igual. É exatamente por isso que eu nunca marquei no peito nenhuma das pessoas que matei. Essa marca é a única ligação que criei entre o Caçador e mim, mas não queria, de forma alguma, que ela fosse igual à que meu pai me fez, anos atrás. Mas o

problema é que só hoje me dei conta de que estou me tornando uma pessoa igual a ele...

— Não, Darren, você não...

— Eu não consegui — ele simplesmente afirmou, interrompendo-a, como se as palavras, sozinhas, pudessem fazer algum sentido, lhe poupando de mais explicações.

— Não conseguiu, o quê? — insistiu ela.

— Não consegui matar — falou, porém, mais uma vez reparou que ela esperava mais e se viu obrigado a lhe dar mais detalhes. — Eu recebi um recado de um criado, de madrugada, informando que um crime foi cometido. Não um crime do nosso assassino, mas outro, isolado, como tantos que acontecem nesta cidade. Já se sabia quem era o assassino, mas ele tinha conseguido fugir. E eu saí à sua caça, quase certo de que iria encontrá-lo. E encontrei. O homem

estava caído de bêbado em uma sarjeta, cheio de sangue, depois de ter matado o próprio filho a pancadas — falou com nojo. — Eu olhei para ele cheio de raiva, pretendendo matá-lo exatamente daquela forma, sem nem me dar ao trabalho de acordá-lo... mas... não pude. Pela primeira vez desde que comecei essa jornada tão mórbida, eu não consegui.

— O que aconteceu?

— O que aconteceu, Maryanne? Você aconteceu...

— Eu?

— Sim. Lembra quando eu disse que somente você seria capaz de trazer luz à minha escuridão? Pois foi o que aconteceu. Sua luz brilhou em meu coração, iluminando meus sentimentos. Tê-la em meus braços ontem à noite fez com que eu compreendesse que há coisas

muito mais doces do que a vingança. Há muito mais a se sentir do que apenas o ódio e o rancor. Eu me vi, na frente daquele homem, como um tolo. Não posso julgar o que é justo, simplesmente por minha opinião — ele fez uma pausa, sentando-se novamente. — Estou cansado, Maryanne. Cansado de andar sem rumo, de vagar pela noite em busca de coisas que me tornam apenas a metade de um homem. Encontrei meu caminho... já sei para onde quero rumar todas as noites, para *quem* quero voltar. Quero voltar para você...

Maryanne sentiu-se derreter com aquelas palavras. Eram puramente sinceras, proferidas do fundo do coração do homem que estava a seu lado, sentado naquela cama, buscando a si mesmo. Havia mais do que apenas uma declaração de amor em sua fala, havia o testemunho do início de uma redenção. E ela sabia que era responsável

por aquela mudança. Isso fez com que sentisse uma imensa esperança de que, afinal, seu destino estava traçado de uma forma muito mais bonita do que ela sequer poderia esperar.

Pensando em tudo isso, abraçou-o novamente, sabendo que poderiam ter paz, que não seriam assombrados pelo estigma do Caçador. Embora ele fosse o motivo pelo qual se apaixonaram, e Maryanne o admirasse, de alguma forma, ela sabia que era perigoso, que em uma dessas madrugadas em que Darren saía, pronto para realizar sua rotina sangrenta, ele poderia não voltar, poderia deparar-se com a morte ou com a cadeia.

— Sempre que voltar para mim estarei lhe esperando. Não importa quanto tempo demore ou para onde tenha ido...

Ouvindo isso e sentindo-se mais confortado,

ele a beijou. E podia jurar que aquele beijo tinha um gosto diferente dos outros. Parecia ter sabor de uma liberdade que ele não experimentava há muito tempo. Ambos sabiam que ainda precisariam resolver um caso antes que pudessem seguir suas vidas em um curso normal; que Darren ainda precisava terminar sua missão eliminando um determinado criminoso. Talvez o principal deles. E, então, seria realmente livre. Livre para amar Maryanne por inteiro, com apenas uma alma, uma identidade, um nome, um coração.

***

Sentindo-se dono de uma alma renascida, Darren dedicou sua manhã a viver como um homem normal. Sua decisão influenciara não apenas em sua vida, mas com certeza influenciaria

a de Maryanne também. Fora nela que pensara, em primeiro lugar, ao desistir da loucura de sua vida dupla. Não queria que ela fosse sua cúmplice, caso ele fosse pego pela polícia. Pior ainda seria se fosse condenado; ela se tornaria uma viúva ainda tão jovem. A verdade era que sempre houvera muitas implicações, mas agora que era um homem casado, que não estava mais sozinho, tudo parecia se agravar. Precisava pensar em sua esposa, protegê-la e tentar fazê-la feliz.

Depois da noite conturbada e ao mesmo tempo maravilhosa que vivera com Maryanne, sentia que devia alguns bons momentos a ela, por isso, depois de fazerem amor apaixonadamente mais uma vez, ele a levou a um passeio pela cidade, deixando a cargo dela todo o itinerário. Ele lhe deu presentes, caminharam pelo parque e exibiram sua felicidade para todos. Darren

mostrava-se orgulhoso ao ter sua bela esposa ao seu lado, radiante como uma estrela do céu.

Um pouco antes de voltarem para casa, Maryanne lhe fez um pedido irrecusável. Ela queria ir ao cemitério visitar o túmulo do pai, uma vez que não tivera coragem de fazê-lo até aquele momento. Compraram, portanto, algumas flores, e Darren a levou para viver aquele momento que pertencia somente a ela, mais ninguém.

Maryanne agradeceu o espaço que lhe foi dado, mas também soube apreciar a proximidade que ele manteve, uma vez que acabaria precisando de um apoio, mais cedo ou mais tarde.

Por um momento ficou em silêncio, sentindo-se uma tola por simplesmente não saber o que fazer ou dizer para a única pessoa no mundo com quem sempre tivera facilidade para conversar. Percebeu, então, que ainda segurava as

flores nas mãos, também sem saber o que fazer com elas. Foi então que as pousou sobre a tumba, mantendo-se abaixada, observando a lápide.

Tudo parecia mais mórbido do que ela imaginava. Tudo era cinza, escuro e amedrontador, não muito diferente da vida que ele vivia. Apesar disso, Maryanne ainda achava que não era certo. Seu pai sempre lhe parecera invencível, pronto para enganar a morte, para simplesmente fugir dela como uma presa inteligente. Mas seu assassinato fez com que ela compreendesse que ninguém era invencível, que a morte sempre vencia no final, mais cedo ou mais tarde.

Mesmo assim, não se daria por vencida, principalmente quando estava ligada a algum plano insano do homem que matara seu pai. Contudo, sentia-se acuada, perdida, sem um

Norte. Por mais que tivesse Darren a seu lado e que ele fosse um aliado tão importante quanto o poderoso Joseph Lestrange, sentia falta dos momentos em que sentavam-se à biblioteca de sua pequena casa, apenas discutindo sobre casos e chegando a conclusões brilhantes.

— E então, papai? O que me diz deste bilhete? O que o senhor acha que este homem vai fazer desta vez? — disse, e em seguida leu aquelas estranhas frases para o pai, achando sua atitude completamente estúpida. Por Deus, o que ela queria? Conversar com um fantasma? Por acaso queria que ele respondesse?

Sentindo-se tola, ela levantou-se, sem nem se preocupar se tinha sujado seu vestido, e começou a caminhar na direção de Darren, que já a esperava, pronto para acolhê-la em seus braços e confortá-la. Porém, antes que se aproximasse do

marido, Maryanne parou, subitamente.

Nunca acreditara em fantasmas. Nunca fora sensível ao ponto de crer em céu e inferno, apenas no bem e no mal. Acreditava no presente, sem sequer pensar em passado e futuro. Mas ela quase podia jurar que uma voz sobrenatural falara-lhe ao seu coração, dando-lhe respostas, clareando ao breu de sua mente.

Tudo ficou de repente muito claro. Foi então que apressou seu passo, até começar a correr, ansiosa por falar com Darren.

— Eu já sei! Darren, tudo faz sentido agora! — ela começou a falar, antes mesmo de parar de correr.

— Maryanne, o que houve? O que faz sentido? — segurando-a pelos braços, ele perguntou, tentando mantê-la quieta.

— O bilhete do assassino! Ele quer a mim... quer que eu vá impedi-lo de cometer outro assassinato. E quer que eu vá sozinha. Pelo que eu compreendi, ele estará no vale da colina.

— No vale da colina? — ele não estava compreendendo.

— Eu sei onde fica... — Maryanne praticamente sussurrou, fazendo com que Darren percebesse, por sua expressão facial, que o tal lugar era, de alguma forma, relevante para ela. Não de uma maneira positiva.

— Seja lá o que for que você esteja pensando, desista. Não vou permitir que seja uma isca! — vociferou.

— Não importa o que precisemos fazer, Darren! Temos que deter esse homem antes que ele mate mais pessoas.

— E para isso vamos permitir que ele mate você? — com a voz ainda alterada, Darren repreendeu.

— Você já se sacrificou muito por muitas pessoas. Mais do que ninguém entende minha motivação. Me dê o direito de escolher... Vamos pensar em uma forma de você estar lá para me proteger.

— Não! Você é minha esposa... Não posso permitir algo assim.

— Darren, vou fazer isso com ou sem sua ajuda. Espero que tenha suficiente bom senso para me ajudar. Não pensarei sozinha de forma tão eficiente quanto farei se estiver ao meu lado — com a voz doce ela continuou, sabendo que poderia conseguir muito mais dele agindo assim do que se utilizasse uma atitude mais insistente.

— O que farei com você, Maryanne? — ele

indagou, mais para si mesmo do que para ela. — Vamos para casa e lá conversaremos. Mas vamos encontrar uma maneira de fazer da forma correta, sem colocá-la em risco.

Darren sabia que estava cometendo um erro ao parcialmente concordar com aquela loucura. Mas Maryanne era incansável, inquieta, um poderoso turbilhão. Nada poderia pará-la. Nem mesmo ele.

Maryanne, por sua vez, deixou-se ser conduzida pelo marido, sabendo que aquela primeira batalha tinha sido vencida. Se ganharia a guerra, era apenas uma questão de tempo e sorte. E também talvez um pouco de seu poder de persuasão sobre ele. Contudo, conforme caminhavam, ela olhou brevemente para trás, agradecendo silenciosamente ao pai. Não duvidava em nenhum momento que ele a tinha

ajudado. Isso lhe deu uma nova esperança. Sabia que o destemido inspetor Lestrange atravessaria qualquer barreira por ela. Até mesmo as da morte.

***

Não havia como parar o tempo. Eles sabiam disso. Sabiam também que a cada hora que passava, o momento do sacrifício de Maryanne se aproximava.

Durante os três dias restantes até a profecia do bilhete se cumprir, Darren tentou encontrar inúmeras saídas para aquela situação. Colocar Maryanne em perigo era inconcebível, chegava a fazer seu peito doer com a possibilidade de vê-la ferida ou de perdê-la definitivamente. Apesar de praticamente agonizar com a expectativa, sabia

que era a única forma de tudo terminar. Além disso, se não permitisse que ela fosse, Maryanne acabaria dando um jeito. Não queria tomar qualquer atitude drástica da qual se arrependeria depois ou que colocaria o sentimento que tinham conquistado em risco.

Mas quando chegou a fatídica noite, não havendo mais tempo para escolhas, Darren e Maryanne viram-se olhando um para o outro, minutos antes de sair de casa, sem saber o que dizer. Ele vestia sua roupa de caçador, sem a máscara, e ela colocara uma capa púrpura sobre o vestido preto, sem as anáguas, como se fosse uma ladina. Queria ter o máximo de facilidade para se esconder e fugir, caso fosse necessário.

O semblante no rosto de Darren era de pura dor, como se tivesse dificuldade para respirar. Queria poder adiar aquele momento para sempre,

queria poder segurá-la nos braços com força suficiente para que ela não pudesse sair daquela casa. Na verdade ele poderia mantê-la ali. Era maior, mais forte e tinha o elemento surpresa a seu favor, mas não o faria. Tinha que ter fé em si mesmo para protegê-la e acreditar que Maryanne era esperta o suficiente para se defender.

— Vou sentir falta de sua roupa de Caçador. É muito sedutora, *milorde* — ela falou em um tom brincalhão, tentando tornar a situação mais fácil. Ele, claro, não pôde deixar de sorrir.

— Podemos usá-la em algumas ocasiões, se for para seu prazer, *milady* — ele também brincou, mas logo mudou a expressão de seu rosto, tornando-a séria. — Se qualquer coisa acontecer com você hoje...

— Não vai acontecer. Em algumas horas estaremos de volta a esta casa, juntos. E então

nada mais irá impedir nosso amor.

Quando ela falava daquela forma, Darren quase acreditava que era possível que tudo finalmente tivesse fim. Não apenas a saga daquele assassino, mas também sua vida dupla. Era tudo que ele queria; uma vida tranquila ao lado da mulher que amava. Mas será que ela seria feliz sem participar das investigações que tanto amava?

Bem, era uma pergunta que teria que esperar. Tinham um trabalho a fazer.

O plano era simples. A carruagem os levaria até o local que seria indicado por Maryanne, que dizia conhecer o caminho. Lá, ela caminharia sozinha, enquanto Darren a vigiaria, pronto para se aproximar a qualquer momento. Além disso, o lugar estaria cercado por alguns homens que eventualmente trabalhavam para o duque e que impossibilitariam que alguma coisa inesperada

acontecesse. Ele não teria para onde fugir, muito menos levando-a com ele. Além disso, Maryanne estava armada. Ela sabia atirar, pois fora instruída por Lestrange e poderia render o homem, caso fosse necessário. E assim que ela desse um sinal, Darren e os outros iriam até ela, e tudo teria fim.

Durante todo o percurso, Maryanne permaneceu calada, apenas balbuciando qualquer coisa quando precisava indicar as direções ao cocheiro. Seu coração batia acelerado, não apenas pela ansiedade pelo que estava prestes a acontecer, mas por simplesmente reconhecer a responsabilidade de sua posição naquele momento. Sabia que poderia ser a heroína, que poderia colocar um ponto final naquelas mortes tão terríveis e, quem sabe, salvar a vida de outras mulheres que poderiam vir a ser assassinadas. Mas, ao mesmo tempo que agradecia pela

oportunidade, não podia negar que estava com medo. Contudo, jamais o demonstraria, especialmente porque Darren a vigiava constantemente. O primeiro sinal de hesitação que ela deixasse transparecer seria o suficiente para que ele cancelasse aquela missão e tentasse descobrir quem era o assassino por outros meios.

Mas ambos sabiam que era sua melhor chance. Já quase podiam perceber que não haveria falhas no comportamento daquele insano. Ele chegara até ali, ainda com uma identidade misteriosa, cometendo crimes cada vez mais bárbaros, ceifando vidas inocentes sem nenhum remorso. Não haveria paz enquanto uma atitude não fosse tomada. Maryanne tinha plena consciência de que se desistisse naquele instante, poderiam jamais ter outra oportunidade como aquela. E Darren também sabia disso. Ele jamais

permitiria que ela servisse de isca, se não fosse um caso de extrema necessidade. Fora difícil convencê-lo, ainda mais fazê-lo acreditar que ela sabia se defender. Precisara provar que sabia como mexer em uma arma e que atirava muito bem. Não podia dizer que não compreendia a preocupação do marido, pois estaria igualmente desesperada se fosse ele a se arriscar de tal forma.

— Maryanne, ainda há uma chance de desistir... Por favor, podemos encontrar outra forma de resolver isso... uma que não envolva colocar você em perigo! — ainda dentro da carruagem, porém já parados no local que Maryanne indicou como sendo o correto, Darren segurou os braços dela e a virou para si, fazendo com que olhasse em seus olhos suplicantes.

— Não vou desistir, e você sabe disso. Não é uma escolha, Darren... é nossa única chance.

Sim. Darren sabia que ela estava certa. Não havia uma escolha. Era tudo ou nada. E ele teria que apostar tudo.

Saltando da carruagem, ele deu a volta na mesma para ajudar Maryanne a descer e puxou-a para seus braços, apertando-a forte contra si.

— Amo você... — ela sussurrou em seu ouvido, beijando-o em seguida.

— Eu também a amo, minha luz. Volte para mim, por favor.

— Voltarei. Eu prometo.

Depois de mais um beijo, Maryanne lhe deu as costas e começou a caminhar, antes que Darren mudasse de ideia e tentasse impedi-la.

Lentamente ela começou a se dirigir para dentro da campina. Estava escuro, e ela não podia negar que também era assustador. Mas não

apenas pelo fato de estar se dirigindo para um encontro com um assassino perigoso. Havia mais. Mais que ela sequer pôde revelar para Darren ou seria descartada daquela missão imediatamente. Conhecia bem aquela campina, pois foi o local onde sua mãe morreu. Onde sustentou nos braços a mulher que mais amara no mundo.

Tinha apenas quinze anos quando tudo aconteceu. Lembrava-se da mãe como uma pessoa alegre, cheia de vida e sempre pronta para fazer qualquer coisa para tirá-los da rotina, especialmente por saber que seu marido vivia uma vida cinza e cruel. Portanto, decidiram realizar um piquenique ao ar livre, em uma tarde agradável de primavera. Lestrange precisava comparecer à delegacia neste dia, por causa de um caso complicado, mas afirmou que estaria lá assim que fosse liberado. Mas a ideia de um passeio alegre

com a família tornou-se uma tragédia.

Antes que Lestrange pudesse chegar, Maryanne se afastou um pouco, alegando que queria colher algumas flores e frutas daquelas lindas árvores para quando o pai chegasse. E esse foi seu erro: deixar sua mãe sozinha. Ainda distraída, Maryanne ouviu um grito. Imediatamente correu para o local onde deixara sua mãe, mas por ter avançado bastante dentro da pequena mata, demorou um pouco em seu retorno e, quando chegou, a viu estirada no chão, coberta de sangue, exatamente como as outras vítimas do caso que seu pai estava investigando. Ainda olhou ao redor para ver quem tinha feito aquilo, mas tudo que viu foi uma carruagem desconhecida — que depois seu pai descobriu ter sido alugada no nome de uma pessoa que não existia — já longe, fora de seu alcance.

Quando virou os olhos na direção de sua mãe novamente, percebeu que ela estava caída no chão, com a mão direita sobre o peito, cobrindo uma ferida que sangrava, manchando todo seu vestido marfim para sempre.

Maryanne ainda se lembrava, com precisão de detalhes, de ter sustentado a mãe em seus braços, de gritar por ajuda e de ver o cocheiro de sua família correr apressado para buscar um médico. Mas nada era mais doloroso do que se lembrar de seu pai chegando sorridente, alguns minutos depois, de forma quase sincronizada com o ocorrido, e derrubar a garrafa que trazia em suas mãos. Ele correu ao encontro da esposa agonizante e teve tempo apenas de ouvir uma palavra sussurrada: "Desculpe". Ela jamais tinha compreendido o motivo daquele pedido. Acreditara que sua mãe se desculpara por morrer,

abandonando a família tão cedo. Mas não era culpa dela. Na verdade era impossível saber de quem era a culpa, pois seu algoz jamais foi encontrado. Contudo, aquele assassino ter escolhido exatamente aquele local para se encontrar com Maryanne fazia com que ela se perguntasse qual seria a ligação dele com a fatídica morte de sua mãe? Porque ela já tinha certeza que havia alguma. E finalmente saberia qual era.

Seus passos foram guiados por suas lembranças. Poderia caminhar de olhos fechados, que seu inconsciente lhe diria o local certo de parar e aguardar. O local exato onde encontrou sua mãe, morta.

Ela nunca mais tinha voltado àquele local depois de tudo. Havia muitos fantasmas de memórias rondando aquela campina, muitas histórias nas folhas daquelas árvores frondosas e

muitas manchas de sangue imaginárias naquela grama. Tinha medo que se pisasse no solo daquele lindo lugar, ele viraria cinza, ou negro, e a morte viria pegá-la também. E até que estava correta. Na primeira vez que decidira voltar lá, estava prestes a se encontrar com a morte.

Não havia como contar quanto tempo ficara esperando, mas depois de alguns breves minutos — que pareceram muito mais longos que o normal —, ela observou ao longe uma figura alta e esguia se aproximando. Podia perceber que ele caminhava com lentidão, como se tencionasse prolongar sua espera ainda mais. A curiosidade de Maryanne estava mais latente do que o medo naqueles instantes. Queria ver seu rosto, conhecer a identidade daquele monstro, mas a escuridão não permitia.

Foi então que a luz do lampião que segurava

em sua mão lhe revelou a verdade tão esperada. Uma surpresa e um sentimento de asco tomaram seu coração.

— Você? Como pôde...? — sua fala saiu quase como um gemido, enquanto sacava a arma, que estivera escondida em um bolso do vestido, e apontava para a pessoa à sua frente.

— Como eu pude? Ora, minha querida... no fundo, todas as almas possuem um gosto pela maldade. A minha, a sua... a de seu marido... — enfatizou as últimas palavras. — Claro que cada uma tem o seu motivo... ou evasivas para justificar o que fazem. Confesso que faço o que faço por puro prazer. Mas tudo começou há alguns anos. Contudo, tenho que confessar que a morte da sua mãe foi a que me deu mais prazer...

— Foi você! Você a matou, seu infeliz... — com uma arma na mão, ouvindo uma revelação

que esperou ouvir durante tantos anos, e sabendo que seu pai morrera sentindo-se culpado pela morte da esposa, ela poderia rapidamente acabar com aquilo. Poderia simplesmente matá-lo, mas acabaria por se arrepender pelo resto da vida. Não era uma assassina. Não se renderia à maldade que ele afirmava existir dentro de todo ser humano.

— Sim... eu a matei, mas há muitas coisas sobre sua mãe que você não sabe, Maryanne. Muitos segredos não revelados...

— Eu não acredito em você! Minha mãe era perfeita...

— Ninguém é perfeito, querida. Ela, muito menos.

— Eu vou atirar... eu juro! — ameaçou, mas quase amaldiçoou a si mesma quando sentiu que suas mãos tremiam. Podia saber atirar muito bem, mas não estava preparada para ter seu emocional

abalado daquela forma.

— Sim... sei que é capaz de atirar. Só peço que me ouça... não quer saber a verdade? — sua fala macia e maliciosa era persuasiva, e ela sabia que não conseguiria não ouvir o que ele tinha a dizer. Como ela não atirou e permaneceu em silêncio, o homem prosseguiu. — Eu conheci sua mãe antes de seu pai. Era linda, delicada, inteligente... muito parecida com você. Berenice e eu nos apaixonamos ainda muito jovens e iríamos nos casar. O problema era que eu era muito pobre, filho de um carpinteiro, e ela vinha de uma família com um nome a zelar, embora não tivessem onde cair mortos. Foi ai que seu pai surgiu. Educado, filho de um renomado médico... ele tinha sonhos ousados de entrar para a polícia, de ser um herói, e isso conquistou sua mãe; mas sei que o que mais a atraiu nele foi o dinheiro da família Lestrange.

Afinal, seu avô era um homem de posses. — ele fez uma pausa para respirar. — Berenice terminou o noivado comigo, afirmando que ainda me amava, mas que tinha que pensar em seu futuro. Porém, ela permaneceu como minha amante por muito, muito tempo...

— Mentira! É uma mentira completamente ridícula... minha mãe seria incapaz — *Seria mesmo?,* pensou Maryanne com uma pontada de dúvida. Podia se lembrar de todas as vezes que sua mãe saíra sozinha, durante o turno de seu pai na delegacia, alegando que iria à alguma modista ou à casa de uma amiga. A verdade era que ela sempre voltava sem vestidos e que quase não tinha nenhuma amiga. Maryanne acreditava em tudo e continuaria acreditando se a semente da dúvida não tivesse sido plantada em seu interior.

— Não, Maryanne, não é mentira, e você

sabe disso. Nós nos amávamos. E quando eu comecei a ganhar dinheiro e fazer fortuna, ela decidiu que iria abandonar seu pai para fugir comigo. Mas foi quando você nasceu. E ela ficou completamente apaixonada pela menininha que você era.

Aproveitando uma pausa no relato, Maryanne respirou tentando absorver todas as informações tão cruéis que estava recebendo naquele momento. Em segundos a imagem de sua mãe fora maculada por palavras hostis e imagens que ela não queria que invadissem sua mente.

Logo, seu interlocutor prosseguiu:

— Mas todo esse amor maternal não durou muito tempo. Claro que ela não deixou de te amar, mas teve outro bebê para se preocupar e ocupar sua atenção...

— Outro bebê? — chocada, Maryanne

precisou repetir o que ele tinha dito para que pudesse convencer a si mesma que tinha compreendido.

— Sim. Outro bebê. Um fruto do nosso amor.

A revelação atingiu Maryanne como um raio inesperado, durante uma tempestade. Ela quase sentiu suas pernas fraquejando e fazendo-a se desequilibrar, mas manteve-se firme, com sua arma apontada para o louco à sua frente.

— Mas um filho seu? Minha mãe não teve outro filho...

— Ah, teve sim... e ela soube disfarçar muito bem. Ela fez uma longa viagem alegando uma doença para seu querido marido. A criança nasceu, é claro... e como minha esposa não podia mais ter filhos, depois de nosso primogênito, tive prazer em lhe dizer que encontrei a criança

abandonada em uma rua qualquer. Ela queria que eu criasse o bebê, não seu marido ausente e sempre mais focado em seus cadáveres do na bela e jovem esposa.

— Ah, meu Deus! — Maryanne levou a mão à boca, tentando esconder seu desespero.

— E hoje, querida Maryanne, nosso reencontro será inesquecível... como uma família! É hoje que você compreenderá tudo...

— Por que matou aquelas mulheres? O que elas tinham a ver com tudo isso?

— Vai me dizer que não foi divertido? Tudo começou há alguns anos. Foi quando sua mãe decidiu que não me queria mais e que faria qualquer coisa para tirar Chloe de mim. Ela iria contar a verdade a Lestrange e mesmo que ele a expulsasse de casa como adúltera, ela recuperaria a filha e livraria sua consciência de todo o peso

que dizia sentir. Por um tempo eu aceitei... ou fingi aceitar. Mas depois uma raiva inexplicável começou a se apossar de mim e eu desejei vingança. Eu queria matá-la, mas não tinha coragem, então achei um passatempo divertido... mulheres tal como ela... esposas com reputações impecáveis, mas que no fundo tinham muitos segredos a esconder.

— Como pode ser tão louco e cruel?Elas não tinham nada a ver com sua loucura.

— Tiveram apenas o azar de cruzarem meu caminho. Todos têm que morrer, de alguma forma, Maryanne. O que me difere do seu querido marido? Somos mais parecidos do que você imagina.

— Não! Você não é nada parecido com Darren... ele abomina pessoas como você!

— Mas ele também sente prazer em matar.

Todas as mulheres, no fundo, são iguais à sua mãe, Maryanne. — ele fez uma pausa, e foi a deixa para Maryanne, ainda com a arma em punho, perguntar mais coisas, tentando ganhar tempo.

— E as outras mulheres? Violet e as outras? E aquela meretriz que assassinou de forma tão terrível...

— Foi tudo por você, minha querida. Ou melhor, por causa de sua família. Foi a melhor forma de chegar a vocês e eliminar Lestrange, que era o que eu queria fazer há muito tempo! Afinal, sabia que não resistiriam a um bom mistério. — mais uma pausa. Ele parecia não ter pressa. — Sobre Fantasy... bem... ela era um caso antigo e começou a me chantagear. Não estava na minha lista, pois eu até gostava dela. Dividíamos o mesmo amor por Edgar Allan Poe, e, apesar de ser uma prostituta qualquer, era inteligente e sabia

conversar. Matá-la não foi algo que eu quis fazer. E sempre que faço algo contra minha vontade, não consigo medir meus atos. Mas isso não é importante. O que me anima é saber que meus desejos foram realizados. E acabei sendo mais afortunado do que poderia imaginar, pois, ao jogar minha isca, pesquei um detetive, uma menina intrometida e um caçador. Não foi uma sorte e tanto?

— Vamos ver se vai chamar de sorte quando eu atirar bem no seu coração. Pode acreditar, eu sou uma excelente atiradora.

— Ah, eu não duvido disso. Lestrange a treinou muito bem. Apesar disso, eu já fiz o que queria fazer... a imagem de sua mãe como uma adúltera jamais sairá de sua mente. E também sempre saberá que ela foi morta por isso... que eu a matei porque ela gostava de brincar com o

coração de todos... Mas ela não podia me deixar... Quando eu a vi, tão linda, no vestido que eu lhe dei, sozinha naquela campina, abandonada por você, eu soube que era um alerta do destino.

— É claro... o vestido! Eu sabia que me lembrava! Minha mãe estava usando o mesmo vestido que todas as mulheres que você matou.

— Ah, como é inteligente... — ele riu. — Bem, minha criança... espero que esteja preparada para seu destino...

A jovem nem sequer teve tempo de falar qualquer coisa, pois sentiu uma forte pancada na nuca, e antes mesmo que pudesse se virar para ver quem a havia atingido, foi tomada pela escuridão.

Capítulo Quinze

Já tinham se passado mais de quarenta minutos desde que ela se afastara e se escondera dentro das árvores altas da campina. Não houvera nenhum sinal, grito ou tiro. Contudo, Darren começava a andar de um lado para o outro sentindo-se a pior criatura do mundo por ter permitido que ela se arriscasse daquela forma.

Impaciente, ele fez um sinal com a cabeça para seu criado, avisando que era hora de ir atrás de Maryanne. Ele apenas esperava que não fosse tarde demais.

Ele e seus homens entraram na campina, passando por entre as árvores, subindo uma pequena colina e chegando ao tal vale mencionado no bilhete. Era um lugar remoto da cidade, por onde Darren tinha passado muito poucas vezes, o

que o fazia perguntar-se como Maryanne tinha tanta certeza de que ali seria o local do fatídico encontro.

Apesar da descrição do bilhete bater com a paisagem que ele enxergava naquele momento, não havia mais ninguém ali. Nem Maryanne nem qualquer outra pessoa que pudesse ser o homem insano que eles procuravam. A campina estava completamente deserta.

Iluminando toda a grama, tencionando encontrar pegadas ou até mesmo marcas de sangue — que ele temia mais do que tudo —, encontrou um suvenir. Um pergaminho, cuidadosamente enrolado, preso por uma fita vermelha de cetim. Lentamente, quase adiando o momento, ele abaixou-se e pegou o objeto. Ainda agachado, deixando o lampião que carreava no chão para iluminar os arredores, ele abriu o

pergaminho, temendo a mensagem que poderia haver ali. E era outra charada.

"Todo amor sepultado em um cemitério de recordações...

A morte em forma de vingança...

Em Trinta minutos... Ela morrerá

Sentindo-se impotente e febril de ódio, Darren jogou o pergaminho no chão, com raiva. Ele a tinha levado.

A mensagem parecia embaralhada em sua mente, de tão atordoado que estava. Tinha que ser racional, que agir como o frio caçador que era. Fizera justiça pela morte de tantos desconhecidos, mas daquela vez ainda tinha uma chance de salvá-la. E teria prazer em se vingar de seu algoz por

todas as atrocidades que cometeu.

Vingança...

A palavra fora mencionada no bilhete. Mas por que alguém poderia querer se vingar de Maryanne? Precisava pensar, unir as informações e chegar a algum lugar. Se ela estivesse ali, sem dúvida já teria encontrado alguma explicação para aquelas palavras aparentemente sem sentido.

O sentimento era de vingança. Poderia ter algo a ver com Lestrange, com algum caso que ele ajudou a desvendar...

Não! Não deveria ser apenas isso... ele precisava se lembrar de outros bilhetes que foram enviados, principalmente os que tinham ligação direta com Maryanne.

Andando de um lado para o outro, Darren tentava se concentrar, mas seus nervos não

permitiam nenhum pensamento coerente. Tentando respirar fundo, ele abaixou-se novamente e pegou o pequeno pergaminho para reler a mensagem.

Sabia que não tinha muito tempo... apenas meia hora. Ou ele a mataria...

Foi então que a solução veio como um lampejo de sanidade, atingindo seu cérebro em cheio. Amor sepultado... ele iria sepultá-la viva!

Tudo indicava que ele o faria no cemitério, mas como eles poderiam ter saído daquele local se a campina estava cercada?

— John... — Darren chamou aos berros um de seus criados. — Há alguma saída desta campina que dê em algum lugar?

— Senhor, se seguir esta trilha encontrará uma mata que segue para um pequeno cemitério

que não é utilizado há anos.

Ele sequer esperou qualquer segundo, simplesmente fez um de seus criados, que estava sobre um cavalo, desmontar e começou a cavalgar na direção indicada por John.

Corria contra o tempo, lutando com a própria agonia, querendo ter o poder de voar na velocidade do vento.

Conforme ia trotando, aproximando-se de seu destino, tentava obrigar seu coração a não trazer memórias dela à tona. Tentava não focar a imagem de seu rosto ou o som de sua risada, pois ele teria a sensação que a estava perdendo, de que não a teria de volta, de que era uma separação definitiva. Precisava manter-se frio e indiferente, o máximo que conseguisse, para não agir com o coração. Sempre fora capaz de usar a razão em momentos como aquele e tinha dado certo até ali.

Ao enxergar um pequeno número de lápides, ele saltou do cavalo de qualquer maneira, quase desequilibrando-se ao fazê-lo. Sacou uma arma e começou a caminhar com ela em punho. Pelas suas contas tinha apenas vinte minutos.

Foi então que o viu. Um rosto conhecido, parado, com um charuto na boca, apoiado em uma pá.

— Bem vindo, Darren Carmichael, duque de Wallfair. Ou devo chamá-lo de... Caçador?

— Harris... onde ela está? — Darren não queria conversas... ele queria Maryanne. Queria-a viva, em seus braços.

— Exatamente sob meus pés, mas se está viva ou não, só a sorte irá dizer...

— Miserável! — Darren voou em cima do homem. Como puderam ser tão cegos? Tudo se

encaixava... Geoffrey Harris era dono de uma companhia que importava charutos de outros países via navio. O cheiro que Maryanne sentira tinha tudo a ver com a solução do mistério. Ele sequer sabia o motivo que o levara a assassinar aquelas mulheres. Ele pouco se importava com isso. Seu foco naquele momento era sua mulher, que encontrava-se enterrada sob aquela terra, em algum ponto daquele pequeno cemitério.

Foi uma luta um tanto quanto injusta, afinal, Darren era muito mais novo e consideravelmente mais forte. A partir do momento que derrubou Geoffrey no chão, ele o imobilizou e começou a acertar golpes e mais golpes, com toda a força que tinha, desesperado para matar aquele insano covarde. Contudo, sua arma também foi ao chão, um pouco fora do seu alcance.

— Vamos, Carmichael, mate-me! Mate-me

e arranque sua bela esposa de seu leito de morte — Geoffrey falava, em um tom irônico, com a boca cheia de sangue. — Foi para isso que eu quis que viesse até aqui... para que a visse morrer em seus braços... como vi minha Berenice...

Mas Darren não queria dialogar, não queria perder tempo. Tudo era uma questão de tempo, afinal.

Percebendo que estava muito ferido e que a raiva e a força de Darren iriam rapidamente deixá-lo inconsciente, Geoffrey usou suas poucas forças restantes para pressionar o dedo na ferida do ombro de seu oponente. Este gritou de dor e surpresa pelo ataque e acabou soltando o assassino, para poder cobrir com a mão o machucado que voltava a sangrar.

— O tempo está passando... Tic, tac, tic, tac — Como um louco ele começou a tentar provocar

Darren. Este simplesmente ignorou a dor que sentia, pegou a pá que estava fincada no chão e bateu com toda sua força na cabeça de Geoffrey. O assassino caiu no chão, inconsciente.

Porém, aquilo não era suficiente para Darren. Ele usou a pá para fraturar o crânio do homem, uma, duas, três, vezes, levando-o à morte.

Ao menos aquilo teria um fim.

Voltando com pressa ao local onde a pá estivera fincada e onde a terra parecia mais revirada, Darren começou a cavar em uma atitude desesperada. Seu ombro latejava, sangrava e queimava, mas ele mal dava atenção a isso. Todas as partes de seu corpo poderiam explodir, mas se ao menos apenas suas mãos restassem, ele as usaria para trabalhar e salvar Maryanne.

A pressa começava a ser inimiga da

perfeição, uma vez que no desespero de correr com sua movimentação na terra, acabava levando mais tempo do que poderia levar se fizesse tudo com calma.

Já havia se passado pouco mais de oito minutos quando ele avistou uma caixa de madeira, com o tamanho exato de Maryanne. Sem nem pensar no que fazia, ele começou a arrancar as tábuas que serviam de tampa e logo pôde enxergar o rosto de sua amada. Estava coberto de terra, sujo, ferido, mas era a imagem que ele mais desejara ver naquele momento.

Usando apenas o braço que não estava ferido, ele pegou sua mão, pousada sobre o peito, e a puxou daquela espécie de caixão, tirando-a do buraco na terra, deitando-a no chão para prestar primeiros socorros; respiração boca-a-boca e massagem cardíaca, uma vez que ela ainda tinha

pulso. Não chegara tão tarde, afinal de contas.

No momento em que ela voltou a respirar normalmente e que abriu os olhos, Darren jurou que tinha nascido novamente. Com os olhos ainda um pouco atordoados, Maryanne olhou para ele e sorriu, assim que compreendeu que estava a salvo, nos braços do marido.

Ele a puxou para mais perto de si, aninhando-a contra o peito, abraçando-a com toda força que conseguia fazer sem machucá-la. Repetindo várias vezes que a amava e que finalmente estava tudo bem, ele mal ouviu os sussurros quase inaudíveis que chamavam seu nome.

— Darren... — já era mais ou menos a terceira vez que ela chamava, quando ele finalmente escutou.

— O que foi, meu amor?

— Não era apenas Geoffrey... há um cúmplice. — Maryanne estava fraca e foi acometida por um ataque de tosse antes que pudesse revelar mais alguma coisa.

E era tarde demais. A figura esguia de Chloe Harris se posicionou atrás de Darren e o atingiu na cabeça com a mesma pá que ele usara para matar Geoffrey.

— Você matou meu pai... merece morrer também.

Ao ver Darren caído no chão, inconsciente, Maryanne gritou. Estava completamente indefesa, fraca, e ainda um pouco desorientada pelo tempo que passou quase sem oxigênio debaixo da terra. A experiência em si, completamente traumática, não podia sequer ser comparada ao terrível pesadelo de ver sua melhor amiga com aquela pá na mão, pronta para matá-la.

— Olá, irmãzinha! Dormiu bem? — a expressão insana de Chloe não condizia com a personalidade doce e vulnerável da moça que conhecera durante toda sua vida, com quem compartilhara segredos e que limpara suas lágrimas.

— Chloe... por quê? Sempre fomos amigas. Eu a amei tanto... — ainda um pouco sem ar, Maryanne tentava se arrastar conforme Chloe se aproximava.

— Eu faria qualquer coisa pelo meu pai. Ele precisava de uma ajudante... nada muito diferente do que você fazia com Joseph Lestrange.

— Eu e meu pai combatíamos o crime juntos... nós não os cometíamos — Maryanne a olhou com desdém e surpresa. — Diz que faria qualquer coisa por seu pai, mas o viu morrer pelas mãos de Darren e não fez nada.

— Nós já sabíamos que um de nós poderia não sobreviver a esta noite. Ele disse que eu não deveria interferir mesmo que o visse morrer. Era o destino dele.

Chloe era ainda mais louca do que ela pensava. E isso não apenas a assustava, como lhe dava um estranho sentimento de ódio. Por mais que aquela à sua frente fosse sua amiga, naquele momento a via somente como uma insana, perigosa, que deveria ser eliminada para não cometer mais crimes. Contudo, ela ainda era a insana com uma arma na mão. Maryanne precisava salvar sua vida e a de Darren.

— Você não precisa levar a culpa por isso, Chloe. Seu pai era o assassino, você foi coagida por ele. Eu posso testemunhar a seu favor... posso ficar do seu lado. Apenas nos deixe ir — Maryanne

mudou o tom de voz, soando mais calma, gentil.

— Eu não quero que me ajude. Quero que morra. Você sempre teve tudo... a mãe, o melhor pai, a beleza, a inteligência... e o que sobrou para mim? Uma madrasta inútil, um rosto comum... e um marido que não amo. Até nisso você deu sorte... conquistou o melhor homem da cidade e... vejam que ironia do destino... ele acabou se revelando ser o homem que você amava...

— Há quanto tempo sabem de Darren?

— Pouco. Ele foi descuidado em sua última festinha macabra... meu pai o seguiu — Maryanne sabia a qual "festinha" Chloe se referia. Tratava-se da vez em que Darren chegara em casa arruinado e que eles tiveram a conversa sobre o Caçador não mais existir. Perturbado como estava, ele deve ter cometido algum erro e deixado a pista muito clara. — Mas isso não vem ao caso. Onde estávamos

mesmo? Ah, sim, claro... na sua morte.

Chloe jogou a pá no chão e tirou uma faca enorme de dentro do decote do vestido.

— Sabe outra coisa engraçada? Agora que meu pai morreu, eu posso agir por conta própria... e sabe quem vai ser minha primeira vítima depois de você? Meu maridinho... O idiota ficou tão apaixonado que já mudou o testamento, deixando todos os seus bens valiosos para mim. Você não é a única a prosperar por causa de um casamento, *mon cher*.

— Foi para isso que seus pais insistiram em apressar o casamento? — mais uma pergunta para tentar ganhar tempo.

— Sim... a ideia foi do meu pai. Genial, não? Serei rica e livre para encontrar alguém como Darren Carmichael — nesse momento, Chloe olhou para o corpo de Darren, que jazia

desacordado no chão, e foi a deixa perfeita para que Maryanne pegasse a pá do chão e batesse em Chloe.

Porém, por ser mais alta e Maryanne ser tão pequena, Chloe levou uma vantagem quando agarrou o pé da amiga, fazendo com que ela caísse no chão, desequilibrada. Maryanne bateu a cabeça em uma pedra, ficando ainda mais desorientada por um tempo. Tudo girava ao seu redor, e ela sentia-se sem forças para continuar aquela luta.

Mas Chloe partiu para cima dela, com a faca na mão, pronta para cravá-la em seu peito. Maryanne conseguiu impedi-la a tempo, agarrando seu punho, forçando-o para que a faca não chegasse perto de seu corpo.

— Sonsa! Maldita! Você não pode viver... estou cansada de sua perfeição... do quanto todos dizem que você lembra nossa mãe... Eu deveria

parecer com ela... não você.

— Acho que você foi enganada durante toda sua vida, Chloe — quase sem forças para falar, por causa da pressão que estava fazendo na mão da ex-amiga, Maryanne falou com malícia.

— O quê? — Chloe repetiu, fazendo o plano de Maryanne dar certo. Ela afrouxou um pouco a pressão da faca, parando de tentar empurrá-la contra o seu corpo. — O que está querendo dizer?

— Só você não sabe, mas quando minha mãe viajou, para tentar esconder a gravidez, eu fui com ela. E sei que ela deu a luz a um menino.

— Você não pode saber disso, sua estúpida. Tinha pouco mais de um ano. Jamais se lembraria de tal fato.

— Ah, claro que eu não lembraria, mas os criados lembram.

— Todos mentiram. Sua mãe deve ter comprado todos... — Chloe opinava, mas não tinha mais tanta certeza.

— Não, Chloe... não é apenas isso. Temos a certidão de óbito dele em nossa casa. Ele se chamaria Richard... Richard Lestrange, pois era filho do *meu* pai.

Darren, que tinha acabado de se recuperar do golpe, aproximava-se das duas, com cautela, pronto para desarmar a assassina. Já com sua arma em punho novamente, ele se preparava para agir.

As informações transmitidas para Chloe foram demais para ela. Sentindo-se desorientada, ela deu alguns passos para trás, no chão, parecendo sem equilíbrio, desorientada.

Seus olhos giravam nas órbitas, como se estivesse perdendo ainda mais a sanidade, como

se estivesse a ponto de delirar.

— É mentira... — ela começou sussurrando. — Tudo mentira. Mentira... uma mentira... — sua voz começou a ganhar um tom mais elevado. — Mentira! Mentira! Mentira! — a última palavra proferida foi um grito, acompanhado por um salto por sobre Maryanne. Chloe estava pronta para estrangulá-la. E Darren nem sequer pensou duas vezes, apontou a arma e atirou na jovem, duas vezes. Uma no peito e uma na cabeça, que foi fatal.

Ao verem que tudo estava realmente — e finalmente — terminado, Darren correu para ela e a abraçou. Ficaram assim por alguns segundos, apenas sentindo o corpo um do outro tocando-se, confortando-se.

— Eu ouvi uma parte da história. Fico feliz em saber que a imagem de sua mãe ainda está

intacta para você, já que Chloe não era filha dela — comentou ele, tentando amenizar a situação.

— Infelizmente eu inventei tudo. Não sei, sinceramente, qual é a verdade. E talvez eu nem queira saber. Ao menos não agora.

Darren balançou a cabeça positivamente, concordando com a escolha de Maryanne em não saber. Sejam lá quais fossem os motivos que sua mãe tivera para trair seu pai, eles pertenciam apenas a ela. Era um segredo que Berenice Lestrange tinha levado para o túmulo, e não seria justo cavá-lo. Talvez Maryanne fosse acabar descobrindo mais histórias do que seria capaz de suportar.

Assim que viram-se em silêncio, Darren a abraçou novamente, prometendo que cuidaria dela a partir dali... que seriam mais do que marido e mulher. Seriam amigos e companheiros.

Ele a ajudou a levantar e colocou o blazer que usava em suas costas, percebendo que ela estava tremendo de frio. Assim, abraçados e abalados, começaram a caminhar em direção ao cavalo. Darren montou Maryanne, também subiu no animal, e partiu. Passando por seus criados, ele pediu que eles cuidassem dos corpos e, talvez, se quisessem, podiam avisar à polícia, mas sabia que não o fariam. O único em quem confiavam, além de seu patrão, para fazer a justiça, era Joseph Lestrange. E ele não estava mais entre eles.

E isso foi um pensamento que começou a martelar na cabeça de Darren. A cidade não teria mais um símbolo de justiça, uma vez que o Caçador estava se aposentando, e Lestrange não era mais vivo. Aquilo o preocupava, pois sabia que a polícia não iria dar conta de tudo sem um mentor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas aquilo era um pensamento para outra ocasião. Naquele momento, apenas Maryanne importava. Sabia que seria feliz com ela. Sabia que a luz finalmente tinha chegado em sua vida. Definitivamente.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

— O que temos aqui? — Darren parou na mesa próxima de onde estava, ficando de frente para sua esposa.

— Relatório de uma autópsia realizada ontem à noite...

— Uma vítima de assassinato?

— Sim. A segunda este mês, assassinada

com um mesmo método: estrangulada por uma corda, sempre cortada do mesmo tamanho — Maryanne, parecendo muito profissional, passou as informações ao marido, sem nem ler qualquer papel que estava sobre a sua mesa. Já tinha lido e relido cada caderno daqueles e estava a par de tudo sobre o caso. — A mãe de uma das vítimas nos contratou. Disse que a polícia não está dando a devida atenção ao caso e... bem... você já sabe como é — ela brincou.

— Sei, é claro — ele deu um sorrisinho de canto. — Bem, vamos ao trabalho?

— Sem dúvida, Caçador. — excitada, Maryanne fechou a porta do escritório *Carmichael & Lestrange Investigadores Particulares* e juntou-se ao seu marido, pronta para mais uma vez lutar a favor da justiça.

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON